Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas.

PARIS. — DE L'IMPRIMERIE DE RIGNOUX,
rue des Francs-Bourgeois-S.-Michel, n° 8.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO II.

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, N° 11.

M DCCC XXVII.

PARNASO LUSITANO.

Descriptivos,

Didacticos, Philosophicos.

!R. COM.
:RMA
...MBER 1928
17636

MALACA. *

N'este rico archipelago do Oriente,
Para a parte do Artico assentada,
Jaz n'uma estancia fertil e eminente
De Malaca a cidade memorada:
De povos orientaes e do occidente,
Por causa do commércio, frequentada,
Querida dos amigos per preceitos,
Temida dos amigos per seus feitos.

Pelo centro um fermoso e caudal rio,

* O auctor d'ésta producção, pola pureza de seu estylo, e por ter sido amigo e companheiro de Camões, tem juz a entrar n'ésta escolha.

Bemcomo o Tibre a Roma, a fermosenta,
Fermoso * crystallino e mui sombrio
De mil nações, per pontes, se frequenta:
D'uma parte e da outra o vil gentio
Se recolhe ao Luso em torre isenta;
Reparo algum não tem firme e seguro,
Que o luso braço não consente muro.

O Monancabo a visita e enche d'ouro
Das riquissimas minas e candaes
De saphyras, rubis; o Pegu-Mouro
De perolas sem preço orientaes:
Os braços tem ja puros de thesouro
Da roca velha, e todos desejais
O branco de canfóra acompanhado,
E de ambar outros muitos mais prezado.

Do subido ouro o astuto destro Chim
De fina seda, almiscar, porcelana;
O Samatra de suave beijoim
E tudo em que se seva a sêde humana:
O rico Sião ja dado ao Bremim,
O Cochim de Calemba que deu mana
De sapão, chumbo, salitre e vitualhas **
Lhe apercebem celleiros e muralhas.

* Os antigos escreviam indistinctamente *fermoso* ou *formoso*.

** Viveres, provisão de mantimentos.

Os Sundes e Malaios com pimenta,
Com massa e noz os ricos Bandanezes,
Com roupa e droga Cambaia a opulenta,
E com cravo os longinquos Maluquezes:
Bengala com mil pannos a frequenta,
Nem falta San' Thomé com seus tres mezes,
Ésta de mantimentos a fornece,
Java de cavallos a guarnece.

Alli a subtil obra do Japão
Precede inda a materia d'ouro e prata,
O tecido e o lavrado d' invenção,
E o mais de que a Musa aqui não trata:
Avaros peitos fartos ficarão,
Almas não, que a cubiça não se farta;
Aqui jaz o thesouro oriental
Que s' espalha per todo o universal.

Aqui o capro-signo é temperado,
E o leo, contra a antiga geographia,
De boninas matiza o verde prado,
E a ribeira jaz sempre sombria:
O bosque todo o anno stá occupado,
Que feios animaes estranhos cria;
Tal que Venus e Marte de viçoso
O escolhem para o seu furto amoroso.

Aqui na matta espessa e brando feno
Ambos doces effeitos concluiram,

E ora em verde outeiro, ora em ameno
As armas e o amor almas uniram:
Aqui o dourado pomo, que o veneno
Esconde dentro em si, ambos fruiram;
O satyro d' inveja desatina,
E o fauno, que os ve, d'amor se fina.*

Cynthia, Cynthia famosa affeiçoada
Á terra que lhe deu contentamentos,
A destina á nação mais estimada,
E tras a Lusitania a seus assentos:
Á gente ao seu Mavorte assimilhada,
E que possue d'amor seus movimentos;
Ja d'uma e d'outra cousa a preeminencia
O tem mostrado a longa experiencia.

A forja onde o fino amor se apura
Dos vassallos, é do rei a gratidão,
Ésta dilata o imperio e a ventura,
E não desarma seu podêr em vão:
Ésta cria o esforço, a chaga cura,
E torna heroe o minimo varão,
Ésta dilata sempre o Luso estado
Per mar e terra além do imaginado.

Este criou aquelle Heroe valente
Afonso d' Albuquerque, que famosos

* Attenua-se, secca-se, mirra-se, etc.

Feitos obrando ganha no Oriente
A mor parte de reis mui bellicosos :
Pois me falta o estylo competente
E os versos d'Homero sonorosos,
So direi que seus feitos bem mostraram
Que pola patria e reis se executaram.

A tudo vence amor ou tarde ou logo,
Que o peito que é leal e amoroso,
Traspassa pelo ferro, agua e fogo,
Constante, firme, ledo e amoroso :
Creado este Heroe foi no marcio jôgo
Aonde o esprito seu fez bellicoso;
Por seu rei concluiu heroicos feitos,
Altos muros deixando alli desfeitos.

ANTONIO DE ABREU, *descripção de Malaca.*

DIA DE ANNO-BOM.*

Mal da aurora no seio apavonado
A luz aponta que nos abre o dia,
E as portas se descerram do anno-novo,
Alado enxame de gentis ideias
(Que no ar as azas humidas batiam ,
De Morpheu espreitando a lenta fuga)
A mente assaltam dos mortaes despertos:
Qual orvalho de aljofar desparzido ,
A lisonja , a ambição, as amorosas
Conquistas, as magnificas promessas
Banham do cerebro o ávido terreno.

Ja dos bons-annos férvida cohorte
Busca as portas dos ricos , invejadas;

* *On regrette que Francisco Manuel n'ait pas achevé son poeme des* Fastes Portugais, *ce qu'il en a écrit étincelle de beautés : le plan qu'il s'était tracé promettait encore à sa nation un digne imitateur d'Ovide. Quelle variété infinie de tons et de couleurs ! quel trésor de poésie dans le vaste tableau des mœurs originales, des usages de l'année à la cour, à la ville à la campagne dans les élégantes* quintas *du riche ;*

Bandejas de charão lhe véem no alcance
Co' as troixas loiras, com os pardos fartes,
E c'os antigos bolos de refego,
Caseiro dom dos nossos bons maiores:
Alguns vós mandais, mimosas freiras,
Devotas mestras de boneca e doce,
Ao nedio confessor escrupuloso,
E ao bem-fallante apessoado primo.

C'o trote das saxi-fragas carroças
A calçada d'adjuda atroa e treme;
A roda range, os cubos se abalroam;
Grita o cocheiro, o açoite silva e estala;
Cresce o embaraço, descompõe-se a fila;
Da lisa portinhola um desce o vidro,
E açula o bolieiro; outro escumando
Pede ao sol por frisões o Ethonte, o Eôo,
Por não ser de outro coche atrás deixado:
Em quanto as ancas da ronceira mula

et dans la chaumière du laboureur, ou sous le toît de jonc du pêcheur, dans ces peintures des solennités religieuses, des pélerinages, des fêtes domestiques, des monumens, des anciennes traditions moresques et portugaises, historiques et populaires de la vie agricole et de la vie pastorale de l'Estramadure et de Beira, des sites les plus rians et les plus magnifiques! Mais ce bel ouvrage nécessitait beaucoup de richesses locales : il est le seul que Manuel n'ait pu bien faire loin de sa patrie. SANÉ.

O desembargador chupado e gebbo
Coça a miudo c'os cordões ja gastos;
E a velha alugatriz se encosta ao muro
C'o gordo provincial entabacado,
Porque o duque e o Bandeira* os não enguice.

Taes viu Elis na olympica contenda,
Reis e heroes sacudir as doctas redeas
Aos duros veloci-pedes cavallos.
Fervem** as rodas nos fumantes eixos;
Eis se atraza, eis precede, eis passa adiante
Outro carro de brutos mais fogosos,
Que o perigo despreza, ou não conhece.
Tal das praias de Acestes viu Neptuno,
Nas rebatidas aguas que branquejam,
As phrygias naus vencer, e ser vencidas,
Quando os deuses com braço poderoso,
Esta impellem, aquella não ajudam,
Ou n'um baixo se engasga*** a mais ligeira.

Ja se apeam na sala dos tudescos
Luzidos cortezãos, tufados béccas;

* Negociante mui rico em Lisboa.

** .... *Metaque fervidis*
Evitata rotis.
Horacio, liv. 1, od. 1.

*** Adequadissima applicação! mas repare-se na propriedade do verbo *engasgar*, exprimindo *embaraçar*, *entalar*, etc.

Aqui o militar agaloado
Saúda o principal de longa cauda;
Alli c'o hábito rico, o cavalheiro
(Inda ha pouco villão) c'os olhos busca
Em que roda de nobres se afidalgue:
Um possante geral de duas barbas
La falla, ao canto do balcão de vidros,
Nas tesas conclusões de theologia,
Nas distincções com que tapara a boca
A doctos mestres que a encová-lo vinham,
E a dar-lhe as calças, que elles bem levaram.
N'outro corrilho nobres puritanos
De avós podres a têa desenrolam:
« Aqui não ha judeu; meu sangue é limpo;
Lucrecias * foram todas as esposas
De meus christãos guerreiros avoengos. »

Leves susurros, mal-rasgados risos
Ora partem d'aqui, ora se chegam.
Aqui se escarra, alli da caixa de ouro,
Batida com desdem, o po se off'rece.
D'este lado a lisonja carinhosa
Baixa a cabeça, encosta as mãos ao peito,
Os termos mede, o comprimento adoça;
Do outro a fofa bazófia empavezada
Faz alarde da bem bordada véstia,

* Se como a Lucrecia romana tiveram seus Tarquinios que as dormissem, não consta que como ella se apunhalassem.

Da larga fita em que arfa a cruz comprada,
E c'o inquieto brilhante afaga a testa,
Coça uma e outra orelha não peccantes.
Encostada ás riquissimas paredes
Destorce as torpes roscas a calúmnia,
E sopra (não sentida) atro veneno,
Que o zêlo, que a ambição destros fomentam;
Porque melhor no incauto peito cale.
Mas, eis que a porta se abre, o rei se avista:
Um so cuidado as mentes alvoroça;
— O garbo da airosissima mesura. —

Oh quanto é mais feliz o villão tosco,
De rubicunda prazenteira face,
Que emtôrno* da lareira** co' as saloias
Canta ao som da viola, que reclama,
As simples trovas das pagans janeiras;
Que o cangirão empina, a sertan meche
Do saboroso lombo que rechia;
Sem pretender do ceo maior riqueza,
Que uma farta colheita e um manso cura!

F. MANUEL, *os Fastos.*

* Os sectarios do *moderno idioma* escreveriam *ao redor.*

** Pedra, emcima da qual se accende lume no meio da casa.

MANHAN D'ESTIO.*

CAMPOS D'AMERICA E EUROPA. — O CAVALLO. — RECORDAÇÕES.

Oh! como dilatar-se aqui parece
Meu coração, e qual a flor aos raios
Da rociante manhan, se abre ao contento!
Que rica profusão de aspectos, côres
Attrai meus olhos sofregos! presumo

* Os seguintes versos, extrahidos da epistola impressa em frente d'este poema, servem de apologia ao grande talento e apurado gôsto de seu illustre auctor:

> ... Dos montes da lyrica harmonia
> Descendo ás didascalicas florestas,
> Co' a formosa Lieutard, e amor com ella,
> Revendo e contemplando a natureza;
> Imitador de Saint-Lambert e Tompson,
> Co' a amenidade de um e o siso de outro,
> Em que pulchra dicção, acceita ás Graças
> Devolves philosophicos mysterios,
> Deleitoso *Passeio* historiando!....
>
> Moniz.

Que tudo quanto eu ouço e quanto eu vejo
Me convida a gozar. Mais melindrosa
Era (confesso) a scena que inda ha pouco
Risonha alardeava a primavera :
Nas gramineas encostas ja não vejo
Surgindo a medo a tímida violeta,
A rosa abotoar, florir o espinho ;
Vai decrescendo a purpura do verde,
Em que fulgia a tunica da terra ;
Mas do ouro a côr succede-lhe , e natura
Toma um ar mais augusto ; e assim me agrada.
De novas sensações confuso enxame
Ja tanta actividade em mim não sopra
E me leva ao prazer ! minhas ideias
Não se atropellam rapidas , nem folga
Minha imaginação de extraviar-se
Pelo immenso universo. Um sol mais vivo,
Duplicando o calor com seu influxo,
Relaxa os nervos, musculos distende,
E ao repouso me inclina ; entra em meu peito
Mais tranquilla , mais placida , mais doce
Satisfação , que me engrandece e anima.
Instincto pensador de mim se apossa,
Me chega ao homem , me interessa o campo.

Se comtigo , Lieutard , eu decorresse
De Ceilão aromaticas florestas ,
Ou da que, ao sceptro hispano, insula, arranca
O denodado Pen , vergeis frondosos

De auri-floreos manjins, cafes, olspices;*
Se respirasse a viração sadia
De um clima salutar no ameno Elysio
Que tanto engrandeces-te em versos de ouro,
Waller ** encantador, quando fugindo
De uma patria manchada em regio sangue,
La te foste asylar, d'onde trazidas
Per mão do luxo á Europa estereis palmas
Vinham transpondo os ceos, transpondo os máres
Ornar a frente de anglicas beldades:
Oh! como acceso em estro eu descantára
Esses grupos de altissimas montanhas,
De alcantiladas rochas figurando
Que pendem, que despenham! densos bosques
Que sôbre ellas ondeiam, que estendendo
Tortas raizes atravez das fragas,
De lascados penedos, hi procuram
Humido nutrimento que as procellas
Depositaram la! suberbos rios
Que em cascatas fluctisonas*** tombando
Com medonho estampido, aos valles descem,
Onde correndo em morbidos remansos
Fazem brotar per fertiles**** planicies

* Especie de myrtho da Jamaica.

** Um dos mais delicados poetas da Inglaterra.

*** Epitheto com que o auctor enriqueceu o idioma: vem do latim *fluctisonus*.

**** Fazeis os campos *fertiles* viciosos.
QUEBEDO.

D'eterna primavera o esmalte e o viço!

Mas, campinas d'America, indios campos,
Não vos cede em belleza a patria minha! —
Aqui não surge a férvida canella,
Não floresce o cacau, nem corre o nectar
Dos verdes canaviaes: porêm que importa,
Se com pródiga mão Ceres reveste
Nossos campos de luridas espigas?...
Se o Numen d'alegria em Nisa honrado
Folga de coroar-se, e enflora e thyrso
Dos vicejantes pampanos que adornam
Nossos ricos outeiros? — Se Minerva
Sua árvore aqui planta? — Olfato e vista
Pomona nos lisonja * com seus fructos?
Se a brincadora Flora aqui despeja
Seu florente regaço? — Vossas aves,
Sem galhardia mais que insulsas côres,
Co'o rouco pio vencerão das nossas
Dulcisono trinar e arpejos doces? —
Tu so, tu rouxinol que ao pôr do dia
N'um verde myrtho solitario exprimes
Tam extremoso amor, tu so bastavas
A animar nossos bosques! Como a ouvi-lo
Doce melancholia a alma me opprime!
Parece-me que as árvores se inclinam,

* Porque a Fama te exalte, e te *lisonje*.
CAMÕES

Que se demoram trepidos ribeiros, *
E os zephyros brincões as azas fecham
Para se enternecer, carpir com elle!...
Com tammanha ternura a gentil noiva
Não chamou nunca o adolescente esposo,
Ou foi saúdosa mãe do filho á pyra
Dizer-lhe o último adeus, votar-lhe as tranças**

Se não vemos pular nos lysios campos
Rapido arminho, e no cambiante pêllo
No estio ouro emular, no hinverno a neve;
Se alli longi-vidente hirsuto lynce
Té o cimo das arvores não segue

* .... *Et obliquo laborat*
Lympha fugax trepidare rivo.
Horacio, liv. II, od. 3.

** Entre os Gregos era do ritual funéreo, que o parente mais proximo, ou a pessoa mais interessada polo defuncto, cortasse o cabello e o queimasse com o cadaver. Homero, descrevendo os funeraes de Patroclo, diz, que Achiles depois de desculpar-se com o rei Sperchio.

Εν χερσὶ κομεν ἑτάροιο φίλοιο
Θῆκεν τοίς δε πᾶσσιν ὑφ ἵμερον ωρσε γόοιο.

Nas mãos do caro amigo impõe a trança,
E saúdade geral provoca ao pranto.
Iliada, liv. XXIII, v. 152.

Timida prêsa em que sacie a fome;
Se artifice castor do Tejo á beira,
Com pasmo do philosopho, não mostra
Ingenhoso primor d'architectura;
Por estes animaes, que apenas servem
De exornar de pelliça ao rico estulto,
Com seu leite mansissimas ovelhas
Nutrimento nos dão, co'a lan nos vestem.
O cornigero touro nos ajuda
A romper com o arado o seio á terra
Para extrahir os solidos thesouros,
Firme esteio dos povos! E quem póde
Olhar sem gôsto o intrepido ginete,
Ver-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas,
O medonho relampago dos olhos,
E o nítrido feroz que a guerra incita?
Languido tosa a relva... a tuba canta,
Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,
E deseja que o dorso ja lhe opprima
O cavalleiro impavido; com elle
Se arroja aos batalhões, cresce-lhe a audacia
Ao rufar dos tambores, não se assusta
Vendo luzir mortiferas bayonnetas,
Folga escutando o síbilo das ballas,
Ganha a victoria, ou sem pavor fenece. *

* Ésta descripção do cavallo, per sua originalidade e movimento, nada tem que invejar ás mais gabadas assim naturaes, como estrangeiras.

Se ufania vos sopra a infausta posse
D'esses metaes funestos, que outro tempo
Tantas vezes em sangue vos tingiram,
Nascem a-farto aqui, nós os pisâmos;
De nossos montes no abrasado seio
Sali-sulphureas sem cessar s'elevam
Exhalações que operam, que dividem
Metalinas moleculas, e as fazem
Turbilhonar nas terreas cavidades:
Umas com outras ao gyrar se engrossam,
Cedem ao pêso, e cahem, e se empastam,
Formam puros metaes, a prata, o ouro,
Plumbo, cinábrio, o hydrágiro que enfreia
Virulenta syphile! De igual modo
Nos figuraram ja tenues parcellas
D'esse ether subtilissimo expandido
Na vasta creação, que combinadas
Co'as substancias chylígenas nos corpos
O espirito, que os move, influem, geram!

Oh Lysia, oh cara patria, eden d'Europa,
Mãe fecunda de Pindaros, de Homeros,
Tuas lindas paizagens,* teus prospectos
De um Boucher ou de um Tompson não poderam
Inda o genio accender. — Indifferentes
Teus cantores olharam ricas scenas,

* Quanto fôlgo de olhar *paizagem* rica!
BOCAGE.

Em que emtôrno lhes ria a natureza,
Vertendo a inspiração. — Sem transportar-se
Vicissitude immensa contemplaram
De prespectivas, onde o forte, o brando,
Assombroso e aprasivel se alternavam
Em valles, em montanhas, vargens, praias,
Ora erguendo-se aos ceos agudos sêrros,
Estalados penedos, que parece
O cahos recobrar, restos medonhos
D'extinguidos vulcões. Alli negrejam
Entre o fundido ferro escorias, lavas,
Congestos de basaltico: arde o spatho,
Schistos, schorles, fractiveis pedras que ornam
Despojos dos tres reinos. Ora fulgem
Verde esmeralda e nitida saphyra,
Diaspro, amethysta, ágatha e pyrites,
Granada, onix, diamante. Além se elevam
Calcarias massas, marmore, alabastro,
Que tua mestra mão fará sem custo
Em numes transformar, solerte Gomes *.
Na flor da terra ao longe reverberam
Per entre a relva e as mádidas areias,
Do rei do dia ao trémulo reflexo,
Os diaphanos crystaes, brilhantes filhos
Da terra e mar, quando ella o sol falseia.

Eis perto e longe em quadro picturesco

* Alexandre Gomes, esculptor portuguez.

Arvoredos, casaes, collinas, fontes,
Flumens,* prados, plantios e remansos,
Onde imaginações sublimes, ternas
O espirito salteiam. — Ledos gados
Pascem as relvas morbidas, que encobrem
Magestosas ruinas de um castello,
Onde outrora suberbas tremolaram
As mauritanas luas!... La descobre
Rustico arado ossadas dos Romanos
Que ao ferro de Viriato** a vida deram.
Este rio me diz que em margens suas
Viu fugindo Pompeu!...*** N'essa campina
O fementido Galba **** sangue em chôrro
Fez correr á traição de um povo inerme!
Aqui entre trezentos mil alfanges *****

* Rios.

** Portuguez valorosissimo, o qual de pastor, e depois de bandoleiro, veio a levantar-se com toda a Lusitania, por cuja defensão deu assás em que entender aos Romanos, per espaço de 14 annos.

*** Elle foi vencido per Sertorio, general dos Lusitanos.

**** Este pretor sendo derrotado pelos Lusitanos, veio depois á testa de novo exército, e, á falsa fé, e contra a segurança promettida, matou muitos d'elles pelos annos de 3851, de que escapou Veriato.

***** A este número faz la Clede subir a hoste dos cinco reis Sarracenos, que D. Afonso Henriques debellou no campo de Ourique.

Do Mouro atroce impavidos ergueram
Lusitanos heroes seu rei primeiro.
Com que ternura Scálabys * não viste
Caro ás musas e a Marte o bravo Hermingues ,**
Sôbre palmar que o sangue borrifava ,
De Fatima render-se a um terno riso.
Inda murmura em margens do Mondego
Essa fonte que o nome tem de amores ,
Onde folgando em braços do teu Pedro
Estavas , linda Ignez , posta em socêgo ,***
Sem temer o punhal que a inveja erguia .

Eximios vates que adornais a patria ,
Tempo é ja de mostrar ao Elba , ao Thames,
Que tem bardos o Tejo , que descantem
Seus Elysios gentis em metro augusto.
Festões de flores entretece a glória
Para a frente cingir-lhe , e os chama ao campo !
Ouvidos não cerreis á voz da deusa.
Aqui onde ribeiros tortuosos
Verdoso esmalte morbidos retalham
D'ésta campina em modos mil , e á sombra

* Santarem.

** Gonçalo Hermingues , cavalleiro e trovador muito acceito na côrte d'el-rei D. Afonso I : em um recontro que teve com os Mouros aprisionou uma gentil Moura , com aqual se recebeu , depois de baptizada.

*** Verso de Camões.

D'estes pomares recendendo ao longe
Co'a alva flor de auri-verdes laranjeiras,
Vinde de Cramer * dedilhar o alaude.

J. M. da Costa e Silva, *o Passeio*

* Poeta alemão.

A SOLIDÃO.

ACHILES. — GALILEU. — MILTON. — TASSO. — YOUNG. — VIRGILIO. — DIDO. — PINTURA. — O MALVADO. — OS AMANTES. — AMERICA.

Amavel solidão, tres vezes salve!
Amavel solidão! tu es o extremo
Dos bens que Jehovah reparte ao mundo.
Por ti nossos prazeres se aviventam,
Por ti nossos prazeres se amortecem!
Amante desditoso que revolve
No coração océanos de penas
Foge a teu seio : á chaga tu lhe vertes
Salutifero anódino, e benigna
A dor lhe estancas, e a razão lhe volves!

La quando emtôrno aos muros de Neptuno*
Com guerra de dous lustros fatigavam
Da Grecia os filhos aos heroes da Phrygia,
Do altivo rei dos reis, do audaz Myceno
Vivamente offendido, e maldizendo

* Consulte-se a Iliada, liv. IX, ver. 186.

Porque os ceos a vingança lhe coarctavam
O filho de Peleu, da Grecia o raio,
Deixadas armas, glória, amigos, tudo,
Entregue so a ti, ao som da lyra
Na solitaria praia descantava
A enternecida amante que em soluços,
Per grosseiros heraldos arrastada,
Em vão de Achiles implorára o nome.

Artes, sciencias, dadivas do Eterno,
Que o mundo abrilhantais, ao seu abrigo
O mor lustre deveis: n'elle incansavel
O sublime Buffon co'a mente accesa,
Co'a vista curiosa penetrava
Da natureza o sanctuario occulto,
Onde em mystica névoa involta, esquiva
Olhos ignaros do profano vulgo,
E o liminar lhe vela assiduo estudo,
Cujo ardente phanal mostrava ao genio
Altas verdades, immortaes segredos,
Com que o mundo depois encheu de assombros.

No repouso da noite quando o somno
O resto dos mortaes em ocio ignavo
Prendia ao leito, o Newton da Toscana,*

* O celebre Galileu, punido por ensinar o systhema de Copérnico, hoje plenamente recebido de todos os sabios.

Victima da ignorancia e fanatismo,
Titão sem crime, ia escalar o Olympo,
Olhava o curso das fulgentes massas,
Milhões de mundos que no espaço nadam,
Chegando-se, fugindo-se continuos,
Recîprocos se prestam luz e sombra.
Via se era o cometa qual pensava
A rude antiguidade, annúncio torvo
Da ruína dos reis, quéda de imperios;
(Pois throno jamais cai sem que seu pêso
Esmague uma nação); ou vagabundo
Explorador do exército dos astros,
Que humilde á voz do general prestante
Descreve emtôrno ao sol ellipse immensa.

Vós, prazer dos mortaes, da vida incanto,
Filhas do ceo, oh Graças tres das artes,
Sábia poesia, musica, pintura,
Vós da morte rivaes, rivaes do tempo,
Que em metro, em canto, que em pincel divino
Os heroes arrancais á campa fria,
O pensar lhe volveis, voz, moto e vulto,
E ao seio os conduzís da eternidade;
Quanto não lhe deveis? Foi por ventura
No turbilhão e estrepito do mundo,
De brilhantes faustosas assembleas,
Ou recolhido em si, que o Anglo-Homero*

* Veja-se sôbre ésta passagem o Paraizo perdido de Milton.

Vingando-se do insulto da desgraça
Que aos olhos o universo lhe furtava,
(Á maneira do heroe que ve mal pagas
De tyranno, que serve, altas proezas,
Vai off'recer-se a principe brioso
Que o ama e com usura o remunera)
A terra desdenhando, sôbre as azas
D'aquecida inspirada phantasia
Impavido adejava a ignotos mundos,
Ia ao throno curvar do Omnipotente,
Ouvir-lhe a voz, e examinando o empyreo,
Ao Barathro profundo se arrojava.
La o antitheo Satan bramando via
Do igneo lago surgir, qual sai zunindo
Das inflammadas fauces do Vezuvio
O lava destructor que involto em fumo
Vizinhas povoações destroi, derruba,
E ameaça ruína ao orbe inteiro;
Do monarcha infernal ouve o concílio,
Acompanha-o depois, ve como encara
A incestuosa filha, o filho infando;
Passa incerta a do cahos anarchia:
Ve-o atravez do vacuo ao sol subindo,
Uriel illudir, e no Eden sacro
A innocencia opprimir! Oh noite amiga
Socia da solidão, tu testifica
S'ella foi quem dictou o canto augusto
Ao Britanno cantor! Quem, senão ella,
A Tasso revelou os ais, os prantos,

Ternos suspiros da extremosa Erminia?
E extrahia do meio dos sepulcros
Esses nocturnos ponderosos cantos
Do vate do Futuro* que incantaram
A suberba Albion? Tu que de Roma
Foste a glória, e es o idolo do mundo,
Tu que brilhante estrella encaminhaste
Meu passo juvenil pela ardua senda
Do difficil Parnaso a tantos ínvio,
Oh! mestre, oh Phebo meu, Virgilio amavel,
Quem póde duvidar que a musa tua
Amára a solidão? Tu mesmo o dizes,
Quando, depois de expor em versos de ouro
Os segredos d'essa arte proveitosa
D'alimentar os homens,** que insensatos
Mal se lembram que existe, quando insanos
Na que os destroi se esmeram, suam, cançam.
Em quanto Cesar, vencedor no Euphrates,***
Fulmina victorioso, e leis promulga
A submissas nações, tanto engrandece
Da tranquilla Parthénope o repouso.

Desce a noite, supíta o somno o mundo;
No solitario leito a infausta Dido****

* Young, poeta inglez.
** As Georgicas.
*** Vejam-se as Georgicas, liv. IV.
**** Recorra-se á Eneada, liv. IV.

Unica vela : em mar de pensamentos
Sua ideia naufraga : amor, vingança,
Odio, furor no peito se lhe alternam,
E em toda a parte o Teucro se lhe antolha.*
« É ésta a fe (exclama em pranto a triste)
D'esse heroe em piedade abalizado,
Que o velho pae salvou per entre as chammas
Da abrazada Dardania! que blasona
D'interessar os ceos em seu destino!
Se é tal um semideus, quem será monstro?
Sacudido do mar co'a morte á vista
Ás praias do meu reino, o acolho meiga,
Franqueio-lhe meu paço... oh!... isto é nada...
Minha mão... e por premio me abandona!...
Cabe tanta maldade em peito humano?...
Ah! se o rosto é fiel retrato d'alma,
Seu rosto taes perfidias não promette!...
Eu talvez m'enganei... suas palavras
Não percebi... talvez, Dido infelice,
Amor com vãos phantasmas te atormenta...
Sim, as naus que engolphadas ja presumo,
Talvez na fulva areia a quilha encravam... »

Nada socega a receiosa amante;
Corre inquieta a misera raínha :
Ja com tremulo pe ganha alto eirado

* Se lhe afigura, reprezenta, etc. : vem de latim *ante oculos*, e do portuguez *ante os olhos*.

Que dominava o mar, e immobil fica;
Á luz da incerta aurora vira a infausta
Do perjuro os baixeis, que a plenas velas
Entre as vagas azues de um mar dourado *
Sôbre as azas dos ventos se escondiam.
Um pouco torna em si, que não tornára,
Sentíra menos dor!...» Que! desaferram!...
Partíram! ai de mim!... Oh Jove oh! numes!...
Mas que Jove ou que numes! são chymeras,
Ou justos em punir minha loucura!...
Eu, eu propria devia o tenro filho
Co' éstas mãos lacerar:... c'os membros d'elle
Banquetear o pae!... Mesmo a seus olhos
Levar o fogo ás naus, matar-lhe os socios,
E enviá-lo depois ao negro inferno
Seus manes consolar... Mas... ah! que os monstros
Ja de todo a meus olhos s'esconderam!...
Zombam do meu furor; E fico inulta!...
Furias, surgi, brami, tufões e ventos,
Inchae-vos, escarceos!... vossos furores
Sôbre o ingrato apurae... vingae... vingae-me...
Jôgo das vagas largo tempo, acabe
Sôbre duro penedo. — Ésta alma... ésta alma...
Que um momento não tarda, chegue a tempo
De insultar seu destino...» — Mais dissera,
Mas fallece-lhe a voz e á dor succumbe.

Quadro divino, vezes mil fizeste

* Dous versos de Garção.

Meu pranto borbulhar! Talvez o vate
Á mesm'hora em que o Teucro fementido
A miseranda Elisa abandonava
Pensava em ti! talvez na muda noite
Vinha inspirá-lo o espirito da infausta,
Descubrir-lhe fiel quaes então foram
Sua dor, suas vozes, exultando
De eterna reviver em seus escriptos.

Raphael e Lully, Rameau,* Corrégio,**
E vós, patricios meus, Marcos, Henrique ***
Que d'Elmano as feições roubas-te á morte,
Para que sempre os pósteros tivessem
Seu rosto em teu pincel, a alma em seus versos,
Seus discipulos sois: mas quem no mundo,
Amavel solidão, a ti não deve
Sua glória ou prazeres? Ai d'aquelle
Que em teu seio não folga de abrigar-se!
Virtuoso não é. Áspide occulto,
Que as entranhas sem dó lhe dilacera,
É o torvo remorso que lhe esperta
Não desmentida voz da consciencia...

Consciencia que és tu?... fiel relogio,

* Célebres musicos francezes.

** Rafael e Corregio, insignes pintores italianos.

*** Marcos Antonio Portugal. Henrique José da Silva, que tirou o retrato de Bocage moribundo.

Obra prima do artifice supremo,
Que ao homem la no fundo d'alma apontas
Delictos e virtudes! de ti fuja
Quem lembrança do crime afflige, anceia.
Desgraçado, ó Lieutard, o que as mãos ímpias
Tyranno cruentou em sangue humano,
Se fugindo a si mesmo escapar pensa
Nos solitarios bosques embrenhado:
Companheiro fiel dos reos, o mêdo
Vai em seu coração, e lhe povôa
De phantasmas sem conto a oppressa ideia.
Brando murmurio de agitadas ramas
É do trovão o estouro que annuncia
O raio vingador do Omnipotente.
Pequenino regato, que deriva
Per entre alvos seixinhos saltitante, *
Os brados com que o sangue despargido
Clama vingança aos ceos: e em toda a parte
Sombras, ventos, outeiros, que figura
Mil lémures ** de aspecto carrancudo;
Lhe quebram tanto os olhos, que endoudece.

Que differente quadro nos presentam
Dous puros corações de amor accesos,

*Como o adjectivo *saltitante*, imita bem o sonoro rugido do regato! Estes dous versos são admiraveis.

**Almas ou sombras dos maus que depois de mortos perseguem os vivos.

Que um para o outro, como nós, respiram,
E a meigas sensações so se abandonam!
Longe o negro pezar equuleo d'alma!
Emtôrno d'elles ri-se a natureza,
O ceo chove seus dons, pula a alegria.

Quantas vezes á sombra d'estes myrthos
Reclinando no molle teu regaço
Minha cabeça, e sofrego fitando
Teus lindos olhos, unicos meus deuses,
Beijando a nivea mão com que me afagas,
De teus labios pendi immoto e quedo,
Em máres de prazer a alma engolphada,
Cri ver a terra rebentar-me em flores,*
Cantando festejar-me as avesinhas,
Os ventos murmurando de invejosos,
E luminoso genio em nuvem de ouro
Sôbre nós despargindo idalias rosas!
Então, mudando ser, o pensamento
Em ti fixava: em extasi pensando
Que o mundo fica alli, não vai mais longe.**
Momentos de prazer, parae... fugíram!....
Momentos de prazer, quanto sois leves,
A fugir e a volver quanto tardonhos.

* *E detto questo, subito abracciolla;*
Poi si colcar ne la minuta erbetta
La quale allegra gli floria d'intorno.
TRISSINO.

** Que bellissimo quadro!

Parece que prégais á humanidade
Que á dor nasceu, á pena, ao pranto, á mágoa!
Da America tranquillos habitantes,
Quem melhor do que vós póde affirmá-lo?...
Vós que outrora o destino parecia
Á desdita furtar?... Em vão natura
Vos tinha acantonado em mundo ignoto!...
Immensuravel pelago debalde
Vos circum-defendia! que obsta ao homem,
Quando o inflamma a ambição, o accende a glória?
Per esse mesmo pelago ja rompe
O Ibero destructor co' a morte ao leme;
Debalde empolla o mar, que s'embraveçe
Com a insólita audacia!... em vão tres vezes
O genio d'esse globo a mão levanta,
Porque em líquido tumulo sepulte
Dos corsarios da Europa o nome, os crimes:
Irrevogavel lei do fado o impede;
Elle o conhece, e as lagrymas lhe assomam.
« Ai, miseranda America! não posso,
Não te posso valer!... Eu vejo os ferros
Eu vejo a escravidão vejo os estragos
Que esses baixeis conduzem! a ventura
Foge d'este hemispherio, e amor com ella.
Ólho o sangue, ólho o fogo: ja fuzila
O tremendo Cortez, o audaz Pizarro,
O bronzi-tono Almagro, que dos Andes,*

* Este cordão de montanhas (as mais altas do globo) se distende per mais de mil e duzentas leguas.

Collossos que dos ceos o pêso aturam, *
A cordilheira asperrima atravessa
Para ir fartar no Chili a sacra fome **
De sangue, e de ouro, que lhe abarca o peito!...
Vejo os trovões esphericos que prostram
Os pagodes do sol!... La sôbre as aras
Seus ministros por victimas expiram!...

Que povo immenso*** que remeda a noite
Na côr da face que o pezar lhe enruga,
A este Orbe devastado se transplanta!...
Aos centos, aos milhares os vomitam
Artilhados galeões! tumida a espalda
C'o retalhante açoute, e tarda a planta
Do estridulo grilhão, entranhas rompem
De rochedos e montes, por que escavem
Thesouros que enriqueçam seus tyrannos!
Ou nutridos de um pão, que o pranto abranda,
As preciosas árvores cultivam,
Que o luxo lhe fomentem com seus fructos.

Mas que espadana fúlgida rompendo

do isthmo de Panamá ao estreito de Magalhães, e divide o Peru do Chili, correndo de norte a sul.

* Verso de Bocage.

** ..... *Quid non mortalia pectora cogis*
Auri sacra fames.

VIRGILIO.

*** Os negros.

A nevoa espessa, em que se involve o tempo,
Prospectos abre que o desgôsto adoçam!
Regozija-te, America! a vingança
Chega dos ferros teus! por que alto preço
Teu dominio fatal acquire a Europa!
De pólo a pólo a guerra s'incendeia,
Cresce a exigencia, estragam-se os costumes,
Perece a fe dos thalamos, mil fórmas
De inauditas, de esqualidas doenças,
Toxicos vertem de tartareas taças!...
Corrupta a geração nas proprias fontes,
O acceso amante pallido receia
Ir a morte encontrar da amiga em braços!...»
Assim fallando o Genio, em densa nuvem,
Rosto e vulto involveu, no mar sumiu-se.*

J. M. da Costa e Silva, *o Passeio*.

* Se muitos dos que hoje, em nossa terra, blasonam de poetas, recheiassem as suas producções com quadros d'ésta especie, não estariamos tão infastiados de uma arte que tanto eleva e instrue o espirito.

OS CEIFEIROS; OS PASTORES.

N'essa vasta planicie agora attenta :
Que fertil luxo Ceres assoalha !
Ve em montes alli fulvas espigas
Derrubadas jazer : e alêm cubertos
De contente suor, os segadores
Brandindo a curva fouce em terra prostram
Essas, que, inócuo * mar, ao vento ondeiam !
Não d'outra sorte a insaciavel morte
Corta, sem distincção, humanas vidas,
Jovenes lindos, enrugados velhos,
No throno os reis, nas choças os pastores,
E indistinctos os lança á sepultura **.

* Pacifico.

** Imitação d'aquelles versos de Horacio :

Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres....

Ode IV, liv. I.

Ou d'estes de Malherbe, fallando tambem da morte:

Le pauvre en sa cabane, où le chaume le couvre,
Est sujet à ses lois,
Et la garde qui veille aux barrières du Louvre
N'en défend pas nos rois.

Perto, não delicada aldeana bella
Quer inda mais infeitiçar o amante,
Não usa enfeites vãos, nem falsas côres,
Ou brando mover d'olhos refalsados,
Como da côrte as túmidas, deidades;
Porêm, brandindo a fouce, co'elle aposta
Quem primeiro verá o termo ao sulco:
C'os olhos n'ella o rustico mancebo
N'alma se applaude de ficar vencido:
E porque assim desfructe o rosto amado,
Brada-lhe ás vezes, que recolha espigas
Que espalhadas deixou!... Volve a serrana,
E as espigas não vendo, a astucia intende,
E farpão novo n'um surrir lh'encrava.

Alêm, d'aquelle ulmeiro á basta sombra,
Níveo velho, Nestor d'estes contornos,
S'encosta ao filho, que a campestre avena
Une ao labio, e singelos sons desfere,
A que attenta a grosseira juventude
Lasciva* enlaça rápidas choréas.
Ora todos em chusma jovens, môças

* Camões usou de *lasciva* n'ésta mesma significação, quando disse:

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida e bella,
Sendo das mãos *lascivas* maltratada
Da menina, que a trouxe na capella, etc.
LUSIADAS, cant. III, est. 134.

Rapidos gyram deslizando a terra,
Ora extantes os mais, de grupo avança
Airoso par que em destros equilibrios
Exprime d'alma occultos sentimentos;
De novo em chusma rodeando-os pulam,
E de flóreas grinaldas os enlaçam:
Soam vivas e palmas, gôsto occulto
No coração do velho se insinúa,
E crê de novo remoçar c'os moços.
La dous membrudos rusticos athletas
Nos braços nus s'enredam, luctam, gemem,
Forcejam, vergam :... o suor em bagas
Lhe inunda as faces, lhe humedece as grenhas:
Curvam joelhos :... pela pelle avultam
Túmidas veias, musculos pulantes.
Ouves os gritos, os applausos ouves
Com que os accende a turba circunstante,
Que o brinco fadigoso escarnecendo,
Estendidos na relva a taça emborcam
Do patrio vinho, que melhor lhes sabe
Que o çumo d'essas vides que opulentam
Ferteis margens do Rheno, e em ricas mezas
Vem fervente espumar a pêso de ouro! *
Assim tranquillo o sabio mofa e zomba
Do insensato qu'estólido dá costas
Á ventura que o chama, e vai ao longe

* Esta pintura nos mostra, ou para melhor dizer, nos transporta ao lugar da scena.

Per máres, per sertões pisando abrolhos,
Arrebentar no trilho ao seu phantasma!
Attenta agora ca. Do myrtho á sombra
Ve dormindo na morbida verdura
Linda pastora que uma nympha imita:
Em quanto, seu rebanho, se penduram
De rócha em rócha trepadoras cabras..
D'após do myrtho eis surde manso e manso
Joven pastor, e o dedo unindo ao labio,
Risonho impõe silencio á companheira
Da adormecida amante, á fronte ajusta
Linda capella de jasmins e rosas!...
Ja de antemão gozando da surpreza
E curioso embaraço da formosa
Quando desperte e co'a grinalda encontre.

Oh divino pintor da natureza
Prestigioso Gesner,* meu doce enlêvo!
Oh! tu, cujas canções harmoniosas,
Como o sol bellas, gratas como as flores,
Puras como a tua alma, quando as lia
Ou de uma fonte ao trémulo murmurio,

* É tão notorio o merecimento de Gesner, especialmente dos que teem algum conhecimento da lingua aleman, que me dispensa de fallar d'elle com mais extensão. Seu imitador Schmit, e o nosso Quita, são os unicos, que pela doçura de seus versos, delicadeza e ar campestre de seus pensamentos, me parecem avizinhar-se a este grande modêlo.

Ou á sombra de um plátano, ou de um louro,
Dos olhos doces lagrymas saltaram,
E no sensivel coração me erguiam
Terna saúdade, ou co'a innocencia e mágoas
Dos nossos paes primevos, ou c'o quadro
Dos singelos costumes dos pastores.
Vate immortal! quanto mais ólho o campo,
Mais em mim de teu canto a estima augmenta!

Mãe do prazer, da liberdade filha,
Doce alegria, o campo é teu imperio!
N'elle dominas soberana amavel,
Nunca odiada e suspirada sempre.
Quando entre as nymphas tuas, tropa linda,
A candura, a innocencia, a paz, a incuria,
E a, por desdita nossa, hoje tam rara
Sancta amizade, vens folgar nos prados;
Debaixo de teus pés s'enflora a terra,
Vestem as selvas galhardia ufana,
E nas altas montanhas, fundas gruttas
Onde natura se mostrou medonha,
O proprio horror surri! doce alegria,
Qu'errados vão satellites do fausto,
Que no motim te buscam das cidades,
Onde o mesmo prazer enoja e cança!
N'esses brilhantes circulos de amigos,
Que um momento ligou, sólta um momento;
La onde o coração fallar não ousa,
E as vozes d'arte a atraiçoar s'esmeram!

Ou aos pés de bellezas petulantes
Que em prémio d'um surriso fementido,
De fracos corações latria exigem!
Ou pondo sôbre um dado os bens e a honra,
Ou nos da corrupção dourados templos,
Onde o crime s'ensina e apprende o crime,
Dictos theatros,* que infernal malicia,
Por que os mortaes perverta, eleva aos ares!

J. M. da Costa e Silva, *o Passeio.*

* Os apologistas do theatro chamam-lhe — *grande eschola de moral* — Confesso que não posso perceber como um lugar (onde se ajunctam pessoas de todo sexo, condição e idade; onde jogam, commovendo o espectador, as paixões mais violentas e perigosas; onde desenfreiadamente se faz a satira de classes e nações, e de quando em quando soam alguns dictames da verdadeira moral, pronunciados per pessoas que os deshonram e contradizem) possa merecer esse nome.

O CREPUSCULO
DA TARDE.

VOLTA DO CAMPO. — O CEMITERIO D'ALDEIA. — A MORTE.

Mas do sol os flammivomos ethontes
Cubertos d'alva espuma, e fatigados
Do comprido gyrar, o passo abrandam;
E manso e manso pelo mar s'escondem.
Pelo acceso horisonte assoma ao longe
O mimoso crepusculo da tarde;
Roupas trajando ázues bordadas de ouro,
Vem na esphera ostentar seu curto imperio:
Zephyros brandos, placidos favónios
Emtórno ao seu monarcha adejam, voam.

La deixa o valle balador rebanho
De mansas oves * que n'alvura excedem
Neves septentrionaes: d'aqui parece
Um longo mar que empóla, e que toldaram

* Do latim *ovis*, ovelha.

Os ventos a bramir de fofa espuma:
De boninas ornada o seio e as tranças
A candida serrana as acompanha,
E rindo escuta do amador vaqueiro
Toscas finezas, naturaes requebros.

Tudo larga do campo, e tudo busca
De seu alvergue o asylo: ao nosso alvergue
Vamos tambem; Lieutard, teus mestres dedos
Extrahindo o matiz dos sons do cravo,
De Marcos e Hasse as arias portentosas
Co'a voz divina tornarás mais bellas:
Eu doudo de prazer de ouvir teu canto,
Sôbre teu hombro repousada a fronte,
Do mundo e de mim proprio heide esquecer-me.
Oh! quanto é doce um magico surriso
Ver adejar nas rosas de teus labios!...
Como ardo e me transporto se em mim fitas
Olhos, onde ternura Amor fuzila!...
Não te posso render grandezas, sceptros;
Mas tenho um coração em que dominas,
Pequeno imperio sim, mas sem rebeldes;
Branda cithara as musas me temperam,
Heide teu nome eternisar com ella.

Mas que novo espectaculo nos olhos
De subito nos dá!... Da aldeia o templo
Subindo aos ares co'as idosas tôrres:
O adro soturno que deroda cercam

Tumulos toscos, funeraes cyprestes,
Talvez plantados pela mão devota
Do fundador da igreja que hi repousa
Sem inscripção que um ai lhe lucre ás cinzas:
A branda viração que abana os ramos,
Que o reflexo pathetico da lua
Deixa passar a custo, onde se acouta
O mocho infesto lúgubre piando,
Doce melancholia acordam n'alma!....*

Porêm teu braço tremulo e teu rosto,
Para a terra apontado, assás me inculca
Que a solidão e o sítio te apavoram!...
Oh! não temas, meu bem!... na sepultura
Não se aninha a maldade: nunca os mortos
Guerra aos vivos fizeram: paz constante
Tem alli seu imperio: alli não soam
Sussuros venenosos da calúmnia:
Nem se affia o punhal que beba sangue
Do atraiçoado amigo; antes aquelles
Que em ódio n'ésta vida deliravam,
La misturam seu po, se abraçam na urna.
A morte, que figuram tam medonha,
Tam fera, tam cruel, é branda amiga,
É redempção ao misero que soffre,
Ao varão justo oppresso ou mal punido,
É como o pôrto após a tempestade!...

* Versos cheios de poesia de imagem.

Um sereno Catão sem susto a invoca,
Livre em seus braços Cesares insulta.
A seu bafo Pacheco em pobre leito *
Despe a miseria, ingratos reis absolve.
Outrora, como a ti, negras ideias,
Que na infancia bebi, me figuravam
Na morte o maior mal, não me animava
Um epitaphio a ler; estremecia
Ao som pesado dos funéreos psalmos:
Mas alfim do Thamisa o serio vate **
Minha illusão desfez, co'elle na vida
Olhei males reaes, afiz-me ás trevas;
Pago-me de scismar*** entre os sepulcros.....
A muda solidão e o pavor sancto
Fundas meditações me assomam n'alma;
Ólho rasteira campa involta em musgo,
Digo comigo: — Aqui talvez repousa
Algum novo Camões!... outro Bocage!...
Um que levasse heroes a estranho mundo
Per máres nunca d'antes navegados, ****

* O valorosissimo Duarte Pacheco, tão célebre na historia da India, pela defeza de Cochim, e outras gentilezas marciaes, que chegam a parecer incriveis, morreu desgraçadamente n'um hospital.

** Young.

*** Voz pouco poetica: Francisco Manuel disse no Oberon, cant. II, pag. 47:

Hugo *scisma* Bagdad, e ver-se n'ella.

**** Verso de Camões.

Outro que estemporaneo aos ceos voasse
Sôbre versos de fogo !... abandonou-os
A sciencia, a fortuna !... em flor murcharam!...
Vou mais ávante ; os restos talvez pizo
De um Nuno sustedor de solio incerto !...
Mas talvez juncto d'elle em paz descança
Um Mafoma impostor !... talvez se unisse
Áquelle casco um monstro, que esperava
Para a terra ensopar em sangue humano
Que uma nação maniaca, de novo
Degollasse seu rei ! ambos a parca
Immaturos ceifou a bem do mundo !

Mais ao longe imagino que a verdade
Me aponta um mausoleo, me diz : « Humanos,
Aqui se acaba tudo ! ruem, morrem
Imperios, gerações e monumentos ! *
Foi sábia um tempo a capital do mundo,
Pobre aldeia sem nome é hoje Athenas ;
Escrava bruta de senhor mais bruto :

* *Giace l'alta Carthago : a pena i signi*
De l'alte sue ruine il lido ser la ;
Moionno le citta, moionno i regni
Cobri i fausti, e le pompe arena e erba!

Tasso, Jerus. lib. cap. xv. est. 20.

Veras el Tiempo con la diestra ayrada
No ay imperio mortal, que non consuma.

Lop. de Veg. Carp.

Onde Sophia reinou, onde a virtude
A inercia o barbarismo despotizam !...
Que é da torrente de mortaes selvagens
Barbaros como as feras de seus montes,
Que o romano colosso derrubaram ?
O nada os deu, ao nada outra vez foram.
D'Epheso o templo um louco * o poz em cinza !
E a morte estranha o homem !... não, querida,
Eu não a estranharei !... d'ha muito afeito
A contemplá-la estou !... sei que outro em breve
Hade vir meu logar tomar no mundo !...
Então debalde do amador sem vida
Igneos beijos darás nos labios frios !...
Chamas por elle.... e te responde ao longe
Lugubre sino que o convida á terra !...
Nunca mais o verás, a um teu suspiro,
Suspiros mil e mil lançar do peito !...
Adeus, jogos de amor!... adeus, prazeres !...
Ledos passeios, namorados versos !...
Tudo co'elle caminha á sepultura !...

J. M. da Costa e Silva, *o Passeio.*

* Este louco e perdido foi Herostrato, o qual queimou o templo de Diana Ephesia, so por acquirir fama immortal no mundo.

AS AVES*.

Em que te occupas, diligente Lanio,
Quando ja de mil flores coroada
A estação dos amores se adianta?
Ja te vejo rasgar os leves ares,
E sentindo aquecer o rubro sangue,
Cédes tambem de amor ao vivo impulso.
Sim, es tu... não me engano... a natureza
No teu rosto character mui distincto
Estampou, com mão firme e vigorosa,
Fazendo-o menos curvo, e interrompendo
A constante subtil pulida margem
Com mui visivel falha; è vigorando-o
Com assassino duplicado dente.
Não te demores, aproveita os dias

* Eram tantos os rasgos de genio, tantas as bellezas poeticas, e tantas as difficuldades vencidas n'ésta obra, que eu julguei dever, se não acabar, aomenos corrigir e aperfeiçoar, quanto em mim coubesse, este producto verdadeiramente original de um genio poetico, para honra do auctor, e da lingua portugueza.

STOCLER.

Em que ferve o prazer, e Venus bella
D'entre as vagas do mar, onde acolhida
No seio de Amphitrite repousava,
Ergue a frente cercada de deleites.
Olha comc respira docemente,
E nas azas dos zephyros levada,
Seu halito fecundo se insinúa
Nas entranhas da terra amortecida:
Como, depois do hinverno triste e languido,
Remoça o orbe vigoroso e ledo.
Ja nos campos, nas asperas florestas
Ao ninho esperançoso te convidam
As árvores, no verde altivo cume
Afiançando providente abrigo.

Não eram estes os cuidados ternos,
Que na amorosa errada phantasia
Imaginavas nescia, ó Nyctimene.*
Suberbo throno a perfida fortuna
Parecia guardar-te; eis derepente
Da noite sob o manto escuro e denso
Envolta foges agoirando males,
E te esquivas á luz do sol brilhante.
Nas frouxas garras do lascivo incesto,
Perdeste a delicada antiga fórma;

* Donzella thessalonica, que tendo demasiadamente amado a seu pae, foi metamorphoseada em coruja.

A occulta mão, que o crime enfreia e pune,
De escuras pennas revestiu-te o corpo
Na cabeça disforme la te rasga
Os olhos que, por grandes, mais te afeiam;
Nem se erguem sôbre o curvo rosto as plumas,
Que airosas n'outras aves o rematam :
Frouxas e reclinadas a guarnecem,
Afrontando as obtusas corneas ventas,
E entre todas te fazem conhecida.

De Creta sôbre as praias lastimosas,
Aonde pela vez primeira o canto
Horrivel, que entoaste, foi ouvido,
Desgrenhando as madeixas de ouro fino,
Longos annos gemendo memoraram
Teus erros, e teu fado miserando,
As compassivas nymphas e as napeyas.
Mal podem consolar-te ufanas plumas,
Que recurvadas na cabeça imitam
Da tortuosa orelha o fino talhe :
Embora a teu querer obedientes
Ora se abaixem, ora se levantem :
Não cabe em vãos ornatos da desgraça
Mitigar o pungente acerbo golpe :
Que te vale ter sido consagrada
Á casta deusa que ao saber preside,*
Se te deslumbra os olhos vergonhosos

* Minerva.

A luz clara do dia, e torpe objecto
Exposta jazes á picante mofa
Dos passaros mais debeis e mesquinhos?

Tal é per toda parte o teu destino,
Quer nos campos da Ausonia negras azas
Agites, ou nos rijos pés despidos
De plumage te firmes; quer ostentes
Alvo corpo nas frígidas montanhas,
Onde o baixo Laponio contrafeito,
Miseravel sustenta errante vida.
Embora vingues dilatados máres,
E de Hudson * nas rochas procellosas
Assentes o teu ninho, ou la nas terras,
Onde o seu throno nebuloso o hinverno
Firmou sôbre montões de fria neve
E esteril gêlo; terras desditosas
Que um capitão brioso, hallucinado,
O ousado Magalhães ** ao mundo antigo
Patentes fez, tentando nova estrada,
Que per ignotos rumos conduzisse

* Estreito da America nas terras arcticas ao norte da terra de Labrador, descuberto per Hudson inglez em 1602.

** Fernão de Magalhães, cavalleiro portuguez, (que descontente d'el-rei D. Manuel, se tinha passado para o serviço do imperador Carlos V) descubriu o estreito, que d'elle tomou o nome na America-meridional, em o anno de 1519.

Os emulos da patria a disputar-lhe
O dominio e riquezas do Oriente:
Vingança torpe, de renome indigna!

Ja pela mão de Ceres conduzidos
Abandonavam as incultas brenhas
Os homens d'antes barbaros e rudes;
E qual de abelhas diligente enxame,
Com discreto trabalho melhoravam
Os fructos que bravios dava a terra,
E as ricas fontes da abundancia abriam.
Ja das artes emfim a que mais vale,
Aquella que fixou e que sustenta
O social estado, começava
A libertar os homens da bruteza
Que nas asperas serras os detinha;
Quando das chammas do sulphureo Etna,
Em voragens involto de atro fumo,
Rompeu e viu o dia o deus do Averno.
Amor, que então nas aprazíveis praias
Da Sicilia aportára, mal o avista
Maligno se surri, e com destreza
No arco embebe* envenenada setta,
Com que lhe vare o duro indocil peito.

* Afirma Francisco Manuel, que viu um manuscripto de um sermão de Vieira, onde para escolher a mesma phrase — *embebe a setta no arco* — havia 23 entre-linhas de 23 phrases, que antes d'ésta lhe descontentaram. O que não me admira, quando

Mal o tiro desfere, e ve turbado
O implacavel Plutão, que ancioso exhala
Um profundo suspiro; a mão erguendo,
Com o dedo lhe aponta astucioso
Proserpina de Ceres filha amada,
Que festiva traçava e graciosa
Mil innocentes jogos com as nymphas,
Suas ledas amaveis companheiras:
Vê-la, abraçá-la, e com despejo insano
Roubá-la, foram actos de um momento
Para o deus que domina o Estygio lago.
Mas ja soam os miseros lamentos,
Os suspiros, as lagrymas queixosas
Da magoada Ceres, que buscava,
Attonita e convulsa a cara filha.
Debalde pressurosa os desabridos
Climas percorre* aonde o frio norte

contemplo que a sua prosa é a mais correcta de todas as prosas portuguezas.

* Bemque este verbo não se ache no diccionario de Moraes, usou d'elle Leonel da Costa, na vida de Terencio, a paginas xxxv, vertida em portuguez pelo dito Leonel; a qual vida, em testa de quatro comedias do auctor latino, com o texto em frente, sahiu á luz em Lisboa, no anno de 1788.

Eis a passagem acima allegada:

« Sendo (Terencio) convidado que se sentasse a ella (meza) ceiou junctamente com elle; e, acabada a ceia, foi *percorrendo* pelas mais (comedias) não sem grande admiração de Cerio. »

No gêlo enrija as ponteagudas azas :
Debalde a esses passa aonde Cook*
Ousado quanto humano , com mão firme
Fixou do mundo a derradeira méta:
Debalde a sua amavel Proserpina
Chama , vertendo amargurado pranto :
Nenhuma voz responde a seus clamores :
Nenhum vestigio encontra , que avivente
Em sua alma a esperança amortecida.
De novo entre gemidos volta aos campos ,
Onde Arethusa em fonte transformada,
Per desvios conduz as claras aguas ,
Como se inda fugisse á petulancia ,
Com que Alpheu abraçá-la pretendia.
Os olhos, onde as lagrymas pulavam ,
Lançando acaso á limpida corrente,
Ve ainda boiando sôbre as ondas
O cinto virginal de Proserpina;
E como se a perdêra n'esse instante ,
Volvendo ao ceo o rosto magoado ,
Fere co'as tenras mãos o niveo peito ,
E sólta aos ares insoffridos brados.
Ja quasi maldizia a terra ingrata ,
Em que tanto pezar a sossobrava ;
Quando Alpheu , d'entre as águas levantando
A limosa cabeça , lhe dizia :
« Modera , ó deusa , a tua dor ; e sabe

* Viajante e escriptor inglez.

Que no Tartareo reino o sceptro empunha
Do teu materno amor o doce objecto :
Eu a vi, de Plutão entre os nervosos
Negros braços, entrar no seio escuro
Da terra que se abríra ; e conduzida
Ser per elle aos abysmos. So de Jove
A voz omnipotente póde agora
Arrancá-la do reino de Summano. »
Disse ; e a deusa subindo ao alto Empyreo,
A Jupiter expõe o infame roubo,
Com lagrymas de dor pungente e viva.
Condoído o pae terno lhe promette
Que a filha lhe será restituida,
Se com fructos do Averno, suavisado
Ainda não tiver a fome ou sêde.
Lei dura ! mas do fado irrevogavel
No livro dos destinos decretada.
Afouta Ceres desce ao lago Estygio :
Mas póde acaso afiançar prudente
Quem a fôrça conhece e o vivo impulso
Dos appetites no feminêo sexo,
Que de um formoso fructo os attractivos
Não hão de escurecer per um momento
De acerbas mágoas a impressão penosa ?
Proserpina gentil, semque a pungente
Materna saúdade lhe empecesse,
Ou de Plutão a barbara bruteza
De invencivel horror a penetrasse,
Tinha provado nos jardins que cercam

Do austero Dite o magestoso paço,
Succosos bagos de roman viçosa,
Que a rubra côr da vívida granada
Pelas fendas da casca aos olhos mostra.
Ascálapho somente a tinha visto
Saborear o delicado pomo;
Ascálapho que filho era de Orphene,
Entre as nymphas do Averno a mais formosa.

Tal da Ethiopia nas adustas côrtes,
Entre as esposas dos brutaes monarchas,
Por linda se avantaja a que reúne
Á negra côr do ébano lustroso
Olhos, aonde o fogo de amor brilha,
E dentes que na alvura sobrepujam
O polido marfim: assim de Ascálapho
No Averno a mãe gentil se avantajava
Ás outras nymphas de infernal belleza,
E Plutão juncto d'ella, muitas vezes,
Das fadigas do throno se esquecia.
Até ao vê-la o duro Rhadamanto
Se diz que os feros olhos ameigava:
Mas era van, travêssa, e sem disvelo
Tinha educado o filho, que imprudente
O segredo fatal revela, quando
Ja entre os meigos braços a mãe terna
Reconduzia a suspirada filha.
Indignou-se do Erebo a sob'rana,
E nas aguas do torvo Phlegethonte

Ensopando flexivel tenro hyssopo,
Lhe aspergiu a cabeça que disforme
E emplumada ficou: a um lado e outro
Seis recurvadas pennas se levantam,
Ás humanas orelhas parecidas;
Quiz fallar, e do rosto adunco rompem
Somente tristes agoureiros pios,
Que frequente com rouca voz repete:
Vai os braços mover, e sôbre os ares
O levantam pintadas longas azas
De pardo-escuro e ruivo colorido:
Em vez de pés, so dedos guarnecidos
Acha de agudas encurvadas unhas:
Desde então as nocturnas sombras ama;
E do Averno fugindo sôbre a terra
O vôo dirigiu; onde lhe chamam
Mocho, presago de funestos males.
Ora habita edificios carcomidos,
Ora cavernas de medonhas rochas,
Ou cavos troncos de árvores antigas:
Sempre nos montes vive, e priguiçoso,
O unico signal que testimunha
Sua antiga grandeza, é a vaidade
Com que em ninhos alheios deposita
Os proprios ovos, para ver sem custo
Prosperar a voraz infausta prole.

A. P. de Souza Caldas, *as Aves*.

O HOMEM.*

NO ESTADO INSOCIAL. — DE FAMILIA. — SOCIAL. — NASCIMENTO E PROGRESSO DAS ARTES E SCIENCIAS. — EGYPTO. — ROMA.

Da culpa é primogenita a ignorancia,
D'ella romperam carregadas sombras,
Que os claros horizontes enluctaram
Da razão que no berço em luz nascêra:
Qual dos corruptos pantanos s'eleva
Exhalação mephitica, que abafa
E que embacia o sol, toldando os ares.
O rei da creação, tu foste, ó homem;
Ficaste escravo em carcere profundo:
A doce habitação do Eden viçoso,
Ond'um instante so tiveste o solio,
Perdeste para sempre; errante e triste,
Tu foste ser habitador dos bosques,
Dando o suor e lagrymas á terra,
Que indocil a teu braço entre os abrolhos
Te dava apenas misero sustento,

* Relativamente ao poema, de que extrahi os seguintes pedaços, leiam-se as paginas LV e LVI d'ésta collecção.

Que disputaste ás feras rebelladas :
Fugiu-te qual relampago a ventura,
Qual ephemera flor que brota e murcha :
Assim vemos nascer na primavera
Resplandecente o sol, risonho o dia,
Que subito negrume em nuvem densa
Aos olhos rouba a luz, e a paz aos ares;
Tal o destino do mortal primeiro;
Nascendo viu a luz serena e pura;
Raiar a viu... esvaecer-se logo.
Houve entre o berço e tumulo um so dia.
E tanto pôde em nós seu êrro e crime,
Que temos por herança o mal e a morte :
Para nós foi destêrro o qu'era patria;
A um dia d'ouro seculos de ferro
Se viram succeder; fechada noite,
Profunda escuridão pousou na terra;
De mistura co'as brutas alimarias *,
O rei da creação nos bosques vive.

Estado insocial, embora acclame
Teus falsos bens, chymerica igualdade,
O sabio hypocondriaco eloquente
Que a sciencia combate, e a vida emprega
Das artes todas no profundo estudo,
Que os homens aborrece, e os homens busca,

* Deu-lhe dous elephantes, e uma *alimaria* que se chama Ganda.

ALBUQUERQUE, comment. tom. IV. pag. 98.

Que adora a solidão martyr da glória,
E Timão so quer ser sendo Aristippo.
Se elle comigo pela marge' immensa
Do Amazonas medonho os homens víra
Humanos na figura, em tracto feras,
Nus sem cultura, barbaros sem patria,
Então chamára á liberdade sua
Mais penosa que o carcere e que os ferros,
E so menos cruel que o jugo injusto,
Que esses, que elle illustrou, cobardes soffrem*.
Pelos vastos sertões sem lares gyram,
Qual onça insocial, so pasto buscam,
Nos lacerados membros palpitantes
De seus mesmos iguaes (e, de assustada,
Doce mãe natureza os olhos tapa)
A crua fome, e a gula ávida cevam.
N'elles é morta a luz do intendimento;
Contra a injúria do ar lhe ensina apenas,
Qual bráda ás feras machinal instincto,
A mal vestir enregelados membros
De hirsutas pelles de animaes que matam.
Gente errante, infeliz, não sente apègo
Á terra em que nasceu; repousa e dorme;
Onde a seus olhos lhe fenece o dia,
Lança-se em terra, a languida cabeça
A um tronco, quasi um tronco, encosta e dorme.
Se o sol surgindo as palpebras lhe toca,
Frouxo, indolente o barbaro desperta.

* O tyrannico e usurpado governo de Bonaparte.

Ora um tigre veloz o despedaça,
Ora co'a hervada frecha vara um tigre;
Co'a mosqueada pelle os membros cobre,
Se o frio agudo os membros lhe retalha.
Sente o calor? indifferente a deixa;
Não se ouve um pranto, lagrymas não correm,
(Feudo que á morte a natureza paga)
Se no bocejo extremo a vida foge,
O cadaver esqualido na terra
Jaz, ou no ventre da medonha Hyena;
Nenhuma pia mão seus olhos fecha,
Nenhuma boca os ultimos suspiros
Lhe toma, e lhe conserva : assim nos bosques
Viveu per muitos seculos o homem;
Assim vive o Tapuia errante agora
Pelos sertões da America opulenta;
Elle o primeiro annel d'inda não finda,
Para o perfeito, progressão dos entes;
Tem limites no bruto o instincto, e nunca
Dos homens a razão pára n'um ponto! *

D'este barbaro estado a raça humana
Foi dando passos vagarosamente
A estado social: barbara usança
Em costumes mais doces se transforma;
Laço moral os homens presentiram;

* Ésta pintura do homem selvage é desenhada com summa propriedade e energia.

Co'as mutuas precisões a fôrça unida
Rebate as furias de aggressor injusto;
Este o primeiro original ensaio
De um pacto social, da lei primeira,
Clara expressão de universal vontade,
Que de todos ao bem sujeita todos,
Que de um nas mãos, ou, se lhe apraz, de muitos,
Depositára executiva fôrça.
Eis a fonte das leis, do imperio a origem;
E nada mais teus calculos nos dizem
Em aureo estylo, mysantrópo illustre,
Pintor illuso do mortal que ignoras,
Pois ás brenhas da America não foste
Ver do contracto social a origem;
Foi so obra dos seculos. E quantos,
Quantos houve mister para que as luzes
Reconcentradas n'alma s'evadissem!
(N'alma as amortecêra a mão do crime,
Em grosseira ignorancia o homem tendo.)
Porêm qual fogo ardente, ou chamma activa,
Que nos veios reconditos da pedra
Occulta jaz, mas subito scintilla
Do rijo ferro ao golpe repetido;
Tal da humana razão o ethereo lume
Permaneceu per seculos sem brilho;
Mas era emfim razão, bemcomo é fogo
O sol indaque involto em pardas nuvens;
Do tempo a immensa successão de todo
As sombras desterrou; e a natureza

Com grande esfôrço os ferros despedaça.
Passa o homem do bosque á sociedade;
As precisões reciprocas soccorro
Pediram aos mortaes; e occulta fôrça
Irresistivel sympathia os laços
Da ventura commum com leis aperta:
E ja, não rude habitador das brenhas,
Nem surdo á voz da natureza, o homem
Sente do imperio paternal o jugo
Incognito atélli, pois se dos peitos,
E braços maternaes se desprendia,
Findava a dependencia, amor findava,
Ia ao longe buscar pasto e guarida.

Foi da excelsa razão primeiro ensaio
A affeição paternal, e a lei primeira;
E na mesma caverna o esposo, a esposa,
(Dulcissima união!) co'os tenros filhos
Da humana sociedade a ideia mostram.
Do imperio ou reino o archétypo foi este.

A indústria natural se desenvolve;
De sêccas folhas, de quebrados troncos
A primeira choupana ao ar se eleva;
Das brandas aves o mimoso ninho;
Das feras o covil foi seu modêlo;
Contemplando o castor industrioso
Dos largos rios nas virentes margens
Formando habitação, ergue a morada,

E aperfeiçoa mais commodo alvergue;
Das ferteis plantas espontaneos fructos,
Olhando ao perto a prόvida formiga,*
Para a quadra opportuna ajuncta e guarda.

Salve, primeiro braço, que intentaste
Rasgar o seio da fecunda terra!
Obedeceu-te a natureza, e veste,
A teu aceno formosura estranha.
A tam nobre suor agradecida,
Do maternal regaço entorna em ondas
Seus fructos e seus dons, que os votos enchem
Do ja não fero agricultor primeiro.
Salve, feliz mortal, tu so de estatuas,
Tu foste digno so de nome e fama:
Chame-te Osiris ** fabuloso Egypto,
Ou Triptolémo a Grecia aduladora; ***
Fosses quem fosses tu, digno es por certo
Do respeito dos seculos, mais qu'esses,
Que fizeram gemer, curvar co'o pêso
De imperios vastos a mesquinha terra!

Per degraus mais e mais a indústria cresce:
A sebe fecha os campos, defendidos
So das feras então, depois dos homens;

* Veja-se a primeira fabula de J. La Fontaine.
** Filho de Jupiter e de Niobe.
*** Filho de Celéo, rei de Eleusis e de Metanire.

Quando avareza vil, cubiça insana
Quiz dar jus á rapina, e jus á fôrça,
Fundando o imperio da razão nas armas.
Das várias estações ja sente a volta
Cultivador sagaz, reflecte e segue
O passo igual da natureza activa.
Brotam das plantas fructos espontaneos,
A indústria os amacia, os multiplica;
Crescem as precisões, e a luz recresce
Frouxa, debil téalli, de humano ingenho.
A doce agricultura, o brando armento*
Foi da indústria mortal primeiro emprêgo;
Assim nos falla oraculo divino!
Hobbes ** profundo, e triste embora diga
Involto em sombras, que o primeiro estado,
Ou primitiva condição dos homens,
Fôra so dura guerra e roubo e morte.
Onde tudo é commum, communs os fructos:
Era ignota a vaidade, ignoto o luxo.
Dava a terra o sustento, e hirsutas pelles
De extinctos animaes davam vestido.
Os raios accendeu da injusta guerra
O deslumbrado idólatra da glória;

* Gado grosso e vacum. Usou d'este termo Sa de Menezes, na sua Malaca:

Qual pelo prado vagaroso *armento*,
Segue o suberbo touro não domado.

** Auctor philosopho inglez.

Quanto distante da innocente vida
De ingenuo agricultor! Pesou no mundo
Desmedido podêr de Assyrio imperio!
Então louca ambição, cubiça infausta,
A torpissima fronte aos ceos alçaram;
A espada então foi lei, direito a fôrça.
Hobbes profundo, triste, erraste, erraste.
De Genebra o philosopho * comtigo
O fio despedaça, e áquem se fixa
Do ponto onde começa, onde eu diviso
A progressão moral do ingenho humano.

Eis véem da sociedade as artes uteis;
O acaso de um volcão no extincto seio,
Em cuja boca seculos cahissem,
Pará apagar de todo o activo incendio
Foi descubrir metaes! Funesto encontro!
De um raio, ou de um volcão roubando o fogo,
Sôbre alizada pedra o ferro estendem.
Ah! miseros mortaes! Não foi por certo
A cortadora lamina fulgente,
O rígido pavez, e a brava chuça,**
Primeira producção da indústria vossa;
Foi pesado alvião, foi lizo arado;
Este do ferro primitivo emprêgo.

* J. J. Rousseau.

** Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças *bravas*.
CAMÕES.

O seio se rompeu da meiga terra,
Em pouco se cubriu de louras messes;
E no empinado outeiro ao sol opposto,
Os vicejantes pampanos s'enlaçam.

Éstas da idade d'ouro as artes foram.
Nunca os humanos outras estudassem!
Nem passaria o Grânico Alexandre,
Nem fôra Augusto fulminar no Euphrates.
Inda existíra Arbella, e erguêra Tyro
Das azuladas ondas a cabeça.
Nos campos de Pharsalia, abrindo os sulcos,
Nunca topára o lavrador co'os ossos *
Do orgulhoso Romano que disputa,
N'uma batalha so, do mundo o throno.
Nem fôras Magalhães, n'um fragil pinho
Buscar n'um mar ignoto a glória, a morte.
Inda existiras, Mexicano imperio!
Souberas, Indostão, que havia o Tejo,
Sem d'elle ver o ferro, e heroes da guerra.
A natureza em primitivo estado
De seus fructos, seus dons, e seus thesouros,
Pompa frugal fazia, então singelo

* *Scilicet et tempus veniet, cùm finibus illis*
Agricola, incurvo terram molitus aratro,
Exesa inveniet scabrá rubigine pila,
Aut gravibus rastris galeas pulsabit inanes.
Grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.
VIRGILIO, Georg. liv. 1.

Era o sabor que as iguarias tinham.
Não manchava o mortal profana dextra
Dos animaes pacificos no sangue:
Á vida so bastava o fructo, a planta.
Não foi por certo do nascente mundo
Outro o ingenuo sustento, e so com elle
Se volvia mais pura a longa idade;
Nem conhecia a pallida doença:
Vinha a morte, qual vem tranquillo somno,
E cortava sem dor da vida o fio,
Antes que o duro cataclysmo ou golpe
Do braço vingador cubrisse a terra
De um sem limites turbido Oceano,
Que as ondas arrojou sôbre escarpadas
Altas cimas de inhospitas montanhas;
Desatados em chuva os turvos ares
Ao mar, sem freio ja, dobraram furias:
Miseranda catastrophe do globo,
Que inda os vestigios lastimosos guarda!
São pregões do diluvio essas, que esconde
Marinhas producções no seio a terra;
Não successão das epochas e estados,
Porque em milhões de seculos passára,
Como dizes, Buffon* este arrancado
Á gran' massa do sol planeta nosso.
Antes do horrendo universal castigo,
Os ingenuos mortaes contentes viam

* Eximio naturalista francez.

Correr a longa idade alheia aos males
Que ora tanto o periodo lhe encurtam;
E vagarosamente as Parcas duras
Iam fiando seculos Titonios,
Ou dias d'ouro do nascente mundo.
Agora saciada a cega fome
Co'a carne e sangue de animaes extinctos,
Mais prompto o fado vem, e asinha * a morte.

Ligeira se mudou do mundo a scena,
Qual dava e quer a ingenua natureza;
A mão do luxo abate a choça humilde,
Que, ou respeita, ou ignora o raio acceso,
E vai tirar dos montes empinados
Com sacrilego insulto as duras pedras:
Foi suberba, e não foi sonora lyra,
Quem fez chegar os marmores a Thebas, **
Não tem tal fôrça a fôrça da harmonia;
Foi so louca ambição, foi so vaidade,

* Este erudito auctor esparge per todos os seus poemas, com larga mão, novos, antiquados, compostos e latinos termos, sem lhe importar o que dirão os praguentos. Oh nunca a mão lhe doa! E continue sempre a desprezar censuras de leigos na materia. FRANCISCO MANUEL.

** Diz a fabula que Amphion edificou os muros d'essa cidade com o suave som de sua lyra. As pedras sensiveis a ésta melodia, per si mesmas se accomodavam em seus lugares.

Quem nas campinas do suberbo Euphrates
Quiz ir roçar os ceos com tórre immensa,*
E os raios accender na eterna dextra.
Então lisonja aos despotas sombrios
Da terra profanada eleva aos ares
As immortaes pyramides, que affrontam,
E até cansam dos seculos a roda**;
Pelas margens do Nilo, onde transpondo
O leito natural o Egypto innunda,
Vejo de espaço a espaço estes insultos
Feitos do tempo á mão, da morte á fouce.
Tirou so morte o movimento ao corpo,
Inda a fórma alli está, e existem mumias;
Inda, a favor do barbaro sepulcro,
A cinza quasi organisada observo.
Quanto dista a pyramide da choça!
O ingenho humano estende os horisontes:
Tudo no estado social se apura!
Sôbre as azas dos seculos as artes,
Como um rio caudal, na terra espraiam;
O Genio as leva ao término perfeito;
Os Phenicios primeiro se atreveram
A pôr á vista as vozes debuxadas,***

* A torre de Babel.

** *Sa masse indestructible a fatigué le temps.*
DELILLE.

*** *C'est d'elle*[1] *que nous vient cet art ingénieux*

[1] Phénicie.

E com signaes pasmosos a deixaram
Sempiternas nos olhos e memoria:
Certo, se haviam ja rudes choupanas
Transformado em dourados alizares: *
Da terra oriental déspotas muitos
Tinham sôbre oppressão fundado imperios,
Que o tempo devorou, deixando o nome
Nas permanentes paginas da história,
E a lembrança nos restos espalhados
D'essas vastas metropoles, que a areia
Cobre e descobre no confuso Nilo.
Sacro analysta do nascente mundo
Na sciencia symbolica, e nas lettras
Illustrado era ja, quando Erithreas
Ondas rasgou mysteriosa vara;**
Ja então sôbre os marmores estavam
Esculpidos os symbolos das artes.
Escriptura enigmatica mostrava

De peindre la parole et de parler aux yeux;
Et par les traits divers des figures tracées,
Donner de la couleur et du corps aux pensées.
BREBEUF.

Ou, como disse o grande Corneille:
C'est d'elle que nous vient le fameux art d'écrire,
Cet art ingénieux de parler sans rien dire,
Et par les traits divers que notre main conduit,
Attacher au papier la parole qui fuit.

* Guarnições de madeira nas portas e janellas.
** A vara de Moysés.

Da terra o vasto gyro, e as leis dos astros,
Proficuos utensis de agricultura,
Do tempo a successão, dos equinoxios
O constante periodo marcado.
E se na terra a medicina existe,
A serpe alli e os simplices estavam.
Da difficil sciencia, que os extensos
Tumultuosos máres avassalla,
E enlaça agora os hemispherios ambos,
Alli primeiro o archétypo s'admira.

Tanto estender o circulo das luzes
No estado social o genio pôde!
Foi correndo da rustica choupana
Per gradações sem número ás suberbas
Muralhas de Babel, de Tyro ao fasto,
E gigantescos porticos que aos olhos
De incredulo Volney* triste e confuso
Mostram na areia os restos de Palmyra,
Do Arabico pastor guarida apenas,
Que á sombra ingrata de lascadas pedras
Leva o tímido armento, e pastoreia
Na relva escassa o soffredor camello.

Mas o luxo dos reis, a glória, a fama
A que anhela o podêr, dos reis a pompa
Aos miseros mortaes lançou cadeias,

* Escriptor francez, que publicou uma obra intitulada: *As Ruinas*.

E fez servir á vaidade o genio.
D'estes ferros servís rebentam luzes;
Da Egypcia escravidão nasceram tantos
Monumentos das artes e sciencias
Que a Grecia depois viu, e agora Roma,
Se a terra onde s'ergueu de novo escava.

Oh portentoso Egypto! em ti contemplo
Em ti diviso e estudo a especie humana,
E me sei conhecer na origem minha,
No primitivo e social estado!
Primeiro agricultor, depois ouvindo
A interna voz da sábia natureza
Que une homens iguaes, qu'imperio outorga
Á lei que é voz de universal vontade,
Que á virtude dá prémio, ao crime a pena,
Que o privado intêresse ao bem de todos
Manda sacrificar. Em ti das artes
Ao templo excelso as bases se lançaram,
Em ti foram subindo, em ti de todo
No maior lustre os seculos as viram.
O Persa adorador do sol ou fogo,
Em ti religião buscou por certo.
De ti com armas de Sesostris * foram
Té do adusto Oriente á plaga extrema,
Onde o Chim se recata as artes todas.

* Este grande homem, per conquistas, subiu ao throno do Egypto, e obteve o primeiro lugar entre os legisladores té então conhecidos.

Das leis, dos cultos teus vejo os vestigios
Pelo vasto Indostão, pasmoso Egypto!
Do indagador á vista a natureza
Em ti mostrou primeiro o seio immenso
Da sciencia, que os ceos contempla e mede,
E segue o gyro dos fulgentes astros;
O astronomo Chaldeu de ti porcerto
As regras, o compasso, a luz obteve;
E onde suberba Babylonia aos ares
A frente alevantou, na estiva noite
Começou de volver ao ceo seus olhos.
Da vasta Thebas a muralha ingente
Deu a ideia a Semíramis dos muros,
Dos suspensos jardins qu'inda hoje à fama
Entre as do mundo maravilhas conta.
Do seio da opulencia e glória tua
Vasta imaginação desprega os vôos,
Em tuas obras immortaes a próva
Vejo do humano espirito sublime
Que o taciturno atheu rebate e chama
Um mais perfeito instincto, e mais activo
Que esse, que mostram brutos uniformes.
Meu ser é mais, é mais; lampeja um lume
Reflexo do immortal sôbre o meu rosto.
Tanta nos versos meus philosophia,
Tanta imaginação nos sons cadentes, *

* Aqui olvidou o auctor aquelles notaveis versos de Horacio na Arte poetica.

. . . . *An omnes*
Visuros peccata putem mea? tutus, et intrà

Não são de inerte mechanismo effeitos.
Meu estro me conduz á egypcia Thebas;
N'uma cidade um reino! abre cem portas
E aguerridos exercitos vomitam; *
Do seio á terra os porphydos se arrancam,
E o braço do mortal os affeiçôa
Em pedestaes, que solidos sustentam
Esfinges, bustos, respirantes bronzes.**
Aqui pasmado, attonito contemplo
Os restos, os signaes do immenso lago
Onde egypcio podêr depositadas
As aguas tinha do fecundo Nilo,
Que a falta íam supprir da natureza,
Se de montes incognitos a neve
Descoalhando-se ao sol não dava ao rio
Os que inda tem prodigiosos éstos.***
Este espantoso círculo parece

Spem veniæ cautus. Vitavi denique culpam;
Non laudem merui.

* Lançam, arrojam de si:

Postoque o paço altivo das suberbas
Portas não *vomitou* das casas todas
A grande multidão dos que saúdam
Logo pela manhan.

LEONEL DA COSTA, pag. 140.

** *Excudent alii spirantia mollius æra:*
Credo equidem, vivos ducent de marmore vultus.

VIRGILIO.

La toile est animée, et le marbre respire.

VOLTAIRE.

*** Enchentes.

Ser obra so de artifice divino,
Não de indústria mortal e humano esfôrço.
A ferrea mão dos seculos vorazes
Não pôde inda (qu'injúria!) a massa enorme
Desfazer das pyramides suberbas!
Jaz Thebas em ruína, em cinza Memphis,
Jaz sôbre culto Egypto agreste Egypto;
E do sabio antiqoario a mão teimosa
Das incultas areias desenterra
Cem columnas de porphyro lascadas,
Restos de antigos porticos : um d'elles
Vale, ó Roma immortal, tudo o que a furia
Do Godo assolador em ti deixára,
E se acabou co'os Wandalos do Sena; *
Montão de estragos, templos sôbre templos
De teus monstros, teus reis, vaidade e luxo.
Voluveis grãos de tórridas areias
De Amasis, Meris e Sesostris cobrem
Aureos palacios, e suberbas torres;
E as immortaes pyramides disputam
Ao mundo a duração ,** phanaes eternos
Entre a sombra dos seculos plantados,
Per cuja cima o tempo apenas roça,
Voando de contínuo as ferreas azas.

Tiveram perfeição no Egypto as artes,

*Os Francezes.

** Ésta mesma ideia acha-se reproduzida duas vezes.

Declinaram por fim, por fim morreram;
Que a sorte em tudo dos mortaes é ésta!
So contra a lei da morte é quasi eterna
Da sapiencia a luz. As bases firmes
Da geometria ao templo se lançaram
No portentoso Egypto. A geometria
Abre da vasta natureza as portas,
E leva a seus alcaçares o sabio.
Com ella ao sol ardente eu meço o globo,
Com ella so podeste achar dos astros
As sempiternas leis, profundo Kepler; *
E com ella o philosopho se lança
Na immensa ellipse excentrica do triste,
Inda incognito a nós, cometa errante.
Se eu geómetra sou, não é por certo
Isto que pensa em mim, materia inerte;
Sem ti no templo da philosophia
Não queria Platão que temerario
Entrasse o ente pensador! Tu mostras
As leis que observa em movimento o corpo
Ao martyr Galileu: Buffon comtigo
As epochas marcou da natureza,
E nas mãos os pinceis tu lhe ensopaste
Com que animou prodigiosos quadros.
Descartes so comtigo o gyro aos astros
Dentro dos leves torbilhões signala:
No cahos da catóptrica tu foste

* Astronomo alemão.

Quem o trilho da luz lhe marca e mostra.
Sem ti Newton que fôra? E quem Lalande*
Quando da terra levantado espia
Globos a mais a mais no espaço immersos?
Ao lado vais de Condamine; e sôbre**
O levantado Chímboraço lança
Aos pólos e equador profundas vistas,
E d'este nosso domicilio, a terra,
Mostra atélli a incognita figura.
Tu do arduo Apenino entre os cabeços
Meditabundo Bóscovick *** conduzes;
Comtigo tira a portentosa linha
Que marca, e determina, e mostra aocerto
As annuaes variações da terra
Em seu moto veloz do sol emtôrno.

Comam embora os seculos vorazes
Os meditados calculos, as linhas
Do extatico Apolonio: **** aureo compasso
Abriste a Viviâni; ***** oh maravilha!
Risca, mede, calcúla, inventa e acha
Quanto ao grego geómetra faltava;
Quando acaso feliz nos desenterra

* Astronomo francez.

** Um dos mathematicos francezes que foram ao círculo polar, e á grande cordilheira na America-meridional, determinar a figura da terra.

*** Mathematico raguzano.

**** Geómetra egypcio.

***** Mathematico florentino.

D'entre barbaro po volume antigo
Os assombrados seculos admiram
Da Oenotria terra no profundo sabio
Quanto o grego philosopho escrevêra!
Tu somente ao Geógono demostras
Quanto sôbre o nivel de extensos máres
Se levantem ignívomos cabeços
Que da atmosphera nos limites guardam
A labareda na espantosa cima,
E na fragosa espádua a neve eterna,
Quaes Bridone foi ver no Etna abrazado*.
Comtigo ao lado seu piloto insomne
Per entre as sombras da fechada noite,
E n'um mar de escarceos cuberto e cheio
A ver um mundo antípoda seguro
Leva o fragil baixel e observa os astros.
Até comtigo em pelago profundo
De sombras metaphysicas se lança
O lusitano hebreu; e errando é grande!
Tu d'alma racional pura substância,
Tu da nobreza de meu ser és próva!

Da sapiencia os luminosos raios,
Quaes os raios do sol no ustorio espelho,
Com maior fôrça reverberam n'alma;
O mortal se descobre, e se contempla
Ao clarão d'ésta luz; dentro em seu peito

* Verso duro.

Da voz do omnipotente escuta os echos,
Que tu, revelação, que tu fizeste
Depois mais claro ouvir; voz que lhe intíma
A lei que uma so vez dictara o Eterno;
Constante lei da natureza é ésta,
E nunca opposta á voz da sapiencia:
D'ambas teem sido unísonos os brados.
Ella as paixões indomitas enfreia,
Entre o bem e entre o mal limites marca,
Do honesto e justo as raias assignala.
Ella a espada firmou nas mãos de Themis,
E lhe equilibra imparcial balança.
Digna sciencia so do estudo humano,
Que liga a terra aos ceos, e os ceos á terra,
Que á ambição delirante á vil cobiça
Açaima a furia, os impetus reprime.

Quanto póde atinar mesquinho humano
Co'as sendas da verdade e da virtude
Antes que a luz do ceo baixando ao homem
As densas trevas d'alma lhe espancasse,
O Egypto possuiu; foi este o berço
Da sapiencia que na Argiva terra
Ao fastigio chegou, como inda admiro
Dos sabios seus nos immortaes volumes.
Grande no Egypto foi, maior na Grecia
Se descobre o mortal; e aqui mais nobre
Eu contemplo o meu ser. Novo Anacharsis
Co'o pensamento rapido passeio

Do divino Platão nas aureas salas,
E de Epicuro nos jardins viçosos,
Á sombra vou do portico da Estóa;
Ja de Academo * nos vergeis me embrenho,
De mim se apossa vivo enthusiasmo,
Foge a sombra dos seculos, e paro!
Eis banhado de luz na Grecia vejo
O vasto mar da humana sapiencia!
Da etherea, da immortal substancia d'alma
São próva as producções da Grecia docta;
Não é dado ao mortal subir mais alto;
Tudo alèm d'este ponto é cego abysmo:
Intransgredivel méta ao ser pensante
O Eterno assignalou. Cook atrevido
Assim do clima austral rompendo o seio
Parou, retrocedeu co'o lenho ovante,**
Quando de eterno gêlo e sombra eterna
Barreira insuperavel se lhe antolha.

No pelago ideal do *bello* engolpha
O extatico Platão, sua alma, e chega
Dos entes todos á fecunda origem;
N'ella conhece um Deus, quanto sem sombras
Dos mundos no espectaculo se mostra.
Parte do veo que involve a natureza,

* Philosopho atheniense.

** Triumphante: é propriamente o latino *ovans* participio presente do verbo *ovo*, transportado per Camões para o idioma. É mui significativo e sonoro.

Aosolhos de Aristoteles se rasga,
E mais além do perystilo póde
Do grande templo entrar: nem dado a elle,
Nem dado a ti, geómetra britanno,
Foi descubrir o sanctuario augusto.
Aomenos foi o genio de Estagyra
Achar um fio ao cego labyrintho
Do humano intendimento. Ó Locke, é este
O phanal que te guia, é teu modèlo!
Aos ceos se lança e conta os meteóros;
O quadro se debuxa, e a causa ignora,
Como vós todos a ignorais ainda,
Philosophos do Sena, Arno e Tamiza.
Nas trevas metaphysicas descobre
A pouca luz que a anályse nos mostra,
A ás luzes philosophicas ajuncta
Energico pincel que exprime ao vivo
Quanto Buffon nas paginas divinas
Ao mundo depois deu, e á eternidade.
Leis aos vates dictou (se ha leis ao estro
Que o homem leva além da esphera do homem)*
Pelas veredas da razão dirige
O dom maior que a natureza outorga
Do humano affecto a despota eloquencia.

* Que bellos commentarios não fariam a estes dous versos alguns grammaticões, e perluxos philologos! mas eu tenho, que para o estro poetico e o gòsto, são nullas todas as leis.

Expurga o coração, fórma os costumes;
Quanto diz a Nichómaço é grandeza,
São timbres, são brazões da especie humana.
Inda agora ser árbitro da eschola
De Peripáto o genio merecêra,
Se não embaciasse arabe fumo
A grega e dura luz do texto intacto;
Qual desejaste, ó gran' Policiano, *
A sinuosa logica dictando
Á assombrada Florença, á Italia, ao mundo!
A moral co'a politica enlaçaste,
Immortal Phocião, aos reis dizendo
Que so tem bases na justiça o throno.

O moto vário dos rotantes globos
Encontra Philolau:** e elle o primeiro
Que o sol, astro central, declara immobil.
Nas luminosas trémulas saphyras
Que recamam da noite o veo sombrio,
Descobre ardentes sóes, descobre centros
De mil ignotos planetarios mundos.

Em quanto vai nas solidões do espaço
Té no infinito se perder, Cleanthes ***
Dá mais uteis lições, virtude inspira;
(Respeito o varão justo, admiro o sabio)

* Sabio toscano.
** Philosophico pythagorico.
*** Philosopho grego.

Doctos fórma Platão, Socrates probos,
E julga um crime a preferencia dada
Á fragil vida sôbre o pejo e honra;
Da virtude foi victima, e colloca
Nos mores bens da natureza a morte.
Da fonte da sciencia as artes brotam;
So conhecemos pelo nome Athenas;
Existe em seu logar mesquinha aldeia,
Que o feroz Ottomano ignora e piza:
Beija apenas com lagrymas Delille
Involtas d'hera e po lascadas pedras
Do templo de Minerva inuteis restos.
Mas vives, vivirás, Meonio vate;*
Sábia Athenas é po, Corintho é nada,
Eterno vai teu canto, e nos teus versos
Vais disputando a duração c'o mundo.
Quanto seja o mortal inda hoje móstras;
Teus quadros, teus pinceis respeita o tempo.
Entre o medonho estrepito das armas
Ao Macedonio heroe prendeste os olhos.
A teu sublime ingenho a natureza
Sem veos se mostra e desabrocha o seio;
Tiveste bustos, inscripções e templos,
Cidades sette o berço te disputam;
Por que és seu filho, a Grecia ind'hoje é grande;
Dou-te maior brazão, verteu-te um Pope! **

* Homero.

** Alexandre Pope traduziu da lingua ingleza a

As azas pelo espaço ind'hoje vejo
Que altisonante Pyndaro* sacode;
Não longe d'elle vão transpondo os tempos
De Mitylene os inclytos alumnos:
Alceu que os hymnos immortaes entoa,
A desditosa Sapho **, amor das musas,
De um desgraçado amor victima infausta.
Com fluctuantes roupas magestosas,
Com torvo aspecto, na sanguinea dextra
Com buido punhal, sombria e triste
Levanta a voz d'Eurípides *** a musa;
Pinta o fado dos reis, da sorte os golpes:
E das paixões tumultuante imperio.
Festival Aristophanes **** debuxa
Os vicios e os baldões de indocil vulgo,
Té dos sabios o orgulho e as vans ideias:
Treme a seu riso amargo ind'hoje o vicio.
Luzes, trovões, relampagos brilhantes
Da boca facundissima desfecha
Assustador Demosthenes ***** e salva
Do precipicio a patria vacillante.

Iliada em verso; toda a Inglaterra subscreveu para a impressão, e obteve mais de cento e vinte mil cruzados.

* Poeta lyrico grego.
** Poetiza grega.
*** Tragico grego.
**** Poeta comico atheniense.
***** Orador atheniense.

De mêdo enfiam despotas tyrannos;
Rebate de Philippe a espada, as furias:
So d'estes louros a eloquencia póde-
Cingir, ornar victoriosa frente.
Se em collossal architectura excede
O fabuloso Egypto á Grecia docta;
Ésta o vence no gôsto e na belleza.
De Corintho os cinzeis respiram vida,
Animam bronzes que o guerreiro indocto
A cinzas reduziu; (não foste ó Mummio *
Filho do Tibre aqui!) Zeuxis, Apelles **
Rivaes da natureza, aos olhos fallam
Na portentosa poesia muda.

Tanto a esphera mortal s'estende e illustra
Entre o grego saber!... Como em pulidos
Crystaes que uniu Buffon do sol a chamma
Reverbéra mais forte activa e clara,
Da avassallada Grecia assim ressurte
No vasto imperio da potente Roma
Luz, que espalhou revérberos mais vivos.
Nas duras artes da sanguinea guerra
Roma a Grecia excedeu; e excede a Grecia
Nas artes divinaes que a paz fomenta.
Voaram pelo globo altivas aguias;
A Lusitania as ve, o Hydaspe as teme,

* Consul romano, que trouxe a Roma muitas estatuas, e outras preciosidades gregas.

** Famosos pintores gregos.

Chegam do Elba á foz, do Nilo á fonte.
Onde Roma fulmina o estrago, a guerra,
Das sciencias co' a luz e imperio chega.
Qual dos guerreiros seus na excelsa fronte
Co'as triumphantes mãos não prende e ennastra
Os verdes louros de Minerva e Marte?
Quando a espada depõe, sustenta a penna
O immortal Scipião *; se lança os ferros
Ao vencido Perseu **, d'entre os despojos
So Paulo Emilio*** quer das doctas artes,
Da sciencia os depositos, aquelles
Volumes que Platão sagrára aos evos.
Quem ha que opponha a Tullio**** a Grecia, o mundo?
Tullio o maior brazão da especie humana!
Tu mesmo, ó vão Lucrecio*****, e tu, Vanini,******
E tu que igualas o mortal á planta,
Que instincto no mortal so ves dos brutos,
Ó La-Metrie******* phrenetico, contempla,
Ve se a materia combinada póde
As grandes obras produzir d'um Tullio!
Reúne de Demosthenes o genio
Ao genio de Platão e Estagirita,

* Consul romano.
** Rei de Macedonia.
*** General romano.
**** Orador romano.
***** Poeta latino.
****** Atheu italiano.
******* Medico philosopho francez.

Se é profundo Epicuro *, inda mais entra
Da natureza no sacrario immenso:
Se de consul a púrpura arrastrando,
Magestoso na voz, no gesto augusto,
Nas mãos de Themis encadeia os raios,
E os infiados reos salva da morte;
So dobra o coração do invicto Cesar,
Se á patria dá Marcello, ao mundo o justo
Mais que Aristides **, virtuoso honesto;
Se ao feroz Catilina *** o crime afeia,
O imperio firma e liberdade a Roma:
Nem Górgias **** nem Pericles ***** contemplaram
Tanto dos labios seus pendente o mundo!
Màs inda mais em Túsculo o respeito.
E s'entre os labios de Theophrasto ****** tinham
Deposto o favo as atticas abelhas
Com brando eloquio ******* amenizando austeras
Veredas da razão; se luz profunda
De Xenophonte ******** nos escriptos brilha;
Ambos excede Tullio, e excede a todos
Quando entre heroes e consules disputa;

* Philosopho grego.
** General Atheniense.
*** Celebre romano.
**** Orador siciliano.
***** Illustre atheniense.
****** Philosopho grego.
******* Eloquencia; do latim *eloquium*.
******** Escriptor grego.

E sóbe onde inda além não póde agora,
Sôbre as azas dos seculos levada,
Remontar-se, subir philosophia!

Na progressão do que é perfeito nunca
O ser humano se suspende e pára.
Eu vejo após um Cicero, de Nero*
O generoso mestre, o sabio, o forte:
De Zeno, de Xenócrates ** austero
Alumno, e vencedor no ingenho e vida
Mais sublime que Socrates *** na morte:
Recebe o vaso da cicuta, e cala
Profundo Phocião; Seneca **** entorna
O quente sangue das rasgadas veias;
Tem ja no rosto a morte, inda disputa,
E entrando nos umbraes da eternidade
Demonstra que é ventura o golpe extremo.
Tullio me assombra, sim, mas tu me ensinas,
Ó dos estudos meus sublime emprêgo:
Tudc o que sou te devo! E se a fortuna
Avara para mim, risonho encaro,
Se muito abaixo da voluvel roda
Existo por estado, e muito acima
Por coração magnanimo me elevo,

* Imperador romano.
** Philosopho grego.
*** Philosopho atheniense.
**** Philosopho romano.

Se os bens, se os males seus desprézo e pizo,
Se as solidões da Libya e o Tejo ameno
São para mim morada indifferente;
Se com semblante igual me vira o mundo
Ou n'um profundo carcere, ou n'um throno,
Se os mesmos ceos descubro em toda a parte,
Se em toda a parte pizo a mesma terrà,
Se descubro no escravo e no monarcha
Um individuo so da especie humana;
A teus escriptos immortaes o devo:
Á mente luz me dão, valor ao peito.

J. A. de Macedo, *Meditação.*

A CREAÇÃO.

Quam longe estou da terra! Eis se esvaece
Engolphada no ar... Enthusiasmo,
Pára, detem-te aqui... admira um pouco
Ceo que outro ceo circunda, e todos cheios
De immensa luz, revérbero brilhante,
Que outros sóes fulgentissimos derramam.
Inda me alongo mais; rapido vôo
Mais que a fuga do rapido cometa,
Me leva pelos ceos onde não chega,
Nem fugindo per seculos, um raio
Do fulgurante sol. Do espaço eu toco
A extremidade incognita aos humanos,
Onde a luz desfallece, onde se perde
De orgulhosos philosophos o estudo.
A congerie dos ceos, dos sóes, do todo,
Um ponto se me antolha e brilha apenas;
Qual aeronauta ve d'além das nuvens
Assomar no horisonte a argentea lua
Toda involta no eclipse, em veo sombrio.
O que espaço não é, nem é materia
Além do immenso circulo dos mundos,
É throno, onde se assenta eterna causa.
Eis o Deus que a Moysés inspira, ensina,

Auctor da natureza, auctor de tudo;
Aos degraus de seu throno a fe se eleva,
Vai da razão seguida humilde e muda;
Philosophia é so docil escrava
Da luz que revelada illustra os homens.
Sôbre um throno immortal preside, existe
O que existe per si: seu nome soa;
Ergue-se Newton, curva-se a seu nome.
Sem Deus em quem repouse o homem se perde.
A creação mysterio impenetravel
Ficará para sempre á mente humana.
São confusas hypotheses, problemas
Tudo o que Roma disse, e ouvíra Athenas.
Sôbre as ruínas das sciencias todas
Alça a voz um propheta, e explica tudo:
(Oraculo immortal minh'alma abastas!)
« Creou Deus no princípio os ceos e a terra. »
Mortaes, eis a verdade; o mais... delirio.
Não rompe o intendimento a sombra escura
Do nada onde o senhor continha os entes;
Da confusa razão fragil compasso
Não póde medir tanto. Amaina as velas
O vogante baixel da intelligencia
Quando, ao chegar dos terminos prescriptos,
Co'este immenso Oceano entesta, e pára.
Um Deus assim fallou; de um Deus que falla
Em prodigios sem fim descubro as próvas.
Se repugna á razão materia eterna,
Um Deus lhe deu princípio, um Deus a chama

Do nada; e repentino o nada é tudo.
Na perenne fluxão da eternidade
Deus um ponto marcou; e existe o mundo.
E, se do immenso espaço a essencia ignoro,
Deus o espaço formou; ja n'elle os astros
Á voz do eterno Auctor scintillam promptos;
O moto lhes prescreve; a lei lhe escutam,
E nas prescriptas orbitas se movem,
Té que á voz do immortal suspenda o tempo
As, que teve até agora, immensas azas.
Chama as constellações; no espaço brilham,
No logar que lhes deu inda hoje existem.
Arde aqui Berenice, alèm nas frias
Plagas do norte as Ursas* não banhadas
Nas inquietas ondas do Oceano,
Phanaes que estão mostrando o pólo aos olhos
Do navegante intrepido nas ondas.
Na parte opposta a fúlgida coroa
Pelo antarctico ceo fulgura accesa.
Manda surgir zodiaco brilhante;
Eis subito apparece e traz no seio
Globos, astros de luz, e á voz suprema
Pelo espaço s'estende, o espaço cinge
No portentoso círculo que fórma;
Doze porções iguaes marcam seus signos,

* Vimos as *Ursas*, apezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

CAMÕES, Lus. cant. v. est. 15.

Per onde os olhos crêem que o sol brilhante
Absolva a regular supposta marcha.
Ao longe os claros ceos, ao longe o espaço
Mil thesouros de luz guardam no seio;
Porêm a terra opaca inerte e fria,
Do sol, astro central, inda não sente
O fogo animador, clarão suave
Que fórma o dia, o mundo afformoseia.
Eis chega o quarto instante; o sol scintilla;
Traz n'uma nuvem d'ouro a frente involta;
A nuvem se rasgou, mostra-se o mundo.
No firmamento subito se espalha
Nova luz, nova pompa; ao longe os globos
Formam emtôrno d'elle o gyro eterno,
Que incessante produz a opposta fôrça.
O sol os chama a si, do sol se apartam,
E assim descrevem regulares curvas.
Aos desertos do espaço a ellipse estende
Este, e gyrando vai frouxo e tranquillo;
Outro quasi involvido, e quasi immerso
No gran' disco do sol se mostra aos olhos.
Entre elles corre a terra escura e triste,
As leis universaes dos globos segue
Que obedecem ao sol, qual centro e foco:
No vário moto seu fórma as diversas
Fecundas estações; constante volta,
Que é brado da existencia, é próva eterna,
Que um saber immortal preside ao mundo.
Do seu amor, da providencia sua

Foi o globo da terra objecto e termo.
Em grandeza ou volume a vence Urano;
É menor que Saturno e inda que Jove,
Que de claros satéllites se escoltam;
É maior o clarão do indocil Marte,
Do pensativo astronomo tormento.
So parece menor Mercurio e Venus;
Mas assim mesmo escura os ceos a invejam.
Deus a manda surgir, e é massa inerte,
É d'aspecto uniforme e muda e fria;
Mas á voz do Immortal se esparge a vida;
O seio se lhe rasga, o mar fluctúa;
Da plana superficie os montes sobem;
Alguns co'a fronte altiva as nuvens rasgam:
D'outros borbulham crystallinas fontes,
Que, pouco a pouco em rios engrossadas,
Vão fugindo da terra aos turvos máres.
No revolto Oceano, ond' hoje as ondas
Furiosas mugindo aos ceos se lançam,
Quaes montanhas d'espuma ond' hoje os ventos
Como implacaveis déspotas pelejam.
A paz então reinou; zephyros meigos,
Pelos ares subtis equilibrados,
Da líquida campina a face encrespam.
Conduz seu doce assôpro as salsas ondas,
Tocam brandas na praia, e brandas fogem.*

* Note-se como a poesia n'estes versos dá corpo e vida a tudo!

Do rei universal dos seres todos
É nua a habitação, nenhuma pompa
Nenhum manto suberbo a enroupa e veste :
Ella mesma o produz ; o Eterno o manda.
A fôrça vegetal se desinvolve
De um verde perennal se arreia* e cobre:
De fresca relva os campos se tapizam ;
E subito rompendo as brandas flores
Ao ar elevam calyces mimosos,
D'onde incantados halitos derramam.
Ondeiam sem cultura as louras messes,
De plantas collossaes se cobre o monte,
Alça entr'ellas a coma o cedro altivo,
Cruzam-se, enlaçam-se os virentes ramos,
Formam tufado bosque e a sombra entornam,
Asylo ao pensador, asylo ao vate.
Menos suberbas árvores se cobrem
Entre flores gentis de opímos fructos,
Que prestes colherão seres mais nobres.
Eis a terra fecunda, eis os thesouros

* Atavia, adorna, enfeita, etc. Algumas pessoas, pouco versadas em nossos classicos, tacharam este verso de indecente em poema serio. Bem serios são os Lusiadas, e todavia Camões escreveu :

Escandinavia ilha que se *arreia*
Das victorias que Italia não lhe nega.

E Sa de Menezes na Malaca :

..... Flores, com que a Aurora a fronte *arreia*.

Que no immudavel germe inda persistem.
Surge maior prodigio ; os ceos risonhos
Divísam nova scena, objectos novos.
Eis de seres organicos se cobre
A fecundada terra ; eis nova vida
Nos espontaneos movimentos mostram :
A fórma é vária, o número infinito.
A formosura, o talhe, o gesto... assombram !
O suberbo quadrupede campeia,
E bate a terra, e corre impetuoso.
O ignorado reptil seu corpo arrasta
Em complicados tortuosos gyros.
Brandas aves no ar se agitam ledas,
E se equilibram nas voluveis azas;
Do nativo elemento o imperio deixam,
E a mais extenso flúido s'entregam.
Segue-lhe o vôo ao longe o insecto alado,
Bemcomo flor que os zephyros despregam;
Insano atrevimento! Eis cai prostrado,
De nada vale a côr que as azas vestem !
O mar profundo e vasto os peixes cortam;
Numerosos exercitos de seres
Das ondas cidadãos, na especie vários.

Entre os entes organicos, que tomam
Logar que a lei na creação lhes dera,
Inda aos ceos não dirige a fronte augusta
Humana creatura ; inda debalde
Pelo terreno alvergue os ceos fitavam

Avidas vistas que o monarcha buscam.
Eis subito apparece, e sôbre o globo
Movendo magestosamente os passos,
Seu póder annuncia, e sceptro empunha:
Na frente ingenua e livre um raio assoma
Da substancia immortal; resurte viva
Dos olhos seus celeste intelligencia:
Pelos labios de purpura desliza
Doce brando surriso: os entes todos
No mortal pensador seu rei conhecem,
Traslado é do Senhor e imagem sua;
Feliz se o não levasse atroz suberba
A querer ser rival! Nunca descêra
Do solio á escravidão, do sceptro aos ferros!
Ethereo sôpro a máchina dirige,
Assôpro animador simples e activo:
Produzido uma vez eterno existe;
Pensa, prevê, recorda-se, reflecte;
N'um ponto sobe aos ceos desce n'um ponto:
Cogitação perenne essencia é sua:
Imperceptivel laço ao corpo o prende;
Na mesquinha prisão rasteja o Eterno,
Té que sôlto uma vez retorne aos astros.
Tal foi do braço do Motor eterno *
Extrema producção, e último esmêro.

* A palavra *eterno* está tres vezes repetida n'ésta pagina.

Na grande maravilha um Deus conheço,
O quadro do universo o mostra aos olhos;
Verdade revelada as sombras vence
Que o circonscripto intendimento ennoitam.
Tudo reclama um Deus, tudo o publíca,
E desde o berço ao tumulo do dia,
A terra, o mar, os ceos, bradam que existe.
Deu leis á natureza, e as leis subsistem.
Materia, espaço, movimento e tempo
Pende do aceno seu. Co'a voz somente
Tirou do nada a máchina do mundo;
Invisivel, presente, abrange o todo:
É sua duração a eternidade.
D'este círculo immenso o centro é tudo,
E os limites s'escondem no infinito.
Produz a seu sabor a tempestade,
Do mar amotinado enfreia a sanha;
E seus decretos immudaveis guíam
Do raio estragador rodeio e golpe.
De seu imperio á voz, morrem, renascem
O dia, a noite, as estações, os annos.
So elle esmalta nos viçosos prados
A tenra flor, encurva e doura as messes.
Elle no rico outomno aos doces fructos
Perfeita madurez, sabor reparte.
Desde o vasto elephante ao verme humilde,
D'aguia volante ao paludoso insecto,
Tudo consegue movimento e vida,

Ou tudo se confunde, acaba e perde :
Se elle um aceno faz, se a fronte inclina,
Se o sobrôlho carrega, os montes fumam,
Inflammam-se os volcões, vacilla a terra.
E se a face serena ao mundo amostra,
A pintura dos ceos se aviva e brilha.

J. A. de Macedo, *Meditação.*

O CASAL DO LAVRADOR.*

Quando os homens errantes, como as feras,
Dos fructos do carvalho se nutriam;
Quando, de um arco e settas sempre armados
Viviam de seguir pelas montanhas
As indomitas feras, ou co'as redes
As aves em ciladas apanhavam,
As gruttas, as cavernas contra as chuvas,
Contra os ventos crueis e contra as neves
Eram o seu abrigo; sem cuidado
Sôbre o futuro, á nutrição de um dia
Votavam d'esse dia o so trabalho.

Errantes na extensão dos frescos prados,
Mais pacificos sob as leves tendas,
Os primeiros pastores se abrigaram,

* Relativamente ao poema, de que extractei estes lugares, eis o que o Snr. C. X. escreveu nos Annaes das sciencias, das artes, e das lettras, impressos em París:

« Este poema nos parece recommendavel pela facilidade da composição, correcção e movimento do estylo, exacção das ideias, clareza dos preceitos, viveza e verdade das descripções, e ligação natural dos episodios com a materia. »

Sem ter fixa a morada, o tempo, os pastos;
O int'resse dos rebanhos tam somente,
Os movia a acampar e a retirar-se.

O cultor, obrigado a viver sempre
Juncto ao solo* que arára, a defender-se
Do rigor da estação, e a pôr seguras
Das injúrias do ar provisões ganhas
Com fadiga e suor, foi o primeiro
Que levantou asylo permanente.
Fixando em terra despojados troncos,
Enlaçando-os com mais flexiveis ramos,
Uma cabana ergueu, aonde o colmo
Cobriu filhos e esposa: ás mesmas rêzes
Um abrigo erigiu; mas bemdepressa
A chuva, o vento, o tempo inexoravel
A fraca habitação lançou per terra.

Desde então os humanos trabalharam
Em cimentar com massas pegajosas
As duras pedras, em formar paredes
E mais firmes asylos**.....

* Do latim *solum*, o chão, a terra:
Fica n'este meio a cidade Dofar, *solo* d'onde ha o melhor e mais incenso de toda ésta Arabia... BARROS, dec. I. liv. 9. cap. I.

** Ésta palavra ja se acha onze versos acima: além de *abrigo, habitação, morada,* inda o auctor podia servir-se de *acolheita, guarida, retiro,* etc.

De risonha collina em brauda encosta,
De Nayades saudaveis refrescada,
Vizinho a um solo* grato aos pomareiros
E grato aos hortelões, onde Pomona
E Vertumno floreçam com vantajem,
Ditoso te contempla se podéres
Da tua habitação lançar as bases;
Longe da vizinhança das lagoas,
Focos de corrupção, que o ar viciam:
Longe dos valles humidos e frios,
Onde um ar nebuloso pouco a pouco
Da vida diminue o lume escasso,
E o saudavel vigor aos membros tira:
Logares onde os tristes habitantes
Sôbre o pallido rosto impresso trazem
De um clima ingrato o desastroso cunho:
Onde os fracos mortaes languidos sempre
Não lhes é dado emtôrno á frugal meza
Ver assentar-se a prole numerosa,
Honra das cans, e da velhice amparo.
Foje tambem de um sítio aonde as fontes,
De lympha escassas, no calor do estio
Recusam aos rebanhos a bebida,
E ás hortas e pomares a frescura.

Exposições se encontram desabridas,
Que se devem fugir**, d'onde luctando

* Outra vez *solo*?...
** Repetição escusada.

Em viva guerra os indomados ventos,
Parecem desterrar a prole humana.
Alli as tempestades furiosas,
C'os troncos mais robustos investindo,
Os derribam per terra; alli no hinverno
Aquilão regelado, que assobia,
Fere, opprime o cultor, offende as rêzes,
E á morte certa o seu rebanho entrega.

Uma vez escolhido o logar proprio,
Com methodo começa os teus trabalhos.
De um pequeno cultor o pobre asylo
Não iguala dos ricos a morada.
Aquelle que pequenos campos ara,
Menor curral precisa e menor tecto,
Menos tendo a cubrir; porêm a ordem,
Boa disposição, util limpeza,
A singela elegancia, necessarias
São tanto á humilde choça dos pastores,
Como á morada do colono rico.
Cadaum proporciona na grandeza
Os edificios seus aos seus trabalhos,
Bemcomo ás producções das terras suas,
E um plano regular dirige o todo.

Ve com que ordem a abelha industriosa
De branda cera as cellas organisa,
Com que ordem juncto ás limpidas correntes
O castor seus asylos edifica,

Com que cuidado as aves amorosas
Entre os ramos das árvores copadas,
E no seio da terra as providentes
Formigas o sustento depositam
Em ordenadas covas resguardado. *

Quanto fólgo** de vèr*** os louros trigos,
Producto da cultura cuidadosa,
Em um limpo celleiro recolhidos;
Pelo ar conservada ao grão de Ceres
Seccura e fresquidão, com que elle folga;
Bem construídos branqueados muros,
Ao rato roubador impenetraveis,
Onde fendas não ha em que se abriguem
Os malignos insectos roedores;
De finas redes de tecido arame
As pequenas janellas guarnecidas,

* Bella applicação!

** Este verbo acha-se quatro versos abaixo.

*** Tambem o verbo *ver* está tres vezes n'éstas paginas. Porque motivo repete o auctor tam amiude os mesmos termos? (como póde notar quem ler todo o poema) é a caso por falta de synonymos correspondentes ás vozes de que usa? mas facil é substituir ao dicto verbo, os seguintes: *considerar, contemplar, divisar, enxergar, examinar, reparar,* etc. Que próva isto pois, senão a celeridade com que escreveu e imprimiu? E é este o estylo a que o Snr. C. X. chama *correcto?* Ah *nonumque prematur in annum,* quando serás seguido!....

Com caixilho int'rior de rala têa.
Que vedar possa á borboleta a entrada.
Se alli per varios tubos, té o meio
Do grão amontoado, o ar circúla,
Em perfeição guardados largos annos
Os trigos podem ser, sem que os ataquem
Funestos males que lhes poupa a indústria,
A indústria, mãe fecunda das riquezas.
Quantas vezes colheitas abundantes
De trigos e cevadas, que aos cultores
Dera um terreno grato e generoso,
Quantas, tenros legumes preciosos,
Producto de fadigas e trabalhos,
São a présa do rato malfazejo,
Chegam a corromper-se, ou devorados
N'um momento se vêem per mil insectos:
Do incauto colono penas justas!
Oh quanto irrita o ceo, fatal descuido
Que entrega á corrupção, que perder deixa
Bens ao sustento humano destinados!
Oh quantas vidas da miseria ás garras,
Poderiam roubar somente as perdas,
Que a van priguiça causa aos lavradores!

Do teu suor o prémio, o dom dos numes
Não exponhas portanto a anniquilar-se;
Mas, segundo os teus meios, ergue ao lado
Do tecto, aonde habitas, um celleiro
Em que segura tenhas a abundancia.

Dos palheiros alli tambem levanta
O reparado abrigo, aonde aquelle
Que attentamente cuida de seus gados,
Provisão guardará de palha e fenos,
Sustento necessario, e mais que todos,
Ao boi, como ao cavallo proveitoso.

Qual abelha raínha emtôrno á cella
Espaçosa e real, manda se formem
Per toda a parte os bem dispostos favos,
E d'alli rege o povo industrioso
Nos diversos empregos e trabalhos:
Em quanto parte, volitando* ao longe,
Extrahe o succo das cheirosas flores,
Parte prepara o mel e a cera branda:
Umas da nova prole attentas cuidam,
Ou mortos corpos do cortiço lançam,
E o resto, contra os zangãos conspirado,
Da colonia extermina um fardo inutil:
Tal, digo, o lavrador dos seus cercado,
Providente os trabalhos distribue,
Banindo o ocio da indústria imigo.
Além faz conduzir o mato ás covas,
E ás rêzes estender um novo leito;
Aqui faz padejar de um lado ao outro
O trigo no celleiro amontoado;

* Voar amiudo, voejar, etc. Vem do latim *volitare*.

Umas vezes percorre os seus palheiros,
E reparar os faz das frias aguas;
Outras, manda abrigar do tempo iroso
Os uteis instrumentos, que descançam.

Porêm * cauto, dos varios edificios
Em isolar cogita as varias partes,
Afim de prevenir do incendio o estrago.
Une da natureza a simples graça
Com as obras da arte. Oh quanto é doce
Aos olhos, descançar sobre a verdura
Das árvores viçosas, que interrompem
Aqui, alli, os muros branqueados!
Quanto agradavel a frescura e sombra
Das verdes copas no calor do estio;
Quando de um puro gaz os ares enchem,
E uma aura impura próvidas embebem;
Na primavera mil fragrantes flores
Ver pender em festões; no outomno os fructos,
Gratos ao paladar, colhêr nos ramos;
Attrahidos das árvores co'a sombra
Os mimosos cantores das florêstas
Véem alli fabricar os brandos ninhos,

* Os nossos bons poetas sempre evitaram começar uma narração qualquer com a conjunção *porém* no princípio do verso. Acham-se exemplos em contrário nas Georgicas, canto I. pag. 20 e 32; canto II. pag 59; canto III. pag. 88, 94, 109; e canto V. pag. 171, 180 e 185.

E mil concertos variados soltam
Emtôrno á casa, que o cultor hábita.

Em tam feliz asylo, amada Nize,
Ve na serena paz correr seus dias
O que isento do ocio e van cubiça,
Faz do tracto rural o seu estudo.
Os primeiros humanos imitando,
Cultiva cuidadoso a terra grata;
Se lhe lembra deitar-se á fresca sombra
De frondoso carvalho sobre a relva,
Os rios brandamente murmurando,
As aves descantando nas florestas,
Tudo o convida a socegados somnos.
Se não queima a seus pés a dependencia
Da lisonja o incenso, se o não cercam
As pompas e as grandezas, ao seu lado,
Habita a doce paz, vive a abundancia.

Do diurno trabalho fatigado,
Folga de ver ao descahir da tarde
O pastor, que tocando a doce avena
As ovelhas conduz; no cheio tarro
Aquelle lhe apresenta o branco leite,
E a esposa os niveos queijos e a qualhada.
Mais tarde os lentos bois trazendo assomam
Reclinada a charrua ao jugo prêsa;
Mugindo alêm as vaccas criadoras,
Dos novilhos seguidas apparecem,

Que exp'rimentando as inda tenues forças,
Uns c'os outros em lucta ja se ensaiam;
Os rafeiros c'o gado, que preservam
Do lobo roubador, no pateo entrando,
Lhe véem as mãos lamber, e emtôrno saltam.*
Um recreio innocente finda e c'roa
As horas destinadas ao trabalho.
Depois de recolher as mansas rêzes,
O guardador, ao som das tesas cordas,
Cantando dansa em gyros c'o as pastoras.
Emtanto a par da espôsa, rodeado
Dos tenros filhos, lavrador ditoso
Ensinando-lhes vai c'o proprio exemplo,
Linguagem expressiva, a limitarem
Os desejos a gozos innocentes,
A desprezar o orgulho, a ambição louca,
Oppostos sempre á solida ventura.

L. S. Mozinho de A. *Georgicas.*

* Ésta bella pintura, por sua amavel e vera simplicidade, deleita e incanta em summo grau.

CYBELE.*

Musa, singela musa, que ao meu lado
Á sombra das florestas recostada,
Com o nome de Nise docemente
Fazes ouvir ao echo os sons da frauta;
Musa, a quem deram ser, e a quem conservam
Enlaçados amor e a natureza,
Ah, dobra do meu canto a melodia!
Chegae d'este lugar, vinde oh colonos,
Do meio d'éstas árvores frondosas,
Que entre as nuvens a altiva fronte escondem
Do lado d'este arroio crystallino,
Que vem de penha em penha murmurando
E de um contínuo orvalho enchendo as plantas,
Sôbre esta verde relva que matizam
Calyces, ** e corollas de mil côres,

* Ésta prosopopeia da terra ou Cybele é nova em poesia portugueza.

** O *calyx* na maior parte das flores, é o tegumento externo dos orgãos sexuaes, de côr verde, ou menos corado que a *corolla*.

Per entre as quaes se esquiva caprichosa
A leve borboleta, em quanto activa
Abelha, que sussura, extrae seu nectar;
D'este throno singello, que a meu lado
Lhe elevou a natura, vinde ouví-la;
É sim Cybele, é ella quem vos falla.

Antigos torreões, capiteis, fustes *
A fronte, como outrora, não lhe adornam;
Uma c'roa de flores e de fructos,
De mil tenras folhagens que tecêram
As Graças ledas, sobre os seus cabellos
Ao vento soltos, hoje se divisa;
Mollemente na relva reclinada,
Meio-apartado o fino veo que a cobre,
Deixa aos olhos mirar** seu lindo seio;
Seio fecundo que alimenta os entes!
Que lindas côres, graças, que figuras,
Que producções aos olhos não descobre
O seio desnudado de Cybele!
Vêde mil animaes que emtôrno a cercam,
Cadaqual se desvela em ameigá-la,
Ella a todos surri e a todos lança
Carinhosa e suave, o olhar materno.
Mas com que extremo, com que expressão doce

* O cano ou corpo e tronco da columna entre a base e o capitel.

** Voz prosaica.

A vós a mãe commum os olhos lança,*
A vós cultores, seus dilectos filhos!
« Ornae cada vez mais, ornae meu seio,
Ella vos clama, que aos cuidados grata
Eu juro sempre ser; para instigar-vos
Á indústria e ao cuidado, fui eu mesma
Quem o meu seio revesti de abrolhos:
Hoje pois a vós toca, oh filhos caros,
De mais bellos adornos revestir-me.
Ah deixae, deixae erros e phantasmas;
Deixae o luxo, que do orgulho filho,
Me ultraja e me assassina; vãos thesouros
Cessae de procurar, e de arriscar-vos
Aos p'rigos e aos trabalhos por colhê-los;
Em mim, em mim tereis, com pouco esfôrço,
Da riqueza real, dos bens a posse.
No regaço da paz, e da abundancia
Eu vos farei viver, grata aos desvelos
Que praticardes sem cessar comigo. »

L. S. Mozinho de A. *Georgicas.*

* Acha-se tres versos atrás. Toda a repetição que não compõe uma graça é defeito.

A GRUTTA DE SILENO.*

De Naxo nas montanhas, que povoam
Per toda a parte verdejantes cepas,
Uma grutta se ve de toscas penhas;
De um lado e outro crystallinas fontes,
Brandamente sahindo de entre as lapas,
Sussurram com doçura; as lentas vides,
De Apollo aos raios, com viçosas folhas
A entrada impedem, e subindo ao cume
Dos alamos frondosos que a guarnecem,
Pendem em mil festões per toda a parte.

* Este lindo episodio mereceu ser, em parte, traduzido em versos francezes per um homem de gôsto; eis a dicta versão:

Vois-tu cette île? au pied de ces riants côteaux
Que la vigne embellit de ses riches rameaux,
Vois-tu dans le rocher cette grotte champêtre?
Asyle sombre et frais, là jamais ne pénètre
Du midi dévorant la dangereuse ardeur.
L'ombre en cache l'entrée; et de sa profondeur,
A travers les cailloux une onde toujours pure
Jaillit, fuit et s'échappe avec un doux murmure.
Un air suave y règne, et sur ses bords fleuris

Uma relva mimosa e sempre verde,
De varias lindas flores esmaltada,
Lhe fórma o pavimento : alli da calma
Jamais penetra a fôrça, um ar suave
De contínuo temp'rado se respira
Entre as heras, que a par das negras bagas
Mostram lustrosas folhas sempre-verdes.
No mais profundo d'este fresco asylo
Guarda o ebrio Sileno o doce mosto,
Seu amor, seu desvelo e seu cuidado.
Esculpidas estão na penedia
As insignes victorias do Thebano,
Quando tirado per malhados tigres,
Entre o bando das férvidas Bacchantes,
A Asia sujeitou, e em vez de lança
Na dextra maneava um verde thyrso.
Vão após o seu carro foliando
Os Satyros galhudos e os caprinos

De mousse et de gazon s'étend un verd tapis,
Où Zéphyre se joue amoureux de l'ombrage.
Le lierre à l'arbuste enlaçant son feuillage,
Grimpe de branche en branche, habile à se lier.
Plus loin s'élance aux cieux l'élégant peuplier;
Et le pampre à Bacchus présentant ses offrandes,
Jusqu'à son faîte monte, et retombe en guirlandes.
De son nectar chéri Silène dans ces lieux
Conserve prudemment le dépôt précieux;
Du brûlant Sirius pour prévenir l'injure,
Il oppose à ses feux un rempart de verdure.

Faunos de verdes heras enramados.
Cem amphoras, que ainda aroma exhalam,
Cem torneados vasos e cem pelles
Pela grutta esparzidas se divisam.
Imitemos Sileno em seus cuidados;
Seja o seio da terra quem resguarde
Os succos que nutríra a superficie.

L. S. Mozinho de A. *Georgicas.*

OS PASTIOS E OS GADOS.

Entremos n'esse reino numeroso,
De que o homem, qual rei, o sceptro empunha;
E para o ajudar em seus trabalhos
Dos animaes a fôrça aproveitemos.
Tire o boi, o cavallo o nobre pêso
Da cortante charrua; nas campinas
Pascendo a mansa ovelha adube os campos;
Emquanto nos outeiros atrepando
A cabra roedora, ja co' as crias,
Ja com o branco leite nos premeia.

Ah! quando chegarão a ver meus olhos
Os cultores de Luso na abundancia?
Quando verei* os campos, que ora cobrem
Moitas selvagens, mil inuteis plantas,
Em verdejantes prados convertidos,
Apresentar a face da riqueza,
Da cuidada fecunda agricultura,
Do corpo social vigor e nervo?

Surgi da molle incuria, agricultores,

* *Ver e verei!* é forte repetir!..

Sarjae esses terrenos pantanosos,
Onde ora crescem juncos e espadanas:
O trevo lhes lançae, lançae-lhes gramas,
Que apenas cultivais em curto espaço;
Cubri, cubri os aridos outeiros
De onohrychis c'o germe productivo,
E os terrenos mais frescos co' a luzerna;
Então, e então somente, em vosso aprisco
O gado abundará; então somente
Nos curraes entrarão gordos novilhos,
Após as fortes mães, ledos brincando;
Somente então as crinas sacudindo,
Leves cavallos rincharão nos campos;
Somente então, em vez da magra fome,
Off'recerão ditosas as aldeias
A face do prazer, e da abundancia.
So produz o terreno cultivado:
É sem gado impossivel a cultura,
E o gado nutrir so prados podem.

Tu pois, que o nobre emprêgo tens em sorte
De cultivar a terra, attento cuida
Pastagens em formar. Duas especies
Ha de prados: n'uns d'estes a natura
Per si mesma produz as verdes plantas;
Porêm se a arte a ajuda, se nos baixos
E quasi pantanosos, vallas abre,
Se terra alli conduz para elevá-los,
Se os grãos, que dos palheiros se retiram,

Cuidadosa alli lança; oh que vantajem
Produzirá trabalho tam pequeno!
São comtudo estes prados inf'riores
Aos altos e elevados, onde às hervas
Menos aquosas são, mais nutrientes,
E sempre para os gados mais saudaveis.
Muito melhor, se a indústria formar soube
Nos sitios elevados providente
Reservatorios de agua, que no estio
Matem a sêde ás abrasadas plantas;
Alli tambem convem de quando em quando
Dos bons fenos lançar os grãos fecundos;
Distribuir de quando em quando adubos;
As moutas arrancar e toda a planta,
Que ou com os ramos seus suffoca as hervas,
Ou com a sombra espessa as damnifica;
No contôrno formar vallados fortes,
Que prohibam a entrada dos rebanhos
Nas epochas não proprias; seja quando
Hervas que para feno se destinam,
Na sua florescencia são cortadas;
Seja depois das chuvas copiosas,
Quando com as pizadas, o chão molle
Se tornar desigual: com taes desvelos
Os prados naturaes bom pasto criam....

Mas ja correr diviso nas campinas
O formoso animal,* que abrindo a terra,

* Certa occasião em que o Snr. M... (como pro-

C'um golpe de tridente, á luz do dia
Deu das ondas o nume soberano.
Tu, conquista completa dos humanos,
Cavallo docil vivo activo e forte,
Dos quadrupedes rei pela elegancia;
Em quem da escravidão não póde o jugo
Destruír o valor, manchar a audacia.
Aqui cheio de po e branca espuma,
Salpicado de sangue, horrido estrago
Debalde te rodeia, arremessando
O peito aos p'rigos, o clarim da glória,
O retinir das armas mais te animam:
Intrepido a afrontar a morte voas,
Com teu senhor os louros repartindo.
Aqui per entre as lanças te arremessas,
Alli ouves zunir de Marte o raio;
Mas no centro do horror submisso e docil,
Da mão, que te conduz, a lei procuras.
Erguido o collo, as ondeadas clinas
Sóltas vaidoso ao ar, o freio mordes
Com orgulhosa audacia, e o chão que pizas
Com a ligeira planta apenas tócas,
Quando da paz serena no regaço

fessor de agricultura) antepunha a este episodio o do *boi;* o Snr. N... (ex-major de cavallaria) o atalhou, dizendo com vehemencia: O *cavallo...!* Snr. M.. *o cavallo...!* O certo é

. . . . Que quem não sabe a arte não a estima.

Em nobres jogos teu senhor conduzes.
Alêm, ao peitoral lançando o peito,
Com ligeireza e brio ufano arrastras
Das bellas nymphas os dourados carros.
Mais baixa a frente, menos leve o passo,
Prêso á charrua traças ao colono
O productivo rêgo, ou com a grade
Cobres o grão fecundo, ou per mil modos
Ao lavrador uteis serviços fazes.
Companheiro do heroe em seus combates,
Servo do cidadão nos seus prazeres,
D'alta pompa dos grandes lustre e ornato,
Alívio do cultor em seus trabalhos,
A toda a parte teu serviço estendes;
Do homem para o bem, viver so sabes...*

Oh tu, que ver desejas bons novilhos
Entrar no curral teu; pastagens busca
Altas e sêccas; para mãe escolhe
De pequena cabeça e corno breve,
De vivo olhar, de larga espadoa e peito,
De collo grosso e dilatado bojo
A criadora vacca, e la no tempo

* Ésta descripção do cavallo (aliás bella) pouca novidade offerece em poesia: é quasi toda imitada da pintura que Buffon fez do cavallo, e das de alguns poetas francezes, que não citâmos, por não alongar a nota. Tem alêm d'isso o inconveniente de ser longa em demasía; o que afrouxa a ideia.

Em que ella dá mugidos amorosos,
Na florente estação, então a entrega
Ao seu suberbo amante, o qual ter deve
Tres, até nove annos; com firmeza
Pizar os campos levantando airoso
Um collo grosso, uma cabeça breve
De negras curtas armas adornada:
Sôbre os joelhos seus pender diviso
Sôlta papada do robusto peito;
Entre as carnudas pernas vigorosas
Lhe desce até o solo a longa cauda,
E emquanto c'o mugido os ares fere,
Dos negros olhos flammas lhe chammejam....
De ciume incendido, quantas vezes
O suberbo animal * o imigo busca,

* Todo este episodio do *boi* é imitação do de Virgilio, nas Georgicas, livr II.:

Atque ideo tauros procul atque in sola relegant
Pascua, post montem oppositum et trans flumina lata;
Aut intus clausos satura ad præsepia servant.
Carpit enim vires paulutim, uritque videndo
Femina; nec nemorum patitur meminisse, nec herbæ
Dulcibus illa quidem illecebris, et sæpe superbos
Cornibus inter se subigit decernere amantes.
Pascitur in magna sylva formosa juvenca:
Illi alternantes multâ vi prælia miscent
Vulneribus crebris; lavit ater corpora sanguis,
Versaque in obnixos urgentur cornua vasto
Cum gemitu, reboant sylvæque et magnus Olympus.
Nec mos bellantes unà stabulare; sed alter

Olha-o de longe, e com a mão potente
Em torbilhões da terra o po levanta;
Muge, ameaça, e qual o ardente raio,
Fero procura a singular peleja!
Ja as frontes cornigeras se encontram;
Ja a ponta o contrário dilacera;
Urros de dor, mugidos de vingança
Ja temerosos echos mil repetem;
Em borbotões na terra o sangue corre;
Raiva e ciume os animaes respiram.
Mas o vencido em po e em sangue involto,
Perdida a fôrça, extincta quasi a vida,
Ao contrário a final cede a victoria:
E em quanto com o collo levantado,
Este suberbo a recompensa busca,
Co' a fronte baixa, com o olhar em fogo,
O vencido dos campos triste foge,
E so, entre os remotos fundos valles

Victus abit, longèque ignotis exsulat oris:
Multa gemens ignominiam, plagasque superbi
Victoris, tum quos amisit inultus amores;
Et stabula adspectans, regnis excessit avitis
Ergo omni curâ vires exercet, et inter
Dura jacet pernox instrato saxa cubili,
Frondibus hirsutis et carice pastus acuta:
Et tentat sese, atque irasci in cornua discit
Arboris obnixus trunco, ventosque lacessit
Ictibus, et sparsâ ad pugnam proludit arenâ.
Pòst, ubi collectum robur viresque receptæ,
Signa movet, præcepsque oblitum fertur in hostem.

Occulta o opprobrio, e a vingança estuda.
Vingança sanguinosa, em que embebido
O animal se nutre, contra os troncos
Ja a ensaiar começa o corno agudo,
E parte em lascas o ferido lenho.
As fôrças e o vigor emfim restaura,
Renova-se-lhe a raiva, e ja bramindo
Corre ás planicies, e o rival procura....
Nem deixarei ficar no esquecimento
O passivo serviço, os uteis dotes
Do jumento, do pobre unico alívio;
Da mais vasta porção da humanidade,
Que langue * na penuria, elle somente
O trabalho e fadiga é quem supporta.
Se com elle a natura foi avara
De graça, de belleza, e de elegancia,
Co' a sobriedade, c'o vigor, c'o geito

* Vem do francez *languir*, ou primitivamente do latim; v. g: (*amore langueo.*) Tem boas authoridades em poesia.

Triste *languia*
O deus de amor

Diniz, tom. III. pag. 203.

Langue a triste em esteril rocha alpina.

Dom. Max. Torres, pag. 60.

Deita a vista sagaz e carrancuda
Aos ermos, onde *langue* o Paladino.

Francisco Manuel, tom. II. pag. 89.

Com que os maus passos vence, co' a dureza,
Que lhe faz afrontar o sol e as neves,
Assás o indemnizou. Como seu dono,
Condemnado á penuria e ao trabalho,
O tojo hirsuto, o cardo, as duras folhas,
As vergonteas das árvores, a relva,
Toda a especie de grão, todo o legume
Lhe serve de alimento; longa vida,
Inda apezar de um trato aspero e duro,
Chega o triste a contar.....

Não mais, não mais de agricolas manadas;
Adeus por uma vez tenazes leivas;
Adeus forte charrua, bravos touros,
Ageis cavallos, vigorosos mulos;
Adeus emfim amados lavradores.
Nas margens de um regato humilde corto
Flexiveis canas, com que brinca o vento,
Per entre ellas ligeiro volitando;
Co' a branda cera os varios canaes uno;
De Pan á imitação, correndo os labios
Co' a doce frauta, agora ante mim chamo
Das rusticas malhadas os pastores.

Vinde, oh mansos rebanhos, ao meu lado
Saltem sôbre a verdura os cordeirinhos,
De pedra em pedra os cabritinhos saltem,
Balae emtôrno a mim, mansas ovelhas,
Trincae os ramos, cabras roedoras;

E em quanto o deus capripede me guia
Os accentos e a voz no humilde metro,
Ah! vem juncto de mim, oh Nize amada,
Acompanhar c'o teu meu doce canto....

Porêm tu, que as inquietas duras cabras
Tens a teu cargo, ao pasto, em quanto o fresco
Orvalho sobre as plantas se demora,
Na manhan as conduze; a um tal rebanho
Não so apraz pascer nos largos campos,
Ou nas doces encostas das collinas,
Antes prefere a cabra pendurar-se
Dos elevados cumes das montanhas,
Dos serros, das selvagens penedias,
Das escarpadas rochas, das barreiras
Dos fundos horrorosos precipicios;
Desde a mais tenra infancia as mães seguindo,
Trepam de pedra em pedra os cabritinhos,
E folgam de escolher entre os rochedos
Os novos rebentões de agrestes plantas*....

L. S. Mozinho de A. *Georgicas.*

* Eis os lugares que me pareceram dignos d'entrar n'ésta escolha. O auctor das Georgicas carece ainda daquella variada, magestosa e concisa dicção que tanto sobresai nos escriptos de nossos antigos poetas, e nos dos modernos de melhor nota. Accresce, ser o metro das Georgicas, em partes, monótono, prosaico e languido. Vislumbra n'ésta obra pouca philosophia, e poucos episodios; so abunda em preceitos:

mas muitos d'elles que assás prestariam emum tractado em prosa, são grande defeito n'uma composição poetica, onde o espirito requer o levem per veredas um pouco desviadas, e lhe apresentem objectos que não aguarda. Ora o poeta deve pretender menos profundar uma sciencia, que attrahir a ella os olhos embellezando-a : isto practicou Virgilio, e practicaram depois d'elle os seus bons imitadores, bem persuadidos *de que o espirito raramente gosa duas vezes o deleite de aprender a mesma cousa; mas o coração pode gozar duas vezes o prazer de sentir o mesmo abalo.*

Ouso pois rogar ao Snr. Mozinho que, antesque publique uma nova edição das Georgicas, leia muitas vezes estes versos da poetica do sabio Vida :

Atque ideo ex priscis semper quo more loquamur
Discendum, quorum depascimur aurea dicta,
Præcipuumque avidi rerum populamus, honorem.
Aspice ut exuvias, veterumque insignia nobis
Aptemus. Rerum accipimus nunc clara reperta,
Nunc seriem, atque animum verborum, verba quoque ipsa
Nec pudet interdum alterius nos ore locutos
Cùm verò cultis moliris furta poëtis,
Cautiùs ingredere, et raptus memor occule versis
Verborum indiciis, atque ordine falle legentes
Mutato : nova sit facies, nova prorsus imago.
Munere (nec longum tempus) vix ipse peracto
Dicta recognosces veteris mutata poetæ.

Metamorphoses.*

O CRYSTAL E O TOPAZIO.

Inda no seio da espumosa Thetis
Ás atrevidas proas se occultava
Da madre terra a quarta parte nova;
Quando em seus campos graciosa nympha
Seguindo as feras fatigava os bosques.
Crystallia era o seu nome, e a mais formosa
Que até hoje pizou o novo mundo.
Mais alvos do que a neve que nos Alpes
Congela o frio vento, eram seus membros:
Nas lindas faces, na engraçada boca,

* O erudito e laborioso editor das obras de Diniz, impressas em Lisboa no anno de 1814, nada refere acerca do merecimento d'éstas metamorphoses. Não possúo tampouco auctor algum de nome que as haja avaliado. Parece-me, todavia, não ser este o genero em que Diniz se distinguiu.

Dos cravos, e das rosas a côr viva:
Dos olhos doce incanto lhe brilhava;
E sôbre o collo de alabastro fino
Em crespos fios de ouro lhe ondeava
O comprido cabello sôlto ao vento.
Amor travêsso, que em seus olhos mora,
Tam vivas chammas d'elles despedia,
Que n'elles sem allívio se abrasavam
Os tristes corações de mil amantes.
Emfim era Crystallia tam formosa
Que inveja á mãe de amor fazer podia.

Um dia que de agudo dardo armada
Com seus cães denodada perseguia
Um mosqueado tigre na floresta,
A viu passar um rustico Silvano,
(Quanto melhor lhe fôra se a não víra!)
Que habitava o horror d' aquelles matos.
Topazio se chamava; e era tido
Entre os sylvestres deuses do contôrno
Pelo mais sabio em grande acatamento.
Viu-a; e vê-la e adorá-la foi o mesmo.
Desde este ponto o triste um so instante
Não deixou de seguir suas pizadas.
Em vão tentou com lagrymas e rogos,
Em vão com tristes dons mover o peito
Da dura nympha, mais que os montes dura.
Em bravissima costa alto rochedo
Tam firme não resiste ás duras vagas

Do mar que em flor * rebenta em suas abas;
Como a fragueira nympha resistia
Ás tristes mágoas, ao contínuo pranto
Do importuno Topazio. Quantas vezes
Dos mortaes invejou o triste a sorte,
Desejando acabar a infeliz vida!
Mas a lei dura pelo fado escripta
Em rígido diamante, lhe embargava
Este misero allívio. Quantas vezes
Ao Amor se queixou da ingrata nympha!
Mas o travesso deus, que por deleite
Os corações amantes atormenta,
Que de pranto, e de sangue se não farta,
Outras tantas se riu de suas queixas.

* Sempre me agradou ésta locução antiga, que, infelizmente, vai ja cahindo em desuso. Não o merece, bemcomo muitas outras, por imitativas e elegantes. Foi usada pelos melhores Ingenhos portuguezes. Citarei so dous;

> As aguas arrebentando *em flor*, de dia eram da cór do pez feias e escuras; e de noite quebravam em fogo.
>
> LUCENA, liv. V. cap 20.

> As ondas eram tam suberbas, que rebentavam *em flor*, quebrando-se cruzadas com a fôrça do temporal.
>
> JACINTO FREIRE, pag. 172.

Desenganado emfim de achar remedio
Servindo e suspirando, a seu tormento;
Tentar manhoso a fôrça determina.
Ah rustico Topazio, a que te arrojas!
Tem-te insano, suspende a dura fôrça!
Suspende, que infeliz te precipitas!
Ternos suspiros, lagrymas ardentes,
Brandos rogos, invicto soffrimento
As fortes armas são, que so sujeitam
Rebeldes corações de ingratas nymphas.
Ai! que se ellas não bastam, nada basta.

Juncto de um claro rio que corria
Bordando com mil gyros a campanha
De fragrantes boninas, se elevava
Um frio bosque de árvores sombrias,
Onde os campestres deuses n'alta noite
C'os Faunos foliões tecer costumam
Ligeiras graciosissimas chorêas.
Aqui as verdes folhas encrespando
Serena viração c'o fresco bafo,
Aqui cantando nos confusos ramos
Mil passaros de mil diversas côres,
Doce paz, doce somno derramavam.
Aqui pois uma sésta, fatigada
De seguir pelo mato as bravas feras,
De suor, e de sangue salpicada,
A repousar Crystallia se retira.
N'um ramo dependura o eburneo arco,

N'outro o buído dardo, e sôbre a aljava,
Innocente do mal que alli a espera,
O lindo rosto mansamente inclina.
Em breve espaço lisonjeiro somno
Os membros lhe occupou. Então Topazio,
Que idonea occasião anda espiando
Para suas traições ha longo tempo,
Com ella arremetteu, e os tenros braços
Com seguras cadeias que tecêra
De floridas vergonteas, manso, manso
A uma árvore vizinha lhe prendia.
Seguro da victoria, e em voraz fogo,
Que as entranhas lhe corre, todo ardendo,
O Silvano insoffrido se dispunha
De seus desejos a tocar a méta;
Quando a nympha accordou, e ao ver-se prêsa,
Do lascivo Topazio ao ver a furia,
Desbotadas do rosto as vivas rosas,
Palpita, e semiviva aos ceos levanta
Os bellos olhos, porque as mãos não póde;
E com cortada voz assim exclama:
« Oh deuses! se entre vós algum assiste
Que dos tristes mortaes cuidado tenha,
D'uma innocente môva-vos a sorte,
A virginal pureza defendei-me. »
Disse, e subitamente (caso estranho!)
Os delicados membros se lhe gelam,
E em transparente pedra se convertem,
Sem que da antiga alvura nada percam.

E qual candido jaspe, a quem deu vida
De Polycleto ou Phidias* a mão déstra,
Tal fica a bella nympha. Largo espaço
Espantado do subito prodigio
Immobil fica o misero Topazio:
Mas logo que em si torna, sôbre o collo
Do adorado crystal se precipita:
Com terno pranto o rega, e ardentes beijos
Na fria pedra suspirando imprime.
Logo em crueis imprecações horrendas
Se volve contra Amor, d'um tigre hyrcano,
De uma marpesia rocha filho o chama;
O seu arco detesta e suas frechas.
Depois ao ceo se torna, e em seus delirios
De quando em quando repetir se ouvia
Com ternas vozes de Crystallia o nome.
Emfim taes cousas fez, taes cousas disse,
Que os deuses lastimados de seus males,
A dar-lhe algum remedio se moveram.
Louco, sem tino á pedra se voltava,
E os pés endurecidos se lhe travam.
Os braços estendidos se endurecem.
Frio gêlo lhe corre pelas veias,
E o sangue pouco e pouco lhe coalha.
Crystallia quer chamar, e a fria lingua
Dobrar não póde. Emfim d'ésta maneira
Ficou tambem o misero Topazio

* Célebres estatuarios gregos.

Todo em pedra tornado, que inda guarda
Na côr a pallidez do afflicto rosto:
E juncto d'um penedo outro penedo.*

DINIZ.

* Verso de Camões.

O CAUHY.

Juncto das verdes margens, que talhando
O Paraíba vai com suas aguas,
Um mancebo vivia o mais famoso
Entre os outros d'aquelles arredores
Em brandir com destreza o curvo arco.
Cauby era o seu nome; e as suas manhas, *
Seu valor, e seu brio de mil nymphas
Eram doce attractivo; mas de todas
As que dentro no peito mais sentiam
Lavrar este cuidado, uma Itaubira
Por nome tinha, e a outra era Itaúna.
Eram ambas iguaes na formosura,
Ambas no amor iguaes, iguaes na idade.
Mas o frecheiro deus, que a seu capricho
Os que âmam faz felices e infelices; **
Quiz que Itaubira então fosse a ditosa,
De seus olhos vibrando a setta ardente

* Este termo foi modernamente censurado de pouco nobre; comtudo, acha-se nos Lusiadas, canto VI. est. 54.

Várias gentes e leis e várias *manhas*.

** Verso prosaico.

Que de Canhy feriu o isento peito.
De um e d'outro os quebrados ternos olhos,
De suas almas foram os primeiros
Interpretes subtís, que declararam
O vivo incendio em que ellas se abrasavam.
Mas depois que ao amor cedeu o pejo,
E que ousaram fallar-se; que ternuras
Vós solitarios montes, não lhe ouvistes!
Entre trespassos * mil e mil caricias,
Polos raios do sol ambos juraram
De se amarem fieis até á morte;
E á promessa fieis, até á morte **
Com o mesmo fervor ambos se amaram.
D'ésta arte longo tempo venturosos
Em doce paz, em doce amor viveram;
Até que o vil ciume cruelmente
Sua doce affeição perturbar veio.
Quanto, oh infame monstro, mais ditosa
Sôbre a terra sería a raça humana,
E quanto de invejar a feliz sorte
Dos que âmam, e igualmente são amados,
Se não fôras na terra conhecido!
Juncto das praias que Helle *** fez famosas

* Ésta palavra, que so póde aqui tomar-se na accepção afrancezada de *transporte*, parece-me impropria.

** Repetição pouco elegante.

*** Filha de Athamante rei de Thebas, e de Nepheles, a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do ódio e

N'uma escabrosa furna onde morada
A fria Noite tem, se alverga o monstro;
A quem assobiando horrendamente
Em feia confusão ceruleas cobras
Guarnecem a cabeça, e no pescoço
E descarnados braços se lhe enroscam,
E o triste coração estão roendo.
Per entre as cegas carregadas sombras
Que a caverna, qual denso fumo, inundam,*
Mal se distinguem sem cessar voando
Espantosas visões, crueis cuidados:
De cem partes soar ao mesmo tempo
Tristes queixas se escutam, tristes prantos,
E contra Amor imprecações horriveis:
Que as naturaes abbobadas ferindo,
Retumbam tristemente, enchendo os peitos
De espanto, e de pavor. Feras suspeitas,
Vaõs receios, fallaces apparencias,
E ás vezes vis traições, feios enganos
Os seus ministros são, suas espias,
Por quem o quanto sôbre a terra passa
Entre os amantes sabe, e per quem soube
A sincera união, a paz gostosa

traições de sua madrasta Ino, e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pae lhe dera, cahiu no mar; o qual por ésta occasião se ficou alli chamando Hellesponto.

* Bella metaphora!

Em que os dias passavam desfructando
D'um recíproco amor todas as glórias
Itaubira e Cauhy.* Então disposto
A turbar dos felices o descanço,
Um dos duros ministros que o rodeiam,
Raivoso chama, e chammejando** intíma,
Que as azas despregando veloz parta,
E da terna Itaubira o brando peito
Com uma fria cobra, que impaciente
Arranca da cabeça, o peito fira.
Voa a fera suspeita, e invisibil,
O que o monstro lhe manda, fiel cumpre.
Itaúna, que bemque desprezada,***
De seu peito lançar amor não póde,
Escapar não deixava vigilante
Uma so occasião de apresentar-se
Sempre louçan do amado môço aos olhos:
E postoque Cauhy, como quem tinha
Á formosa Itaubira a alma entregue,
E com ella as potencias e sentidos,
Em tal não attentava; a nympha bella
A quem o coração ferido havia
A barbara suspeita, estimulada
Pelo excesso que observa em Itaúna,

* Toda ésta pintura (sem ser nova) é admiravel.

** *Chama* e *chammejando* fórmam uma ambiguidade pouco euphonica.

*** Verso duro.

Começou a temer dentro em seu peito
Da rival a belleza, e do mancebo,
Postoque sem motivo, a incònstancia;
E desde este momento principía
(Ah funesto momento!) as acções todas
De Cauhy a espiar attentamente.
Um dia pois, que o descuidado môço
Na selva a caçar foi como soía,*
Ella per entre o mato o foi seguindo.
Cauhy, depois de haver veloz cançado
As mais ligeiras feras na carreira,
Com seu sangue manchando hervas e flores;
Do calor, e do excesso fatigado,
A respirar um pouco se retira
N'uma sombria lapa, que se esconde
No mais denso da selva, onde rebenta,
Com suave murmurio borbulhando,*
Um grande jorro de agua crystallina.
Itaubira que o doce amante vira
Embrenhar-se na selva, dentro n'alma
Crecer sente a suspeita, que lhe finge
Que Itaúna a Cauhy alli aguarda:
E para ver se é certo o que receia,

* Costumava (*solet* lat.) *

Nunca por Daphne, Clycie ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como *soe*.
CAMÕES, Lus. cant. III. est. I.

** Verso onomatopeico.

Para aquelle lugar dirige os passos.
A sua turbação, sua impaciencia,
A pressa com que corre, * lhe não deixam
No ruído attentar, de que era causa,
Movendo impetuosa as bastas ramas
Da intrincada floresta. N'este tempo
O mesquinho Cauhy alborotado
Do subito rumor, e presumindo
Que d'elle origem era alguma fera,
Das armas lança mão. Ah cego môço!
Quanto melhor te fôra, se essas settas
Nunca houvesses tam destro arremessado!
Mas quem póde fugir de seu destino!
Toma o arco Cauhy, e n'elle a setta
Promptamente embebendo, o tiro aponta
Para onde o gran' rumor alçar-se ouvia.
Veloz a setta voa, e emcontinente
Os ouvidos lhe fere um ai piedoso,
Que de Itaubira ser se lhe figura.
Então largando as settas, prompto corre
Ao lugar d'onde a triste voz saíra.
Mas qual seu espanto foi, quando passada
Da desastrada frecha a nympha encontra!
Sobre a terra jazia rociando
As árvores e flores que a rodeiam,
De seu sangue com as roxas espadanas;
E entre crebros soluços exhalando

* Especie de pleonasmo.

Da triste vida os últimos respiros.*
Itaubira, Cauhy lhe brada afflicto,
E a nympha á fôrça abrindo os turvos olhos.
Que da morte a pesada mão cerrava,
N'elle per um pequeno espaço os fita,
E a cerrá-los eternamente volve.
Coado, frio, e qual marpesia caute **
Fical immobil Cauhy per algum tempo;
Mas tornando em si, desesperado
Corre a arrancar do peito de Itaubira
A despiedosa frecha; porque acabe,
Com ella o coração atravessando,
Juncto da amada nympha a amarga vida:
Mas ao tirá-la viu (cousa espantosa!)
Que o sangue, que do peito lhe corria,
Em crystallino humor se transformava:
Viu que a pallida nympha pouco a pouco
Se ía derretendo, e em claro arroio
Toda se convertia. Então absorto,
Primeiro que de todo o lindo corpo
A antiga fórma perca, a abraçá-lo
Pela postrema vez, chorando, corre.
Mas ja entre seus braços não aperta

* Bocejo, bafo.

> O chão raspado das escamas sóo
> E o *respiro* que negro sahe da estygia
> Garganta inquina os bafejados ares.
>
> ALMENO, Poes. tom. I. pag. 136.

** Rócha.

Mais que o crystal, que entre elles lhe escorrega
Então em pe se alçou, e reflectindo
Que dos deuses era obra este portento,
Aos deuses roga que jamais permittam
Que do amado crystal elle se aparte.
Annuíram os numes aos seus votos;
Pois os ligeiros pés subitamente
Á terra se lhe pegam, e na terra
Profundamente se lhe vão cravando,
Em torcidas raízes convertidos.
Os braços se lhe estendem, e se mudam
Em retorcidos ramos que de folhas
Em ramos vestem suas mãos tornadas.
Os cabellos se erriçam, e em vergontas,
Da mesma folha ornadas, se convertem.
Asp'ra cortiça lhe involveu o corpo;
E de Itaubira ao repetir o nome
A boca lhe tapou, e a lingua trava.
D'ésta sorte Cauhy o antigo nome,
E sob a nova fórma inda parece
Que da antiga paixão se não esquece; *
Pois se a par d'agua brota; sôbre a mesma,
Como para abraçá-la, os ramos curva.

DINIZ.

* A rima n'estes dous versos foi descuido do auctor.

ARENÊO E ARGIRA*.

Estro de Ovidio seguirei teus vôos,
Se não me é dado emparelhar comtigo.

Depois que de Thessalia o rei piedoso **
As pedras converteu na especie humana,
Quando ja pela fragil natureza
De novo a corrupção lavrado havia,
A moral corrupção, que gera os crimes;
Quando para viver cumpria ao homem
Suando exercitar custosa indústria;
La perto do Penêo, tam caro ás musas,
N'um retiro assombrado de mil plantas,
Tinha o rude Arenêo seu tosco alvergue.
Apenas cinco lustros numerava,

* Ésta metamorphose próva que o genio creador não fôra a partilha do bardo do Sado. Quem como interprete marchou sempre a par de Ovidio, não póde, como imitador, segui-lo senão mui de espaço. A invenção d'este poema é vulgar e pouco interessante, e haverá critico a quem elle pareça mal-conduzido. Mas a poesia do estylo o fará sempre ler com gôsto.
J. M. da C. e Silva.

** Deucalion.

Era de alta estatura, e de agil corpo,
De estranha robustez, feições grosseiras,
Olhos ardentes e cabello escuro.
Phebo lhe ennegrecéra as mãos e as faces
No fragueiro exercicio em que lidava,
Seguindo e derribando ou ave ou fera
Com settas que jamais o objecto erraram.
Extinctos os irmãos, os paes extinctos,
Na agreste solidão vivia o môço,
Ora subindo as empinadas serras,
Ora os confusos bosques indagando,
Em quanto o fulvo sol nos ceos luzia,
E apenas desdobrava a muda noite
Sobre os ares subtis seu véo lustroso,
Volvia á choça o rustico mancebo,
De sanguineos despojos carregado.
So n'isto, por effeito do costume,
Embebido trazia o pensamento,
Ignorava as paixões da natureza,
Até desconhecia a mais ardente,
A mais incantadora, a mais funesta.
Mas ah tyranno Amor! ou cedo ou tarde
É forçoso aos mortaes soffer teu jugo;
Amor, tu és um mal que fere a todos:
Longa experiençia contra ti não vale,
Ou virtude, ou razão, so vale a morte.
Viste o ledo Arenêo no lar campestre,
Viste-o sem ti, cruel, gozar mil fructos
Das suadas asperrimas fadigas,

E, isento de memorias importunas,
Molles somnos gostar no leito hervoso.
Súbito, enraivecido, impaciente
De que inda alguem feliz no mundo houvesse,
Olhaste de travez o alegre môço,
Males dignos de ti depois lhe urdiste.
Em venatorias artes doctrinada,
Annexa ao coro da immortal Diana,
Corria a bella Argira o valle e o monte.
Nos olhos tinha a cor formosa e viva
De que se veste o ceo na primavera;
Á descripção dos zephyros as tranças,
As tranças, per si mesmas enfeitadas
Com lucidos anneis, com aureas ondas,
Se ao sol se expunham, como o sol brilhavam;
Eram, lácteo jasmim, purpúrea rosa,
Tam alvas como vós, e tam coradas
Da loura semidéa as brandas faces;
Candido pejo, virginal surriso
Nos labios lhe pousava entre os amores,*
(Amores que inspirava e não sentia)
Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,
E o seio tentador mais bello aínda
Que o da cypria deidade, e não tocado.
O frio, o vento, o sol jamais ousaram
Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa:
Realçava estes dons a flor da idade,

* Que bellissima poesia!

E ao ver-se aquelle assombro, oh natureza,
Estranho então se achou que o teu sublime
Ingenhoso podêr chegasse a tanto.
Descendente de origem mais que humana,
(Tambem não longe de thessalio rio)
De mil dignos amantes cubiçada,
E ás conjugaes delicias insensivel,
Não quiz ir de hymeneo no altar brilhante
Sacros votos firmar co' a voz e a dextra,
Illesa conservando a flor suave,
Que, invôlta em brandos ais, colheis, Amores.
Com éstas perfeições, com éstas graças
Tramou vingança crua o paphio nume
Ao livre caçador, que, errando um dia
Em ermo bosque de viçosos loiros,
Argira viu luzir per entre a rama,
Argira, que das nymphas se perdêra,
E que á benigna sombra de um loireiro
Repousava do acerrimo exercicio,
Temendo a força do apollineo raio
Que ardia no azulado ethereo cume;
E tendo a par de si na hervosa terra
O luzente carcaz, vasio, em damno
Das selvaticas feras que avistara.
Morno suor em crystallinas gotas
Pelo virgineo rosto escorregando,
Resplandecente aljófar parecia;
O cançaço, o calor nas lizas faces
As rosas e os incantos lhe avivava:

Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,
Depois de ter vagado as agras serras,
Descança do arvoredo ao fresco abrigo,
Ou entre o lindo coro, ou solitaria. *
Dest'arte alli jazia a virgem bella,
Quando o incauto Arenêo, que mal presume,
Que mal crê per si mesmo ir enredar-se
No laço, com que Amor sagaz o espera,
Curioso, amparando-se das plantas,
Vai manso e manso, e per detrás de um tronco
(Sem que o sentisse o perigoso objecto)
No perigoso objecto os olhos firma.
Desgraçado! imprudente! ah que fizeste!
Ei-lo acceso, ei-lo attonito, ei-lo absorto,
Ei-lo incantado e tremulo e perdido:
Repentino fervor lhe escalda o peito,
Lhe anceia o coração, lhe tinge o rosto.
« Que assombro, oh ceos! que divindade é ésta!
(Comsigo o môço diz) será dos bosques
A deusa pudibunda, irman de Phebo?
No trage, no carcaz, e em formosura,
Em gestos o parece.... oh ceos! oh deuses!
Que incanto! que belleza!...eu ardo...eu morro.»
N'isto arrancando um férvido suspiro,
Assusta a clara nympha, que, volvendo
Os olhos derepente ao som queixoso,
Te ve, misero amante, e, visto apenas,

* Que amabilissimo quadro!

Sólta um ai, lança mão do eburneo coldre,
E vai per entre as árvores fugindo
Mais prompta, mais* veloz, do que os ligeiros
Silvestres brutos de ramosas frontes.
Qual ficaste Arenêo, vendo esconder-se
Aos olhos teus o incanto de teus olhos!
Longa perturbação prendeu-te as plantas,
Sem côr, sem voz, n'um extasis, n'um pasmo,
Qual devia infundir-te o raro objecto,
O deixaste voar; depois, sahindo
Do lethargico espanto em que jazias,
Seguiste accelerado a doce causa
Do teu mal, dos teus ais, mas ja foi tarde;
Ja co' a turba gentil se tinha involto
Das alvas companheiras, e com ellas
Voltado ao bosque da latonia deusa.**
Quam saudoso, frenetico, anhelante
O infeliz Amador se acolhe aos lares!
Alli arde, alli geme, alli pranteia,
Alli, sempre em cruel desassocêgo,
Desvelado, e carpindo, as noites perde.
Apenas as manhans no ceo roxeiam,
Em vez de proseguir o usado officio,
Torna ao sítio funesto, onde espreitara

* A repetição do adverbio *mais*, torna pesado este verso, que devia imitar a velocidade da nympha fugindo.

** Diana.

O caro enlevo de seus olhos tristes,
Torna, mas sempre em vão, não ve nem rasto,
Que ao das queridas plantas se assemelhe.
Dias e dias no lugar damnoso,
E pelas densas matas circunstantes
Pragueja contra si, delira e freme;
Até c'um fero impulso ás vezes tenta
Amolado farpão cravar no peito;
Mas acode a benefica esperança,
E com destro pincel na fantasia
Lhe pinta de mil jubilos vindoiros
A scena, o quadro, a seductora imagem:
De faustas illusões lhe doura a mente,
Finge-o nos braços da risonha amada;
E assim lhe inova o soffrimento exhausto.
Mas nem sempre, esperança incantadora,
Tens arte que hallucine os desgraçados.
Cançou de se fiar o ancioso amante
Nas vans consolações, nas vans promessas
Com que adoçavas o ácido veneno
Da teimosa paixão que o perseguia;
Cançou de se fiar, e abandonado
Ao agro desengano o peito afflicto,
A raiva em languidez se lhe converte.
Sempre encerrado na colmada estancia,
A gemer e a chorar, de dia em dia
O afanoso * Arenêo se vai finando.

* Afadigado, cançado, etc. O diccionario de Mo-

Amor, que do aureo throno, onde promulga
As despoticas leis, ve toda a terra,
Todos os corações, poz n'elle os olhos:
Viu-lhe a consternação, viu-lhe os tormentos,
E piedoso uma vez, e arrependido
Dos damnos que forjara ao môço triste,
Mudou de condição, quiz dar-lhe allívio.
Eis, qual ave de Jove, estende as azas,
Eis esvoaça, e parte, e chega, e pousa
Ante o tugurio de Arenêo choroso,
Que, á porta reclinado, involto em ancias,
Com roucas preces invocava a morte.
« Esmorecido amante, (o deus lhe clama)
Que desesperação, que vil fraqueza
Tomou posse de ti! que é da ousadía,
Com que per entre as selvas acossando
Cerdosos javalis de agudas prêsas
Mil e mil vezes afrontaste a morte?
Fragil mulher te afraca, e te consterna!
Eia, recobra alento. Eu sou de Venus
O filho omnipotente, inevitavel,
Eu mando em corações, em pensamentos,

raes não aponta auctor classico que usasse d'este epitheto; nem eu me acordo de o ter visto em nenhum: talvez Bocage o composesse; porque n'outra parte disse:

Qual *afanoso* Orestes
Das furias acossado.

Eu sou auctor de bens, auctor de males,
E se dispuz teu mal, teu bem disponho.
A dura negação que d'antes víra
No rude genio teu para seguir-me,
E o desuso em que estou de achar quem próve
Dissabores sem mim, sem mim prazeres,
Me instou a machinar-te o precipicio,
E logo da melhor de quantas nymphas
Á deusa das florestas se votaram;
Mas notando porfim como em teu peito,
Pouco a pouco a paixão vai sendo morte,
Quero atalhar-lhe o tragico progresso,
E comtigo applacado, affabil, pio,
Seccar teus prantos, serenar teus dias
De lugubre tristeza anuveados.
Vem, que eu te guio ao idolo que adoras,
Que rastejaste em vão per esses bosques.
Á hora, em que te fallo, á hora amena,
Em que o férvido sol no mar se apaga,
N'um fresco e puro lago é seu costume,
Por effeito da calma, e do conçaço,
Banhar sosinha os delicados membros;
Que, em virginal modestia requintando,
Nem permitte ás silvestres companheiras
Olhar-lhe nus os candidos thesouros,
E so tendo findado a lida agreste,
E dicto a deus ás mais, demanda o lago.
Approvo que lhes negue a doce vista
Das altas perfeições, de que é ciosa;

So compete essa glória aos meus mimosos,*
So a ti, meu valído, a ti somente.
Não receies o enfado, a resistencia,
O desdem pertinaz da inculta virgem,
O afêrro, com que exerce as leis de Cynthia:
São brandas as que dou, crueis as d'ella.
Meu fogo, meu podêr, teus ais, teus prantos,
A natureza, os ceos por ti combatem,
Que nem Jove immortal de mim se esquiva.
Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo:
D'ella os bens, os bens d'elle extrahe a audacia,
O acanhado temor convem que expulses;
Exhaure os mimos, a ternura, as preces,
E se os mimos, se as preces, se a ternura
Baldadas forem, não o seja a fôrça.
Obstaculos não ha, que amor consinta,
Todos, todos per mim serão vencidos;
E se um de meus farpões, arremessado
Contra a nossa inimiga insana e bella,
Não vai ferir-lhe o coração rebelde,
Dispô-lo a teu favor, e amaciá-lo,
É por te não roubar a immensa glória,
O gôsto de a render, sem que eu te acuda

* Favoritos, protegidos, etc.

De Lusitania as musas mais fermosas
Vos devem, a tal conta, eterno canto;
Que será se de vós forem *mimosas?*

BERNARDES, Lima, pag. 242.

Com toda a força minha. Eia, não tardes,
Vem, que é proprio o lugar, e Amor te guia. »
N'isto, o facho invisivel sacudindo,
E com elle roçando-lhe no peito,
Desusado vigor, ardencia estrânha
Ao froxo coração lhe communica.
Ja folga, ja se apresta, ufano e ledo
O cubiçoso amante, e segue o nume,
Quasi igualando na carreira o vôo.
Por milagre de Amor, que o guia, em breve
Vence a longa distancia, avista o lago.
Jaziam na raiz de alpestre serra
As incorruptas aguas transparentes,
De que o vasto depósito arenoso
So tinha pouco fundo aope das margens.
Deserto era o logar, fechado emroda
De mistas densas árvores, e idoneo
Ao tímido pudor da virgem bella.
Antes de a divisar per entra as plantas
Amor e o socio, sem que os visse Argira,
Havia a casta nympha retirado
Do lago venturoso as alvas carnes,
E reposto as ligeiras vestiduras:
Assim do immaculado amavel corpo
A vedada recondita belleza
Teus olhos, Arenêo, não profanáram.
Co' a vista immobil nas immoveis aguas,
Á margem citerior do lago ameno
Abstracta reflectia a semidéa:

(Era a meditação talvez presagio
Do eminente perigo) ainda em terra
O formoso carcaz lhe reluzia,
Per onde agudas settas apontavam.
Amor, para frustrar-lhe a resistencia,
A distracção da nympha aproveitando,
Mais veloz que o relampago, e mais leve
Que os favonios subtís, adeja, furta
Os nocivos farpões no rico estojo,
(Tudo é facil a um deus, não foi sentido)
Torna com elle, occulta-o entre o mato,
E diz com mansa voz, com voz suave
Ao mancebo (que attonito ficára
Da vista incantadora) o que desejas
Alli tens. Sólta o freio a teus suspiros,
As lições, que te dei, vai pôr em uso.
Cála-se, e ja co' a mente em mais emprezas,
D'elle se aparta, some-se, voando.
D'éstas palavras Arenêo pungido,
Ápressa para a nympha os passos move.
Ella, ao sentir pizadas, volta os olhos,
E, vendo-o ja propinquo, receiosa,
(Qual se fôra de um satyro assaltada)
Á aljava quer lançar as mãos de neve,
Mas da aljava o signal so ve na areia,
E, em subito furor arrebatada,
Indaque ao caçador pende dos hombros
Carcaz do seu diverso em côr e em fórma,
Se hallucina, se abstrahe, baldões profere,

De infame roubador, de vil o accusa.
« Não, não sou roubador (elle a interrompe)
Sou teu amante, escravo de teus olhos,
Víctima da ternura, e proseguindo,
Com vivissimo ardor lhe expõe, lhe affirma
As ancias, as saudades, os delirios,
Os males que soffreu, depois que a víra,
Ousa mais: de consorte a mão lhe pede,
Da austera irman de Phebo as leis condemna,
Jura que a lei de Amor so é ligada,
So conforme á razão e á natureza;
Blasona, ostenta de afouteza, e de arte,
Outro Orion * se diz, e per mil modos
Quer attrahir a indomita donzella,
Insta, para apiedar-lhe o genio duro.
Ella, que ouviu suspensa, e como absorta
As ternas expressões do audaz amante,
So, e não tendo alli com que puni-lo,
(Ja suspeitosa de amoroso insulto)
Em fogo os olhos, arrugada a testa,
Com raiva lhe gritou: « não mais, insano »
E á fuga se dispoz; mas o mancebo,
A que um tal desengano as ancias dobra,
Quasi fóra de si, lhe impede o passo,
E, depois que outra vez deu uso aos rogos,
Aos requebros, e aos ais, porêm sem fructo,
As ternuras vertendo em ameaços,

* Caçador famoso na antiguidade.

Carregado o semblante, a voz pesada:
Insensivel! feroz! oh penha! oh tigre!
Oh barbara inimiga! (o cego exclama)
Se a amor não cedes, cederás á raiva.
Annue a meu desejo, a meus extremos,
Ou..... convulsa de horror ao som terribil
D'éstas vozes crueis, a semidéa
C'os vagos olhos todo o sitio corre:
Ve d'um lado a lagoa, a serra ingente,
E o frenetico amante do outro lado,
Ve que fugir não póde e n'este apêrto,
(Fitos nos ceos os maviosos lumes) *
« Oh leis augustas da immortal Diana!
Sanctas leis do pudor! dever sagrado!
A vós me sacrifico. » Assim fallando,
Arremessa-se ao lago a malfadada
Co'a pressa, com que o raio a nuvem rompe.
Ao vê-la baquear,** sumir nas aguas,
Subito acode o môço arrebatado.
O brunido carcaz, e o arco arroja,
Lança-se após a nympha, e mergulhando,
(Que as ondas qual delphim cortar sabía)
Depois de estar occulto alguns momentos,
O lindo corpo amado extrahe sem alma.
Eis, com elle nos braços sôbre a areia,

* Olhos.

**Não sei porque alguns hypercríticos estranharam este verbo em Bocage! elle é tam onomatopeico, é

Á desesperação, e á dor se entrega:
Ve-se auctor da tragedia lastimosa,
Sem lume os olhos ve, que lhe eram vida,
Ve na face macía e puro seio
Formosa a pallidez, formosa a morte;
Chora, soluça, applica os froxos labios
Á gentil muda boca, e n'ella imprime
Beijos... ah! beijos bem diversos d'esses,
Com que o sofrego amor se apraz, se incanta;
Até que supportar ja não podendo
O pêso da miserrima existencia,
N'um transporte, n'um impetu invencibil,
Co' a mão convulsa pelo peito enterra
Pontiagudo virote, e cahe, e expira
Juncto da nympha, que morrendo, abraça.
Foi seu ai derradeiro a Amor voando,
Da catastrophe atroz foi dar-lhe aviso,

tem tam boas authoridades, que não merece esquecer-se.

Alli (os portuguezes) *baqueados* no chão, se deixaram estar.

Couto, Dec. VI. liv. 2. cap. 8.

Chegando ao lugar determinado se *baquearam* em terra, para não ser vistos dos mouros.

Jacinto Freire, pag. 147.

. . . . . Pela terra
A recheiada meza *baquearam*.

Dinis, Hys. pag. 102.

E o nume enganador, que acceso andava
Com guerra, em que alta glória obter podia,
Mal que ouviu no suspiro o triste annúncio,
Desistiu por então da grande empreza,
E ao theatro volveu do caso acerbo.
La, no horrendo espectaculo attentando,
Collige dos signaes e circunstancias,
Que de Argira o rigor e a pertinacia
Foram causa fatal da morte de ambos.
Dá-se por gravemente injuriado,
A sua omnipotencia a si convoca;
Avizinha-se aos dous, e por castigo
Da fera ingratidão, do amargo insulto
Em feia ran loquaz converte a nympha,
Para que no lugar, onde acabára,
Para que, ás mesmas horas, em que altiva
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gôstos,
Começasse a rogar, porêm vanmente,
Com voz descompassada aos ceos vingança,
Tendo sempre em memoria azeda e viva
O seu antigo ser, e o lance infausto.
Ja se vai apoucando o niveo corpo,
Despe a côr, perde a fórma, e recebendo
Nova respiração, vozeia e salta
No lago crystallino. Amor emtanto
Pago, ufano de si, de estar vingado,
C'um ar piedoso a vista apenas lança
Ao mancebo infeliz, e o deixa e vôa:
Tam mesquinha em Amor é a piedade!

Indo a cruzar um prado, acaso á dextra
Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,
E descortina* sobre a relva amena
A gozar da frescura em ocio brando
Delia** formosa co' as sequazes nymphas,
Ja descontentes de tardar-lhe a socia.
C'um íntimo despeito as olha, as mede,
E por dar-lhes pezar, por dar-se glória,
Librando-se nas azas côr de fogo,
Narra-lhe em breves empolados termos
Qual fôra a morte, a punição de Argira,
E nos ares, a rir, desapparece.
De lagrymas se banha o bello coro
Apenas ouve o deploravel caso:
Eis que de Apollo a irman lhes diz que a sigam,
E com ellas caminha ao fatal sítio,
De vingativo impulso estimulada.
Chega, observa na areia as tristes próvas
Da tragedia cruel, olha o virote
No peito de Arenêo todo entranhado,
E d'isto não contente, e ainda irosa
Da acção de Amor, e intrepidez do amante
Co' a nympha mais prezada, e mais pudica

* Descobre, observa, etc.

Os arredores do arraial sejam bem *descortinados* pela vista.

PEDEGACHE. tom. II. pag. 87.

** Diana.

De quantas pelos bosques a acompanham,
Para a desaggravar, para vingar-lhe
Tanto a transformação, como a virtude,
(Reparar não podendo o damno injusto,
Porque as obras de um deus nenhum desmancha*)
Portentosas palavras murmurando
Contra o corpo sanguento, o piza, o muda
Na ave importuna, que prevê desastres,
Diffunde agouros, aborrece o dia,
E, quando vem do lóbrego Occidente
A fusca noite semeando horrores,
Ou nas arvores pousa, ou entre as fragas,
Onde, em quanto arrancais, oh rans limosas,
Enfadoso clamor que atrôa os ares,
(Do que era, e do que amou saúdosa ainda)
Até que aponta no horisonte a aurora
Em voz desconcertada está carpindo
Seu miserando amor, seu negro fado.

BOCAGE.

* *Neque enim licet irrita cuiquam*
Facta dei fecisse deo.

OVIDIO, Met. liv. III.

A PALMEIRA.*

Do undante Nilo a rubida Pomona
Houve um filho e uma filha, ambos d'um parto;
Elle Oreno chamado , ella Palmira.
No ponto do seu triste nascimento
Sinistros corvos roucos grasnos deram,
Negro amentado lobo huivou tres vezes,
E igneo meteóro ardeu sôbre seus lares:
Os paes cheios de horror de agouros tantos,
Querendo os fados precaver, consultam
Sôbre o destino dos recentes gemios.
O equóreo vate que apascenta as focas.
Este, depois que prêso em rijos laços
Horriveis fórmas por soltar-se toma**,

* Julgo que o leitor imparcial não achará nas minhas metamorphoses menos verosimilhança e invenção que nas de Ovidio; n'ellas involvo a moral, mostrando o castigo da avareza, da indocilidade, da lascivia, do perjurio, e outros crimes tam nocivos á sociedade.

O Auctor.

** *Est in carpathio Neptuni gurgite vates,*
Cæruleus Proteus, magnum qui piscibus æquor
Et juncto bipedum curru metitur equorum.

Do nubloso futuro o veo rasgando,
A fatidica voz assim desata :

« Se ha pouco os olhos no universo abristes,
Quaes vossos crimes são, tenros infantes,
Para o ceo contra vós chover desgraças!
N'um louco terno amor ardereis ambos,
Que alêm da morte passará comvosco :
Sustos, horrores, oppressões, desastres,
Nunca abater farão vossa constancia.
Fugi, fugi um do outro, ó desditosos!
Porque logo que virdes coroado
Vosso impudíco incestuoso affecto,
O extremo golpe soffrereis da parca,
E os proprios deuses mostrarão piedade,
De vosso triste desastrado termo. »

Hic nunc Emathiæ portus, patriamque revisit
Pallenen : hunc et nymphæ veneramur, et ipse
Grandævus Nereus : novit namque omnia vates,
Quæ sint, quæ fuerint, quæ mox ventura trahantur
Quippe ita Neptuno visum est, immania cujus
Armenta, et turpes pascit sub gurgite phocas.
Hic tibi, nate, prius vinclis capiendus, ut omnem
Expediat morbi causam, eventusque secundet.
Nam sine vi non ulla dabit præcepta, neque illum
Orando flectes : vim duram et vincula capto
Tende: doli circum hæc demum frangentur inanes.
Ipsa ego te medios cùm sol accenderit æstus,
Cùm sitiunt herbæ, et pecori jam gratior umbra est,

Disse, e escapando aos laços que o prendiam,
Per entre as vagas subito se esconde.
Os ternos paes de mágoa e dor feridos
Ouvindo a sorte dos gentis infantes,
As leis pretendem prevenir dos fados;
Esperam que dous lustros se completem,
E á casta Delia a tenra filha votam,
E o filho exulam para estranhos climas.
Mas quem foge aos decretos do destino?
Quem póde contra o fado oppor barreiras?
D'um sympathico amor victimas ambos,
Ambos feridos per crueis saudades,
Afim de se gozarem tudo emprendem.
A triste ausencia, das paixões verdugo,
Mais as chammas de amor lhes sopra n'alma.
Quantas vezes Palmira n'alta noite

In secreta senis ducam, quo fessus ab undis
Se recepit; facile ut somno aggrediare jacentem.
Verum ubi correptum manibus, vinclisque tenebis,
Tum variæ illudent species, atque ora ferarum:
Fiet enim subitò sus horridus, atraque tigris,
Squamosusque draco, et fulvâ cervice leæna;
Aut acrem flammæ sonitum dabit, atque ita vinclis
Excidet; aut in aquas tenues dilapsus abibit.
Sed quantò ille magis formas se vertet in omnes,
Tantò, nate, magis contende tenacia vincla;
Donec talis erit mutato corpore, qualem
Videris, incœpto tegeret cùm lumina somno.

VIRGILIO, Georg. liv. IV.

Em busca do fraterno ausente amante,
Errando per medonhos densos bosques,
Foi dos lascivos satyros corrida!
Quantas vezes ligada a rijos troncos,
Sendo colhida na teimosa fuga,
Provava as íras da feroz Diana!
Ora exposta ao calor do intonso Phebo,
Quando aprumo dardeja os igneos raios;
E ora vendo rasgar seus alvos membros
Com flagellos de silvas espinhosas!
Ja suspensa nos ramos pelas tranças,
Ja cuberta de injúrias, e de affrontas!
Porêm seu genio indomito e constante,
Ao pêso sotopôsto dos tormentos,
Em vez de se abater, fôrças tomava.
Emtanto Oreno, de si proprio alheio,
Morto de amores, de saudades morto,
Ais impacientes com fervor soltava:
A um louco phrenesi de amor entregue,
Foge do lar que o exula* de quem ama,
E intenta prescrutar o mundo inteiro,
Até que a nympha, por quem arde, encontre.
A precipicios horridos exposto,
Exposto á furia de famintas feras,
Ja barreiras transpõe, montes alpestres,
Ingremes serras cruza, aridas brenhas,
Inhospitos sertões, areiaes ardentes,

* Desterra, expelle, etc.: vem do latim *exul*.

Até que as vagas por limite encontra:
Mas sem que ao pêso de oppressões se abata,
Fazendo a Venus sacrificios, votos,
Ei-lo em fragil baixel se entrega ás ondas:
Com longos remos fere o mar, levando
O acaso por govêrno, o amor por norte.
Denso negrume emtanto enlucta os ares,
Sôltas procellas furiosas bramam,
Rebenta o mar em flor na aguda proa
Do curvo lenho que os tufões sossobram,
E em negras rochas, onde as vagas fervem,
Em mil pedaços se lhe torna o lenho:
Mas sem que o triste na constancia afroxe,
A fragil vida salva sôbre um remo:
O vento o arroja sôbre as fundas praias
Que ás fugas do seu bem termo teem pôsto.
De novo cruza serranías arduas,
De novo arrosta ignotos precipicios:
Mas ja o ponto lastimoso chega
Escripto no volume da ímpia sorte,
Em que se hão de cumprir as leis do fado.
O louco amante, de si proprio alheio,
Tristeza e gôsto sente n'alma a um tempo.

Guiado pela mão do atroz destino,
Entra n'um verde solitario bosque
Onde Palmira fatigada á sombra
Da nova fuga descançava os membros.
Morpheu na ideia á misera pintava

Entre scenas de mágoa o terno amante,
E tanto horror lhe dava o sonho horrivel,
Que erguendo a voz bradava: *Oreno*, *Oreno!*
Oreno, *Oreno* os echos repetiam;
E Oreno, ouvindo resoar seu nome,
De susto e gôsto esfria e titubeia;
Nova esperança lhe alvoroça o peito;
Triste alvorôço * o coração lhe assusta:
Corre, procura, indaga o bosque inteiro,
Até que a nympha suspirada encontra.

Que transporte! que susto! que alegria!
Elle subito a abraça, elle a desperta;
Elle de beijos férvidos a cobre;
Palmira duvidosa, alvoroçada,
Crendo-se indigna de ventura tanta,
Inda o que vendo está julga que é sonho;
Aperta o caro irmão, une-o a seu peito,
Sente-o, goza-o, conhece-o, não duvída,
Franqueia-lhe a alma... e o resto lhe franqueia.
As árvores que emtôrno o incesto víram,
De horror os ramos para o chão curvaram;
Murchou-se a relva, que pizaram ambos;
Ave agoureira lhe piou deroda,
Triste presagio de propinquos damnos.
Emtanto soam nos fragosos montes

* *Alvoroça* e *alvorôço*, claudicam na harmonia.

De velozes libreus* crebros latidos;
A casta deusa venatoria assoma
Com farpas duras perseguindo as feras.
Os dous amantes em prazer ondeando,
De nada tino dão, de nada cuidam,
Tremulos froxos ais soltam convulsos:
Diana os ouve, e os ve, furiosa os chama,
E Oreno a si d'um extasi tornando
A fuga emprende com terror da deusa.
Palmira, em tanto horror, menos sentindo
Perder a vida, que perder o amante,
Vai Oreno chamar; eis cega d'íra
Lhe vibra a deusa ao peito um ferro agudo
Que leva a morte na cruenta ponta;
A voz lhe fica na garganta prêsa,
E do nome de Oreno a desditosa
O *O* somente inicial soltando,
Entre os labios com elle a vida exhala.
Doído Jove de seu fado acerbo,
Em honra á deusa que a trouxera ao mundo,
Em árvore converte a infausta nympha,
Que Palmira ou Palmeira inda se chama.
Oreno apenas soube a scena horrivel,

* Galgos, cães de fila.

. . . . . Qual javali cerdoso,
Que retirando-se, aos *libreus* se vira.
SA DE MENEZES, Malaca, liv. XI. est. 34.

Pedindo aos deuses uma igual mudança,
Furioso rasga o coração e expira.
Jove igualmente em árvore o converte,
Dando-lhe nome igual, e igual figura.
Mas quanto as leis dos fados são penosas
Logo que alêm da morte se transmittem!
Em troncos duros convertidos ambos
Inda em amor se abrasam mutuamente;
Inda a indòmavel condição conservam.
Por isso, como o pêso das fadigas
Nunca pôde abater sua constancia,
Debaixo os ramos seus do maior pêso,
Em vez de se abaterem, se levantam:
Symbolo da constancia nos trâbalhos,
Os heroes por tropheo e insignia os tomam.
E inda é tam forte o amor da malfadada,
Que apezar da cultura, ou longos annos,
Sem ter o irmão defronte não dá fructos;
Nos caroços dos quaes se ve gravada
A letra inicial do nome *Oreno*,
O *O* derradeiro que soltou dos labios
No instante em que findou seus curtos dias.

B. Curvo Semedo.

Heroicomicos.

O GENIO DAS BAGATELLAS.*

Nos vastos intermundios de Epicuro
O gran' paiz se estende das chymeras,
Que habita immenso povo, differente
Nos costumes, no gesto e na linguagem.
Aqui nasceu a Moda, e d'aqui manda

* O Hyssope goza e sempre gozará das honras de poema classico. Não tem phrase, nem expressão que não seja de natural cunho portuguez. Se o auctor adoptou alguns termos estrangeiros, v. g. : *cremes*, *corbelhas*, *bougias*, *compotas*, etc. o mesmo fizeram os nossos maiores de melhor nota. Cousas que em tempos antigos não eram conhecidas, nome não podiam então ter de certo : uma vez admittidas, nome devem ter, e a nossa lingua lh'o deve imprimir, derivado do que teem no paiz d'onde as recebemos,

Aos vaidosos mortaes as várias fórmas
De seges, de vestidos, de toucados,
De jogos, de banquetes, de palavras;
Unico emprêgo de cabeças ôcas.
Trezentas bellas caprichosas filhas,
Presumidas a cercam, e se occupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escholastica van philosophia,
Que os claustros innundou; e que abraçaram
Até á morte os perfidos Solipsos *
Daqui saíram a infestar os campos
Da bella poesia, os anagrammas,
Labyrinthos, acrósticos sonetos, **

e o mais consoante possivel ao genio de nosso idioma. Assim o prescreve Horacio, que bom juiz é em gôsto, lingua e poesia:

Adsciscet nova, quæ genitor produxerit usus.
. . . . *Latiumque beabit divite lingua.*
HORACIO, Epist. liv. II. ep. 2.
T. L. V. . . . . .

* Palavra composta das duas latinas *solus* e *ipse*, que corresponde ao sentido que damos hoje ao nome de *egoísta*. Melchior Inchöfer, jesuita alemão, é o inventor d'essa expressão que produziu, para designar per ella os padres, geral, chefes, e regentes da companhia de Jesu.

** Em alguns manuscriptos, e nas duas edições que antes d'ésta se publicaram, lia-se *segures* em

E mil especies de medonhos monstros,
A cuja vista as musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas gruttas do Parnaso.
Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida Burletta, que tyranna
Do theatro desterra indignamente
Melpomene, e Thalia, e que recebe
Grandes palmadas da nação castrada. *

Do denso povo, que o paiz povoa,
Um com pródiga mão ricos thesouros,
A trôco d'uma concha ou borboleta,
Ou d'uma estranha flor que represente
As vivas côres do listrado Iris,
Dispendem satisfeitos: outros passam,
Sem cessar, revolvendo noite e dia
Do antigo Lacio antigos manuscriptos,

vez de *sonetos*. Eis o que Francisco Manuel escreveu ao edictor acerca d'ésta palavra:

« *Segures* eram certas composições mui tolas, em que as prosas ou alcunhados versos, tomavam a fórma d'uma *segure* ou machado, etc. como ha exemplos nas que se podem ver n'um gordo livro em-4°, que Fr. Francisco da Cunha, *augustiniano*, imprimiu á custa da raínha mulher de D. João v. — *Elogio da rainha de Hungria* —

* Os italianos.

Do roaz tempo meio-consumidos,
Para depois tecer grossos volumes
Do—H—sobre a pronúncia; ou se se deve
A conjunção unir ao verbo, ou nome
Que marcham antes d'ella no discurso.
Alguns (misera gente!) inutilmente
Compoem grandes Iliadas,* e tecem
Aos vaidosos magnatas mil sonetos,
Mil pindaricas odes e epigrammas,
A que apenas de olhar elles se dignam.
Estes, cujas cabeças disgraçadas
Não bastam a curar tres Antyciras**,
Abrasados se crêem d'um sancto fogo,
E ter commércio com os altos deuses:
Senhores da aurea fama e seus thesouros,
Se inculcam aos heroes, e em seus delirios,
Se julgam mais felizes e opulentos
Que o grande imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cubertos de baldões, e de improperios

* Isto é maus poemas, como v g. a *Henriqueida*, a *Joaneida*, e outros mais.

** Ilha d'Eubea, hoje chamada Negroponto: era célebre entre os antigos, em razão do helleboro que produzia, e a que elles attribuiam a grande virtude de desterrar a melancholia, e de restituir a seu siso os que eram affectos de loucura; fosse qual fosse o genero ou grau d'ella. Horacio disse:

Si tribus Anticyris caput insanabile nunquam.

Dos ricos ignorantes, e dos grandes,
Com mofa e com desprêzo, são olhados.

D'este pois populoso e vasto imperio
Em paz empunha o sceptro poderoso
O Genio tutelar das Bagatellas.
N'um magestoso alcaçar, que se eleva
Com estranha structura, até ás nuvens,
Assiste o grande nume; e d'alli rege
A lunatica gente, a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro tôrres de lata se levantam,
Do capricho obra em tudo muito prima,
Onde a materia cede muito á arte.

Aqui pois a conselho chama o Genio
Do seu imperio os principaes dynastas.

N'um vistoso salão, todo cuberto
De papel prateado e lantejoilas,
Se ajuncta a grande côrte; e alli per ordem,
Assentando-se vai: aos pés do throno
De alambres e velorios embutido,
A lisonja se ve, e a excellencia;
Segue-se a senhoria, e abaixo d'ella,
O dom surrado, as grandes cortezias,

O whist, o trinta-e-um, os comprimentos;
E logo a vampirismo, os sortilegios,
Os sylphos, salamandras, nymphas, gnomos,
E os outros genios da subtil cabala *
De mil vans ceremonias rodeiada,
Os assentos reparte a precedencia.

Composto o gran' rumor, e socegado,
Assim do alto do throno o Genio falla:
« Illustres moradores d'este excelso
Magnífico palacio, bem sabido
Ja ha muito tereis o quanto deve
O meu augusto genio, a nossa côrte,
Ao gran' prelado, que as ovelhas pasce
Dos elvenses redís : notorio a todos
Sem dúvida vos é, como pospondo
Das funções mais piedosas o cuidado
Ás nossas bagatellas, sò se emprega
Em cousas vans, ridiculas e futeis.
A corrupta, mas real genealogia,
O rôxo-tercio-pêllo dos sapatos,
As pedras que lhe esmaltam as fivellas,
A preciosa saphyrá, a linda caixa,
Onde, (sobre Amphitrite que tirada

* É uma d'aquellas loucuras que com o nome de sciencia tem acommettido, em diversas epochas, a triste humanidade. Os judeus hellenistas foram os inventores d'essa especie de *giria*, a que deram o sublime nome de *sciencia occulta*.

De escamosos delphins, n'uma aurea concha,
Os verdes campos de Neptuno undoso,
Cercada de tritões, nua passeia)
Do famoso Martin * o verniz brilha;
Seu emprêgo so são, e seu estudo.
Emfim, entre os mortaes, não ha quem renda
Á minha divindade maior culto.
Agradecido pois ao grande empenho,
Que mostra em nos honrar, tenho disposto
Dar á sua vaidade um novo pasto.
Que a uma escusa porta o Deão saia,
C'o Hyssope, a espera-lo, determino.
D'este meu parecer quiz dar-vos parte,
Não so para escutar os vossos votos,
Mas para que saibais e fiqueis certos,
Que a côrte não fazeis a um nume ingrato. »

Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio congresso o seu dictame,
Um sussuro no cônclave se espalha,
Ao do zephyro em tudo similhante,
Quando nas frescas tardes suspirando,
A bella Flora segue, que travêssa
Ca, e la, entre as flores, se lhe furta.

DINIZ, *Hyssope*.

* Era um torneiro em París, nomeado pelo verniz e burnimento que dava ás caixas de tabaco, carruagens e outros trastes que saiam de sua fábrica.

O DEÃO NA CÈRCA

DOS CAPUCHOS.

Sobre uma agra montanha, que se estende
Em pequena distancia, dos suberbos
Guerreiros muros da triumphante Elvas,
O célebre convento se levanta.
Aqui, da molle inercia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da provincia, se ve cem padres graves,
Ex-guardiões, ex-porteiros, ex-leitores,
Ex-provinciaes, e alguns d'estes famosos
Pelas artes subtis, pela ardileza,
Com que forçado teem o sp'rito-sancto,
Nos rixosos capitulos, mil vezes,
Os votos a seguir do seu partido.
D'estes tambem no meio, alli se encontram
Do gordo badulaque ex-cuzinheiros,
Na fumosa cuzinha, entre as tisnadas
Certans fuliginosas e marmitas,
Com grande glória sua, jubilados.

Aqui, suando pois, como um cavallo,

Chega o Deão, a tempo que o porteiro
A porta da clausura prompto abria ;
E vendo do Deão a gran' fadiga ,
D'ésta sorte lhe diz, sobresaltado :
« Que é isto , meu senhor ? Que estranho caso
Aconteceu a vossa senhoria,
Que per baixo de calma tam intensa,
Á nossa casa o traz tam afrontado ?
Matou acaso algum dos seus collegas ?
Roubou a sacristia ? ou, do diabo
Tentado, violou alguma virgem ,
E asylo vem buscar na nossa igreja ? »

— « Nenhum d'esses desastres , Deus louvado !
Me succedeu ; (o Lara lhe replica)
Ao padre-guardião somente quero
N'um negócio fallar, se for possivel. »

— «Inda bem: pois cuidei que era outra cousa;
(Lhe torna o bom porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue em quasi todo o corpo.

« O padre-guardião , antes das cinco ,
Não costuma da sésta levantar-se;
Mas , por servir á vossa senhoria ,
A desperta-lo vou ; no emtanto póde
La na cêrca esperar, tomando o fresco. »

Isto dizendo , ao dormitorio sóbe ;

E o Deão, caminhando para a cêrca,
Com outro reverendo, acaso tópa,
De gran' barriga, de cachaço gordo,
Que attento o comprimenta e acompanha.

Quiz então a fortuna, que este fosse
Um dos padres mais graves da provincia,
Ex-guardião, ex-leitor e jubilado,
De todos o mais docto, excepto o Arronches,
Pregador de gran'fama, na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo
Que n'ésta sancta casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cêrca entrando, junctos se lhe off'recem
As areiadas ruas, as estatuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cubertas, e que, emtòrno,
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na statua que primeira alli se encontra,
Pergunta ao Jubilado: « Quem é este
Monsieur París? segundo diz a lettra,
Que per baixo, na base, tem aberta:
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi francez, e talvez cabelleireiro,

Inventor do topete que o enfeita.»

— « Páris, e não París diz o lettreiro,
(Circunspecto lhe volve o padre-mestre)
Nem Francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa;
Mas em Troia naseeu de stirpe régia.»

— « Pois, se Francez não foi (replica o Lara)
Como monsieur lhe chamam?»—C'um surriso
Lhe torna o padre-mestre: «Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo:
Aope de cada canto, hoje, sem pejo,
Se tractam de monsieurs os Portuguezes.
Isto, senhor, é moda; e como é moda,
A quizemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao mundo, que françez sabêmos.»

—« De tanto pêso pois (lhe volve o Lara)
É, padre-jubilado, per ventura,
O saber o francez, que d'isso alarde
Fazer quizessem vossas reverencias?
Per acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se, e serem sabios?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o francez, para mim, o mesmo monta,
Que a lingua dos selvagens Boticudos.»

—« Não diga. senhor, tal; que n'este tempo,

Ó Tempos, ó costumes! (diz o padre)
O saber o francez é saber tudo.
É pasmar ver, senhor, como um pascasio,*
De francez com dous dedos, se abalança
Perante os homens doctos e sisudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a sancta theologia,
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scoto,**
Aos Baconios,*** aos Lullos,**** e a mim proprio.

* Palavra composta, e bem como outras muitas singularmente nossas, derivada das gregas πᾶς, α, ᾶν *adj.* que segnifica *todo*, e do verbo σκάζω, que em sentido physico e moral, lembra o defeito de *coxear, claudicar*, etc. *Pascasio* quer dizer, homem que *todo*, ou em *tudo* coxeia, manqueja ou claudica; seja de corpo, seja de juizo, ou seja emfim, em mesclar a sua lingua com expressões escusadas, e quasi sempre improprias, que, per affectação, vai buscar a idiomas que mal conhece: o que é próva incontestavel de cabal tolice.

** É assim chamado por ter sido Escossez: nasceu perto de Berwick n'uma pequena villa que tem nome de Dustan ou Duns.

*** Roger ou Rodrigo Bacon nasceu em 1214 no condado de Sommerset em Inglaterra. Foi na verdade homem superior ao seculo em que viveu, e merece a attenção do nosso. Buscando o socêgo que requer o estudo da natureza, entrou na ordem de san' Francisco, e n'ella fez seus votos.

**** Reimundo Lullo nasceu em 1235, na cidade de

D'ésta audacia, senhor, d'este descoco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias,
É a nossa portuguez casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções que merecem ser queimadas!)*
Em mil termos e phrases gallicanas;
Ah! se as marmoreas campas levantando,
Saíssem dos sepulcros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Lusitanos varões, que com a penna,

Palma, capital da ilha de Maiorca Não se sabe se foi frade, ou meramente irmão terceiro da *Seraphica*: escreveu innumeraveis volumes sobre diversas materias, em estylo cabalistico: e por isso no seu tempo considerado foi como um grande doctor.

* Commetteram-se traducções de várias obras e tractados (que parece teriam extracção) aos aventureiros, que se presumiam capazes de similhante empreza, ou elles mesmos as offereciam, sem esperar que os rogassem; e nas circunstancias presuppostas, sendo taes traducções feitas muito á pressa, umas inspiradas pela fome, outras pela presumpção, sabiam taes como se podia esperar. Apparecia no público mais um livro novo em linguagem da moda. Das lojas dos livreiros e botequins saíam os votos das obras traduzidas, e recommendações aos desejosos da fructa nova. Se era uma collecção de sermões passava ás mãos de pregadores principiantes; se era uma historia ou novella ou obra de theatro, servia de recreação ao cavalheiro, e ao escudeiro curioso. Os

Ou com a espada e lança, a patria ornaram;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escriptos
Estes novos ridiculos auctores;
(Como se a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios)
Subito, certamente, pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofála ou Moçambique;

dogmatistas, que liam o francez, não deixaram de chegar-se ás versões dos tractados, pelo convite de alguma nota aqui ou alli, ou simplesmente pelas inculcas, que deu o impressor no aviso ao público. Ninguem la se embaraçava com gallicismos, nem se enojava dos termos ou phrases improprias que iam involvidas no contexto. Applaudia-se a linguagem por ser nova, sem se advertir, que era barbara ou extravagante. E feita a leitura nas palestras, não havia cousa mais ordinaria, que o dizer-se em tom decisivo: *Isto é bello: est'outro está bem fallado*: tomando cadaqual por bello e bem fallado o mesmo que não intendia. Mas quem dicesse o contrario era idiota raso ou pedante, ou não tinha bom gôsto. Calásse a boca quem intendia o que vale nas linguas a analogia, os privilegios do uso, a fôrça da authoridade. Não se disputasse sobre pureza de linguagem, propriedade de expressões, e regularidade de idioma. Ninguem diria: *Nunca assim fallaram os nossos avós; nunca assim escreveu Andrade, Souza,*

Até que ja, porfim, desenganados
Que eram em Portugal, que os Portuguezes
Eram tambem, os que costumes, lingua,
Per tam estranhos modos, afrontaram,
Segunda vez de pejo morreriam.

Mas elles teem disculpa; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga;
Sem saber o que escrevem, escrevendo,
Buscam d'ella o remédio, e como logram

Vieira, *Camões*, etc.; estava certa a treplica: *Esses teem phrase rançosa; escreveram para o seculo dos Afonsinhos; isto agora é portuguez moderno.* O que mais admira é, que muitos homens doctos e versados nos nossos auctores, que não deixaram de conhecer ésta desordem, se deixaram (não sei como) levar da torrente, e abraçaram as francezias, querendo mais comprazer com o gôsto dos insensatos, do que seguir a prudente austeridade do pequeno número dos censores judiciosos: e o peior é que o seu exemplo, talvez a seu pezar, tem servido de authorizar e propagar a corrupção, principalmente nos pulpitos, onde (por desgraça nossa, e a maior dos mesmos pregadores) a doctrina de Christo ja por moda custuma ter mais de phrase franceza, que de phrase evangelica. D'alli pois é que o povo aprende com a doctrina os vocabulos, ou (o que é mais commum) aprende os vocabulos sem doctrina, e tanto mais perversamente se insinúam n'elle, quanto mais loucamente os applaude sem os intender.

MEMOR. DE LITTERAT. PORTUG. tom. IV, pag. 463.

Os fins de seus intentos ; o que escrevem ,
Seja ou não portuguez , isso que monta ?
Quem desculpa não tem , nem a merece ,
É quem vedar-lh'o deve , e não lh'o veda.
Mas por ora deixemos éstas cousas ,
Que o mundo corrigir a nós não toca.

« Este (como dizia) foi Troiano,
E nos campos que o phrygio Xantho corta ,
Guardando , em doce paz, o seu rebanho,
Eleito foi juiz do grande pleito,
Que Juno e Pallas, entre si, com Venus ,
Sobre a belleza , um tempo, sustentaram ;
No qual não sei porêm, se com justiça ,
Deu a favor de Venus a sentença ,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discordia lançara n'um banquete.

—« Ja n'esse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar : (lhe volve a Lara)
Mas o tal monsieur Páris foi um asno ;
(Perdoe a sua ausencia). Se na causa ,
De ser juiz a sorte me coubera ;
Daria mal ou bem minha sentença ,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a consciencia;
Mas a maçan havia d'eu papa-la ,
Pelas custas, porcerto : e quando muito ,
Daria á vencedora d'ella as cascas.

Mas, diga-me, meu padre-jubilado,
Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa e penteado?»

—«Essa é boa! (replica o reverendo)
Pois parece-lhe a vossa senhoria,
Que lhe bastava o sêcco tratamento
De monsieur, que lhe démos, e um cajado,
Um intonso cabello, uma samarra?»

—«Essa razão me quadra (diz o Lara)
E ésta madama Helena (continúa)
Que d'elle está defronte, per ventura
É Troiana tambem, ou é Franceza,
Como do penteado mostra o gôsto?»

—«Não foi, senhor, Franceza, nem Troiana;
(Responde o padre-mestre) d'alto sangue,
Em a Grecia, nasceu; e no seu throno
Esparta um tempo a viu: mas sceptro, spôso,
A patria, a fama, a glória d'alta stirpe,
Tudo deixou por Páris.
—«Pois que! o spôso,
A cara patria, o sceptro, a fama, a glória,
Tudo deixou por esse barbas-d'alho?
Valente marafona foi por certo,
A tal madama Helena! E quem foi ésta?
Diz a lettra, madama Pena-Lopes,

(Proseguia o Deão) talvez sería
Tam boa, como ess'outra ?»
— Essa (responde
O docto Jubilado) é d'outra laia.
A famosa Penelope foi ésta,
Do conjugal amor, da fe jurada,
Do sagrado hymeneo nas castas aras,
Um perfeito exemplar, grande matrona,
Boa mãe-de-familias, e estremada,
Entre a mais de seu tempo, tecedeira.
N'uma têa gastou mais de dés annos... »

—« Que me diz, padre-mestre? Está zombando!
(O Deão aturdido lhe replíca)
Em urdir e tramar uma so têa
Dés annos consumia a tal madama!
E diz-me que foi grande tecedeira?
A minha ama... e mais é uma zoupeira,
N'outro tanto não gasta nove mezes:
E comtudo, não passa, entre as peritas,
Por grande sàbichona n'este officio. »

—« N'isso mesmo é que esteve a habilidade,
(O padre lhe tornou) poisque de noite,
O que obrava de dia, desmanchava. »

— « Peior! (diz o Deão) Isso é o mesmo,
Que para trás andar, qual caranguejo.
Jurarei em cem pares de Evangelhos

Que essa mulher perdido tinha o siso. »

— « Perdido o siso! Que galante cousa!
(O padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher se viu tam atinada
E digna de passar á eternidade
Sôbre as azas da posthuma memoria.
Foi prudencia, senhor, o que loucura
A sua phantasia lhe figura.
Pois se assim practicava, era somente
Por enganar (em quanto o caro sposo
Da prolongada ausencia não volvia)
Cansados rogos de importunos procos *
Que aspiravam do seu consorcio á glória.
Arachne, que Minerva vingativa
Em aranha tornou, por arrojar-se
A competir com ella; certamente
Lhe não levara no tecer a palma. »

— « Como é isso? (o Deão diz assustado)
Pois, salvo tal lugar, um homem póde.

* Cicero e outros classicos latinos fizeram emprêgo da palavra *Procus* : mas Diniz a tomou certamente de Horacio, e applicou-a, como este, aos que sollicitavam a mão e o throno de Penelope :

Non te Penelopen, difficilem procis,
Tyrrhenus genuit parens.

Liv. III, od. 10.

(Isto fallando, todo se persigna)
Ou póde uma mulher em feio bicho,
Ou animal quadrupede, mudar-se ? »

—« Isto fabulas são, com que os antigos
Quizeram explicar aos seus vindouros
De muitos animaes a indústria e arte;
E além d'isso ensinar, que ás divindades
Se deve ter um grande acatamento.
Mas, que acontecer possa, quem duvída ?
(Dizia gravemente o docto padre)
Não fallo agora das antigas Lamias,
Que inteiros enguliam os meninos,
De Circe, de Medea, nem de Alcina,
Ou da velha Canidia, de quem conta
O bebado de Horacio as nigromancias.
Todos sabem, que todas éstas bruxas,
Em ossudos leões, manchados tigres,
Em ardidos ginetes, negros ursos,
Ou em toupeiras vis, vis musaranhos,
A seu sabor, os homens convertiam.
Além d'isso, Apuleio * nos informa,

* Philosopho da eschola platonica : viveu no segundo seculo de nossa era, e sob o imperio dos Antoninos. Foi natural de Africa, viajou per muitos paizes, e veio a Roma, onde depois de aggregado ao collegio dos sacerdotes da deusa Isis, advogou causas suas e alheias; professou philosophia e eloquencia, e escreveu várias obras, umas em grego, outras

Que, per malicia d'uma certa Fotis, *
Em asno, n'um instante, se formara,
E como asno passara mil trabalhos.
Não tem ouvido vossa senhoria,
Ruidosos cães uivar, la na alta noite?
Pois que querem dizer aquelles uivos,
Senão, que anda no bairro lobis-homem,
Ou homem, por fadario, transmudado
Em jumento orelhudo, ou em sendeiro?»

— « Sancto bréve-da-marca! (aqui exclama
O farfante Deão, de temor cheio;
E logo proseguiu.) » Se minha estrella
Ordenado me tem, que per incantos
De alguma feiticeira ou nigromante,
Em fero bruto eu haja de mudar-me,
Praza a vós, sanctos ceos! ao fado praza,
Que, antes do que em sendeiro lazarento,
Em brioso cavallo, elles me mudem:
Pois assim poderei, inda algum dia,
A sorte vir a ter de ser pae d'egoas.
Que bons potros darei da minha raça!
Mas, se muito julgais o que vos peço,

em latim. N'ésta última lingua compoz a fabula ou metamorphose, a que deu o nome de *Asno de ouro*, (Asinus-aureus.)

* É no *Asinus aureo* a feiticeira agente, em seu prol e prazer, no decurso de toda a metamorphose.

Aomenos concedei-me, que em fuinha
Ou matreira raposa me transtornem;
So para do bispo ir ao gallinheiro,
De quantas aves tem a dar-lhe cabo.* »

Socegado o Deão do seu espanto,
Ao bom padre pergunta : « E quem é este
Circunspecto monsieur que ca se enxerga ? »

—« Esse que ahi está, nem mais, nem menos,
É o facundo decantado Ulysses,
De madama Penelope marido :
De todos quantos gregos aportaram
Da neptunina Troia ás curvas praias,
O mais prudente foi, excepto o velho
Nestor, que viu dos homens tres idades.
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o fero Ilion, per suas traças,
E da altiva cidade so ficara
O campo, em que imperiosa antes estava,**
Voltando á patria amada, carregado
De altos despojos da immortal victoria,

* Esta falla do Deão é uma obra prima de chistosa simplicidade. Poucos lugares, talvez, se achem no *Lutrin* de Boileau, mais originaes, e escriptos em tam faceto estylo.

** *Et campos ubi Troja fuit.*

VIRGILIO.

De Neptuno soffreu a cruel sanha,
E dos ventos e vagas açoutado,
Undívago correu per longos mares,
Vendo de muitas gentes as cidades,
As várias artes, os costumes vários,
Até que levantou, na foz do Téjo,
A raínha do mar, Lisboa invicta.»

— « Oh grande fundador da minha patria,
(Aqui brada o Deão) se mãos tiveras,
E se pernas e pés te não faltaram,
Os pés e mãos humilde, te beijara!
Mas se manco e maneta aqui te vejo,
E á franceza vestido, a mal não hajas
Que á franceza te beije a fria face.»
Disse: e ao collo, furioso se lhe lança,
E na face tres beijós lhe pespega.

Passado este pequeno enthusiasmo,
O Lara, proseguiu: «E aquell'outro,
Que do jardim no meio se impertiga
Com cara de ferreiro, é por acaso
O grande Ferrabraz de Alexandria?
Ou Galafre da ponte de Mantible?*

*Veja-se o capitulo 1º do livro II, e o capitulo XXII do mesmo livro, na decantada historia do *imperador Carlos Magno, e dos doze Pares de França.*

— « Esse (responde o padre) foi Alcides,*
Cujo tremendo braço, cujos feitos
Hade, por certo, vossa senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermões, ao nosso padre Arronches.

—« Engana-se, senhor : (O Deão volve)
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;
E postoque, no côro, muitas vezes,
Em razão d'ésta minha dignidade,
A meu pezar, alguns ouvir eu deva ;
Em quanto o padre grita, estou dormindo :
Pois d'outra sorte disfarçar não pósso
A fome que me attaca a essas horas.
Se eu algum dia for eleito bispo,
(Como esperar me faz o regio sangue
De Lara, que nas veias me circula)
Ja, desde aqui, meu padre, lhe prometto,
Que estés sermões desterre do bispado ;
E se n'elle inda achar quem tenha o flato
De pregar, lhe darei prompto remédio :
Mandarei, que cumprindo seus desejos,
Vá prégar aos hereges e gentios,
Que o prémio lhe darão do seu trabalho ;**

* Em Lisboa corre um livro impresso com o titulo de *Hercules da igreja ;* e esse Hercules é san' Domingos.

** Allude, talvez, aqui o poeta, entre outros missionarios, a Reimundo Lullo ; o qual pretendeu, pela

E escusem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa dilatada arenga,
Que ouve, per uso, o povo e não intende,
E a pagar vem, perfim, por alto preço;
Dando (cousa que muito a mim me espanta)
Sem saber o porque, o seu dinheiro.
Sermões? — E quando quer jantar a gente?
A fome so augmentam, causam somno.
Mas, tornando, meu padre, ao nosso ponto,
Este Alcides, segundo tenho ouvido,
Foi o maior tunante dos seus tempos.

—« Foi amigo de môças? Que tem isso?
Ve-me aqui? pois com ter mais de settenta,
(Dizia o Jubilado) nem por isso
Onde quer que as eu topo, lhe perdôo. »

— « Outro tanto de mim, ó quanta mágoa!
(O Deão exclamou) ó quanto pejo
Me custa, padre-mestre, o confessa-lo!
Outro tanto de mim dizer não posso,
E comtudo não passo dos sessenta;
Mas isso é do burel virtude innata.

fôrça de sua logica, converter os mouros de Africa: estes premiaram o seu zêlo com tanta pedrada, que deixado por morto, foi recolhido a bordo do navio que a tam sancta expedição o levara, e n'elle morreu antes de chegar á sua patria.

Agora pois, se á vossa reverencia
Pesado lhe não for, dever quizera
Que d'este traficante toda a história
Me referisse; pois, segundo penso,
Hade ser vária e muito divertida.
Lembra-me a mim, que sendo inda estudante,
Do bacharel-trapaça, e peralvilho
De Cordova*, a história portentosa
Ouvi ler (por signal, que por ouvi-la,
Na classe pespeguei valentes gazios
A um clerigo vizinho, bom poeta,
Que sabía o Borralho** todo inteiro,
E tinha uma escolhida livraria;)
E confesso-lhe, padre-jubilado,
Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
Cousa, que ca no goto mais me désse.»

— «De bom grado o farei, por dar-lhe gôsto
(O padre lhe tornou, e assim começa:)
Este grande varão Alcmena e Jove
Teve por paes, aindaque gran' tempo
Do forte Amphitrião passou por filho...»

— «Com que, de mais a mais o tal Alcides
De barregan foi filho?... Ávante padre,

* Engraçadissima novella que (se não me engano) vem n'um dos tomos da constante Florinda.

** Auctor de uma indigesta arte de versificação.

Que o comêço promette grandes cousas. »
(Diz o Deão,
— E o padre proseguia :)

« De tantas fôrças foi, logo em nascendo,
Que inda elle não contava bem dés mezes,
Quando, em lugar de bêrço, repousando
N'um escudo de cobre, que a Pterelas*,
Amphitrião ganhara batalhando,
Duas cobras, mais grossas que um madeiro,
Que entraram a papá-lo surrateiras
No silencio da noite, per mandado
De Juno, que em ciumes se abrasava,
Rompeu, espedaçou com mais presteza,
Do que eu trinchar costumo uma gallinha,
Quando, com fome estou, na nossa cella :
Digo—na cella—; pois no refeitorio
Ésta ave nunca entrou; que n'elle reina
Somente o bacalhau, e talvez podre.
Depois, sendo mancebo, a estrebaría
De Augías** alimpou, façanha grande!... »

* Rei dos Thelebanos.

** Rei da Elida. Concertou-se com Hercules de lhe dar a decima parte de seu gado, por lhe alimpar os seus curraes, cujo estêrco inficionava os ares. Hercules encaminhou para alli (a fim de o podêr conseguir) as aguas do rio Alpheu ; depois matou o dicto rei, que lhe denegara o seu salario, e deu os seus estados a Phyleu, seu filho.

— N'este ponto o Deão ter-se não póde
Sem que ésta sábia reflexão fizesse:
« Filho de barregan! môço de mulas!
Vejam de que relé era a criança! »

— « Logo (prosegue o padre-jubilado)
Fez maiores acções; um leão fero
Na floresta Nemea cara á cara
Destemido afrontou; e lhe machuca
Com a pesada massa o duro casco..... »

Aqui chegava o padre em sua história,
Quando o esperto Deão, á porta vendo
Da cêrca o Guardião que a vê-lo vinha,
Inda do somno os olhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes
Ao Guardião gritando: « Appéllo, appéllo
Perante vossa sábia reverencia,
Varão constituido em dignidade,
Da affronta que me faz o meu cabido,
Pretendendo com mulctas constranger-me
A vir apresentar ao gordo bispo,
A uma porta escusa, o sancto Hyssope.
Peço tambem com todo o acatamento
Os reverenciaes apostolos, mil vezes
Com mais e mais instancia, instantemente... »

— « Basta: (o prelado diz) ja interposta
A appellação está. Agora, em quanto

O reverendo padre-jubilado,
Pois notario não ha que dê fe d'isso,
A certidão lhe passa, nos sentemos
Aope d'ésta roseira a tomar fresco. »

Dictas éstas palavras, se assentaram,
E o farfante Deão assim começa:

— « Por certo, que não póde duvidar-se
Do augmento, senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, per alto influxo
Do grande forte e nunca assás louvado
Rei, primeiro no nome e nas virtudes,*
E do sabio ministro que lhe assiste.
Não fallo nas sciencias e nas artes,
Que eu d'ellas nada sei; pois meu emprêgo
Ás lettras applicar-me me** não deixa
Como meu gôsto e genio me pediam;
E da arte da cuzinha tam somente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa***

* El-rei D. José.

** A concurrencia syllabica *me*, torna difficil a pronúncia d'este verso.

*** E não se enganava o Lara quando assim discorria; pois, aqui em París, todos os tres mezes, sai, com nova edicção o chorudo livro intitulado — *Cuzinheiro-real.* — Certo, não aconteçe o mesmo ás mais gabadas producções philosophicas, moraes, oratorias, etc. A gastronomía é quem brilha!

Aos homens que o francez que anda na moda)
Alguns pedaços leio estando vago.
Fallo, sim, no apparato dos banquetes,
No polido dos trajes e assembleias,
Dos jardins no bom gôsto, e dos palacios:
Digo isto, meu senhor, porque ésta cêrca
Que era um chiqueiro ha menos de dous dias
Hoje tornada está n'um paraíso.
Mas que não poderá um genio grande.
E tal como o de vossa reverencia? »

— O guardião então todo enfunado,
Mas modestia affectando, lhe responde:
« Aqui que póde haver que os olhos encha
De vossa senhoria, que tem visto
As terras estrangeiras tam gabadas,
Se é tudo uma pobreza franciscana! »

N'este ponto chegando o jubilado,
O discurso lhe atalha, e ao Lara entrega
A grande certidão, que passar fôra.
O Deão a recebe civilmente,
E com mil importunos cumprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous padres, cortez, se despediu.

DINIZ, *Hyssope.*

CANTO DO VIDIGAL.

VATICINIO DO GALLO.

Depois o Vidigal ligeiro toma
Uma bandurra que na orchestra estava,
Per mão de insigne mestre trabalhada:
N'ella se viam, sôbre a branca faia,
De marfim embutidas e pau sancto,
As folias do filho de Semele,*
Quando, do Ganges triumphando, á Grecia
Entre ledos tripudios se tornava.
Estava o gordo deus alli sentado
N'um grande carro que virentes parras
Contra os raios do sol todo toldavam;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jorro de liquor vermelho,
De throno lhe servia; e o môço imberbe
C'o verde thyrso, de uma mão picava
Os dous accesos mosqueados tigres,
E co'a outra chegava á sêcca boca,
De saboroso çumo um cheio vaso.
Após elle se via debuxado

* Baccho.

O bebado Sileno, sobre um ruço
E cançado jumento; de verde hera
C'roada a fronte tinha o semi-capro;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vêem, se representa
Que, balançando, o semi-deus caía,
C'os fumos que a cabeça lhe toldavam.
De foliões silenos uma tropa,
Quasi para o suster, o rodeiava,
E sôbre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precediam o carro desgrenhadas
Mil bacchantes e satyros lascivos
Dando nos ares descompostos saltos.
Uns tocavam buzinas retorcidas,
Outros rijos adufes e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumento,
Se encommendou ao deus a quem amava,
E dando á escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz com que costuma
Levantar os mementos nos enterros.
Com tam grande attenção não pendem promptos
Do novo batalhão da elvense terra
Os marciaes soldados na parada,
Da voz agallegada do Malifa,
Quando o manejo, á falta d'homens, rege;

Como a festiva companhia pende
Dos duros berros do cantor famoso,
Que da patria em louvor, assim dizia :
« Ó grande Elvas, cidade em todo o tempo,
Por teus famosos filhos, memoranda!
Hoje té ás estrellas meus accentos
Teu nome levarão e tua fama;
Mas d'onde a minha voz a teus louvores
Dará princípio? Tu, ó brincão Baccho,
Como tens por costume, tu me inspira!
Mil em silencio deixarei successos
Em mais remotos tempos celebrados,
Que tua glória illustram; pois não póde
Um ingenho mortal todas as cousas ;
E a louvar passarei do teu senado
A rara e nunca vista economía
Com que no velho, ja rachado sino,
(Por se acharem as rendas do concelho,
Em luminarias, luctos e propinas,
Todas, em seu proveito, consumidas)
Quatro gatos* mandou lançar de ferro. »

Com tal arte fería o cantor destro
Do pequeno instrumento as tesas cordas,

* Allude o poeta á logração em que caíu certa corporação religiosa que ainda conserva rachado o seu sino maior. Um charlatão roubou-a de quantidade de marcos de prata fina, sob o pretexto de fazer uma solda particular com que havia de soldar o

Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso,
Que, ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviam no sino as marteladas.

« Que direi, (proseguiu) da subtileza,
Com que gravar mandaste sôbre a porta,
Que tem de esquina o nome, em negra pedra,
Por que ninguem a lê-la se atrevesse,
A famosa inscripção em negras lettras?
Mais intrincado, mais escuro enigma
Que o que nas portas da famosa Thebas,
Por destino fatal, aos peregrinos
Feroz propunha a monstruosa Sphinge. * »

dicto sino. Depois de sustentado á custa da communidade, e de ter recebido algum dinheiro á conta do promettido milagre, deixou sôbre a eiva do sino um emplastro de chumbo, e levando comsigo a prata, desappareceu.

* Monstro que tinha o rosto de mulher e o resto do corpo similhante a um cão e a um leão com azas. Juno indignada contra os Thebanos, por causa de Alcmena haver attendido Jupiter, enviou o dicto monstro para cima do monte Cytheron; no qual propunha um enigma, e devorava aquelles que o não explicavam, depois de se apresentarem para o decifrar. Consistia este enigma em saber, qual era o animal que tinha quatro pés de manhan, dous ao meio-dia, e tres de tarde. OEdipo reconhecendo o homem por ésta imagem, interpretou o enigma, e a Sphinge, precipitando-se de raiva, quebrou a cabeça.

Aqui, para tomar maior alento,
Um pouco se calou; e em alvo pondo,
(Como quem pensa em cousas mais profundas)
Os turvos olhos, prega um grande escarro,
Com que assustou os circunstantes todos;
E de novo começa: « Oh! se eu lograsse
A grande dita de nascer em Roma,
E alli, na tenra idade, me tivessem,
Qual misero e novel frangão, castrado;
Que então so, dignamente, em fino tiple,
Qual Achiles nas operas d'Italia,
De teu grave senado cantaria
A acção maior que víram as idades!
Tu, ó povo miudo, e povo grosso,
Que dos touros ao barbaro combate,*

* Este passatempo tam usado em toda a Hespanha, que sem elle não ha festa de gôsto para todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações, e nem os barbaros, que folgam de ter em suas casas tigres e outros animaes ferozes e sempre temorosos, o admittem. E na verdade é um passatempo, de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma desculpa. O jôgo da péla faz o corpo agil; a lucta endurece os membros; a justa, que para a briga tem pouco risco, é para festa demasiado; comtudo, o ser exercicio militar, a defende. So nos touros nenhuma cousa ha boa; se são mansos, é cousa fria e aborrecem; se são bravos poucos se correm, que não façam voar corpos ao ceo e almas ao inferno. E que então alegrem, en-

Presidido dos serios magistrados,
La na praça assistias galhofeiro,
Tu testimunha foste! e no futuro
Testimunha serás, que não matizo
Com falsas côres o notavel feito:
Fallo na profusão com que lançaram
(Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
Com que a fama espalhava vagamente
A notícia dos regios desposorios
Da princeza real, real infante*)
Depois de terem feito bem o papo,

tão sejam materia de gôsto, e lhe chamem — *bons touros* — como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de christão: é renovar-mos as effusões de sangue dos amphitheatros gentilicos. Não ignoro que perdemos tempo n'este aviso, como o perderam muitas pessoas gravissimas que per vezes o deram. Mas obriga-nos o zêlo do bem-commum, o officio de historiador, que é dar parecer nas materias; e sôbre tudo sabermos, que um tam grande sancto como foi o Papa Pio V, religioso de nossa sagrada ordem, trabalhou muito pelo tirar do mundo; e [illegible] advertidos os auctores de tal espectaculo, se algum houver que passe os olhos per estes escriptos, que em boa Theologia, levam sôbre si grande parte do sangue humano que estes touros derramam.

Souza, *Vida do Arcebispo*, tom. II.

* Foram os da princeza então successora immediata ao throno, e depois raínha de feliz memória, a senhora D. Maria I, com seu tio o infante D. Pedro.

As reliquias da pródiga merenda,
Sôbre as cabeças da apinhada gente.
Então (cousa pasmosa!) os ovos-molles
Arroz-doce, cidrão, e leite-crespo,
Que o povo, ás rebatinhas, apanhava,
De toda a parte a flux chover se viam,
Cubrindo n'um instante toda a praça,
Qual nas tardes de maio, (quando Jove,
Com a rubida mão dardeja irado,
Per entre as negras condensadas nuvens,
Com medonho fragor, torcidos raios)
Cai a grossa saraiva, enchendo os campos;
Taes, de manjar branco as tostadas pélas... »

Aqui chegava, quando os convidados,
A quem de tantos doçes a lembrança
Tinha feito crescer agua na boca,
Da demora da ceia impacientes,
E da fome voraz estimulados,
Em tropel se levantam, e lançando
Pela terra cadeiras e instrumentos,
Correram para a meza, onde scintilla
Nos dourados crystaes, nos finos pratos,
A radiante luz de cem bougias,*.

O primeiro que occupa a cabeceira

* Ésta palavra, *Bougia*, é definida per Moraes — *vela de cera fina* — Vem do francez *Bougie*.

É o tolo Aguilar; sem comprimento
Entra logo a cevar a fera gula;
Exemplo que os mais seguem vorazmente.
Brilha nos copos o rosado çumo
Que desterra a cruel melancholia
Da meza festival, — reina a saúde *

Mas de todos tu foste, grau' Gonsalves,
Quem as primicias colhe; todos brindam
A teu grande valor, á tua astucia;
Em quanto tu, no collo recostado
Da prezada consorte, entre os seus mimos,
Do Bispo, e do Deão te estavas rindo.

A alegria reinava em toda a meza;
Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
Gyravam sem cessar; sua excellencia
De todos era o alvo; todos n'elle
Malhavám satisfeitos e contentes;
Postoque era malhar em ferro frio.

Uns, a brilhante escolha lhe louvavam
Dos synodaes theologos,—do Arronches,
Eximio pregador (que leu inteiro

* Ésta locução significa — *ha muitos e repetidos brindes;* e não se deve intender da saúde individual dos circunstantes. Faço ésta observação, porque algumas pessoas tropeçam aqui no sentido que dou, e que me parece ser o genuino.

O livro dos *Conceitos-predicaveis*,
O *Zodiaco-sob'rano*, e outros muitos,
Que na schola capucha estão em preço)
—Do guardião dos capuchos,—do Roquette,
Thomista petulante e confiado.

Outros, a prepotencia celebravam
Com que, de motu proprio, um pobre leigo
Despejar promptamente fez das casas,
Para n'ellas viver o seu barbeiro.

Este, a grande philaucia encarecia
Com que a portuense mitra na cabeça,
E seu bago reger ja se suppunha,
Officios repartindo e dignidades.

Aquelle, murmurava da arrogancia
Com que ministro eleito á grande Roma
A julgar-se chegou ; e rodeiado
De pages petulantes e lacaios,
Do Tibre assoberbar as verdes margens
Em malhados frizões imaginava.

E todos, sem respeito, blasphemavam
Dā fatal ignorancia ou liberdade
Com que, apezar dos canones sagrados,
Beneficios-curados entregava
De avaros regulares entre as garras.

Nem tu, gentil roupão de fresca xita
(Com que, á grande janella, empanturrado,
Da inutil ociosa bibliotheca,
Nas noites de verão, a calma passa)
Ás suas tesouradas escapaste.

Entre tantos motejos, so, callado,
Chupando os dedos, e roendo os ossos,
Comia, e mais comia o dom alarve;
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo cheio de espanto, recontava
Do *Anno-historico*, o grosso e torto Silva.

Quando, subitamente (caso horrendo
Que as carnes faz tremer, ao repeti-lo !)
O velho Gallo, que n'um prato estava
Entre frangãos e pombos lardeado,
Em pe se levantou, e as nuas azas
Tres vezes sacudindo, éstas palavras
Em voz articulou triste, mas clara :
— « Em vão, cruel Deão, em vão celebras
Com nosso sangue o próspero successo
Que a futura victoria te promette;
Que porfim cederás a teu contrario. »

Disse : e cahindo sôbre o grande prato
Sem mexer-se ficou. N'este momento
Um gelado suor dos circunstantes
Banha as pallidas faces ; os cabellos

Nas frontes se lhe erriçam ; largo espaço
Immoveis ficam, sem dizer palavra.
Mas o perdido spirito cobrando,
Se levantam tremendo, e pela terra
A recheiada meza baquearam :
Tres vezes se benzeram co' a mão toda;
Tres vezes, mas em vão, esconjuraram
O fatal Gallo que jazia morto,
E, mil a iufausta ceia dando ao demo,
Se fôram, sacudindo os calcanhares.

Diniz, *Hyssope*.

A CAVERNA
DE ABRACADABRO.

Era alta noite, e a terra esclarecia,
Com duvidosa luz, a branca lua;
Quando o Deão, pela Ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos junctos
Se despem promptamente, e untando o corpo,
Com sangue de morcêgo, e de toupeira,
Sobre sordidas pennas se espojaram.
Então o corpo todo agita e move
Com medonhos esgares,* e rosnando
Em baixo som, per entre os podres dentes,
Certas palavras a espantosa velha,
Ao farfante Deão diz açodada:
— « Voemos. » — E n'um ponto (cousa rara!
E que igual nunca fez Juan de las vinhas **)
Pelos ares voaram livremente,
Procurando do Archimago a morada.

* Gestos.

** Figurinha de pau, involta em um saínho, do qual lhe sobre-sai a cabeça. Uma mulher emcima

De Alcaçova o prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então á casa,
Do Nunes bacchanal em companhia,
C'um puxativo escalda* se tornava,
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante durindana**,
E o capote traçando, velozmente,
Põe-se no recto, parte, atira um furo,
Faz pe atrás; mas tropeçando, acaso
N'um podengo que, á fòrça de pedradas,
Os travessos rapazes tinham morto,
De costas se estendeu na dura terra,
Cuberto de vergonha stêrco, e lama.
Então mais furioso se levanta,
E c'um golpe mortal a partir torna.
O pejo e o furor lhe dobra as fôrças,
Berra, salta, esconjura, põe preceitos,
Sem descansar, talhando os subtis ventos;
Mas tudo em vão; que leves e seguros,

de um banco, depois de uma longa parlenda ante o povo apinhado, diz ao boneco — *desparece* — e voltando o sainho de dentro para fóra, declara aos circunstantes, *que o Juan de las vinhas foi fazer uma comprida viajem*, etc.

* Comida apimentada e muito adubada com que os devotos do deus Baccho costumam excitar sua devoção á frequencia das libações.

** Famosa espada de Roldão, um dos mais valentes Pares de França.

Nadando pelos ares, se sumíram
Os novos antropógriphos nas nuvens.

Tu so, n'ésta aventura, infeliz Nunes,
Provaste a furia do pesado braço;
Pois, ao vibrar um talho o dom Quixote,
C'o rabo te chegou da rija espada,
Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste Abracadabro*, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabala,
E todas as leis são da Onomanía.**
Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no sombrio alvergue:

* Diniz pessoalisou em magico, incantador, ou bruxo o sabido Talisman ABRACADABRA, palavra magica, que dizem os embusteiros, tem a virtude de curar febres, de preveni-las, e de obstar a todas as molestias, até á mesma morte. Ésta palavra gravada em algum metal, e em fórma de triangulo, de modo que dous de seus lados a repitam per inteiro, e que o terceiro conste so da lettra A, onze vezes igualmente repetida, tem infindas virtudes.

** Talvez—*Onomancía*—Arte de adivinhar per nomes ou palavras: compõe-se das duas gregas ὄνομα, μαντεία.

Alli betyles ha, ha chelonites,
Corações de toupeiras, ha entranhas
De vãos cameleões, ha pedras d'ara,
E magicos espelhos; ha cabeças
De mortos animaes, lameiras virgens, *
Hypomanes, mandragoras, e outras hervas
Á luz colhidas da nascente lua
Nas campinas do Ponto, e da Thessalia.
Aqui ama e Deão descem, a tempo
Que, á mal-accesa luz d'uma lanterna,
Um talisman o magico compunha.

Ao feio aspecto do fatal hospicio,
As carnes ao Deão se arripiaram.
Começa a vacillar; mas a malvada
Velha bruxa o segura, alenta, anima.
Entram pois onde o sabio trabalhava,
E, prostrada per terra, a vil carcassa,
D'ésta fórma, o silencio interrompia.
« Famoso Abracadabro, a cuja illustre
Alta sciencia os fados concederam
Dominar elementos e planetas,
Este, que ves (eu creio o não ignoras)
É o nobre Deão da igreja d'Elvas.
Pelo arrogante Bispo perseguido,
Do teu grande podêr se chega ás abas:

* Planta, a que o vulgo superstíciosamente attribue certas virtudes.

Com o gordo prelado e seu cabido
Uma demanda traz; para vence-la
Tuas artes procura. Ah! se algum dia,
Com teu alto favor, benigno honraste
Ésta serva fiel; per elle mesmo,
A teus pés humilhada, hoje te peço
Que o queiras amparar; elle o merece
Por triste e desvalido; e pelo grande
E profundo respeito que tributa
A teu alto saber, ás tuas barbas.»

Aqui o velho magico lhe torna:
— «Nada do que tu dizes me é occulto;
E por elle, e por ti provar intento
Quanto minha arte póde.»
Isto dizendo,
Todos tres se saíram da caverna,
E á mal-distincta luz da froxa lua,
Sobre a rasa campina, Abracadabro,
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos logo traça:
A éstas linhas juncta tres fileiras
De outras, iguaes em tudo, quatro linhas;
E entre si alguns circulos unindo,
D'ellas varias figuras prompto fórma:
Umas se chamam mães, as outras filhas,
Testimunhas e arbitros: isto feito,
Diversas hervas queima, e murmurando
Tres vezes, aoredor, certas palavras,

Começou a tremer toda a montanha :
Cem espantosas feras, cem serpentes
Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.

Então na fronte do Deão pellado,
Os cabellos, que ainda lhe restavam,
Em espetos se tornam, pelas veias
Subitamente o sangue se lhe gela.
Mas quando viu saír da rude * furna,
Horrendamente uivando, um cão medonho,
De negro spesso retorcido pêllo,
Que lança pelos olhos triste fogo,
E chegar-se do magico ás orelhas,
De todo perde a côr, o alento perde :
Tres vezes quiz fugir, e tres o mêdo
Os passos lhe embargou; immobil fica,
E semi-vivo respirar não póde.
Passado finalmente um breve espaço,
Com horrendo fragor, se abre a terra,
E crepitantes chammas vomitando,
Em seu ardente seio o monstro esconde.

Então, deixando o bruxo o fero incanto,
Para o Deão se volta, e n'estes termos,

* Ésta concurrencia dos *rr* no adjectivo *rude*, e no adverbio *horrendamente*, retrata ao proprio a escabrosidade da furna, e a medonha acção do espirito das trevas.

Com feia catadura lhe responde:
— « Emfim não ha remedio : nada podem
C'o fado inexorabil meus conjuros :
Nos duros diamantes tem escripto
Que a lide perderás. »
A éstas vozes
Todo o valor cedeu do heroico Lara:
Começou a tremer, e sobre a terra
Sem alentos caíu e sem sentidos.
Sôbre elle se debruça a torpe velha
Chorando amargamente. Abracadabro
Á grutta corre, d'onde, compassivo,
Trazendo um negro frasco todo cheio
D'um spirito vital, lh'o arruma ás ventas.
Então um gran' suspiro derramando
O Deão abre os olhos, e começa
A cobrar os alentos que perdera.

Per* largo espaço o deixa o nigromante
Repousar em descanço, até que ao vê-lo
De todo do desmaio recobrado,
Com mofa e compaixão, assim lhe falla :

* Cumpre-me declarar aos estudiosos leitores, que o sabio e benemerito edictor do Hyssope, fez a devída distincção entre as preposições *per* e *por*. Servir-me-hei de seus proprios termos :

« Ha differença entre as preposições *per* e *por* : *per* indica o agente, o meio ; e *por* denota o objecto, o motivo, etc. como em francez *par* e *pour*. Os mo-

— « Não cuidei, que tão pouco esfôrço tinhas,
Priguiçoso Deão imbelle e fraco;
Que uma sentença, contra ti vibrada,
Te fizesse perder de todo o alento;
Mas és conego emfim, e tanto basta!
Ignoras tu acaso, que as desgraças
Pedras de toque são, onde os quilates
Das grandes almas sempre resplandecem?

dernos escriptores portuguezes confundem éstas preposições; e ignorando este principio logico, commettem anomalias absurdas. Quem intenderá estes versos?

> De Leiria, que d'antes foi tomada
> *Por* quem *por* Mafamede enresta a lança.

CAMÕES, Lusiadas, cant. VIII, est. 19.

Verso que assim se acha em quasi todas edições. Pobre Camões!

O nosso illustre bispo Hieronymo Osorio, em uma de suas cartas, dá-nos um exemplo assás notorio da differença das sobredictas preposições, e n'uma só phrase;

> E viu o reino, que as pessoas *per* que se governava el-rei, eram da companhia, da sua cevadeira, e feitos *per* ella, e *por* ella, e para ella ser tudo em tudo, etc. » (p. 44.)

Do *per*, juncto aos articulos *o*, *a*, vem *pelo*, *pela*; e do *por* vem *polo*, *pola*. (Veja-se a orthographia da lingua portugueza de Duarte Nunes de Lião, regra x.)

De mais, que os duros fados tam injustos
Não são para comtigo, que vingança
A teus grandes aggravos não permittam.»

Ao echò da vingança, o antigo esfôrço
Cobrà o pallido Lara; e alvoroçado
Ésta pergunta faz ao velho bruxo:
— «E que vingança é essa, Abracadabro,
Que o fado me promette?»
— Então o sabio,
Com severo semblante, lhe responde:
«Virá a succeder-te no Deado
Um novo heroe da tua mesma raça,*
Este, sendo tambem indignamente
Pelo orgulhoso Bispo injuriado,
Por que á porta, recusa, do cabido
Ir, como tu, a off'recer o Hyssope;
Para em salvo se pôr de seus insultos,
Deixando, sabiamente aconselhado,
De venaes magistrados o recurso,
Refugio buscará nas sanctas aras
Onde Themis preside, e firme asylo
Acham contra a violencia os opprimidos.
Os ministros da deusa, que zelosos
De seu altar e culto, attentos seguem
As pizadas do principe famoso,
(Que dando ao sacerdocio, ao sceptro dando,

* Seu sobrinho Joaquim Alberto de Matos.

O que é do sacerdocio, o que é do sceptro,
Tem de ambos os podêres felizmente
As sagradas balizas assignado)
E defendem com prompta vigilancia
Da real jurisdicção os justos termos;
Ao Bispo mandarão, per seu decreto,
Que a razão d'este excesso logo assigne.
Á fatal vista do imprevisto golpe,
Ficando consternado o bom prelado,
Com fraqueza a mais vil, dolosamente
(Acção bem digna so d'um home' indigno!) *
Do livro mandará riscar as mulctas;
Negará tê-las feito, e negaria,
Se necessario fosse, o mesmo Christo.
Então desistirá, cheio de mêdo,
Da pertendida posse, e seus direitos:
E a pelle convertendo, na apparencia,
De fero lobo se fará cordeiro. — »

* Os nossos bons poetas, quando lhes convinha, faziam synalepha das desinencias em *m* com a vogal per que começava a palavra seguinte, e Diniz assim o fez n'este verso; bemcomo João Franco Barreto vertendo os do VII liv. da Eneada:

> . . . . . *Aeriam sed gurgite ab alto*
> *Urgeri volucrum raucarum ad littora nubem;*

Na est. 164, disse:

> Mas, mais ser *nuve' aos* ares levantada
> De roucas aves certo crer podia.

Disse : e o Deão, de ouvi-lo satisfeito,
Mil graças dava aos fados, dava ao sabio,
Mil á velha que a vê-lo o conduzira.

DINIZ, *Hyssope.*

A ESTUPIDEZ

TRIUMPHANTE EM COIMBRA.

Do fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada;
Pelo cume suberbo de alto monte,
E pelas faldas que o poente avistam,
Vai-se ao longo estendendo, até que chega
A beber do Mondego as mansas aguas.
Defronte outra montanha senhoreia
A liquida corrente dividida
De longa ponte pelos grossos arcos.
Aprasiveis campinas, ferteis valles,
Do crystallino rio retalhados,
Emtôrno a cercam, aos habitantes dando
Os mais bellos passeios do universo.
Da fronteira montanha, que dominam
Dous famosos conventos, se desfructa
A linda perspectiva da cidade,
Que tanto tem de bella, quanto é dentro
Immunda irregular e mal calçada.*

* É uma fiel pintura d'ésta antiguissima cidade.

A terra é pobre, é falta de commércio,
O povo habitador é gente infame,
Avarenta, sem fe, sem probidade,
Inimiga cruel dos estudantes,
Mas amiga de suas pobres bolsas.
Aqui, de muito tempo, está fundada
A nobre academía-lusitana. *
O monstro que é dotado de cem olhos,
Que ao longe avista os mais pequenos vultos;
Que debaixo do tecto o mais forrado,
Nada se passa sem lhe ser notorio;
O monstro que per outras tantas bocas,
Quanto sabe, e não sabe, põe patente, **
Aqui em altas vozes apregoa,
Que vem a Estupidez em breve tempo
Seus dominios cobrar, seu diadema,
Armada de terribil companhia.

* Fez[1] primeiro em Coimbra exercitar-se
O valoroso officio de Minerva;
E de Helícona as musas fez passar-se
A pizar de Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o suberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

CAMÕES, Lusiadas, cant. III, est. 97.

** A Fama.

[1] El-rei D. Diniz.

Na minha phantasia accende, oh musa,
Um fogo vivo; põe na minha lingua
Expressivas palavras com que pinte
As proezas que vou dizer agora.
A academica gente alvoroçada
Não pensa, não conversa n'outra cousa;
Em quasi todos geralmente reina
Excessiva alegria, e nos conventos,
De que consta a cidade em grande parte,
Mandam os guardiães, que os refeitorios
De mais vinho e presunto se reencham.
Da universidade o grande chefe
Um claustro universal convoca logo,
Para que em pleno conselho votem todos
O que deve fazer-se n'este caso.

Em comprido salão, cujas paredes
Ricamente compostas teem em ordem
Dos lusitanos reis proprios retratos,
Em suberba cadeira se apresenta
O Reitor, e per um e outro lado
Os lentes e doctores assentados,
Segundo o vão capricho destinara,
A dar o seu par'cer s'apromptam todos.
Tira n'isto o barrete o presidente,
E ao lente primaz de theologia
Acena que comece; logo feita
Ao congresso em geral submissa venia,

O seu voto profere n'estes termos :
« Muito illustres e sabios academicos;
Por direito divino, e por humano,
Creio que deve ser restituída
Á grande Estupidez a dignidade
Que n'ésta academia gozou sempre.
Bem sabeis quam sagrados os direitos
Da antiguidade são : por elles somos
Ao lugar, que occupâmos, elevados.
Occulta vos não é a violencia
Com'que foi d'ésta posse desbulhada.
Vós testimunhas sois dos sentimentos
Com que a vimos partir tam desprezada;
Porêm sempre, apezar do seu destêrro,
Constante tributei dentro em meu peito
Homenagens devídas á que fôra
Na minha infancia carinhosa mestra,
E na velhice singular patrona.
Entrae pois, companheiros, em vós mesmos,
Ponderae sem paixão, para que serve
As pestanas queimar sobre os auctores,
A estimavel saúde arruinando?
P'ra levar este tempo em bom socêgo,
Divertir, e passar alegremente,
Acaso precisais de mais sciencia?
Se os dias d'ésta breve e curta vida
Tivessemos c'os livros perturbado,
Teriamos acaso mais prebendas,

Mais dinheiro, mais honra, mais estima? *
De que podem servir estes estudos
Que mais da moda se cultivam hoje?
A barb'ra geometria tam gabada,
Que mil proposições todas hereticas
Aqui faz ensinar publicamente,
Sabeis para que presta n'este mundo?
Diga-o a Inquisição, e mais não digo.
Oh goticos estudos nunca ouvidos, **
Nos tempos, em que tanto florecia
Um Ceara, maior do que o seu nome,
Um Pupillo, um Fr. Paulo de san' Mauro
Que sempre chorarão os frades Bentos!

* Francisco Manuel expremiu quasi a mesma ideia, applicando-a aos poetas:

> Que loucura! que absurdo indisculpavel,
> Perder tempo e saúde e paciencia,
> Perder as bellas louras reluzentes,
> Ganhadas com suor, — talvez sumidas
> Aos olhos do appetite mais goloso,
> Por ir em negra estampa correr mundo
> Após um nome vão.

** O orador deplora não viver no seculo em que os escriptores portuguezes arripiavam as suas (quasi sempre innúteis e fastiosissimas producções) d'aquelles jogos pueris de palavras, antitheses mal collocadas, e construcções impuras, que deram causa a ellas, serem hoje pasto da traça em algumas rançosas livrarias.

Historias-naturaes, phoronomias,
Chymicas, anatomias, e outros nomes
Difficeis de reter, são as sciencias
Que vieram trazer os estrangeiros.
Ha cousa mais cruel, mais deshumana,
Mais contrária á razão, que ver os medicos
Um cadaver humano espatifando?
Um corpo, que habitou o Esp'rito-sancto?
Nunca tal practicastes, oh bom Lopes,
Quando, pelo Natal, em um carneiro
O bofe, o coração, as tripas todas
A teus habeis discipulos mostravas.
Quem póde, sem desprêzo, ver um lente
De immensos estudantes rodeiado,
Pelos campos vagar, alli colhendo
Uma hervinha, uma flor, um gafanhoto?
Acolá c'um fuzil ferindo as pedras?
Deixemos pois um dia, oh sábia gente,
Estes prestigios que nos teem cegado:
Ponhamos, como d'antes, éstas cousas
Em seu antigo ser: como bons filhos
Recebamos a nossa Protectora:
O que foi sempre seu, em paz governe.»*

* O auctor, n'ésta bella falla, teve em vista aquelle lugar do *Lutrin* de Boileau, onde esse grande poeta põe na boca do conego Evrard os seguintes versos:

. . . . . *Non, non, songeons à vivre,*
Va maigrir, si tu veux, et sécher sur un livre,

Qual sussurrante enxame, que em tumulto
Segue a vereda que seguiu a mestra,
Assim dos frades todos, e dos Bécas
Seguiu a turba o explanado voto.
Algum d'estes, talvez, quizesse oppor-se;
Mas d'um collega refutar os dictos,
Da honra do collegio é menoscabo.
A porção principal tinha votado,
Faltava a outra que em desprêzo é tida:
Lentes de *capa-e-espada* são chamados,
Que aos collegios não teem algum accesso,
Nem recolhem da igreja os doces fructos.
Pelo mesmo theior votaram muitos;
Mas chegando a Tircêo,* homem singelo
Que seus dias consome sôbre os livros
Contemplando a profunda natureza,
Os longos comprimentos põe de parte,
E com voz resoluta assim começa:

« Não é a glória vãn de distinguir-me
Quem me obriga a encontrar a tantos votos;
Que por serem conformes, talvez sejam,

Pour moi, je lis la Bible autant que l'Alcoran :
Je sais ce qu'un fermier nous doit rendre par an ;
Sur quelle vigne à Reims nous avons hypothèque.
Vingt muids rangés chez moi font ma bibliothèque.

* José Monteiro da Rocha, lente de Prima em mathematica.

Ao parecer de muitos, verdadeiros.
A glória do meu rei, o amor da patria,
São dous fortes motivos que me impellem
A dizer francamente quanto penso.
Trazei, sabios illustres, á memoria
Aquelle tempo em que contentes visteis
Entrar n'ésta cidade, triumphante
O grande invicto o immortal Carvalho, *
As vezes de seu rei representando;
Daquelle sabio rei, cujo retrato
Inda agora me anima, e me dá fôrças
Para que, em seu favor, em sua glória
Derramando o meu sangue, exhale a vida.
Visteis o gran' marquez, qual sol brilhante,
De escura noite dissipando as trevas,
A froxa Estupidez lançar ao longe,
E erigir á sciencia novo throno
Em sabios estatutos estribado.
Das vossas mesmas bocas retumbaram
Canticos de louvor n'éstas paredes.
O triumpho cantasteis na presença
Do zeloso ministro respeitado.
Que diff'rente linguagem hoje escuto?
Como é possivel que sem pejo ou honra,
O contrário digais do que dissesteis?
As sublimes sciencias da natura
Como podeis tractar com tal desprêzo?

* O marquez de Pombal.

Oh tu sombra immortal, oh gran' ministro,
Da face do teu Deus, onde repousas,
(A cabeça abanou, deu tres cuadas,
Ouvindo ésta blasphemia, o bom Bustoque)
Vem um instante apparecer agora
Aqui n'ésta assemblea, e d'éstas bocas,
Que em teu nome entoavam tantos hymnos
Ao heroico triumpho das sciencias,
Blasphemias ouvirás... Mas ah! não venhas;
Nem permittam os ceos que tanto saibas.
Que dor a tua, que afflicção não fôra
Ver sem fructo as vigilias, os trabalhos
Que por zêlo da patria, padeceste!
Ver, sobre tudo, ingratos e falsarios *,
Que affectando apparencias d'alegria,
No fundo do seu peito idolatravam
A molle Estupidez como uma deusa!
Se o mesmo que então eras, hoje fosses,
Quizera, oh pae da patria, que tivessem
Com a tua presença validade
As minhas vozes, o meu zêlo ardente.
Ainda reinará (com mágoa o digo)
Na nossa Academia essa tyranna,
Essa van divindade; mas protesto

* Aqui descuidou o poeta a conveniencia dos costumes. Igual censura mereceu em França, Voltaire, no discurso de Potier aos estados reunidos para elegerem um rei. Leia-se esse discurso na Henriada, canto VI. verso 134, e seguintes.

Que nem hoje o approvo, e que inimigo
Hade em mim encontrar, em quanto o sangue
Seu círculo fizer n'este meu corpo.
Se algum de vós, illustres companheiros,
Comigo pensa, sem temor exponha,
Apezar da torrente, os seus discursos.
As almas varonís nunca temeram,
Ainda á vista dos maiores p'rigos,
Pola glória da patria, e da verdade
Expor a vida, derramar seu sangue... »
Ao dizer éstas vozes se arrasavam
De lagrymas seus olhos, e as palavras
Ja prêsas lhe ficavam na garganta.
Os homens grandes, os varões preclaros
Tambem sabem chorar, quando a ternura,
A bem da humanidade, os estimúla.
Nos animos fradescos, e nos Bécas
Contra Tircêo um tal rancor fervia,
Que vivo o tragariam, se a presença
Do serio Presidente o permittisse.
Disfarçando porêm, com rïso e mofa
A dissonante falla receberam.

Acabou-se a função, e timorato
Não decide o Reitor o que se faça.
Era ja noite, e nos collegios ambos
Exquisitos manjares esperavam
Aos rubicundos e nutrídos Bécas.
Nos conventos porêm cousa mais grossa,

Em que o dente atolasse, preparavam :
Famosas postas de vitella tenra
Sobre as brazas chiavam nos espetos;
Peruns assados, e tremendos quartos
De bom carneiro, per mil modos feitos,
Muito vinho e presunto, eram as massas
Com que os seus refeitorios adubavam.
Em quanto os outros com prazer comiam,
E á saúde da Deusa grandes copos
De bom vinho enxugavam, pensativo
O tímido Reitor escrupuloso
Passeia as salas todas, té que chega
O Patricio a saber se ainda não ceia
Sua excellencia, que ja eram horas.
Responde-lhe, que não, que estava afflicto,
E os motivos lhe conta consultando-o.

« É bom caso, senhor, vossa excellencia
Do que deve fazer inda duvída?
Depois de ser d'um voto tanta gente
Tam sábia, tam distincta? Pouco importa
O que diz meia duzia d'esses homens
Que apenas são por lentes conhecidos.
Coma vossa excellencia alguma cousa,
Durma, que tudo em paz hade fazer-se. »

Assim o consolou o bom mordomo.
Sua excellencia mais quieto fica,
Um pouco come, e no seu brando leito

Vai alivio buscar a seu cuidado.
As furias, que em Coimbra ja se achavam,
Que no claustro-geral tinham estado,
Do famoso orador pondo na lingua
Palavras, que ao seu caso mais faziam,
Ao sombrio lugar onde descança
O languido Morpheu, ligeiras voam.
Nunca alli penetrou a luz da Aurora;
Em perenne repouso dorme tudo:
Somente os frescos zephyros brincando
Com suave sussurro as folhas movem:
Murmura ao longe a crystallina fonte
Escabrosas pedrinhas volteiando. *
Sobre viçosa relva recostado
Entre rubras papoulas, verdes myrthos,
Nada pre-sente o deus o que se passa.
Então depressa no soturno bosque,
Ja quasi dormitando, as flores colhem
Que a molle cabeceira lhe formavam:
Dos somniferos ares se retiram,
E de improviso ao bello quarto chegam,
Aonde, inda perplexo, o Presidente
Com os olhos no tecto, vigiava. *
Mal das flores se espalha o grato cheiro,

* Este lindo quadro, pela frescura e graciosidade de seu colorido, póde equiparar-se aos mais gabados de Boileau, e de Antonio Diniz.

Boceja, estende os braços, adormece *.
O Fanatismo então, tomando a fórma
D'um pequeno rapaz gordo e risonho,
Juncto ao leito volteja em curtos gyros,
E com doces palavras assim falla :

« Não te assustes, oh homem venerando;
Eu não sou cousa má que te appareça;
Tuas altas virtudes me encaminham
D'ésta dúvida van a pôr-te fóra.
Aos lentes, doctores e estudantes
Ordena que ámanhan de tarde saiam
A receber em prestito pomposo
A nobre Estupidez: faze-lhe as honras
Que lhe são, por direito, bem devidas. »

Com mais se não cançou o Fanatismo;
Pois sair com a sua não duvida:
Nem Minerva subtil e poderosa
Aqui ja lhe fazia a menor guerra.
Deixou por uma vez os Portuguezes,
Como gente rebelde e refractaria,
Com a sua ignorancia e prejuizos**

* Bellissima imitação d'este verso no *Lutrin* :
. . . . . (*La Molesse oppressée*)
Soupire, étend les bras, ferme l'œil, et s'endort.

** É gallicismo na accepção que lhe compete.

Docemente abraçados. N'isto acorda
O devoto Reitor; e inda imagina
Que um divino clarão no quarto brilha.
Da cama salta, e a toda a pressa manda
Que venha o secretario e os escreventes.
Um comprido edictal se lavra logo,
Que as ordens da visão continha todas,
Pelas mesmas palavras, com que a ouvira.
O docto secretario, que em Aveiro
Alçou ja vara branca, o *subescripsi**
Põe no fim do papel, e o Presidente
Per extenso se assigna em lettra grande.

Apenas o edictal se põe na porta
Da grande sala que p'ra os actos serve;
Entre o corpo que fórma a Academía,
Um novo reboliço, um alvorôço
Geralmente se move; não se fiam
Na fe dos que referem a notícia:
Desejam com seus olhos ver a nova
Que tam doce alegria lhes motiva:
Deixam os estudantes nos bilhares
A partida no meio, e perturbados
Das capas lançam mão, como succede;
Mas o dono da casa, que o barato
Não dá por bem parado, clama e grita:

* O que então era secretario da Universidade custumava pôr *subescripsi* em vez de *subscripsi*.

« Parceirinhos, pagar; nada me importa
Que venha a Estupidez, ou que não venha. »
Dão-lhe dous encontrões, per terra o lançam;
E, a qual primeiro, pelas ruas correm.
Outros no sette-é-ponto extasiados,
No wisth, no marimba, e mais na banca,
Os dados com as cartas deitam fóra..
Jamais os obrigou a tanto excesso
Nem do lugubre sino o toque infausto
Que os chama ás aulas, nem tam pouco a ama
Com a nojenta vacca ao lume posta,
Praguejando a tardança, e quem lha causa;
Nem ainda a venal e immunda môça,
Que fretada os espera a certas horas.
Tal a cega paixão, o vil apêgo
Que estes miseros moços teem aos vicios!

Ésta gente revolta e mal-criada,
Tam suberba e ociosa, que entre tantos
Apenas se acham, quando muito, doze
Que o nome de estudantes bem mereçam,
A ler o edictal chegam a montes;
E batendo nas palmas : « Bravo! bravo!
Oh que ferias agora não teremos!
Viva a Estupidez! » dizem, saltando.

Nos collegios; conventos, e nas casas
Os doctores, os frades e estudantes
Disputam sôbre o caso; e mil castellos,

Acêrca do futuro levantando,
Melhorar de fortuna todos cuidam.
N'éstas gratas ideias se recreiam,
Até que o sino a grandes vozes brada
Que venham todos, que é chegada a hora
Em que o novo edictal cumprir se deve.
Promptamente concorrem; e marchando
Ao rude som de ingratos instrumentos,
Vão a Deusa esperar além da ponte.

Ainda bem ao convento franciscano
O prestito não chega, eis derepente
Uma nuvem brilhante vem ao longe
De luzentes estrellas esmaltada;
No meio um throno ricamente feito;
A molle Estupidez sentada n'elle.
Entre tanto apparato la disfarça
A sua horrenda e natural figura:
É tudo traça das astutas furias.
Mansos ventos curvados encaminham
A magestosa pompa: em terra postos
Os suberbos joelhos, com as palmas
Para o ceo levantadas, se assombravam
De ver baixar com tanta magestade
A Deusa tutelar da sua Athenas.
Brandamente ondeiando a nuvem pára
Aonde, c'o Reitor os lentes-chefes,
Com o queixo cahido, presenceiam
Tam grande maravilha nunca vista.

Teem de recato um sumptuoso pállio,
Com que a Deusa recebem reverentes,
Cousa mais espantosa : de improviso
O caminho que trouxe, a nuvem segue :
A froxa Divindade, per tres vezes,
Com alegre semblante a todos lança
Uma benção papal, como a bons filhos.
Os donatos repicam á contenda,
As descaradas môças dos conventos,
E pelas freguezias vis garotos :
Ninguem se intende com tammanha bulha.
Ás janellas acode, acode ás ruas
De toda a qualidade immenso povo.
Entretanto, com passo vagaroso,
Duas compridas álas se encaminham
Ao antigo mosteiro, que desfructam
Os reverendos Cruzios, satisfeitos
De hospedar ésta noite a Protectora
Da sua sancta casa. Á portaria
Com alegres festins é recebida.
De noite em toda a parte as luminarias
Fazem emulação á luz do dia.
Em função de barriga, e de badalo
Fazem os frades consistir a festa.

Ainda descançava a roxa Aurora
Nos braços de Amphitrite, e os vis lacaios
As portas dos doctores despedaçam
A fortes golpes de calhaus tremendos.

Abrem a seu pezar os froxos olhos
Éstas almas ditosas, engolphadas
Em mil suaves e felices sonhos;
Mas não vendo luzir o sol nas frestas,
Querem o somno agasalhar de novo.
Debalde o querem, que os valentes moços
Cada vez as pancadas mais duplicam.
Tal ha, que a mil diabos encommenda
Os lacaios, e a quem lh'os manda á porta,
Por ver o seu descanço interrompido,
O seu somno de doze boas horas. *

* É igualmente admiravel o modo com que Despréaux, no *Lutrin*, pinta a somnifera indolencia dos conegos. Comparem-se os dous lugares.

—«*J'y consens, leur dit-il, assemblons le chapitre.*
Allez donc de ce pas, par de saints hurlemens,
Vous-mêmes appeler les chanoines dormans.
Partez.» *Mais ce discours les surprend et les glace.*
—«*Nous! qu'en ce vain projet pleins d'une folle audace*
Nous allions, dit Girard, la nuit nous engager!
De notre complaisance osez-vous l'exiger?
Hé! seigneur, quand nos cris pourroient, du fond des rues,
De leurs appartemens percer les avenues,
Réveiller ces valets autour d'eux étendus,
De leur sacré repos ministres assidus,
Et pénétrer des lits au bruit inaccessibles,
Pensez-vous, au moment que les ombres paisibles
A ces lits enchanteurs ont su les attacher,
Que la voix d'un mortel les en puisse arracher?
Deux chantres feront-ils, dans l'ardeur de vous plaire,
Ce que depuis trente ans six cloches n'ont pu faire!»

Mas emfim, o motivo é forte e justo;
E para apparecer á Divindade,
É preciso o cabello bem composto,
A batina escovada, a volta limpa;
Cousas em que despendem longo tempo.
Cadaqual asseiado, o mais que póde,
Vai buscar o Reitor, e em companhia
De uma rica berlinda, a seis tirada,
No pateo de Samsão se ajunctam todos.
Em duas grandes álas repartidos
Os barrigudos e vermelhos monges
Acompanham saudosos ésta grata,
E d'elles sempre amada, Padroeira.
A nobre comitiva dos doctores
Entre os braços a toma, a qual primeiro,
E quasi ao collo, na berlinda a mette.
Logo montados pelas ruas tomam,
Que de mais povo são sempre assistidas;
Uns de encarnado vão todos cubertos,
Altivos, suberbões comsigo assentam
Que não ha no universo outras figuras
De mais contemplação, de mais respeito.
O vermelho durante ás bêstas serve
De compridas gualdrapas; outros picam
O fogoso cavallo, quando passam
Pela porta de tal ou tal senhora.
De preto muitos vão: porêm os frades
Vestem ao mesmo tempo muitas côres,
Branco com preto, azul com encarnado.

Se tu, oh gran' fidalgo de la Mancha,
Famoso Dom Quichote, ésta aventura
Nos teus andantes dias encontrasses,
Á sem-par Dulcinea, quantos d'estes
A render vassallagem mandarias!
Tu, que não perdoaste aos pobres padres,
Conduzindo a cavallo, por ser longe,
Entre archotes e velas um defuncto,
Que os fizestes voar de susto e mêdo
Pelos campos e montes, que farias
A ésta encamisada de doctores?
Por gente feiticeira e endiabrada,
Por maus incantadores os terias:
Como taes, o furor do Rossinante,
Do elmo de Mambrino as influencias,
E o pesado lanção, exp'rimentaram.*

Musa, renova no teu vate o fogo,
Que ja fizeste arder na sábia mente,
Não digo de Despréaux, d'aquelle activo
E discreto Diniz na Hyssopaida:
Renova, em quanto acabo, que a priguiça
Da molle Estupidez ja me acommette;
Ja começo a sentir os seus effeitos.
Mas ah! que um estro derepente agita
A minha phantasia. Eu vejo, eu vejo
Da nossa Academía ao grande pateo

* Optima apóstrophe!

Chegar contente a numerosa tropa :
Em triumpho é levada a Deusa augusta
A um suberbo e magestoso throno:
Gemem debaixo d'elle aferrolhados
A sciencia, a razão, o desabuso.
Poem-se em socego os assistentes todos :
Levanta-se o Bustoque, e de joelhos
Á Deusa pede uma comprida venia :
Em barbaro latim começa ufano
A tecer friamente um elogio
Á sua Protectora; e n'elle mostra
O quanto é indecente que nas aulas
Em portuguez se falle, profanando
A sacra Theologia, e as mais sciencias :
Que em fórma syllogistica se devem
Os argumentos pôr : sem syllogismo,
Não sabe como possa haver verdade.
N'isto mais d'hora gasta, e emfim conclue
Animando a que sejam sempre firmes
Na fe que devem a tam alta Deusa.
Levanta-se depois o gran' Pedroso,
Que de Prima a cadeira em leis occupa.
Com a béca estendida , a mão no peito
Prostra-se em terra, a sua venia pede
Á molle Estupidez, que muito folga
De ver um filho seu com tal presença,
Tam cheio de si mesmo, tam inchado.
Principía a fallar com voz de estalo ;
Com a esquerda acciona, e co'a direita,

Que estende as mais das vezes sôbre o peito,
Sua em mostrar a van genealogia
Da nobre Deusa, a quem louvar pretende.
A sua antiguidade patenteia;
Faz despois elogios nunca ouvidos
Ao direito-romano, e no remate
Concorda em tudo com o seu collega.

Vem depois o Reitor, jura por todos
Submissa obediencia e lealdade.
Da molle Estupidez põe na cabeça
Uma importante c'roa cravejada
De finissimas pedras do Oriente.
As mãos lhe beija logo reverente,*
E manda a todos que outro tanto façam.
Os oradores véem : off'rece um d'elles
A discreta oração *de sapientia*,
Que foi causa de ser tam cedo lente.
O outro o mesmo faz da sua analyse
Do parto septimestre, cousa prima.
Um bando de rethoricos rançosos
Depois acode : um d'elles assim falla;
(Parece que Bezerra** se appellida) :

* Este verso rhyma com o que está atrás. Foi negligencia no auctor.

** Esse sujeito era, talvez, tam eximio orador como outro Bezerra foi eximio poeta. Diz Francisco Manuel, que o tal escrevedor compoz um argel de odes compridissimas; entre ellas uma de trezentas stro-

« Soberana senhora, a vossas plantas
Tendes rendida por vontade e gôsto
A porção principal do vosso reino.
As portas das sciencias nós guardâmos;
Porque sendo as palavras distinctivo
Que dos brutos separa a especie humana,
Eu creio que so n'ellas deve o homem
Da vida despender os curtos dias.

A mocidade pois assim levâmos
N'ésta bella sciencia industriada.
Quando a mesma palavra se repete
Ou duas, ou tres vezes, lhe ensinâmos
O nome que isto tem: quantas apóstrophes
Póde o exordio levar sem ser notado.
N'éstas cousas, e n'outras similhantes,
De sorte os engolphâmos; que suppresso
Fica o gôsto, se o teem, ás vans sciencias
Que servem de cançar o esp'rito humano. »

Dos estudantes vem a turba immensa;
Um lhe off'rece uma flor, outro um bichinho,
Um ninho de pardal, um gafanhoto,
Da Historia-natural suados fructos.

phes, tam sobeja de palavras, quam fallida de enthusiasmo. Tendo convidado alguns amigos para lh'a ouvirem ler; quando, muito esfalfado, parou em meio para humedecer a gaita da garganta c'um copo d'agua, achou-os todos a roncar.

Outro vem todo afflicto mil queixumes
Formando contra um tal, que lhe usurpara
A glória de fazer ja sette machinas
Que subíram ao ar com bom successo.

« Filhos amados (lhes replica a Deusa)
Esse vosso cuidado me consola;
Esse desvelo de ajunctar cousinhas
Tam lindas, tam bonitas, bem recreia
Uma alma como a vossa tam sensibil.
Prosegui n'esse estudo, eu vos prometto
A minha protecção em toda a vida. »
Ao queixoso assim diz : « Sinto devéras
Que tenhas essa causa de tristeza;
Mas olha um bom remedio; outras de novo
Faze, que la irei mesmo em pessoa
Assistir a fazer justiça inteira. »

Os doctores véem logo per seu turno
Vassallagem render, e vão passando.
Em paz gozae (a Deusa assim profere)
Da minha protecção, do meu amparo.
Eu gostosa vos lanço a minha benção;
Continuae, como sois, a ser bons filhos;
Que a mesma, que hoje sou, heide ser sempre. »

Anonymo, *Estupidez*.

Este poema, não obstante ser mui inferior ao *Hyssope*, tem comtudo alguns trechos que o mesmo

Diniz não desaprovaria. Alèm do extracto, aqui inserido, podem-se avaliar excellentes as fallas da *Raiva*, da *Hypocrisia*, e *Fanatismo*. O estylo, em geral, é puro, adequado ao assumpto, e limpo d'aquelles termos grosseiros, ou obecenos, que formigam em outras composições modernas do mesmo genero; as quaes, por essa razão, devem incorrer o menosprêzo de todas as pessoas que âmam a decencia e os bons costumes.

Bucolicos.

ECLOGA I.*

PERSIO E FAUNO.

Nas selvas, juncto do mar,
Persio pastor costumava
Seus gados apascentar:
De nada se arreceiava;
Não tinha que arreceiar.
Na mesma selva nasceo;
Fez-se famoso pastor;
Mas foi permissão do ceo

* As bellissimas eclogas de Bernardim Ribeiro são as mais antigas que em Hespanha se conhecem; e, segundo o meu parecer, são as melhores que ha escriptas em verso de arte menor, e onde, como na mais pura fonte, se deve beber o verdadeiro estylo pastoril.

Francisco Dias Gomes, *Obras, poet. pag.* 292.

Fazer-lhe guerra ó amor;
Era mais forte, e venceo.
Sendo livre, mui isento,
Viu dos olhos* Catherina;
Cegou-lhe o intendimento:
E Catherina era dina
Para dar pena e tormento.
Logo então começou
Seu gado a emmagrecer;
Nunca mais d'elle curou;
Foi-se-lhe todo a perder
C'o** cuidado que cobrou.
Dias e noites velava;
Nenhum espaço dormia;
Catherina bem o olhava:
Cuidou Persio que valia;
Não valia o que cuidava.
Confiou no merecer;
Cuidou que a tinha de seu;
Veio ahi outro pastor ter;
C'o que prometteu ou deu***,
Se deixou d'elle vencer.
Levada pera**** outra terra,
Vendo-se Persio sem ella,

* Isto é, *com os olhos*.
** Estes *co*, *cu*, *co*, tornam o verso inharmonico.
*** Verso duro.
**** *Pera* em vez de *para* era como escreviam os classicos.

Vencido de nova guerra,
Mandou a alma trás ella,
E o corpo ficou na serra.
Veio Fauno, outro pastor,
Que para al vinha busca-lo;
Seu criado e servidor,
Começou a consola-lo;
O conselho era peor.

FAUNO.

Como descanças assi*
Persio longe de teu gado?
Vejo-te jazer aqui
Sem cuidado do cuidado;
Menos cuidado ** de ti.
Per os matos, sem pastor,
Vão os cordeiros bramando
Sem pascer; porque o temor
De ver os lobos em bando,
Lhes tira da herva o sabor.
Perdidas e tracilhadas ***
As tuas ovelhas vejo;
D'ellas morrem de cançadas;
E tu tens morto o desejo
D'acudires ás coitadas.
Andam fracos, desmaiados
Os mastins que as guardavam;

* Assim.
** Estes trocadilhos devem evitar-se.
*** Magras, esguias.

Desfeitos e mal-tractados
Não ládram, como ladravam;
Nem podem, de mal curados.
  Qué do * teu rabil prezado,
Teu cajado, e teu çurrão?
Tudo te vejo mudado;
Tinhas um cuidado então,
Tens agora outro cuidado;
Mas que não temias, creio
Que te veio; isto temo:
Tomou-te sem ter receio,
Então poz-te em tal extremo,
Que te fez de ti alheio.
  Á sombra dos arvoredos
O teu gado apascentavas;
E se os ventos eram quedos,
Mil villancetes ** ornavas
Conformes a teus segredos.
Então teu gado engordava;
Tinhas pasto todo o anno;
Todo pastor confessava
Seres tu o mais ufano
Que em toda ésta serra andava.
  Acorda, acorda coitado;
Da-me conta de teu dano;
Porque a um desconsolado

* Que é feito? onde está o?
** Poemeto rustico, chacota.

Um conselho, ou um engano,
Tira ás vezes de cuidado.
Poderás julgar então,
(Se quizeres razão ter)
O teu cuidado por vão:
Mas, no grande bem-querer,
Poucas vezes ha razão.

PERSIO.

Os males, que são sem cura,
Mal os póde outrem curar;
Nem na gran' desaventura
Não ha mais que aventurar,
Que deixar tudo á ventura.
Não me digas que ha hi* bem,
Que é maior mal para mi;
Nem que o ouviste a ninguem;
Que me vai lembrar d'ahi
Que perdi o que outrem tem.
Vi-me ja prêso contente,
A meu mal queria bem;
Agora fujo da gente;
Não vejo, triste, ninguem
Que viva mais descontente.
Té no pasto de meus gados
Tinha a condição ufana;
Mas nos malaventurados,
Crê, que tudo se lhes dana

* *Hi* por *ahi*, é commum nos poetas quinhentistas.

Co' a mudança dos cuidados.
Sentava-me em um penedo
Que no meio d'agua estava;
Então alli so e quedo
A minha frauta tocava,
Bem fóra de nenhum medo:
Muito livre de cautellas,
Os olhos nas mesmas agoas,
E o cuidado longe d'ellas,
Chorava alli minhas mágoas,
Folgando muito com ellas.
Um pastor, que eu não temia,
De muito mais gado que eu,
Que longe d'alli pascia,
Creio, que polo mal meu,
Veio alli ter um dia.
Então, vendo pasto tal,
Sem razão, ou com razão,
Fez-se logo maioral:
Senti o meu mal então;*
Mas depois senti mor mal.

FAUNO.

Quem pena por cousa leve,
Deve ser sempre penado:
Quem co' a vida não se atreve,
Deve ser d'ella privado,

* Acha-se tres versos acima. O estylo d'ésta ecloga pécca em repetições e trocadilhos.

Se a morte faz o que deve.
Mulher, que a outrem se entrega,
Querer-lhe bem em extremo,
Vem de andar a razão cega,
Ou do esp'rito ser pequeno;
E uma d'éstas não se nega.

PERSIO.

A gran' dor, quem a tiver,
Se com dor hade passa-la,
Em quanto lhe ella doer,
Póde mal dissimula-lá,
Peior a póde esconder:
Senão lanço ésta de mi,
Não posso tanto comigo.
Leixa-me* morrer assi;
Que a morte é menos perigo,
Que outros perigos que vi.

FAUNO.

Os fracos de coração
Obedecem á vontade;
E muito mais sem razão
É perder a liberdade
Por algum cuidado vão.
Se desejas descançar
D'este que te traz cançado,
Lança-te, Persio, a cuidar,

* Deixa-me. Alguns classicos, e mormente Barros nas Decadas e Clarimundo, usaram sempre d'este verbo escripto com *l*.

Que ás vezes o desejado
Alcançado dá pezar.

PERSIO.

Conselho quero de ti;
Mas não ja para ter vida:
Se o póde haver ahi
Para a podêr ter perdida,
Esse me dá tu a mi.*
Que está mais certo o perigo
Onde a vida é triste e tal.
Deixa-me acabar (te digo)
Que póde ser que meu mal
Se acabe tambem comigo.

FAUNO.

Nas cousas que dão pezar,
Tristeza, pena e tormento,
N'éstas has tu de mostrar
Temperança e soffrimento;
Que o al não é de louvar.
Se agora padeces dor,
Ella se irá mingoando;
Cada vez será menor.
Ir-se-ha o tempo gastando;
Leva-la-ha per onde for.

PERSIO.

Bem vejo que peno em vão;

* Os classicos supprimiam o *m* n'este pronome pessoal, e escreviam *mi*, em vez de *mim*.

Mas quem será razoado
Em males tão sem razão?
Pois não ha modo temperado
No amor e na affeição.
Se dizes que é vaidade
Ter lembrança do perdido,
Vou sentindo que é verdade:
Mas quem viste tu esquecido
D'aquillo que dá saudade?

FAUNO.

Nos extremos signalados
Se conhece toda a gente;
No perigo os esforçados:
Que em bonança ser valente,
Não é de animos ousados.
Por isso quero de ti
Que te não deixes morrer.
Crê-me, Persio amigo, a mi;
Que não ha maior vencer,*
Que vencer-se homem a si.

PERSIO.

Mal póde ser esquecida
A cousa mui desejada.
Lembrança n'alma imprimida,
Não póde ser apartada,
Se senão aparta a vida**.

* Vencimento.

** Verso dissono no encontro syllabico *se senão*.

Em quanto me vires vivo,
Não me verás descançar.
Pergunto-te, Fauno amigo,
Como póde repousar
Quem traz a morte comsigo?

FAUNO.

Passa teus males contento*
Se lhe queres achar cura**
Põe em al o pensamento.
Que o que parece sem cura,
Ás vezes o cura o tempo:
Resistir*** graves paixões
Vem de esfôrço e valentia;
Porque os fracos corações
Falta-lhes a ousadia
Nas maiores afflicções.

PERSIO.

Fallas, Fauno, como quem
Vive livre e descançado:
Crê-me, amigo, que ninguem
Póde mudar o cuidado,
Se não quer pequeno bem:
Nunca lh'o eu mereci.

* Isto é *despreza teus males*. *Contento* vem de *contemptus*, desprêzo.

** *Cura* subs. rimando com *cura* subs. próva que os escriptores d'aquelle tempo não folheavam muito as artes de versificação.

*** Impedir.

Desamar-me, e eu ama-la!
Ella me leixou assi;
E eu não posso leixa-la,
Que o amor pega de mi.

FAUNO.

Parece que o seu amor
Era muito mais pequeno.
Persio, não ha maior dor
Que querer bem em extremo
A quem t'o a ti quer menor.
Que os que em tal extremo * vêem
Sua vida aventurada;
Tu Persio, sentes mui bem
Quam cançada, ou descançada
A terá quen a' assi** tem!

PERSIO.

Não me aconselhes (te digo)
Nem julgues a mi por ti:
Chora meus males comigo,
Que isto me convem a mi:
Fa-lo-has se és meu amigo.

* Está dous versos acima.

** Assim escreviam nossos classicos, quando queriam evitar o hiato *em a*, ou *em o*, etc. Os edictores, ou impressores d'esses classicos, julgando que a lingua portugueza não admittia desinencias em *n*, e desejando, comtudo, conservar essa união euphonica, imprimiram *em na*, *em no*, etc. Tam palpavel absurdo torna difficil, e até amphibologica, a lei-

N'isto so está meu bem;
Em outro me não confio.
Oh Fauno, que fará quem
Tem a alma posta no fio,
E não sabe em que se tem?

FAUNO.

Bem vejo que teu tormento
É grande, por isso ouso
Fallar-te claro e isento;
Que no ânimo sem repouso
Não ha claro intendimento.
Entregáste-te ao amor;
Cegas-te todo á razão;
Queres bem á tua dor;
Buscas-lhe a salvação
Onde o remedio é peor.

PERSIO.

No tempo que eu mais penava,
Dormia a noite ao sereno;
Sostinha-me o que esperava.

tura de nossos bons auctores; como bem o mostra este exemplo em Camões, Lus. cant. x. est 38:

Occultos os juizos de Deus são!
As gentes vans, que *não nos* intenderam...

Onde, em vez de *não nos*, devera estar *nan os*: porque *os* é aqui artigo relativo a juizos, e não o pronome pessoal *nos*. Muitos erros d'ésta natureza mancham as melhores edições de Camões, e d'outros classicos: edições a que remettemos os curiosos.

Sôbre uma cama de feno
Muitas vezes repousava.
Agora, em nenhum lugar
Acho descanço, nem vida
Para podêr descançar.
Tenho a esperança perdida:
Não me fica que esperar.

FAUNO.

Não tenhas o p'rigo em nada,
E passa-lo-has melhor;
Que a virtude esforçada
No grande mêdo e temor
Se estima, e é estimada.
Não te espante ésta mudança
Que o tempo traz comsigo.
Trás o mal está a bonança.
Folga de viver (te digo);
Que quem vive tudo alcança.

PERSIO.

No campo sempre dormia;
Fugia do povoado;
Se alguma pena sentia,
Practicava-a com meu gado;
A ninguem mais a dizia.
Desque me este mal chegou,
Tammanho me pareceu,
Que o campo me enfastiou,
E o gado me aborreceu:
Aqui verás qual estou.

FAUNO.

Nenhum trabalho tam forte
N'ésta vida é de soffrer,
Que o coração não soporte;
Nem ha mais certo morrer,
Que temer um home' a morte.
Isto, porque tu padeces,
Bem vejo que é vaidade:
Julga-o tu, se o conheces;
Pois sabes que á vontade,
E não a outrem, obedeces.

PERSIO.

Buscava sempre ribeiros
D'agua mui clara e fresca.
Alli, antre* os meus cordeiros,
Soía dormir a sesta
Á sombra dos amieiros.
Se algum hora alli vou ter,
Que cuidas que me parece?
Lugar onde houve prazer
Nan'o posso agora ver;
Que por isto me aborrece.

FAUNO.

Não sintas tristeza tanta
Por tam pequeno cuidado.
Folga, practicá e canta;
Que o coração esforçado,
De poucas cousas se espanta.

* Entre.

Que se agora te alembrar
Tanto, que te faça dano,
Deixa o tempo assi andar ;
Que com a mudança do ano ,
Tu verás tudo mudar.

PERSIO.

Se per palavras podera
Aqueste * meu mal contar,
Pouca tristeza tivera:
Que o podêr desabafar
Algum descanço me dera.
Mas crê, que não póde ser;
Que é tam grande o meu dano,
Que desejo ja de ver
De meu mal o desengano,
E nano posso fazer.

FAUNO.

Lança de ti, se te vem,
Aquesta lembrança tal,
Persio; que não ha ninguem
Que possa soffrer um mal
Sem se alembrar d'algum bem.
Deixa, deixa este cuidado
De que te ves combatido.
E quanto mais tribulado,
Sè esforçado e soffrido,
Serás bemaventurado.

BERNARDIM RIBEIRO.

* Este.

ECLOGA II.

BIEITO. GIL. BASTO. *

BASTO.

Pelas ribeiras de uns rios
Per onde cantam as aves,
Per entre bosques sombrios,
Depois de contos mais graves,
Ouvi d'estes mais baldios. **
E porque eu tambem me afasto
Do povo, que me não veja,
E trás si me leve a rasto;
Vêde, do tempo, em que gasto
O que me ás vezes sobeja.
Em quanto um joga, outro caça,
Outro dorme, outro trasfega, ***
Outro murmura na praça,

* É de estranhar que o docto Sá de Miranda (que tanta lição teve dos antigos) não imitasse, n'ésta longuissima ecloga, aquella amavel e tocante urbanidade que reina nas de Virgilio.

** Ociosos.

*** Lida, commerceia.

E c'o mal d'este se rega,*
E c'o bem dest'outro embaça:
Um de si se préza tanto,
Que so cuida que enche as festas;
Outro suspira e faz pranto;
Co'a natureza, entretanto,
Fallemos pelas florestas.
Grande signal de saude
É ter tudo á parte posto.
Ólho somente á virtude
Ledo, ou triste, o mesmo rosto;
Que não ha quem vo-lo mude.
Por demais tudo aporfia
C'um peito tam livre e são,
Que tomou tam certa guia:
D'aqui nasce a presunção,
Cuidam, que da fidalguia.
A virtude é paga igual
De si mesma sem mais troca:**
Mas tractemos ora d'al.
Sabe-se, que vos não troca
O bem, nem menos o mal.
Quem sabe per onde vai,
Leva sua conta feita;
Nunca do caminho sai;
Não olha a quem diz « tomai

* Se regozija.
** Bella maxima!

Á esquerda ou á direita. »
  Ambos nós temos á banda
De Gil, que ahi vos envio,
Per onde a menos gente anda:
Eu porém não aporfio;
Que a cadaum seu gôsto manda.
Mas não faltam contendores:
Seja a razão a que vença;
Estem-se * á parte os favores:
Ouvi vós os meus pastores;
Outrem para a desavença.
  Como corre, e como atura
Quem vai após o seu gosto,
Quer per frio, quer quentura,
E no suor de seu rosto
Busca ás vezes má ventura!
Sem guia, e sem esconjuro
C'os mêdos se desafia.
So, vai afouto e seguro
De noite, pelo escuro,
Per montes hermos, de dia!
  Este appetite que digo,
Quem o désse á má** maleita,
Que traz mil artes comsigo!
Guarte d'elle, que t'espreita

* Ponham-se.

** Este encontro de *má ma* fórma um conjuncto pouco decente.

Por dar d'avesso * comtigo!
Rostro ao si,** rostro ao não.
A fortuna é feita assi;
Mal a conhece o vilão:
Cuidas que a tens na mão,
Está-se rindo de ti!
Onde quer o démo jaz,
Para haver de embicar n'elle.
Topei c'um lobo roaz;
Fui-me, c'os meus cães, trás elle;***
Tive de fadiga assaz:
Eis que traspõe, eis que assoma.
Desfazia-me correndo,
« Toma aqui cão, alli toma. »
Cego da porfia, em soma
Fui-me traspondo e perdendo.
Isto, a quem não acontece?
Seja porêm na má hora.
O tempo desapparece;
Estão-se rindo os de fora,
A nós não no-lo parece.
A correr e dar á choca
Este desafia mil;
Vende aquelle, compra, e troca;
Outro traz graças na boca;

* Arruinar-te, perder-te.
** Sim.
*** E não *atrás d'elle*, como se hoje diz.

D'outro falla o arrabil.
Cuida que as namora todas
Um, que se tem por fermoso:
Vai-se ás festas, vai-se ás bodas.
(Tenho-me eu c'o dadivoso
Que unta o carro, andam as rodas.)
Grandes cousas, capa em colo*
Conta (se ellas assi são)
Que me dão volta ao miolo.**
Deve de me ter por tolo;
Eu a elle porque não?
Como lontra, jaz no rio
Um, que o seu gado mal passa.
Elle pesca, ora com fio,
Com cana ora, ora com nassa.
O outro, anda sempre em cio.
Outro, resfriada a chama,
Parte, e deixa a mulher nova
Dando voltas pela cama.
Elle per neve, e per lama
Corre c'os seus cães á prova.
Vai assi, ha muitos dias;
Que não torna atrás ninguem.
Bebemos das bem querias
Que cada um comsigo tem.
Damos d'essas razões frias.

* Rafado, indigente.
** Proverbio inda hoje usado.

O bom Gil sendo mais môço
Muita da terra correra,
Vendo um, e outro alvoroço,
C'o seu fardel ao pescoço
A ser pastor se acolhera.

Ora elle, assi pastor sendo,
Se primeiro andara mal,
Foi apalpando, foi vendo
Entre nós; que ora outro tal
Tambem se foi delambendo. *
Uma vez lama, outra po,
Sempre homem anda achacado.
Deu inda mais outro vôo:
Por melhor houve andar so,
Que assi mal acompanhado.

Era grande amigo seu
Bieito, e vendo tal mania,
Comsigo um dia la deu.
Tiveram grande porfia;
Um razões deu, outro deu.
Não ha quem senaõ defenda
A pareceres alheios.
Antes dés quédas que emenda.
Contar-vos-hei da contenda,
Sem metter verbos nos meios.

BIEITO.

Que é isto Gil, que assi triste

* Escoando-se ao perigo.

Te nos fez este anno abril?
Não sei que démo tu viste,
Que ja não pareces Gil!
Dize, onde te nos sumiste?
V'lo * aquelle grande amigo,
V'los os bofes lavados,
D'aquelles do tempo antigo,
Que o segredo e o perigo
Nan os trazia encubados!**

Assi tam so te vieste?
Tomaste forte burrão!***
Tontos amigos vendeste
Por não sei que, nem que não;
Que nem a mi so o disseste!
Ora dize, se te apraz,
Depois de tanto sol posto,
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega o mal que traz,
Sempre comsigo mau rosto.

Tu olhas-me detraves?
Parece que a mal o tomas!
Mas, se tu, Gil, inda este es,
Não hei médo, que me comas,
Por mais mudado que estes! ****
Que inda que certo hajas feito

* Olha.
** Occultos, escondidos.
*** Amúo.
**** Estejas.

Uma tam forte mudança,
Que te tem como desfeito;
D'este nome de Bieito,
Se quer, has de ter lembrança!
Muitas vezes imagino,
Gil amigo, em ti, cuidando
Na brandura e bom ensino,
Que repartias estando
Duas horas c'um menino!
Olha bem, olha o que faes![*]
Tinhas tantos de bons modos [**]
C'os iguaes, e não iguaes!
Quando estavas bem c'os mais,
Dás que em ti fallar a todos!
Que se fez do teu cantar?[***]
Ninguem não cantava assi!
Mas para que é perguntar
Senão, que se fez de ti?
Onde te iremos buscar?
Não ha ora tanto espaço
Quando Genebra casou
Com Gregorio teu collaço.
Quem teve rosto [****] aos do paço?
Quem tangeu, e quem cantou?
Morreu-te o gado miudo?

[*] Fazes.
[**] Construcção desusada.
[***] Canto.
[****] Resistiu.

Foi um andaço * geral.
Não se póde lograr tudo:
Virá bem após o mal.
Soffre, que soffre o sisudo.
Arrenega dos assanhos: **
La os devias ter provados.
Não são os males tammanhos.
Se este março não foi d'anhos,
Outros virão melhorados.

GIL.

Seja, amigo meu Bieito,
Ésta vinda em hora boa.
Eu digo amigo escolheito, ***
Como quem o leite coa,
Que desça limpo a seu peito.
E respondendo ao que dizes;
Ves-me fardel e cajado;
Bom signal é que ás perdizes
Não vou armando boizes; ****
Ando após este meu gado.
Espreito, andando, o que quer:
Parece que folga mais,
Por agora, de pacer
Per esses andurriais; *****

* Epidemía.
** Ira, paixão.
*** Escolhido
**** Armadilhas, laços.
***** Ermos.

Faça como lhe aprouver.
Que por certo homem dirá
Nas cousas, que não são certas,
« Eis-nos ca, e eis-nos lá. »
Ás vezes no peior se dá;
Ás vezes tambem acertas.
« O mais, que pésa, ou que val ? »
(A nós parece-nos muito)
Diz Toribio, e diz Pascoal
Palavras vans e sem fruito,
E ás vezes, inda sem sal.
Quando a vibora no ar morde,
Por mais peçonha que traga,
Não temas que inche, ou que engorde;
Não hajas mêdo que acorde
Bradando pola triaga !
Ves tu cousa, que estê * queda ?
Ora é noite, ora amanhece;
Ora corre má moeda ;
Ora outra, tudo envelhece ;
Tudo tem no cabo a queda. **
Nas villas um baile dançam
Em que todos ao som andam:
Uns ca, outros la se lançam ;
Como o tanger não alcançam,
Mais pés, nem braços não mandam.

* Esteja.
** Estes pastores eram grandes moralistas.

Do sangue e leite empolado *
O bezerrinho viçoso,
Corre e salta pelo prado;
Depois lavra priguiçoso,
Tira o seu carro cançado.
C'os dias, e c'o trabalho
O brincar d'antes lhe esquece;
Não é ja, o que era ao malho.
Corte-se, leve-se ao talho
O boi velho, que enfraquece.

BIEITO.

No comêço os êrros tem
Bom remedio: ao diante
Ten-o mau: se não vas bem,
Peior irás mais avante;
Torna atrás, que te convem.
Não o tenhas por amigo
A quem te anda sempre á vontade,
Dissimulando comtigo.
Lembre-te do dicto antigo,
« Que enfada muito a verdade. »
Mal vai, quem sempre empeora;
E que lingua a dos pastores!
Um olho ri, outro chora.
Vem um diz, « que são amores, »
Outro diz, « que é mal de fora. »
Um se tróce, o outro diz

* Crescido, gordo.

« É mau jôgo este das linguas : »
Ou tal fiz, ou tal não fiz.
A cada canto um juiz.
Véem-se, emtanto, á praça, as minguas.

GIL.

O môço que entra em terreiro,
E não toca o chão de leve,
Pelo ar voa o pandeiro;
A toda a festa se atreve,
Elle so c'o seu parceiro.
Este tal, baile, este cante;
Este seus jogos ordene;
Corra, voe, e passe avante;
Este volteie, este espante;
Este dê penas, e pene.
Mas a quem ja se vêem das pontas
Não acha o que soía em si:
Comece entrar n'outras contas.
Ouvi ja melhor, e vi
Suar, e passar affrontas.
Ves o tempo como foge?
Corre o dia após o dia.
Queres que homem não s'anoje?
Que me não conheci hoje
N'uma fonte em que bebia!
E porque tudo te conte
De quanto me aconteceu;
Quando me tal vi defronte,
Dos olhos agua correu,

Mais que corria da fonte *.
Passou-se-me a sêde, emfim,
Que me aquella agua trouxera;
E a tal desacordo vim,
Que quando tornei em mim,
Grande espaço o sol correra.

BIEITO.

Come de toda a vianda;
Não andes n'esses entejos; **
Não sejas tam vindo á banda;
Tem-te ás voltas c'os desejos;
Anda per onde o carro anda.
Ves como os mundos são feitos.
Somos muitos, tu so es.
Poucos são os satisfeitos.
Um esquerdo entre os direitos,
Parece que anda ao reves.
Dia de maio choveu ***.
A quantos agua alcançou,
A tantos endoudeceu;
Ouve um so que se salvou:
Assi então lh'o pareceu.
Dera vista ás semeadas,

Conceito repugnante ao bom gôsto.
** Fastio.
*** Sá de Miranda versificou aqui a satyrica fabula de Pedro Cardeal, sobre a *chuva*, que enlouquecia os que a apanhavam.

Essas, que tinha mais perto.
Viu armar as trovoadas,
Alongou mais as passadas,
Foi-se acolhendo ao cuberto.
Ao outro dia, um lhe dava
Piparotes no nariz;
Vinha outro que o escornava.
Hi tambem era o juiz,
Que de riso se finava.
Bradava elle « homens olhae! »
Iam-lhe c'o dedo ao olho.
Disse então « pois assi vae,
Não creio logo em meu pae,
Se me d'ésta agua não molho. »
Apaixonado, qual vinha,
Achou n'um charco que farte.
O conselho havído o tinha:
Molhou-se de toda a parte,
Tomou-a como mezinha. *
Como o víram, la correram.
Um que salta, outro que trota:
Quantas graças que fizeram!
Logo todos se intenderam;
Ei-los vão n'uma chacota.**

* Sem dúvida ésta falla tinha allusão particular; porque aliás seria inintelligivel, a Nun'alv'res Pereira, a quem a ecloga foi dedicada.

** Cantiga villanesca.

GIL.

Tu sabes que me obrigara
A ésta vida de pastor.
Vinha mui corrido á vara ;
Cuidei que era ella melhor,
Como quem a não provara.
Determinava-me ja
De andar com minhas ovelhas.
A conta saíu-me ma.
Más fadas ha ca e la;*
Como bem dizem as velhas.
Andei d'aquem para alem ;
Terras vi, e vi lugares.
Tudo seus avessos tem.
O que não exp'rimentares,
Não cuides que o sabes bem.
E ás vezes quando cuidâmos
Que alguma cousa intendemos,
A cabra-cega jogâmos.
Achei-vos ca fortes âmos;
Querem que os adoremos!
Para as cousas que acontecem,
Quando os buscas, ora o sono,
Ora achaques mil te empecem.
Ao tosquiar achas dono:
Nas pressas não te conhecem.
Tudo lhes o démo deu,

* Phrase proverbial.

Té razões más, que nos dão.
Quando te hão mister, es seu;
Quando os has mister es teu;
Que não tens amos então.*
Essa vez que saiem á rua,
Estremece toda aldeia.
Elles bebem, e homem sua:
Doe-lhes pouco a dôr alheia;
Querem que nos doa a sua.
Indaque o dano é em grosso,
Poderão dissimular:
Isto, parceiro, não posso.
O intendimento, que é nosso,
Não no-lo querem deixar!**
Polo qual, ç'o meu fardel,
Fugi das vossas aldeias.
Não trago nos beiços mel;
Que não sou cresta-colmeias,
Nem posso ser menestrel.
A saudade não se estrece;***
Mas caíume um coração
Em sorte, que muito empece;
Que outro senhor não conhece,
Salvo justiça e razão. ****

* Sentença admiravel!

** Que sublime philosophia! mas, quadra ella na boca de uns pastores?

*** Diminue.

**** Sentimento bem raro em nossos dias!

Então queixo-me a ti logo.
Que em casos, que aconteceram,
Vi-me, por elles, no fogo:
Bradei, e não me valeram
Brados, queixumes, nem rogo.
Assi me sahi, meu quedo, *
E quedo: e fará um dia,
O que outro não fez! e hei medo
De ver mor vingança cedo,
Do que j'agora queria!

BIEITO.

Trouxeste-me ora á lembrança
Aquelle amigo foão;
Que ao tempo d'essa mudança
Tua, foi-te assi á mão,
Como a quem os dados lança.
E lembra-me ora bem tudo;
(Que era eu hi no tal ensejo).**
Indaque então me fiz mudo,
Fallou-te como sisudo.
Parece-me ora que o vejo!
« Seja (disse elle) em boa hora;
Que eu tambem entre este gado,
Fazendo contas cada hora,
Cada hora me acho enganado
D'ésta esperança traidora.

* Mansamente.
** Occasião.

E dir-te-hei que me acontece
Quando n'este valle estou.
Qualquer outro, que apparece,
Muito melhor me parece:
Não é assi quando la vou. »
  Assi disse aquelle amigo.
Agora digo eu, que ei medo,
Quando debates comtigo
Que te esteem mostrando ao dedo
Gomes, Gonçalo e Rodrigo.
Não queiras ir muito ao fundo;
Indaque ora tanto intendas.
N'ésta so razão me fundo:
« Não has de emendar o mundo,
Por mais razões que despendas. »
  Perigosa é a dianteira:
Deixa ir diante os mais velhos.
Com a paixão tençoeira, *
Nunca hajas os teus conselhos:
Sempre foi má conselheira.
Quem comsigo traz rancor,
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe fallece dor.
Mas se o bem igual não for,
Seja o coração igual.

GIL.

  Se c'os teus olhos não vejo,

* Renitente, teimosa.

Nem ouço c'os teus ouvidos;
Todo o debate é sobejo.
Réges-te per teus sentidos:
Tambem pelos meus me rejo.
Comes tubaras da terra:
Eu nau as posso comer.
Nem um, nem outro não erra.
Para que é sobre isto guerra?
Come o que te bem souber.
  Não digo que cadaum faça
Quanto lhe á vontade vem;
Que essa sería má graça:
Mas intendo o saber bem
Do que se vende na praça.
Porque o tempo fez aballo,
E somos em forte ensejo,
Inda levanto outro valo,
Que nos doentes não fallo,
A quem mata o seu desejo.
  Bem vejo que a verdade era
Ir pelo fio da gente.
C'os muitos te respondera,
E ó amigo, e ó parente;
Que murmurar não tivera.
Porêm assi so não minto,
Não finjo, não lisongeio.
Se sou farto, ou sou faminto,
Que mau é o meu destinto
Antes seguir que o alheio?

Vou fugindo ás armadilhas
Que vi, com manha, esconder.
Não quero ouvir maravilhas,
Ás vezes mui más de crer.
Da má mae nascem más filhas.
Querem que homem ouça e creia:
Não ja eu; creia o nosso Joane,
Creia o baboso d'aldeia,
Que traz sempre a boca cheia
Das filhas de Dom Beltrane.
Olha se a razão concrude? *
És doente, teu pae não.
Digo outro tal da virtude.
Pola ventura és tu são,
Porque teu pae tem saude?
Nao, que cumpre outra mesinha.
Olhe cadaum por si.
O bem não é como tinha;
Não se pega tam asinha; **
O mal póde ser que si. ***
Lê-me primeiro outra lenda.
Deixaram-te os teus passados
Do gado, e vinhas de renda?
Olha que andam misturados
Os encargos co'a fazenda.

* Conclue.
** Depressa.
*** Sim.

Cumpre a cadaum que arribe,
Per si, se deseja a honra.
Não dizer « bons donos tive : »
Que quem como elles não vive,
Tanto mais sua deshonra.

BIEITO.

Pois comtigo a razão val;
Vejamos qual mais conjuncta?
Olha, que todo animal
Fraco, ou forte, aos seus se ajuncta
Por distincto natural.
As pombas andam em bandas.*
Altos vão os grous em az.**
Éstas andorinhas brandas,
Não querem de nós viandas;
Querem companhia e paz.
Toma exemplo no teu fato,
Que o trazes juncto em rebanho;
Não rez e rez pelo mato.
Té o carneiro tammanho,
Se atrás fica, é lambeato.***
E inda ham mister mastins,
Inda funda e cajado hão:
Que a estes lobos ruins,
Que descem d'outros confins,

* Bandos.

** Multidão.

*** Devorado, comido.

Te ajudem assentar a mão.
  Eu vi ja sôbre isto apostas.
Conta-se do elefante,
O que traz a torre ás costas,
Que ha mister quem o levante
Se dá comsigo de costas.
Senão fosse essa prestança
Da falla e razão do homem;
Por fôrças elle que alcança?
Mister ha fazer liança;
Senão, maus bichos o comem.
  Em ésta alliança tal,
Que te digo, inda não metto;
Salvante a do meu igual:
Dos outros não me entremetto;
Mas fique dicto em geral.
Como no mundo apontâmos,
Tantoque em terra caimos,
Do chorar nos ajudâmos;
Soccorro e ajuda pedimos.
Nós sós pera que prestâmos?
  Fui-me um dia á villa, Gil;
E logo ao saír de casa,
Mais verde, que um perrexil,
Cuidei que matava a brasa
De galante, e de gentil.
Bem passei c'os viandantes;
Mas depois, quando la cheias
Vi ruas d'outros galantes;

Se eu viera ufano d'antes,
Não tornei tal ás aldeias.
Dizia um, vendo-me assi:
« Bom vai o do barretinho,
Nunca o tam fidalgo vi! »
Chamavam-me outros ratinho. *
Uns assi, outros assi.
Finalmente, por acerto,
Vi alguns nossos de ca:
Deixei-os chegar mais perto.
Metti-me entr'elles: por certo,
Que tarde me colhem la.**
Um bacorote orgulhoso,
Deu vista ao gado ovelhum,
De quexiquer*** espantoso.
Trombejava elle um e um;
Andava todo bravoso.
Vem um dia o lobo, e apanha
Pela cabeça o doudete:
Abrandou-lhe aquella sanha.
Brada « *á dos meus!* » em tammanha
Pressa, ninguem arremete!
Vinham os porcos d'aldeia
Mais atrás; grunhir ouvíram.
Um escuma, outro esbraveia:

* Estes diminutivos teem aqui muita graça.
** Toda ésta decima é d'uma simpleza incantadora.
*** Qualquer cousa.

Estes, si, que lhe acudiram.
Perdeu o lobo a sua ceia.
Elle sôlto, viu que o gado
Da lan branca estava olhando
De longe, inda amedrentado.
« Antes (disse) ser mandado,
Que em tal perigo, tal mando. »

GIL.

Fallas-me nos animais,
A quem nós brutos chamâmos,
Que guardam leis naturais:
Nós outros nanas guardâmos,
A isso obrigados mais!
Estes homens, com quem tratam;
Homens não, mas leões bravos,
Per fôrça tudo rematam.
Os leões não se resgatam,
Nem se vendem por escravos.

Para que mandem, ou rejam,
Não vão as aguas tingidas
De seu sangue, se pelejam?
Não alçam forcas esguidas *
Em que ás aves manjar sejam?
Não teem repartida a terra
Per marcos tam desiguaes?
Per sangue, per fogo e guerra;
Com que um tem de serra a serra,

* Compridas.

Outro nada, ou dous tojaes?
É cousa para espantar
Da lei, que entre si, teem gralhas;
Que vendo a uma queixar,
Descem, correndo, em batalhas:
Matam-se pela salvar.
Ora te direi assi,
Quem diz o que viu, não mente.
Guarda de embicar aqui;
Que verás passar per ti
O amigo e o parente.
Quem nunca ouviu um rifão
Mais corrente, e mais usado;
Que é darem todos de mão,
Quantos véem, e quantos vão
Ao carro que está entornado!
Fallo, porêm em geral;
Que alma, dizendo isto, afronta:
Não quero que cuides al.*
Amigos do meu signal,
Não vão elles n'ésta conta.
Muitos dos váos apalpei.
Aos trabalhos me dispus;
Desque cuidei e cuidei;
Disse comigo; « ora sus! **
Se êrros fiz, êrros paguei. »

* Outra cousa. Dirivado do latim *aliud*.
** Anima-te.

Cuida homem, que bem escolhe
As singelas so comsigo.
Eu não sei, porque se tolhe
O fugir a quem se acolhe
D'onde vem certo o perigo!
Andando so não me empecem
Maus olhos, nem más palavras.
Não me empecem, se engafecem
Por outros fatos,* as cabras.
Curo-as, quando me adoecem.
Porque tudo diga em soma;
Não hei mêdo que o cabrito,
Me furte o vizinho, e coma.
Aqui, se a paixão me toma,
Posso bradar voz em grito.
Que me não ouça ninguem.
Somente as aves, que taes,
Duas aventagens teem
D'esses outros animaes;
Voar, e cantar tambem.
Ou o som d'agua que cai
Rompendo pelos penedos
Desce ao fundo, ao alto sai;
Ella a grande pressa vai;
Elles para sempre quedos.
Ves tu a minha cabana?
Se o tempo se muda, assi

* Rebanhos.

A mudo eu. Guiomar, nem Ana
Não dão voltas per aqui,
Mais leves, que ao vento cana.
Cantando dos seus solaus *
Que me façam merecer
Muitos d'estes varapaus;
Com seus olhos vaganaus,**
Bons de dar, bons de tolher.

Deixa-me ver este ceo,
E o sol em que vai tal lume,
Que a vista nunca soffreo.
Aquillo é uso, e costume,
Que tantos tempos correo.
Que claridade tammanha!
Que fogo n'elle apparece!
Quanto raio o acompanha!
Dizem que o mar de Hespanha
Ferve quando n'elle dece!

Cobre-se logo de estrellas
Tudo quanto d'elle vemos.
Nasce d'ellas, põe-se d'ellas;
Olhâmos; mas que intendemos?
Nem da lua, que está entr'ellas,
Que se renova e reveza,
Ora em fio, ora em crescente,
Ora em sua redondeza,

* Romances, cantigas.
** Maganões.

Cada mez com que certeza
Similha a da nossa gente?
«Do mais (dizia Pascoal)
Sabes que é o que nos come,
São mimos; que não é al!
Onde quer se mata a fome.
Matam-se appetites mal
Pelo sol e pela neve.
Natureza, a grande madre;
(Que emfim tambem no-lo deve)
A tudo acudir se atreve,
Por mais que este ventre ladre.
Do que o meu gado sobeja,
Vou vivendo anno per ano.
Pouco ou muito, que elle seja,
A ninguem não faço dano:
Que não se ha do pouco inveja.
Parece a vida, em verdade,
Dos mastins, gado e pastor
Como de communidade.
Com tal fome, e frialdade,
Tudo póde, e manda amor.
Levo o meu gado, elle sigo;
Que inda são mais embaraços,
Dos que eu quizera comigo.
Passei per tantos dos laços
Que olhar somente é perigo!
No meu samarrão mettido,
Que mais quero? sou pastor:

Ca nunca chega appellido
De fogo, nem arroido,
Mal se for, mal se não for.
  Aqui per estes abrigos.
(Os mais debates deixemos)
Vir-me-hão ver meus amigos.
Ao sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos.
E despois de mezes mil
Quiçáes * que inda dirá alguem
Olhando este meu covil :
« Per aqui cantava Gil
Sem queixia** de ninguem ! »
  Quando tudo era fallante,
Pascia o cervo um bom prado.
Hi veio um cavallo andante;
Quiz comer algum bocado,
Poz-se-lhe o cervo diante.
Outra razão não lhe deu,
(Que eram pacigos geraes)
Salvo, « pósso, e quero, é meu.»
Este *meu* e este *teu*,
Tanto ha ja que nos fez taes !
  Vendo tam pouca prestança
O cavallo (dantes fôrro)
Com desejo de vingança,

* Talvez.
** Queixa, escandalo.

Pedindo ao homem soccôrro,
Per terra a seus pés se lança.
Não póde á justa querella
Deixar de se pôr no meio:
Mas foi necessaria a sella;
Poz-lha, e fez-se forte n'ella;
Toma a redea, prova o freio.
Assi dão volta ao imigo.
O cervo, quando tal viu,
Homem ao cavallo amigo,
Deixou-lhe o campo, e fugiu;
Foi buscar outro pacigo.
O cavallo vencedor,
Corre o verde, e corre o seco.
Fóra, fóra o contendor!...
Ficou-lhe porêm senhor.
Não foi tanto o outro enxeco. *
Quem ha tal mêdo á pobreza,
Tal á fome e frialdade,
Que por ouro, e por riqueza,
Dá a so rica liberdade,
E mais outrem que assi preza;
Se lhe ves herdades largas,
Não lhe hajas inveja á troca;
Que embaraçam as roupas largas.
Faz sangue o freio na boca;
As esporas nas ilhargas.

* Damno, mal.

Mas ja ves como o sol anda,
Amigo, é tarde, folga ora:
Deixemos ésta demanda
Mal-avinda, para outr' hora.
A ceia será mais branda.
Com dos peixinhos passaras
Do rio, não d'almocreves,
Que as villas fazem tam caras.
Beberás nas fontes claras;
Sonharás sonhos * mais leves.

BIEITO.

Volves-me as cousas do enves; **
Qués per força que te creia,
O que tu, quiçais, não crês.
O coração é n'aldeia;
La me hão de levar os pes.
E tu dize o que quizeres.
Troce ca, e troce la:
Defende teus pareceres.
Mas onde não ha mulheres,
Vida, nem gôsto, não ha.

Aquella graciosidade;
O parecer, que nos furta
Com tanta fòrça a vontade,

* Ésta expressão, longe de ser pleonasmo, é uma élegancia: foi usada per quasi todos os escriptores d'essa aurea idade.

** Do avesso.

Que tanto o juizo encurta;
Não é de todo vaidade.
Suspiraste? ora eu te intendo!
Nós nos veremos despois;
Por ora, a Deus te encommendo.

GIL.

Não te quero estar detendo.

BIEITO.

Vou-me, que é tarde, aos meus bois.

BASTO.

Contou-se isto pela terra
Em junctas d'outros pastores;
Eis logo um, logo outro aferra
Sobre quais razões melhores
Deu, o que acerta, ou que erra.
Porém lido o calendario;
Visto tudo, e contas feitas;
Fica assentado em summario:
Gil, por homem voluntario;
Homem, Bieito, ás direitas. *

SA DE MIRANDA.

* Se o estylo d'ésta *ecloga* parecer, a alguns leitores, incorrecto ou obscuro, lembrem-se, que Sá de Miranda escreveu ha 311 annos; quando a grammatica e a prosodia da lingua estavam ainda na infancia.

ECLOGA III.

TITYRO.*

SERRANO. CASTALIO.

Uma fresca manhan fria orvalhosa,
Ao longo do Mondego, que corria
Com agua clara mansa e graciosa :
Quando ja o claro raio reluzia
Do louro Phebo n'agua, e começava
O orvalho derreter, dourar o dia :
Aope de um gran' ceiceiro rodeiava

* *Ferreira a fait des églogues où l'on respirait la fraîcheur et l'innocence des mœurs champêtres, accompagnées de cette mélancolie touchante qui s'est réfugiée au-delà des Pyrénées. On lit encore avec un plaisir mêlé d'attendrissement les productions de ce génie heureux et simple à qui le bonheur des champs suffisait dans ses délassemens les plus chers. La passion donnait quelquefois à la muse pastorale les accens de l'élégie : on aime à lui entendre murmurer ces voix plaintives qui vont au cœur.*

COURNAND.

O gado de Castalio, e de Serrano,
Que ambos um bom amor sempre junctava:
  Mas outro amor cruel, amor tyrano
Os trazia ambos taes, que pareciam
Dous spritos perdidos trás seu dano.
  Ambos mancebos, ambos se perdiam
Um, por uns olhos verdes, outro, brancos:
Ambos cantavam sempre, ambos tangiam.
  Diziam, que aprenderam de dous Francos
Pastores, que com as Musas se crearam
Dous Linos, dous Orpheus os nossos Francos.
  Bem conhecidos são: Sás se chamaram,
Um de Menezes, outro de Miranda;
De que as irmans e Phebo s'espantaram!
  E inda hoje entre nós soa a voz tam branda
Do seu divino canto, que lhe ouvimos;
Que todo o ceo aclara, e o ar abranda.
  Ditosos nós, que em nosso tempo vimos
A nomeiada Arcadia, tam vencida
D'estes nossos pastorés, que seguimos!
  Aconteceu, que em quanto era ouvida
De mi ũa bella nympha, que cantando
Na veia d'agua estava meia-mettida: *
  Um cordeiro dos meus se foi lançando
Para onde ambos estavam; o que eu seguindo,
Ouvi Castalio estar-me ja chamando.
  « Tityro amigo, sejas tambem vindo

* Verso duro.

Como este claro sol que nos aquenta:
Aqui (diz) teu cordeiro veio fugindo.
  Deixa o mais gado ao môço: aqui te assenta.
Não ves ésta clara agua, que nos chama?
Ésta herva verde, que se nos presenta?
  Aqui se esfria aquella doce chama,
Que arde em nós sempre: aqui amor s'engana.
Aqui queres amar quem te desama.
  Se o sol muito apertar, temos choupana
De canas e ramada bem cuberta,
Onde, nem entra sol, nem chuva a dana.
  Sentei-me. Eis se ergue entr' elles gran' referta
De quem tange melhor, ou melhor canta:
A contenda então mais a voz esperta;
Assi ora um, ora outro, a voz levanta:

SERRANO.

  Musas, ou vós me dae um verso brando
Qual a meu Sá,* que a Phebo bem se iguala;
Ou, se eu em vão trabalho ir-lhe chegando,
O som me fuja á lyra, a voz á fala.

CASTALIO.

  Pastores coroae, que vai crescendo,
Este novo poeta de hera e flores:

* Francisco de Sá de Miranda foi o primeiro que, com a singular brandura de seus versos lusitanos, começou mostrar o descuido dos passados; e que, ésta lingua, é capaz de n'ella se cantarem damas, capitães e imperadores.

MIGUEL LEITE FERREIRA.

E Magallio de inveja estê morrendo;
Que a todos para si rouba os louvores.

SERRANO.

Meus versos lê meu Sá; minha musa ama.
E meu Sá versos faz, que Apollo espantam.*
A ti Sá, sempre minha musa chama:
A ti meus versos rusticos se cantam.

CASTALIO.

A quem Sá, te ama, nunca Apollo negue
Seu divino furor, com que te cante.
E rompa-se Magallio, rompa, e cegue;
E de meus versos (la entre si) se espante.

SERRANO.

Ó rustico Magallio sem brandura,
Nunca som doce em teus ouvidos soe!
Magallio, peito de cortiça dura,
Todo o bom sprito atrás te deixe e voe.

CASTALIO.

Crinaura entre uns salgueiros verdes via;
E sem me ver, a vista lhe furtava.
Ella em me vendo, ria-se e fugia;
E não sei que entre dentes me fallava.

* Quanto é bello ver o Genio louvado pelo Genio! Todos os lusos vates d'essa feliz epocha viviam na mais perfeita união: consultavam-se acerca de suas obras, e limavam-nas depois. Assimilharam-se, em tudo, aos grandes homens do seculo de Augusto, e aos do reinado de Luis XIV.

SERRANO.

Que me aproveita, Lesbia, vêr-te e amar-te;
E que nem me desprezas, nem desamas?
Se quando a lingua sólto, por fallar-te,
Volves o rosto, e rustico me chamas?

CASTALIO.

Triste a vista é do lobo ao manso gado:
O chuveiro á seara ja madura:
Ás árvores o vento: a mi o irado
Rosto de Phylis tam formosa e dura.

SERRANO.

Doce é a chuva á terra desejosa:
Aos cordeiros o prado d'herva cheio:
Á abelha o orvalho: a mi Phylis formosa;
Por quem hoje mais claro o dia veio.

CASTALIO.

De duas pombas achei hoje um ninho:
Tuas, Crinaura são, se as tu quizeres:
E teu será (se o tómo) o branco arminho;
Cloris mo pediu ja, se o tu não queres.

SERRANO.

Dés maçans de côr d'ouro hontem colhidas
A furto n'um cerrado, aqui te tenho:
Para ti, Lesbia, foram escolhidas:
Lesbia, so por te ver, trazer-t'as venho.

CASTALIO.

De teus olhos, Crinaura, sai um raio
De fogo, que a fria neve accenderá.

Em te vendo arço, * sem te ver desmaio.
Mais doce a morte, vendo-te, será.

SERRANO.

Lesbia cruel, e quanto ja haverá
Que ésta minha alma ardendo
Ande após ti? e esse teu peito frio
Me converteu n'um rio?
Olha como este rio vou enchendo!

CASTALIO.

Olha como este rio vou enchendo
De lagrymas e mágôas;
Das lagrymas se vai todo turvando,
E das mágoas chorando.
Ah de meu fogo vão ardendo as ágoas!**

SERRANO.

Ah de meu fogo vão ardendo as ágoas!
E tu estás mais fria
Que a fria neve, e mais que pedra dura
Em quem agua acha brandura.
Um marmore meu pranto desfaria.

CASTALIO.

Um marmore meu pranto desfaria;
E teu peito parece
Que tanto mais Crinaura cruel te chamo,
Quanto mais te sigo e amo,

* Ardo.

** Os nossos melhores poetas quinhentistas, e inda mesmo alguns estrangeiros de mais proxima era, não

Tanto em ti mais essa dureza crece.

SERRANO.

Lesbia minha, mais que o sol formosa,
Mais alva que alva lua, e mais corada
Que as ardentes estrellas,
E luz de todas ellas.
Mais que as flores de maio graciosa.
Estes versos, em que es de mi cantada,
Cortem n'este ceiceiro os bons pastores:
Crescerá elle, crescereis amores.

CASTALIO.

Crinaura minha, mais que o lirio branca,
Mais vermelha que rosa, e mais ligeira
Para fugir que o vento:
De quem seu pensamento
Tirar de ti não póde, vem, arranca
Ésta alma triste, que inda ésta é a primeira
Piedade, que usarás com quem a vida
Sempre guardou, por ser por ti perdida.*

poderam eximir-se d'estes affectados conceitos. Hyppolito (na tragedia do grande Racine, intitulada *Phedra*) assim se exprime:

Quand je suis tout de feu, d'où vous vient cette glace?

* Este dialogo é, em partes, imitado do da VII ecloga de Virgilio.

Nymphæ, noster amor, Libethrides, aut mihi carmen,
Quale meo Codro, etc.

Isto so me lembrou do que cantaram.
E d'alli para ca, sempre nos montes
Os pastores Castalio nomearam,
Faunos nos bosques, nymphas em suas fontes.*

ANTONIO FERREIRA.

* Assim n'éstas *eclogas*, como em outras peças, onde ha versos rhymados, fui obrigado a desviar-me do systhema orthographico, que adoptei; pois, aliás, não fariam bom soído aos ouvidos, ou desagradariam aos olhos, as palavras que constituem a rhyma; em razão de ser mui diverso o modo de *orthographar* dos antigos. Ora as edições das obras de Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Caminha, etc., de que me servi, estavam tam erradas (no que toca a orthographia e pontuação) que me deu summo trabalho ordenar as dictas *eclogas*, como se aqui acham. A incuria dos typographos portuguezes que trabalharam em taes edições, e mormente o desleixo de seus edictores, quiçá contribuissem para essa imperfeição; visto não ser crivel que os classicos descuidassem tanto as suas obras, que os mesmos termos fossem, per elles, escriptos de muitas maneiras. Confirma, em parte, ésta minha asserção o que aconteceu em Lisboa ao manuscripto de Francisco Manuel; isto é, á traducção da vida d'el-rei D. Manuel, composta em latim pelo bispo Hieronymo Osorio. Eis as queixas em que rompeu esse grande e infeliz vate—«E quanto me não devo eu lastimar de ver o meu *Osorio* cuberto de erratas, como criança com bexigas...! O meu *Osorio*, que me saíu das mãos tam escorreito! Quem ha hi que se capacite, que um livro mandado imprimir, per ordem superior,

na *typographia-regia*, saisse com érros tam vergonhosos, que os não commetteria um aprendiz de sapateiro? Creiam-no, ou não o creiam; vem no *Osorio* phrases tam destroncadas, e com aleijões tam disformes, que me foi necessario comprar pelo meu bento cruzado-novo, um *Osorio* latino, para per elle intender a minha versão, assim estragada em Portugal — » A vista do exposto, ponderem os leitores, se (casoque os classicos portuguezes voltassem á vida) teriam ou não, elles motivo de increpar a seus conterraneos o pouco que pugnam pola glória litteraria da patria!... Não succede o mesmo aos estrangeiros.

ECLOGA. IV.

PHYLIS E MARILIA.*

PHYLIS.

Pascei minhas ovelhas : eu, em quanto
Aquelle passarinho canta ou chora,
Chamarei Corydon com triste pranto.
Plantas, se em vós d'amor lembrança mòra,
Plantas, se ja amastes ; tende mágoa,
De quem tantas d'amor padece agora.
Ah cruel Corydon ! cruel á mágoa
Em que vivo por ti ! não has piedade
De ver meu peito fogo, os olhos ágoa?

* A brandura das *eclogas* de Diogo Bernardes é de tanta suavidade, que o insigne poeta Lopo da Vega confessa que os escriptos d'esse vate o ensinaram a fazer versos pastoris.

SEVERIM DE FARIA, Disc. da ling. portug.

*Diogo Bernardes emprunta les pipeaux de Virgile dans l'*églogue*, et ne fut pas toujours au-dessous de son modèle.*

ÇOURNAND.

Phylis não amas ja? ah crueldade!
Ah triste que farei! em poucos dias,
Podeste mudar, cruel, tua vontade?
Não amas Phylis ja, a quem trazias
Na doce primavera, doces fruitas;
Signal do grande bem que me querias!
Sabes, cruel pastor, que tenho muitas
Causas, para de ti sempre queixar-me;
Por isso de mi foges, não m'escuitas. *
Poderam os teus rogos abrandar-me:
Os meus (triste de mi!) mais t'endurecem.
Não sei em que ja possa confiar-me.
Aquelles doces versos ja t'esquecem,
Que pelos pés dos álamos cortavas;
Onde, com teus enganos, sempre crecem?
Arder por meu amor n'elles mostravas:
Eu cria qu'era assi; não intendia
Que fingias amar, que não amavas!
Tristes foram meus fados, triste o dia
Em que nasci: coitada de mi triste;
Que em mágoa se tornou minh'alegria!
No mesmo dia, que Gallatea viste,
Vi eu d'este meu mal tristes agouros;
E tu, um corvo, á parte esquerda, ouviste.
Gallatea não tem mores thesouros;

* *Fruitas*, *escuitas*, etc., é como se dizia no tempo em que Camões, Bernardes, Ferreira, etc. escreveram.

Nem tem mor fermosura; indáque seja
Alva de rosto, de cabellos louros.
Da pallida viola tem inveja
O branco lirio; porque tal não tem
O cheiro, que vencido, não se veja.
Tityro arde por mi, Tityro a quem
Mil nymphas dão capellas de mil flores;
Mas elle a mi so chama, a mi quer bem.
Eu desprézo por ti muitos pastores;
E tu por Gallatea me desprezas?
Cruel, tal pago dás a meus amores?
Em que te mereci tantas cruezas,
Quantas usas comigo? por ventura
Usei comtigo d'íra, ou d'asperezas?
Provera a Deus que tam isenta e dura
Me víras pera ti, que nunca viras
Em mi signal d'amor, nem de brandura.
Se eu fugira de ti, tu me seguiras;
Por mi arderas, não por uma ingrata,
Por quem choras em vão, em vão suspiras.
Bem me vinga de ti, pois te maltrata;
Mas eu quero-te tanto, que desamo,
(Indaque tu me matas) quem te mata.
Respondem estes montes, quando chamo
Por ti; e com voz triste, echo responde,
Movida de quantas lagrymas derramo.
E tu não me respondes? não sei onde
Te leva este desejo; mas bem sei
Que amor e desamor de mi t'esconde.

Ah triste Phylis! triste, onde acharei
Remedio a mal sem elle? o fogo puro
Em que me queimo, com que o abrandarei?
Ja fugíra d'aqui, indaque duro
Me fôra deixar a terra onde nasci:
Mas contra amor não ha lugar seguro.
A morte so (mil vezes isto ouvi
Á nossa Cellia) por remedio espere,
Queinquerque fez o amor senhor de sí.
Então, porque de todo desespere,
Este cego, a quem nós cegos seguimos,
A mi por ti, a ti por outra, fere.
Morrêra eu n'aquella hora, em que nos vimos;
Não víra tanto mal: mas que da sua
Ventura alguns fugissem, poucos vimos.
Eu queixo-me de ti, e tu da tua
Gallatea te queixas; e não ves
Que é piedosa em ser pera ti crua?
Sendo tu tam cruel, quam cruel es,
Cuidas achar piedade? como queres
Que te creiam teu mal, se o meu não cres?
Que viva em pezar eu, tu em prazeres,
Não quer o justo ceo: ou ambos tristes,
Ou tambem ledos ambos; al não esperes.
Plantas, que n'outro tempo nos cubristes
Com frescas sombras, do ardor de cima,
Quantas palavras vans aqui ouvistes?
— Primeiro faltará no rio Lima,
(Dizia Corydon) agua corrente,

Que no meu peito outro amor s'imprima.
  Primeiro será frio o fogo ardente,
O dia escuro sempre, a noite clara;
Que veja, sem te ver, quem me contente.
  Primeiro que te deixe, Phylis cara,
Vida me deixará: Phylis a vida;
A dor, se tu não fôras, m'a roubara.
  Pois tu, Phylis, m'a déstes; offerecida
A tenho a teu querer; tu d'ella ordena
Como, doce amor meu, fores servida.
  Por ti me será branda a dura pena;
Por ti suave a dor, leve o tormento,
A que me leva o fado, e me condena.—
  Ah falso Corydon! teu fundamento
Era enganar-me! a fe dada m'a tinhas;
Com as palavras a levou o vento.
  Mas ai triste de mi! tambem as minhas
O vento as foi levando, e o sol é pôsto!
Ó sol fermoso, que * te não detinhas,
Em quanto n'este pranto achava gôsto?

* Porque.

ECLOGA V.

MARILIA.

Quam docemente agora aqui cantava
Um rouxinol antre éstas avelleiras,
Em quanto Phylis sua dor chorava!
Eu vim a lançar fóra éstas cordeiras,
D'aquelle trigo; e não lhe ouvi jamais
Senão as differenças derradeiras.
A sem-ventura Phylis deu uns ais
Tam sentidos então, que me cortou
O coração com dor, de dôres tais.
Emfim, triste se foi, elle voou;
Não sei se voou triste, ou voou ledo:
Quammanha * saúdade me deixou!...
Não sou eu tam ditosa, que mais cedo,
Viera a me lograr do seu bom canto:
Se eu não gritara, elle estivera quedo.
Indaque foi melhor assi; porquanto
A mágoa fôra mor, que não o gosto,

*Adjectivo composto de *quam* e *magno*, ou *manho*, (como alguns diziam) quam grande: hoje é desusado.
MORAES.

D'aquella triste, ouvindo o triste pranto.
Mal haja quem dá causa, que tal rosto
Em lagrymas se lave : desamado
Seja quem seu amor tem n'outra posto.
Quanto mais firme, e mais desenganado,
Foi o amor de Dellio com Liarda;
Indaque tambem d'ella mal olhado!
Cruel amor, que nunca razão guarda,
A culpa tem de tantas semrazões :
Um bem me prometteu : quanto que tarda!
Assi nos vai roubando os corações,
A tróco d'esperanças duvidosas,
Fundadas sempre em vans opiniões.
Ditosas são por certo : ah quam ditosas,
Que são aquellas nymphas que não amam!
Tristes, as que d'amor vivem queixosas!
Quantas vezes, em vão, seu fado chamam!
Cruel, cruel amor, cruel ventura!
Que suspiros, que lagrymas derramam!
Que val mostrar nos olhos a brandura
Do coração vencido? que nos val
As tristes (digo) graça e fermosura?
Se somos desprezadas, grande mal!
Se mal tammanho não acaba asinha;
Asinha acabará quem sente tal.
Eu, coitada de mi! ja triste vinha;
Mas não cuidei de me tornar mais triste.
A dor de Phylis me dobrou a minha.
Dá-nos, ingrato amor, pois nos feriste,

Algum remedio ja; senão vingança,
De quem a nós despreza, a ti resiste.
Em promessas fui pôr minha esperança,
Sem-ventura de mi! mas que promeças,
Tam doces, inda as tenho na lembrança!
—Assi, Marilia minha, não t'esqueças,
De Silvio (o mesmo Silvio me dizia)
Que nunca negue cousa que me peças.
Por ti entre serpentes andaria
Seguro; por ti ledo, e sem temor,
Per antre fogo e ferro passaria.
Criou amor em mi um novo amor,
Um coração tam novo, que sem ti,
Sente no mor descanso maior dor.
N'aquelle mesmo ponto em que te vi,
Fosse fôrça d'amor, fosse d'estrellas,
O gôsto de mais ver logo perdi.
Muitas ovelhas tenho; e as mais d'ellas
Párem, de cada parto, dous cordeiros:
O leite tambem é dobrado n'ellas.
Tenho cem cabras mais; que dous rafeiros,
Um malhado de negro, outro de branco,
Nos valles guardam sempre, e nos oiteiros.
Pois tanger e cantar? poucos em campo
Ousam entrar comigo; porque sabem
Que taes dous mestres tive, Alcido e Franco.
Indaque, de gabar-me me * desgabem,

* Ésta repetição de *me me* não é muito euphonica.

Gabo-me; porque saibas que não erras,
Em querer que meus males ja se acabem.
  Viviremos aquí antre éstas serras
Contentes (quam contentes!) sem inveja
D'outros, que teem mais gados n'outras terras.
  Que falta a quem alcança o que deseja?
Que tem o que não tem gôsto da vida,
Indaque so do mundo senhor seja? —
  Ah pastor falso! desque de vencida
Com teus doces enganos me levaste,
Quam asinha de ti fui esquecida!
  Mostravas querer bem, e nunca amaste:
E, certo, que os amores que mostravas,
Ou os ouviste de outro, ou os sonhaste.
  Amava-te sanmente; se cuidavas
Outra cousa de mi, bem podes crer,
Que tambem a ti mesmo t'enganavas.
  Mas que me fez a dor aqui dizer?
Aqui, onde so echo a meus queixumes,
E Silvio não, me póde responder!
  Depois que atravessou os altos cumes
D'aquella serra, não quiz mais tornar.
Negros fados os meus, negros ciumes!
  Deixou-me ja tam pouco qu'esperar,
Que bem sería que desesperasse;
Mas inda amor me não quer dar lugar.
  Emfim tornar-me quero: s'encontrasse
A caso este cruel, meu inimigo,
Certo, que ver-me triste o alegrasse!

Andae minhas cordeiras : ai ! no trigo
Entraram outra vez ! outra vez fóra
As deitarei ! á dor, que vai comigo,
Coitada ! não; que dentro n'alma móra.*

* Diogo Bernardes foi, talvez, dos antigos *bucolicos* portuguezes, o que melhor fallou a linguage do sentimento. Que terna melancholia não reina n'ésta *ecloga!* Como são doces os seus metros! Eu julgo-a comparavel ao bellissimo idyllio de madama Des-Houlieres, intitulado — *os carneiros.* —

ECLOGA VI.

SÁ.

SERRANO. ALPINO.

SERRANO.

Ves aquella agua saúdosa e branda,
Que parece que vai gran' dor sentindo?
Aquella, Alpino, aqui chorar me manda!
Aqui, onde ja ledo estive ouvindo
Á sombra d'este freixo, o canto brando
De Sá, que está no ceo, da terra rindo.

ALPINO.

Ah que perda tammanha! ah bom Sá! quando
Cuido que te perdemos, esmoreço!
E pois o cuido sempre, em mi não ando.

SERRANO.

Meu mestre, ésta capella que urdo e teço *
De verde murta, e de cheirosas flores,
Aqui, onde cantaste, te offereço.

* Estes dous synonymos teem distincção entre si. V[illegible]-se o diccionario de Moraes.

Ornar de mil dões* vejo a mil pastores
O teu sepulcro; vejo-te cantado
D'Apollo, das irmans, e dos amores.

ALPINO.

Eu Sá, não posso dar-te em tal estado,
Senão tristes suspiros, triste pranto:
Assi o quiz o teu, assi meu fado.
Mas tu Serrano, aqui agora, em quanto
A calma nos detem á sombra fria,
A seus louvores dá teu doce canto.
A branda voz, que nosso mestre ouvia,
Com tam alegre rosto, livre voe,
Fazendo a meus suspiros companhia.
Soe teu som no ceo, e triste soe
Per estes valles ca, per estes montes:
Assi Phebo de louro te coroe.

SERRANO.

Se tu ves os meus olhos feitos fontes
De lagrymas, que de si em fio deitam,
Como queres que cante? Ah não me afrontes!
A ti convem cantar que não te engeitam
As brandas Musas, tu lhe canta Alpino:
Os teus versos a Phebo mais deleitam.

ALPINO.

E qual doce cantor, qual peregrino

* Os antigos disseram *dões* por dadivas; e *dons* prenome de senhores que teem *dom*. Hoje dizem geralmente *dons*, em ambos os sentidos.

Ingenho sentes tu que o verso igualle
Aquelle alto louvor, de que elle é dino?

SERRANO.

O bosque chora, o rio, o monte, o valle,
Toda ave, toda flor, toda herva e planta:
Quem póde ser tam duro que se calle?
Toma pastor a lyra, ou tange, ou canta:
Olha quam doce soa! eu a lavrei;
Tal a fiz d'hera; quem a ve, s'espanta.

ALPINO.

Poisque me fazes força, cantarei;
E minha baixa voz Phebo levante.
Começa de tanger, e seguir-t'hei.
Ó Musas! vós me dae versos que cante.
Importuna cruel e surda e cega
Causa de tanta dor, tanto queixume
Triste morte; tua fouce, porque sega
As boas hervas? ah! seu duro gume,
Porque razão ás más se troce e nega?
Porque nos deixa os maus, os bons consume?
Quem d'isto me dará melhor certeza?
Quem não se espantará de tal crueza?
Um tyranno cruel, um avarento,
Que so vive de fôrça, so d'engano,
Contando armentios cento a cento,
Que de novo ó * curral trazem cada anno,

* Ó abreviado por *ao*, vem nos poetas, e rarissimas vezes nos prosadores; e ainda dos poetas usan-

A ti bom Sá chorou, a ti Sá chora;
A ti suspira, e chama, mas vanmente!
Ah Sá, meu bom Sá (grita) quem t'esconde!
Ah! sem mais responder, echores ponde
Aquelle humor contino* que derrama,
Em lagrymas o muda a triste sorte:
Iroso e surdo ao ceo, e cruel chama
A dura parca, o fado duro e forte.
Pois a meu nome déste eterna fama,
Pranto eterno darei á tua morte.
Nunca ó mar levarei alegres ágoas,
Lagrymas tristes si,** e tristes mágoas.
E se por caso*** (diz) a voz chorosa,
Indaque rouca e triste, tal qual for,
Soar la onde alegre, onde amorosa
A tua soa, no ceo que rege amor:
Alma ditosa ca, la mais ditosa,
Não turve a teu repouso minha dor:
Goza do bem eterno que alcançaste;
E deixa-me chorar, pois me deixaste.
Ah nymphas da Castallia, que perdestes
O gran' poeta, que vos tanto honrou!
Como, fermosas nymphas, não vencestes
Cantando, morte cruel, quando o roubou?
Se mil frescas capellas lhe tecestes,

* Em vez de *continuo*.
** Sim.
*** Por acaso.

De que Phebo sua fronte rodeou;
Mor prémio mereceram seus escritos,
Que de heras, que de louros, que de mírtos.
Quem subirá comvosco ao vosso monte?
(Vêde se com razão me desconsolo!)
Quem o doce licor da vossa fonte,
Derramará d'um pólo a outro polo?
Dos ceos, da terra, quem quereis que conte
Mysterios altos? quebre a lyra Apolo;
A frauta quebre Pan; Amor as setas;
E vós Musas chorae, chorae Poetas.
Não posso mais cantar, estou ja rouco:
Quanto me queixo mais, a dor mais crece:
A voz foi-me faltando pouco a pouco.

SERRANO.

A lyra e mão tambem ja m'enfraquece.
Vai-se escondendo o sol, vem sombra escura;
Vamos, em quanto mais não escurece,
Cubrir de louro a sua sepultura.

ECLOGA VII.

NISE.

Juncto do Lima claro e fresco rio,
Que Lethes se chamou antigamente,*
N'um bosque d'altos álamos sombrio;
Cantava uma nympha alegremente
Com voz suave branda e desusada,
Novo canto, do nosso differente.
Vindo ja a branca aurora rodeada
De nova luz, vestida de alegria,
De lirios, e de rosas coroada.
O campo, o monte, o valle parecia
Que para festejar tam ledo canto,
De mais alegres flores se cubria.

* Os antigos geographos appellidaram o Lima *flumen oblivionis*, rio do esquecimento. Quando Junio Bruto atravessou esse paiz á frente das legiões romanas, os soldados, que as compunham, refusaram vadear o dicto rio, com mêdo de olvidarem sua querida patria: mas Junio, empunhando um pendão, ganhou a margem opposta, da qual chamou cada soldado per seu nome. Então passaram todos o Lima.

As crystallinas aguas entretanto,
Do seu natural curso descuidavam,
Tam cheias de prazer, como d'espanto.
As aves pelos ramos se calavam;
Os ventos por ouvir o som divino,
Escassamente a folha meneavam.
Qual eu fiquei então, não determino
Conta-lo agora aqui; e se quizesse,
Não me lembra: tal foi o desatino!
Receioso, emfim, que lhe não desse
Desgôsto, com me ver, estive quedo.
Ó quem, o que cantou, cantar podesse!
As palavras direi, não o segredo,
Que a branca nympha n'ellas encubria;
Mas o ceo tudo cumprirá mui cedo;
Ouvi, senhor, emtanto o que dizia:
«Ó nymphas d'éstas aguas, que té-gora
Vivestes com esperança d'alegria;
Pois veio o desejado, alegre dia,
Pois ja, por nosso bem, veio tal hora;
Saí, fermosas nymphas, saí fora
Das urnas de crystal em que morais:
Ah não vos detenhais!
Vinde, não haja la quem vos detenha,
Primeiro que mais ledo Phebo venha.
Deixae fermosas nymphas os lavores;
Por agora, deixae todo exercicio;
Onde vence á natureza o artificio,
Enganam as fingidas vivas cores,

Mil capellas trazei de varias flores,
De mil cheirosas hervas peregrinas:
Violas e boninas
Esmaltem esses laços d'ouro puro,
Dos quaes não anda amor inda seguro.
Vinde, oh bellas nymphas! vinde asinha
Celebrar com devido acatamento,
Da vossa bella Nise o nascimento,
Que de tam longe o ceo guardado tinha.
Vêdes voando vem, vêdes caminhar
Direitamente a vós, a leve fama.
Vêdes Lucina chama
Ó Nise, Nise, Lima, Lima, Lima!
A terra te festeja, o ceo t'estima.
Suberbo o Tejo vai, vai de corrida;
O peito leva d'ouro e prazer cheio;
Porque na sua praia a nascer veio,
Ésta luz nova, est'alma bem-nascida:
Mas ella foi ao Lima promettida:
Do Lima, a quem nasceu, ha de ser glória;
E honra e nova história,
Que tece a parca ja com maravilha.
Ditosa mae de tam ditosa filha!
Oh ditosos avós! oh pae ditoso!
Que de tal flor ornaste ésta ribeira!
Nascida flor daquella flor primeira,
Cujo nome será sempre famoso,
Arda em vossas aras o cheiroso
Balsamo, incenso e nardo largamente,

De que o Oriente
Envia de contino ao Tejo foro:
O fumo va subindo ao alto coro.
Não vêdes como as Graças do ceo decem
A fazer-lhe no berço companhia?
Não vêdes com que amor, com que porfia,
As Musas a canta-la se offerecem?
Ja Nise, por senhora, te obedecem
Belleza e castidade, dom perfeito:
Ja no teu tenro peito
Vivem contentes, livres do temor
Da guerra, que lhe faz o cego amor.
Crece-lhes tu felice e nova planta,
Em aviso, em virtude, em fermosura:
Cumpra-se o promettido da ventura,
Que maravilhas de ti ao mundo canta.
Igual aos altos troncos te levanta,
Das illustres avós, que em toda a parte
Que luz o sol reparte,
São honra e glória d'ésta nossa idade,
Exemplo de prudencia e honestidade.
Qual a fermosa lua antre as estrellas,
Que vai a escura noite lumiando;
Tal os fados te estão pronosticando,
Tal serás tu mais clara luz antr'ellas:
Eram dignas de ti, tu digna d'ellas.
Isto so quero nymphas que noteis,
Para que festejeis
N'ésta vossa ribeira tanto bem,

Como agora de novo ao mundo vem. »
  Estando a bella nympha assi cantando,
O que o sagrado Apollo no seu peito
Lhe estava divinamente inspirando;
  Transportada de todo no sujeito,
Digno de ser cantado alegremente,
Em estylo mais culto, e mais perfeito;
  Alçou os olhos, e vendo em Oriente,
Que ja dourava o sol o horizonte;
Por não se deixar ver da mortal gente,
Tornou-se a recolher na sua fonte.

As graças da natureza, a vida do campo com todo seu attractivo, os costumes campestres, o amor innocente, os montes, os prados, as florestas, os rios, as fontes, os pastores, os gados, a verdura dos campos, o canto das aves, as flores, os rochedos, e tudo o mais que faz o incanto da vida rustica, recebe do pincel de Bernardes as côres da natureza. As personagens das suas *bambuxatas* estão bem collocadas; o dialogo bem sustentado; as pinturas teem expressão propria do seu genero, tinctas brandas e suaves, uma molleza amavel, que algumas vezes degenera em frieza. A sua phrase é pura e culta, facil e natural; mas de quando em quando mostra uma negligencia, e um desalinho cheio de graças, que esconde o artificio. Sem ser tam exacto, nem tam methodico como o Ferreira, é mais harmonico e corrente no estylo; postoque menos correcto e castigado.

F. D. Gomes.

ECLOGA VIII.

JOANNA.

SILENO. MELIBEU.

SILENO.

Viste quando abriu hoje, ó Melibeu,
As rosadas janellas d'Oriente
A branca aurora ao louro amigo seu!
Como se nos mostrou resplandecente!
Quam cheio d'alegria se mostrou!
D'estes dias atrás, quam differente!
Per todos estes valles se alegrou,
Toda ave, toda féra, e toda flor
De si suave cheiro derramou.

MELIBEU.

Que gôsto póde ver, que resplandor,
Amigo meu Sileno, um sem ventura,
A quem se paga amor com desamor?
Nos campos pera mi não ha verdura;
Nas fontes pera mi agua não vejo;
De mi se esconde o sol em nevoa escura.

SILENO.

Não sejas em teu damno tam sobejo,
Se ledo queres ser, se viver queres,
Trabalha por vencer o teu desejo.
De mi palavras doces não esperes:
Segues vãos appetites da vontade:
Ninguem te buscará se te perderes.

MELIBEU.

Devera ter de mi mais piedade,
Aquella que da vida fiz senhora;
Aquella que me tem a liberdade.

SILENO.

Deixa queixumes tristes por agora,
Em tam alegre dia, e tam sereno,
Lança do triste peito as mágoas fora.

MELIBEU.

Quem fôra poderoso, meu Sileno!
Porêm, podes-me crer isto que digo,
Que de te ver sem pena, menos peno.

SILENO.

N'isso aprovas tu bem um dicto antigo,
Que diz « do bem se alegra, e chora o dano
O amigo fiel, do seu amigo. »
Mas quero-te contar de Limiano,
Solitario pastor, que n'ésta serra
Passa sem gôsto o dia, o mez e o ano.
Uns dizem que lhe fez a morte guerra;
Outros que foi d'amor nova crueza:
Elle o segredo d'isto em si o encerra.

Sôbre ser tam contino na tristeza,
Que poucas vezes ri, mui poucas canta;
Não por falta de voz, arte e destreza:
Que Phebo inspirou n'elle graça tanta,
Que la no seu Parnaso o recebeu;
De que se alegra o Tejo, antes se espanta.
Quando o fermoso sol appareceu,
Ésta fresca manhan fóra do Gange,
(Que nunca mais sereno amanheceu!)
Tomando a lyra, em que por festa tange,
Começou brandamente a tocar n'ella;
Eis soa o valle, onde o som doce abrange,
Estes versos cantou logo ao som d'ella:
«Se vós Musas suaves,
N'este meu triste peito,
Algumas ledas rimas inspirastes;
Se com doces e graves
Accentos, o conceito,
Que tinha dentro n'elle, declarastes;
Se vos não desprezastes
De levantar meu canto,
A parte onde não chega
Aquelle, a que se nega
O favor, que de vós desejo tanto:
Agora brandas Musas me inspirae;
Agora meu estylo levantae.
E tu sacro hymeneo,
Sem esperar mais rogo,
Vem ja, voando vem, não te detenhas;

Vem d'alegria cheo,*
Abranda o vivo fogo,
De quem arderá sempre até que venhas.
Quer Jupiter que tenhas
O thalamo sagrado
Composto da mão tua;
Pois para glória sua
Este tam sancto nó foi d'elle dado,
Onde arder se veja brandamente
O casto lume teu resplandecente.
Ó bemaventurados
Carissimos esposos!
Que ja d'aqui com outros olhos vejo
Os tempos, e os fados
A vós sempre ditosos,
Conformes ao que for vosso desejo.
O Zezere que no Tejo
S'esconde, assi o diz,
Vaticinando ledo;
Por intender que cedo
Hade pagar o foro a ti Luiz:
Porque t'espera ja de dia em dia
Com tua cara esposa em companhia.
Mil flores derramando
Com suas nymphas todas,
Sairá de sua fonte a receber-vos,

* *Cheo* em lugar de *cheio*, era usual orthographia n'essa epocha.

O dia celebrando
De tam alegres vodas,
Sem cançar de louvar-vos, nem de ver-vos
Soffre (que obedecer-vos
Ha tanto que deseja)
Vossa dilação mal:
D'isto dá bom sinal
O que canta de vós, sem ter inveja
Do Douro, do Mondego e Guadianna,
Luis ditoso viva com Joanna!
Promettem as estrellas
De vós cousas tam altas,*
Que não sobe tam alto alta memoria:
Abasta-me** so crellas,
Sem ir com minhas faltas
Escurecendo a luz de vossa gloria.
Teçam tam nova historia
As brandas irmans nove
Com sempre vivas cores;
Mostrem, como de flores
Uma nuvem do ceo sôbre ambos chove;
Cantem com doce som Juno e Diana,
Luis ditoso viva com Joana!
Ja me parece muito
O vosso apartamento;
Não soffre grande amor, grande tardança.

* Nobres, sublimes.
** Basta-me.

Colhei o doce fruito
Do sancto ajunctamento:
Não se dilate mais vossa esperança.
Segura confiança
Tende, que por vós creça
A geração illustre;
E que tam claro lustre,
Que em quanto houver mundo, resplandeça.
Apollo assi o diz, que não s'engana.
Luis ditoso viva com Joana!
Nos rios e nas fontes,
No mar, na terra seja
Este fermoso dia celebrado.
Nos valles e nos montes
O sol então se veja
Amanhecer mais claro, e mais dourado.
Não negue então o prado
Aos olhos lirios, rosas;
Nem chore philomena
A sua antiga pena;
Mas cante ao som das aguas saúdosas
D'ésta minha corrente; cante ufana
Luis ditoso viva com Joana!
Conformes n'um querer
Vivei, vivei mil annos,
Atados junctamente com mil nós,
Em gostos, em prazer.

Tristezas, nojos, dannos,
Sempre fugindo vão diante vós. *
Paes, cêdo, cêdo a vós
Vos vejão vossos paes:
Alêmd'isto mais vejam,
De vós o que desejam;
E de si, o que vós lhe desejaes.
Seguros sempre de quanto a vida dana.
Luis ditoso viva com Joana!»
Isto cantou, e mais cantar queria,
Mostrando mais palavras, e no rôsto
O prazer desusado que sentia:
Mas vendo-se antre mil pastores pôsto,
Que logo o doce som alli trouxera,
A seu canto deu fim, não a seu gôsto.
De flores coroado, louro e hera,
Foi-se pela ribeira so tangendo
Tam ledo, como triste d'antes era.

MELIBEU.

Pois vamo-nos tambem nós recolhendo;
Que por mais que depressa o sol nos foje,
E a sombra se va tanto estendendo,
Inda, quem me não ve, hei de ver hoje.

DIOGO BERNARDES.

* E não *diante de* vós.

ECLOGA IX.

PHYLIS.*

SERRANO. ANDROGEO. PIERIO.

SERRANO.

A caso dous pastores se junctaram,
Quando mais seu ardor o sol mostrava,
N'uma sombra, onde o gado refrescaram:
Um Pierio, outro Andrógeo se chamava;
Por Phylis, este, em vivo fogo ardia;
De Phylis, todo tempo, o outro cantava.

* « Em Pedro de Andrade Caminha claramente se verifica, que o que é mal pensado, é mal expresso. Compoz quatro *eclogas*, que não teem merecimento, tanto no conceito, como no estylo, que é todo frio e debil. »

Eis o juizo de Francisco Dias Gomes acerca d'este poeta; mas Antonio Ribeiro dos Santos disse depois:

Nem tu deixes de ler as brandas rimas
Do amoroso Caminha, que podiam
Dobrar *Phylis* ingrata a seus queixumes.

O mal Andrógeo chora noite e dia,
Que lhe a vida por Phylis tem gastada,
E o descuido que n'ella d'elle havia.
De Pierio sempre era so cantada
A mesma Phylis, cuja fermosura
De ninguem póde ser assás louvada.
Eu, que d'ũa grave pena aspera e pura,
Per uma e outra parte era levado,
Trazido pera alli fui da ventura.
D'elles fui visto, d'elles fui chamado:
« Se podes (dizem) repousar, Serrano,
Aqui starás quieto e repousado.
E aqui (se póde ser) ao grande dano,
Que inquieto te traz, farás, amigo,
Com teus amigos, algum leve engano.
Aqui acharás á calma doce abrigo;
(Se abrigo póde achar n'alguma cousa
Quem traz a vida em dor, alma em perigo! »)
Eu, indaque meu mal buscar não ousa
Allívio, alli com elles me detive;
Mas ah, que em nada a grande dor repousa!
Quem somente á vontade alheia vive,
Nunca da sua tem um so momento;
Assi eu, té-qui, da minha, nunca o tive.
Achei-os ambos, e cad'um attento
Em Phylis, que mil vezes nomeavam
Ó som d'um pastoril doce instrumento.
Docemente alternados o tocavam;
E áquelle som suave docemente,

Alternados, de Phylis, so cantavam.
E do que ouvi me lembra isto somente.

ANDROGEO.

Asperissima Phylis a meus danos,
De que eu, por aprazer-te, mais desejo,
Não sei se isto é verdade, ou são enganos;
Ouço dizer que és branda, nau o vejo.
Accrecenta-me, Phylis, a tristeza,
Mudares pera mi de natureza.

PIERIO.

Fermosissima Phylis, se eu tivera
Do gran' Tityro * a frauta, a voz e canto;
A frauta, a voz, e o canto a ti so dera
C'o mesmo amor com que ora a ti so canto.
Mas isto, Phylis, é pura verdade,
Que muito mais te dá minha vontade.

ANDROGEO.

Amo-te, Phylis, quanto amar-te posso.
Vejo, que quanto podes, te aborreço:
Escondido la tens o lume nosso;

* *Gran'*, contracção de *grande*. Assim como os Francezes dizem, *grand'mère*, *gran' croix*, etc. dizemos nós, *gran' cruz*, etc. Tambem applicâmos a dicta contracção aos nomes proprios, *gran' Pacheco*, etc. Em bons manuscriptos portuguezes acha-se *gran*, *gram*, ou *grand*. (V. a orthographia da lingua portugueza de Duarte Nunes de Lião, art. dos diphtongos.) Hoje té nas melhores edições, ve-se este adverbio representado pela palavra *grão*, que

Sem elle nem me vejo, nem conheço.
Deixa-te, Phylis, ver, ah! não t'escondas,
So porque mal a meu amor respondas!

PIERIO.

Canto-te, Phylis, quanto sei cantarte:
Sempre a teu canto dou tudo o que intendo.
A meus versos não busco estylo ou arte;
Pois nunca hão de chegar ó que pretendo.
D'isto ha, Phylis, em mi, contínua queixa;
Mas assi, como sei, cantar-te deixa.

ANDROGEO.

Inda, Phylis, que n'alma com que te amo
Sempre te tenho; se não posso ver-te,
Dos olhos tristes lagrymas derramo,
Que a abrandar-te não bastam, nem mover-te.
Mas, se a lagrymas, Phylis, não te abrandas,
Não tens as condições (como ouço) brandas.

corresponde a *granum* em latim, ou a *grain* em francez. Tambem n'ellas se encontra *grão* rainha, *grão* Pacheco, *grão* Moysés, etc. Na edição das poesias de Pedro de Andrade Caminha, publicada pela Academia, em 1791, notam-se, a páginas 28 e 29, os seguintes versos:

Mil vezes ouvirás que *não* é tanto
Gram nome, como *grão* merecimento.
Nom Julios, *nom* Augustos, *nom* Trajanos.

E outras mais anomalias e erros que aqui não menciono.

PIERIO.

Inda, Phylis, que sempre * alma te canta,
Se á voz teu canto, ás vezes, se m'estrova;
Se cobre o esprito de tristeza tanta,
Que se enche d'uma dor aspera e nova:
E não se gasta, Phylis, ésta pena
Té que outra vez ó canto a voz se ordena.

ANDROGEO.

Todo um anno não é, Phylis, tam grande,
Quanto a mi, sem te ver, um breve spaço:
Nem ha quem minha grave dor abrande
Sem a vista, em que so me satisfaço.
Dão teus olhos á pena, Phylis, termo;
Sem elles, quanto vejo, é escuro e ermo.

PIERIO.

Não é, Phylis, tam grande ũa triste vida,
Quanto a mi, sem cantar-te, um spaço breve:
De mi so a voz, que de ti canta, é ouvida;
So cantado de mi, quem de ti screve. **
Enche teu nome, Phylis, meus ouvidos;
Tenho todos os outros esquecidos.

ANDROGEO.

Phylis, não é tam aspero e tam duro
O bravo Bóreas na maior tormenta;

* O poeta supprime o artigo *a* por causa do hiato que formam as duas vogaes seguidas *a alma*.

** Este, e outros versos n'esta *ecloga*, essés provam a difficuldade com que o auctor os compunha

Nem é o triste hinverno tam escuro
Quando a sua mor furia representa,
Quanto a mi, Phylis, é danoso e forte,
Ver de ti desprezada minha sorte.

PIERIO.

Phylis não é tam doce, nem tam brando
Zephyro, quando mais brando o sentimos;
Nem tam alegre e claro o verão, quando
Mais fermoso e mais claro e alegre o vimos;
Quanto, Phylis, a todo pêso grave
Tua branda voz sempre é doce e suave.

ANDROGEO.

Minha tristeza, Phylis, grave seja
Quando não vejo os teus olhos fermosos;
Outra vez em alegria nova veja
Os meus, do que em ti viam, saúdosos:
A dor com elles, Phylis, se desterra;
E, sem elles, a paz se muda em guerra.

PIERIO.

De flores seja o campo, Phylis, cheio;
De côres ria o bosque, o prado e o valle;
Metta-se o duro tempo logo em meio;
Tudo seque, destrua, mova e aballe.
Se te vas, Phylis, flor e côr perece;
Se tornas, logo tudo reverdece.

ANDROGEO.

Per mil árvores vou, Phylis fermosa,
Contando quanto te amo, e me desamas;
Ver-se-ha n'ellas a pena rigorosa

Que este peito me accende em vivas chamas :
Porque quando a voz, Phylis, me falleça,
N'ellas este amor e odio se conheça.

PIERIO.

Per mil árvores, Phylis, o teu nome
(Qual em meu peito está) hei esculpido :
N'ellas (digo) que não ha quem assome
Ó louvor que de todos te é devido :
Porque, quando eu cantar-te ja não possa,
De mi se ouça inda o bem da idade nossa.

SERRANO.

Estes versos alli foram cantados :
Não cuidei que em tal parte tal ouvisse.
Vendo-os ambos em Phylis transformados,
Com desejo e amor e dor lhes disse :
« Creia Phylis, Andrógeo, teus amores:
De tua voz ouça, Pierio, seus louvores. »

CAMINHA.

A falta d'instrucção n'este poeta (pois ignorava as linguas sábias) lhe vedou accrescentar o idioma, ou augmentar a nossa poesia; como fizeram os bons vates seus contemporaneos: e, pòstoque algumas vezes traduz do latim, mostra que era tam pouco familiarizado com elle, que em tudo o que traduz (salvo nos epigrammas) se nota o pedantismo da eschola.

ECLOGA X.*

UMBRANO. FRONDELIO.

Que grande variedade vão fazendo,
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas várias e insperadas!
Um dia a outro dia vai trazendo

*N'ésta primeira *ecloga* de Camões, feita á morte de seu amigo D. Antonio de Noronha, ve-se o seu profundo sentimento e dor por ésta perda, e brilha o amor de sua patria, que em toda occasião procura engrandecer, e o nobre sentimento do valor e independencia nacional; o que não se acha deslocado n'ésta peça, vistoque D. Antonio tinha sido morto com as armas na mão, e que n'ésta *ecloga* passa a lamentar a morte do principe D. João, herdeiro do reino, que morreu n'esse anno, e que era uma perda sensivel, pois deixara so um filho na infancia. O estylo, os pensamentos e sentimentos são de uma grande belleza, e é digno de notar-se o tom elegiaco dos cantos funebres de Frondelio e de Aonia, e a sua differença de versificação.

J. M. de Souza, *Vida de Camões.*

Per suas mesmas horas ja ordenadas:
Mas quam conformes são na quantidade,
Tam differentes são na calidade.
Eu vi ja d'este campo as várias flores
Ás estrellas do ceo fazendo inveja:
Adornados andar vi os pastores
De quanto pelo mundo se deseja:
E vi co'o campo competir nas côres
Os trajes de obra tanta, e tam sobeja,
Que se a rica materia não faltava,
A obra de mais rica sobejava.
E vi perder seu preço ás brancas rosas;
E quasi escurecer-se o claro dia
Diante d' umas mostras perigosas,
Que Venus, mais que nunca, engrandecia.
As pastoras, emfim, vi tam formosas,
Que o amor de si mesmo se temia:
Mas, mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tam alto.
Agora tudo está tam differente,
Que move os corações a grande espanto;
E parece que Jupiter potente
Se enfada ja de o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo e descontente;
As aves deixam seu suave canto;
E o gado, indaque a herva lhe fallece,
Mais, que da falta d'ella, se emmagrece.

FRONDELIO.

Umbrano irmão, decreto é da natura,

Inviolavel fixo e sempiterno,
Que a todo bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno.
Ao claro dia segue a noite escura;
Ao suave verão, o duro hinverno;
E se ha cousa que saiba ter firmeza,
É somente ésta lei da natureza.
  Toda alegria grande e sumptuosa,
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se uma hora vejo alegre e deleitosa,
Temendo-a estou, do mal apparelhado.
Não ves que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco e verde prado?
Ah não te engane algum contentamento,
Que mais estavel é que o pensamento!
  E praza a Deus que o triste e duro fado
De tammanhos desastres se contente;
Que sempre um grande mal inopinado,
É mais do que o espêra a incauta gente.
Que vejo este carvalho que queimado
Tam gravemente foi do raio ardente:
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro cultor meus campos are!

UMBRANO.

  Em quanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,
Com o valor antigo, que primeiro
Os fez no mundo tam assignalados;
Não temas tu, Frondelio companheiro,

Que em algum tempo sejam subjugados;
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe off'reça.*
E pôstoque á suberba se levante
De inimigos a tôrto, e a direito;
Não creias tu que a fôrça repugnante
Do fero e nunca já vencido peito;
Que desde quem possue o monte Atlante,
Adonde bebe o Hydaspe tem sujeito,
O possa nunca ser de fôrça alheia,
Em quanto o sol a terra e o ceo rodeia.

FRONDELIO.

Umbrano, a temeraria segurança
Que em fôrça ou em razão, não se assegura,
É falsa e van, que a grande confiança
Não é sempre ajudada da ventura.
Que la juncto das aras da esperança,
Nemesis moderada justa e dura,
Um freio lhe está pondo, e lei terribil,
Que os limites não passe de possibil.**

* Bellissimo rasgò de patriotismo!

** Camões, e outros classicos serviram-se sempre da desinencia em *bil*, e não em *vel*, que é pouco sonora, e sem analogia para a formação dos superlativos em *bellissimo*, assás usuaes em nosso idioma. De *culpabil*, *terribil*, *horribil*, etc. véem mais naturalmente os superlativos *culpabilissimo*, *terribilissimo*, *horribilissimo*, que dos positivos *culpavel*, *terrivel*, etc.

E se attentares bem os grandes danos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freio tambem a esses enganos
Que te está figurando a ousadía.
Tu não ves como os lobos Tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matam os cães do gado guardadores,
E não somente os cães, mas os pastores?

Pois o grande curral seguro e forte,
Do erguido monte Átlas não ouviste
Que com sanguinolenta e fera morte,
Despovoado foi per caso triste?
Oh triste caso! Oh desastrada sorte!
Contra quem fôrça humana não resiste!
Que alli tambem da vida foi privado
O meu Tionio, ainda em flor cortado!

UMBRANO.

Em lagrymas me banha rosto e peito,
D'esse caso terribil a memoria,
Quando vejo quam sabio, e quam perfeito,
E quam merecedor de longa historia
Era esse teu pastor, que sem direito
Deu ás parcas a vida transitoria:
Mas não ha hi quem de herva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte.

Porêm, se te não for muito pesado,
(Ja que ésta triste morte me lembraste)
Canta-me d'esse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste,

Quando hontem, recolhendo o manso gado,
De nós-outros pastores te apartaste:
Que eu tambem, que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

FRONDELIO.

Como queres renove ao pensamento
Tammanho mal, tammanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, é falsa cura.
Mas, pois te move tanto o sentimento
Da morte de Tionio, triste e escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito;
Se a dor me não congela a voz no peito!

UMBRANO.

Canta agora, pastor, que o gado pasce
Entre as humidas hervas socegado;
E la nas altas serras onde nasce
O sacro Tejo á sombra recostado,
Co'os seus olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir apparelhado;
E com silencio triste estão as nymphas,
Dos olhos destillando claras lymphas.

O prado as flores brancas e vermelhas,
Está suavemente presentando,
As doces e solícitas abelhas,
Com susurro agradavel vão voando:
As candidas pacíficas ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som divino

Que faz, passando, o Tejo crystallino.
O vento de entre as árvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio:
Nas sombras a ave gárrula suspira,
Sua mágoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lyra;
Que d'aquelle verde álamo sombrio
A branda philomela entristecida
Ao mais saudoso canto te convida.

FRONDELIO.

Aquelle dia as aguas não gostaram
As mimosas ovelhas; e os cordeiros
O campo enchêram de amorosos gritos;
E não se penduraram dos salgueiros
As cabras de tristeza; mas negaram
O pasto a si, e o leite a seus cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando o parca queria
Princípio dar ao fero caso triste.
E tu tambem (ó corvo)* o descobriste;
Quando da mão direita a voz escura,
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.
Tionio meu, o Tejo crystallino
E as árvores que ja desemparaste,

* *Sæpè sinistra cavâ prædixit ab ilice cornix.*
VIRGILIO, Ecloga I.

Choram o mal de tua ausencia eterna.
Não sei porque tam cedo nos deixaste?
Mas foi consentimento do destino,
Por quem o mar e a terra se governa.
A noite sempiterna
Que tu tam cedo viste
Cruel acerba e triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que lográras a fresca primavera?
Não usára comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.
Os faunos, certa guarda dos pastores,
Ja não seguem as nymphas na espessura;
Nem as nymphas aos cervos dão trabalho.
Tudo, qual ves, é cheio de tristura:
Ás abelhas o campo nega as flores,
Como ás flores a aurora nega o orvalho.
Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que soía
Mover as altas árvores tangendo,
Se me vai de tristeza enrouquecendo;
Que tudo vejo triste n'este monte:
E tu tambem correndo
Manas involta e triste, ó clara fonte!
As Tagides no rio, e na aspereza
Do monte as Orcadas conhecendo
Quem te obrigou ao duro e fero Marte?

Como em geral sentença vão dizendo;
Que não póde no mundo haver tristeza
Em cuja causa amor não tenha parte.
Porque elle, emfim, d'ésta arte,
Nos olhos saúdosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto que amor com phantasia
Da pallida viola lhe tangia.,
A todos de si dava signal certo
Do fogo que traria.
Que nunca soube amor ser encuberto.
Ja diante dos olhos lhe voavam
Imagens e phantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento.
Ja pelas solitarias espessuras,
Entre os penedos sós, que não fallavam,
Fallava e descubria seu tormento.
Em longo esquecimento
De si todo embebido,
Andava tam perdido,
Que quando algum pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava?
Como quem para penas so vivia,
Surrindo, lhe tornava:
« Senão vivesse triste, morreria. »
Mas como este tormento o signalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Intendendo-o ja bem o pae sisudo;
Porque do pensamento lh'o tirasse

Longe da causa d'elle o apartou,
Porque, emfim, longa ausencia acaba tudo.
Oh falso Marte rudo,
Das vidas cubiçoso!
Que d'onde o generoso
Peito resuscitava em tanta gloria
De seus antecessores a memoria,
Alli, fero e cruel, lhe destruiste,
Per injusta victoria,
Primeiro que o cuidado, a vida triste.
Parece-me, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cubiçoso
N'aquelle infido sangue Mauritano,
No hispanico ginete bellicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropellar per terra ao Tingitano.
Oh confiado engano!
Oh encurtada vida!
Que a virtude opprimida
Da multidão forçosa do inimigo
Não póde defender-se do perigo:
Porque assim o destino o permittiu;
E assi levou comsigo
O mais gentil pastor que o Tejo viu. *

* Os nossos maiores sempre terminaram ésta desinencia em *u*, nunca em *o*. Hoje quasi todos escrevem *léo*, *ouvío*, *ferío*, etc.; e carregam a penúltima com accentos, ora agudos, ora circunflexos. Os antigos sempre escreveram *leu*, *ouviu*, *feriu*, etc. sem accento

Qual o mancebo Euryalo* enredado
Entre o podêr dos Rutulos, fartando
As íras da suberba e dura guerra,
Do crystallino rosto a côr mudando,
Cujo purpureo sangue derramado
Pelas alvas espaldas tinge a serra;
Que como flor, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido, e cançado;
Tal te pinto, ó Tionio, dando o esprito
A quem t'o tinha dado;
Que este é somente eterno e infinito.
Da congellada boca a alma pura,
Co'o nome junctamente da inimiga
E excellente Marfida derramava.

algum; pois não o precísam éstas palavras, cujas desinencias, compostas de duas vogaes, formam duas syllabas.

* . . . . . . *Sed viribus ensis adactus*
Transabiit costas, et candida pectora rupit.
Volvitur Euryalus letho pulchrosque per artus
It cruor, inque humeros cervix collapsa recumbit.
Purpureus veluti cùm flos succisus aratro
Languescit moriens; lassove papavera collo
Demisere caput, pluviâ cùm fortè gravantur.

VIRGILIO, Eneada. liv. IX.

E tu, gentil senhora, não te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sómente a vida amava?
Por ti aos echos dava
Accentos numerosos:
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deu do fero Marte.
E tu, ingrata, o amor ja n'outra parte
Porás, como acontece ao fraco intento:
Que, emfim, emfim d'ésta arte
Se muda o feminino pensamento!
Pastores d'este valle ameno e frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se cante;
Um tumulo, de flores adornado,
Lhe edificae ao longo d'este rio;
Que a vela enfreie ao duro navegante:
E o lasso caminhante,
Vendo tammanha mágoa,
Arrase os olhos de ágoa,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi: —*Memoria sou, que grito*
Para dar testimunho em toda parte
Do mais gentil esprito,
Que tiraram do mundo Amor e Marte. —

UMBRANO.

Qual o quieto somno aos cançados
Debaixo de alguma árvore sombria;
Ou qual aos sequiosos encalmados

O vento respirante, e a fonte fria;
Taes me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto, e melodia:
E ainda agora o tom suave e brando,
Os ouvidos me fica adormentando.

Em quanto os peixes humidos tiverem
As areiosas covas d'este rio,
E correndo éstas aguas conhecerem
Do largo mar o antigo senhorio;
E em quanto éstas hervinhas pasto derem
Ás petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o pastor que tanto amaste.

Mas ja que pouco a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentam,
De flores mil o claro ceo se esmalta,
Que tam ledas aos olhos se presentam;
Levemos pelo pe d'ésta serra alta
Os gados, que ja-gora se contentam
Do que comido teem, Frondelio amigo:
Anda, que até o outeiro* irei comtigo.

FRONDELIO.

Antes per este valle, amigo Umbrano,
Se te aprouver, levemos as ovelhas:
Porque se eu por certo não me engano,
De la me soa um echo nas orelhas.
O doce accento não parece humano;

* E não *até ao* oiteiro, como hoje se escreve.

E, se em contrário tu não me aconselhas,
Eu quero descobrir que causa seja;
Que o tom me espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO.

Comtigo vou, que quanto mais me chego,
Mais gentil me parece a voz que ouviste;
Peregrina, excellente; e não te nego
Que me faz ca no peito a alma triste.
Ves como tem os ventos em socego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste:
Nenhum passaro voa, mas parece
Que do canto vencido lhe obedece.

Porêm, irmão, melhor me parecia
Que não fossemos la, que estorvaremos
Mas subidos n'ésta árvore sombria,
Todo o valle d' aqui descobriremos.
Os çurrões e cajados, todavia,
N'este comprido tronco penduremos:
Para subir fica homem mais ligeiro:
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro.

FRONDELIO.

Espera assi, dar-te-hei de pe, se queres;
Subirás sem trabalho e sem ruido;
E depois que subido la stiveres,
Dar-me-has a mão de cima, que é partido.
Mas primeiro me dize, se o poderes
Ver, d'onde nasce o canto nunca ouvido?
Quem lança o doce accento delicado?
Falla; que ja te vejo star pasmado.

UMBRANO.

Cousas são costumadas na espessura,
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora:
Formosas nymphas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o ceo namora.
Uma de desusada formosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sôbre um triste sepulcro, não cessando,
Está perlas* dos olhos destillando.

De todas éstas altas semideas,
Que emtôrno estão do corpo sepultado,
Umas regando as humidas areas,
De flores teem o tumulo adornado:
Outras, queimando lagrymas sabeas,
Enchem o ar de cheiro sublimado:
Outras em ricos pannos, mais ávante,
Involvem brandamente um novo infante.

Uma, que de entre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristeceram,
Diz, «que depois que a morte a flor cortou,
Que as estrellas somente mereceram;
Este penhor carissimo ficou
D'aquelle, a cujo imperio obedecêram
Douro, Mondego, Tejo e Guadiana,
Até o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que se encontrar este menino

* *Perlas* em vez de *perolas*, é como Camões e outros antigos poetas escreveram.

A noite intempestiva, amanhecendo,
O Tejo agora claro e crystallino,
Tornará a fera Alecto em vulto horrendo:
Mas que, a ser conservado do destino,
As benignas estrellas promettendo
Lhe estão o largo pasto de Ampelusa,
Co'o monte, que em mau ponto viu Medusa.»
Este prodigio grande nympha bella
Com abundantes lagrymas recita.
Porêm qual eclipsada clara estrella,
Que entre as outras o ceo primeiro habita.
Tal cuberta de negro vejo aquella,
A quem so na alma toca a gran' desdita.
Dá ca, Frondelio a mão; e sóbe a ver
Tudo o mais que eu de dor não sei dizer.

FRONDELIO.

Oh triste morte, esquiva e mal olhada,
Que a tantas formosuras injurias!
Áquella deusa bella e delicada.
Se quer algum respeito ter devias.
Ésta é, por certo, Aonia filha amada
D' aquelle gran' pastor, que em nossos dias
Danubio enfreia, manda o claro Ibero,
E espanta o morador do Euxino fero.
Morreu-nos o excellente e poderoso,
(Que a isto está sujeita a vida humana)
Doce Aonio, de Aonia claro esposo.
Ah lei dos fados aspera e tyrana!
Mas o som peregrino e piedoso,

Comque a formosa nympha a dor engana;
Escuta um pouco, nota e ve, Umbrano,
Quam bem que soa o verso castelhano.....*

CAMÕES.

* Manuel de Faria e Souza, relativamente a ésta *ecloga*, escreveu o seguinte:

« Luis de Camões el año de 1555 escribió en la India una carta a un amigo, avisandole, de que havia compuesto la *egloga* primera a la muerte de D. Antonio de Noroña, y del principe D. Juan; y en ella dize esto:—Esse soneto que hize a la muerte de D. Antonio de Noroña os embio, por señal de quanto della me pesò. Una *egloga* hize sobre la propria materia, que tambien trata algó de la muerte del principe, *la qual me parece mejor, que quantas hize*.— »

ECLOGA XI.

AGRARIO. ALICUTO.*

A rustica contenda desusada
Entre as musas dos bosques, das areias,
De seus rudos cultores modulada;
A cujo som attonitas e alheias
Do monte as brancas vaccas estiveram,
E do rio as saxatiles lampreias;
Desejo de cantar: Que se moveram

* N'ésta *ecloga*, e nas que se seguem, sente-se o calor da paixão, e dos sentimentos que as dictavam e animavam. É necessario saber e considerar, que Camões se transforma em um dos pastores interlocutores, e representa com este disfarce varios incidentes de sua vida, e de outras pessoas então conhecidas. O seu gôsto formado sôbre os antigos o fez imitar varios lugares das Bucolicas de Virgilio; mas em outros seguiu o do seculo, e tomou de Sannazaro, e dos Italianos as *eclogas* piscatorias, o genero da versificação, e o estylo. Se não tem sempre a ingenuidade e simplicidade de Sá de Miranda, mostra comtudo mais elevação.

J. M. DE SOUZA.

Os troncos, as avenas dos pastores,
E ja silvestres brutos suspenderam.
Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do fundo pego,
E fez-se ouvir ós mudos nadadores.
E se por sustentar-se o môço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
O que é mais proprio no ócio, e no socego;
Mais maravilhas dando á voz da fama,
No mesmo mar undoso e vento frio,
Brazas roixas accende a roixa flama.
Vós, ó ramo de um tronco alto e sombrio,
Cuja frondente coma ja cubriu
De Luso todo o gado e senhorio!
E cujo são madeiro ja saiu
A lançar a forçosa e larga rede
No mais remoto mar que o mundo viu!
E vós, cujo valor em tanto excede,
Que a cantá-lo com voz alta e divina,
A fonte do Parnaso move a sede!
Ouvi da minha humilde çanfonina
A harmonia, que vós ja levantais
Tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.
Mas se agora, que affabil me escutais,
Não ouvírdes cantar com alta tuba
O que vos deve o mundo, que dourais;
E se os reis avós vossos, que de Juba
Os reinos debellaram, não ouvis,
Que na azas do excelso verso suba;

Senão sabem as frautas pastorís
Pintar de Toro os campos semeiados
De armas, e corpos fortes e gentís;
Per um môço animoso * sustentados
Contra o indomito pae, de toda Hespanha
Contra a fortuna van, e injustos fados;
Um môço, cujo esfôrço, brio e manha,
Do Olympo fez descer o duro Marte,
E dar-lhe a quinta esphera que acompanha;
Se não sabem cantar a menor parte
Do sapiente peito, e gran' conselho
Que póde (ó reino illustre) descançarte!
Peito, que ao docto Apollo faz vermelho
Deixar o sacro monte, e as nove irmans,
Porque a elle se affeitem ** como a espelho;
Saberão bem cantar, em nada vans,
De Alicuto as contendas, e de Agrario;
Um de escama cuberto, outro de lans.
Vereis (duque sereno ***) o estylo vario,
A nós novo, mas n'outro mar cantado,
De um, que so foi das musas secretario.
O pescador Sincero, que amansado
Tem o pego de Prochita co'o canto,
Pelas sonoras ondas compassado.
D'este seguindo o som, que póde tanto,

* Fallava Camões de Afonso IV ?
** Adornem, enfeitem.
*** Talvez o duque de Aveiro.

E misturando o antigo Mantuano,*
Façamos novo estylo, novo espanto.
Partira-se do monte Agrario insano,
Para onde a fôrça so do pensamento
Lhe encaminhava o lasso pêso humano.
Embebido n' um longo esquecimento
De si ja, não ja so do pobre fato, **
Após um doce sonho e fingimento.
Rompendo as silvas horridas do mato,
Vai per cima de outeiros e penedos
Fugindo, emfim, de todo humano trato.
Ante os seus olhos leva os olhos ledos
Da branca Dinamene, que enverdece,
So co'o meneio, valles e rochedos.
Ora se ri comsigo quando tece
Na phantasia algum prazer fingido;
Ora falla, ora mudo se entristece.
Qual a tenra novilha, que corrido
Tem montanhas fragosas e espessuras,
Por buscar o cornígero marido;

* N'este lugar confessa Camões que imitava Virgilio e Sannazaro.

** Do termo *fato*, tambem temos exemplo na primeira parte, folha 67 da comedia *Alfea*, do insigne poeta Simão Machado, o qual lhe dá a significação de rebanho.

Qual é a nescia que tracta
Ser ovelha de seu *fato*?

E cançada nas humidas verduras
Caír se deixa ao longo do ribeiro,
Ja quando as sombras véem caíndo escuras;
E nem co'a noite ao valle seu primeiro
Se lembra de tornar como soia,
Perdida polo bruto companheiro;
Tal Agrario chegado, emfim, se via
Onde o gran' pego horrísono suspira,*
N'uma praia arenosa humida e fria.
Tantoque ao mar estranho os olhos vira,
Tornando em si, de longe ouviu tocar-se
De docta mão, não vista, nova lira.
Fez-lhe o som desusado desviar-se
Para onde mais soava; desejando
De ouvir, e conversar, e de provar-se.
Muito não tinha proseguido, quando
Em a concavidade de um penedo,
Que pouco a pouco fôra o mar cavando;
Topou um pescador, que prompto e quedo
N'uma pedra assentado, brandamente
Tangendo, faz o mar sereno e ledo.
Mancebo era de idade florescente,
Pescador grande do alto, conhecido
Pelo nome de toda humida gente.
Alicuto se chama, que perdído
Era pola formosa Lemnoria;
Nympha que tem o mar ennobrecido.

* Em vez de *ronca*. É optima metaphora!

Por ella as redes lança noite e dia;
Por ella as ondas tumidas despreza;
Por ella soffre o sol e a chuva fria.
Co'o seu nome mil vezes a braveza
De irados ventos amansou co'o verso,
Que remove das rochas a dureza.
E agora em som de voz suave e terso,
Está seu nome aos echos ensinando
Per estylo do agreste som diverso.
Ouvindo Agrario, attonito, afroxando
Da phantasia um pouco seu cuidado,
Suspenso esteve os numeros notando.
Mas Alicuto vendo-se estorvado
Per um pastor, da musica divina,
O rosto levantou bem socegado.
E disse assi: — «Vaqueiro da campina,
Que vens buscar ás arenosas praias
Onde a bella Amphitrite so domina?
Que razão ha, pastor, para que saias
A este nosso escamoso e vil terreno,
De teus flóridos myrthos e altas faias?
Pois se agora o mar ves brando e sereno,
E estender-se éstas ondas pela areia,
Amansadas das mágoas, com que peno;
Logo verás o como desenfreia
Eolo o vento pelo mar undoso,
De sorte que Neptuno se arreceia.»
Responde Agrario: — «Oh musico e amoroso
Pescador, eu não venho a ver o lago

Bravo e quieto, ou vento brando e iroso!
Mas o meu pensamento, com que apago
As flammas ao desejo, me trazia
Sem ouvir, e sem ver, suspenso e vago.
Até que a tua angelica harmonia
Me acordou, vendo o som com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.
Mas se de ver-me ca no mar te espantas,
Eu me espanto tambem do estylo novo,
Com que as ondas horrísonas quebrantas:
Porêm se com verdade o louvo e approvo,
Desejo de o provar contra o silvestre
Antigo pastoril, que eu mal renovo.
E tu, que no tocar pareces mestre,
Bem julgarás se ha clara differença
Entre o canto maritimo e o campestre. »
« Não ha (disse Alicuto) em mi detença;
Alvorôço antes ha, por mais que veja
Que a tua confiança so me vença.
Mas, porque saibas que nenhuma inveja
Os pescadores temos aos pastores,
Do som que no Parnaso se deseja;
Toma a lyra na mão, que os moradores
Do vitreo fundo vendo estou junctar-se
Para ouvir nossos rusticos amores.
Bem ves per essa praia presentar-se
Nas conchas vária côr á vista humana;
E o mar vir per entre ellas, e tornar-se.
Socegada do vento a furia insana,

Encrespa brandamente o ameno rio,
Que seu licor aqui mistura e dana.
Este penedo concavo e sombrio,
Que de cangrejos * ves estar cuberto,
Nos dá abrigo do sol, quieto e frio.
Tudo nos mostra, emfim, repouso certo,
E nos convida ao canto, com que os mudos
Peixes saiem, ouvindo, ao ar aberto.
Assi se desafiam estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes;
Nos ingenhos, porêm, subtis e agudos.
Eis ja mil companheiros circunstantes
Estavam para ouvir, e apparelhavam
Ao vencedor os premios similhantes.
As bem-sonantes lyras se tocavam:
Agrario começava, e da harmonia
Os pescadores todos se admiravam;
E d'ést' arte ** Alicuto respondià:

AGRARIO.

Vós semícapros deuses do alto monte,
Faunos longevos, satyros, silvanos;
E vós deu... do bosque e clara fonte,
E dos troncos que vivem largos anos:

* Assim escreveu sempre Camões ésta palavra, como se póde ver na bellissima pintura do Tritão, nos Lusiadas, cant. VI. est. 18. Hoje escreve-se prónuncía-se *caranguejo*.

* Modo.

Se tendes prompta um pouco a sacra fronte
A nossos versos rusticos e humanos,
Ou capella me dae, ja, de loureiro,
Ou penda a minha lyra de um pinheiro.*

ALICUTO.

Vós humidas deidades d'este pego,
Tritões ceruleos, Próteu, com Palemo;
Vos nereidas do sal,** em que navego;
Por quem do vento as furias pouco temo:
Se ás vossas sacras aras nunca nego
O congro nadador na pa do remo;
Não consintais que a musica marinha,
Vencida seja aqui na lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez um tempo o môço louro,***
Que do sol as carretas move e guia:
Ouviu o rio Amphryso a lyra de ouro,

* Camões tinha na ideia estes versos da VII *ecloga* de Virgilio:

Nymphæ, noster amor Libethrides, aut mihi carmen,
Quale meo Codro, concedite proxima Phœbi
Versibus ille facit, aut, si non possumus omnes,
Hic arguta sacrâ pendebit fistula pinu.

** Este vocabulo toma-se aqui metonymicamente pelo *mar*. Gabriel Pereira de Castro, tambem lhe deu a mesma accepção na Ulyssea, cant. II. est 7.

. . . . . . A anchora pesada o *sal* fería.

*** Apollo.

Que o seu claro inventor alli tangia.
Io foi vacca; Jupiter foi touro:
Mansas ovelhas juncto da agua fria
Guardou formoso Adonis; e tornado
Em bezerro Neptuno foi achado.

ALICUTO.

Pescador foi ja Glauco, e deus agora
É do mar; e Proteu as phocas guarda.
Nasceu no pego a deusa, que é senhora
Do amoroso prazer que sempre tarda.
Se foi bezerro o deus, que ca se adora,
Tambem ja foi delphim. * Se se resguarda,
Ve-se, que os môços pescadores eram,
Que o escuro enigma ao primo ** vate deram.

AGRARIO.

Formosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores ja furtei
Á doce philomela; e dos murtinhos
Para ti (fera!) as flores apanhei:
E se os crespos medronhos nos raminhos

* A respeito d'éstas metamorphoses consulte-se o diccionario da fábula.

** Primeiro:
D'este termo, com igual significado, usou tambem Jorge Ferreira, na sua comedia *Euphrosina*. No prologo da dicta comedia acha-se o seguinte exemplo:

« Arrenegae do velho que não adevinha, que por muito que o tempo como *primo* mobil faça, etc. »

Com tanto gôsto ja te presentei;
Porque não dás, a Agrario desditoso,
Um so revolver de olhos piedoso? *

ALICUTO.

Para quem trago de agua em vaso cavo
Os curvos camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo,
Na praia os brancos buzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral vou arrancando,
Senão para a formosa Lemnoria,
Que, co'um so riso, a vida me daria?

AGRARIO.

Quem viu o desgrenhado e crespo hinverno,
De altas nuvens vestido, horrido e feio,
Ennegrecendo á vista o ceo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheio;
Raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
Que ao mundo mostra um pallido receio;
Tal o amor é cioso, a quem suspeita
Que outrem de seu trabalho se aproveita.

ALICUTO.

Se alguem ve, se alguem ouve o sibilante
Furor lançando flammas e bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:
A braços derribando o ja nutante

* Como é bella ésta expressão !...

Mundo, co'os elementos destruidos:
Assi me representa a phantasia
A desesperação de a ver um dia: *

AGRARIO.

Minha alva Dinamene, a primavera,
Que os deleitosos campos pinta e veste;
E rindo-se uma côr aos olhos gera,
Que em terra lhes faz ver o arco-celeste;
As aves, as boninas, a verde hera,
E toda a formosura amena, agreste;
Não é para os meus olhos tam formosa,
Como a tua, que abate o lirio e rosa.

ALICUTO.

As conchinhas da praia, que presentam
A côr das nuvens, quando nasce o dia;
O canto das sirenas, que adormentam;
A tincta que no Murice se cria;
O navegar per ondas, que se assentam
Co'o brando bafo, com que o sol se enfria;
Não podem, nympha, minha, assi prazer-me
Como o ver-te, se em tanto chego a ver-me! **

AGRARIO.

A deusa ***, que na lybica alagôa

*Que vigor de pincel! Podéra Carlos Vernet traçar um quadro com rasgos mais terriveis e verdadeiros?

**Como este divino poeta sabe passar rapidamente do horroroso ao ameno! Quam bella a gradação de tinctas n'éstas duas excellentissimas outavas!

*** Ceres.

Em fórma virginal appareceo,
Cujo nome tomou, que tanto sôa,
Os olhos bellos tem da côr do ceo:
Garços os tem; mas uma, que a corôa
Das formosas do campo mereceo,
Da côr do campo os mostra graciosos.
Quem diz, que não são estes os formosos?

ALICUTO.

Perdoem-me as deidades; mas tu diva,
Que no líquido marmore es gerada,
A luz dos olhos teus celeste e viva,
Tens, por vício amoroso, atravessada:
Nós petos * lhe chamamos; mas quem priva
De luz o dia, baixa e socegada
Traz a dos seus nos meus, que eu o não nego,
E com toda ésta luz sempre estou cego.

Assi cantavam ambos os cultores
Do monte e praia, quando os atalharam,
A um, pastores, a outro, pescadores.

E quaesquer a seu vate coroaram
De capellas idoneas e formosas,
Que as nymphas lhe teceram e ordenaram.

A Agrario de murtinhos, e de rosas;
A Alicuto de um fio de torcidos
Buzios, e conchas ruivas e lustrosas.

* De vista atravessada com um geito que lhe dão os namorados.

MORAES.

Estavam n' agua os peixes embebidos
Com as cabeças fóra, e quasi em terra
Os musicos delphins estão perdidos.
Julgavam os pastores, que na serra
O cume e preço está do antigo canto;
Que quem o nega, contra as musas erra.
Dizem os pescadores, « que outro tanto
Téem da sonora frauta, quanto teve
O monte pastoril da antiga Manto. »
Mas ja o pastor de Admeto* o carro leve
Molhava na agua amára, ** e compellia
A recolher a roixa tarde e breve:
E foi fim da contenda o fim do dia.

CAMÕES.

* Apollo
** Amarga.

ECLOGA XII.

PISCATORIA.

SERENO.

Arde por Galatea branca e loura,
Sereno pescador pobre, forçado
De uma estrella que quer á mingua moura *
Os outros pescadores teem lançado
No Tejo as redes; elle so fazia
Este queixume ao vento descuidado:
Quando virá (formosa nympha) um dia,
Em que te possa dar a conta estreita
D'ésta doudice triste, e van porfia?
Não ves que me foge alma, e que me engeita,
Buscando um so riso d' essa boca,
Nos teus olhos azues mansa colheita?
Se ao teu esprito alguma mágoa toca,
Se de amor fica n'elle uma pegada,
Que te vai, Galatea, n'ésta troca?
Dar-te-hei minh' alma: la m'a tens roubada:

* *Moura* por *morra* é como se dizia em tempo de Camões.

Não t'a demandarei : dá-me por ella
Uma so volta de olhos descuidada.*
Se muito te parece; e minha estrella
Não consentir ventura tam ditosa;
Dou-te as azas do amor perdidas n'ella.
Que mais te posso dar, nympha formosa,
Indaque o mar de aljofar me cubrira
Toda ésta praia leda e graciosa?
Amansam-se ondas, quebra o vento a ira;
Minha tormenta so nunca socega:
O meu peito arde em vão, em vão suspira.
Anda no romper d' alva a nevoa cega
Sôbre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto o solar raio lhe não chega.
Eu vendo apparecer outros formosos
Raios que a graça e côr ao ceo roubaram,
Se os olhos cegos vi, vejo-os saudosos.
Quantas vezes as ondas se encresparam
Com meus suspiros! Quantas com meu pranto
As fiz parar de mágoa, e me escutaram!

* Onde se achará um estylo mais incantador? Camões possuia aquella doçura, aquelle natural que requer Horacio. Tam singelo como Theocrito, tam delicado como Virgilio, tam ingenhoso como Bion, de todas éstas qualidades compoz um feliz mixto. Eu não conheço, na epocha em que elle escreveu, poeta algum bucolico que o exceda na arte de exprimir as paixões com aquella poesia de sentimento que tanto commove e interessa o leitor. A ésta *ecloga* serviu de archetypo a segunda de Virgilio.

Se na fôrça da dôr a voz levanto,
E ao som do remo, que a agua vai ferindo,
Perante a lua meu cuidado canto;
Os maviosos delphins me estão ouvindo,
A noite socegada, o mar callado:
Tu so foges de ouvir-me, e te vas rindo!
Estranhas, por ventura, o mar cercado
Da fraca rede? a barca ao vento solta?
E um pobre pescador aqui lançado?
Antesque o sol no ceo cerre uma volta,
Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede n' agua involta.
Igual preço não é da formosura
De ouro a areia, que o rico Tejo espraia;
Mas um amor, que para sempre dura.
Vejam teus olhos (bella nympha) a praia:
Verás teu nome na mimosa areia:
Nunca sôbre elle o mar com furia saia!
Vento algum té-agora o não salteia:
Tres dias ha, que scripto aqui o deixou
Amor, e o veda a toda fôrça alheia.
Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher éstas conchas, affirmando
Que o sol para ti so as matizou.
Um ramo te colhi de coral brando
Antesque o ar lhe désse, parecia
O que de tua boca estou cuidando:
Ditoso se o soubesse inda algum dia!

Camões.

ECLOGA. XIII.*

SALADINO.

ARBELLO. RIBEIRO.

Com luz tam clara os campos alumia
Diana, que disseras que á obscura
Noite, seu gran' fulgor empresta o dia.
O tempo, que é calmoso, co' a frescura
Nos convida de um ar sereno e fresco
A gozarmos, aqui, d'ésta espessura.
A viração que agora de refresco
Vem per cima d'aquella árvore triste,

* *Le Parnasse portugais se glorifie aussi d'un poëte égal à Sannazar, et qui naquit à Goa, capitale de l'Inde, vers l'an 1540; c'est Ferdinand Alvares do Oriente qui conçut l'idée d'imiter l'Arcadie du poëte italien, en composant* a Lusitania transformada : *ce poëme pastoral n'est pas inférieur à son modèle ; la poésie et la prose de Alvares charment par la délicatesse et la naïveté des images.*

SANÉ.

Tocante á edição das obras d'este poeta, feita em

Glória d'este ornamento montanhesco;
Movendo as azas brandamente insiste
No peito meu contra o rigor da calma;
Que quanto aperta mais, mais lhe resiste.
E no seu brando movimento a alma
Me recreia c'o cheiro a que se deve,
Dos outros cheiros todos, preço e palma.
Do tempo nos occupe spaço breve
Doce conversação, que o tempo * encurta;
Porque da vida o pêso assi se leve.
Assi se esconde uma alma, assi se furta
Á mágoa triste: juncto d'ésta rama
Te assenta, que arremeda em tudo a murta.

Lisboa no anno de 1781, eis o que escreveu Francisco Manuel:

« Se depois da minha morte se imprimirem estes meus destemperos, como imprimíram as *semsaborias* de Fernão Alvares do Oriente, e as *senequices aconsoantadas* do Caminha; e se ainda houverem prolixos ociosos edictores, como o da *Lusitania Transformada*, pódem ja desde aqui dar-se os parabens algumas palavras minhas, que acharão edictor grammaticão, que m'as approve, e as apoie com razões machuxas, e authorisados exemplos. Alegrae-vos, tripudiae, versinhos meus; que até para vos parecerdes c'o Virgilio de Maswicio, vos honrarão com um *index locupletissimo*, que vos sirva de reportorio, e de recamára. Leve o diabo paixões. — Deixae palrar os criticos. »

* Está no verso antecedente.

RIBEIRO.

Ésta árvore, que triste o Indio chama,
Não ves como de noite stá florida?
Que cheiro tam gentil de si derrama?
Tanto que a luz do sol no pólo erguida
A toca na manhan c'o raio brando,
Do cheiro a vemos, e da flor despida.
Nota a palma fructífera, que quando.
O sol se chega, ou quando o raio esconde,
Está de um tronco fructos varios dando.

ARBELLO.

Aqui n'éstas remotas partes, onde
Nos trazem pelo mar salgado as vellas,
Terreno que tambem ós seus responde;
Notaveis plantas ha; e as mais entr' ellas
As duas são, que a fertil India cria,
Fructíferas á vida, á vista bellas.
D'éstas a errada e van philosophia
Conta dos Indios uma antiga historia,
Que por mui certa, o povo incerto havia.

RIBEIRO.

Assi no tempo illustre da memoria
Teu nome a fama escreva, e n'estes montes
De teus feitos ao ceo retumbe a gloria;
Que o caso, Arbello, d'essa história contes
Que para ouvir-te estão sua corrente
No seu princípio represando as fontes!

ARBELLO.

N'uma parte, que mais ao Oriente

Se estende a terra, que dos Lusitanos
Ganhou aos mouros ânimo valente;
  Dizem os naturaes, que ha muitos anos
Houve um senhor em preço e gentileza
Assignalado então entre os humanos.
  De uma mulher, que mais que as outras preza,
(Que muitas o seu rito lhe concede)
Um filho teve so de igual nobreza.
  A todos de seu tempo o môço excede
Nos bens, que o ceo para os humanos gera;
De que nunca se farta a humana sede.
  Tinha-lhe ornado as faces primavera
De nova e roixa flor; de ouro esparzido
O monte, onde a razão tem sua esphera.
  Foi per dom raro Saladino havido
(Que o môço Saladino era chamado)
Na guerra soffredor, na paz temido.
  Mas seu descanço e venturoso estado,
Pelo fogo que amor no mundo accende
Em cinza foi, d'ésta arte, e em po tornado.
  Um dia, quando pela terra estende.
Os seus raios do ceo o louro amante,
Da nympha, que com lagrymas offende;
  O môço, ou de esforçado, ou de arrogante,
Porque com fama illustre alargue a vida,
E com a vida a mesma fama espante;
  Da casa de seu pae pôsto em fugida,
O descanço deixou dos patrios lares;
Bem, de que uma alma illustre é mal soffrida.

Pondo per obra feitos singulares,
Dignos do peito seu, que eu não declaro;
Que é razão que so tu, fama, os declares:
O mundo todo discorria em claro,
Qual sol que o ceo discorre, visitando
Os signos c'o seu lume altivo e claro.
C'os grandes e suberbos fero; e brando
C'os humildes mostrava e pequeninos
O peito; a guerra e a paz sempre alternando.
Das mãos tomou a empreza aos Paladinos;
E n'ella o fez o ceo tam venturoso,
Que póde ter logar entre os divinos.
Mas por remate n'este valle umbroso
Poz Saladino a ultima coluna,
De seus illustres feitos fim ditoso.
N'este tempo per ordem da fortuna,
Que os meios traz de longe para o dano,
Que ordena a vida misera importuna;
Do pólo a inclemencia, o fado insano
Á terra tresládou um dos planetas
Celestes, disfarçado em traje humano:*
Veneno com que amor tempera as setas;
De corações altivos prisão dura;
Incendio fero de almas indiscretas;

* Fernão Alvares algum tanto se esqueceu do idioma, usando de frequentes Toscanismos e clausulas humildes, que fizeram o seu estylo incorrecto e lodoso.

F. Dias Gomes.

A fôrça rigorosa da ventura
Inventou em Grisalda, transformando
Em mal, que damna, o bem da fermosura.
Vivia então alli Grisalda, ornando
De graça os campos com seu brando aspeito,*
Que mostra amor, no mor perigo, brando.
C'o pae Grisalda estava, que sujeito
A semrazões do tempo, a sorte injusta
O tinha reduzido a passo estreito.
Vivia, a vida grangeando á custa
Do descanço da vida em que vivia,
Na arte, que Ceres ensinou robusta.

* Hoje leiem-se tam pouco os classicos em Portugal, que um professor-regio, n'uma crítica que fez á obra de certo escriptor, que usara d'este termo, teve o descoco de affirmar, per varias vezes, que era *érro do vulgo*. Porêm Camões, que não errava com o *vulgo*, serviu-se da dicta palavra n'ésta excellente outava:

Mas um velho d'*aspeito* venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente;
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber so d'experiancias feito,
Taes palavras tirou do experto peito.

Francisco Manuel tinha razão quando dizia — « É cousa mui ridicula explicar portuguez a Portu-

Vendo o mancebo Saladino um dia
Que flores odoríferas Grisalda,
N'um campo seu com livre mão colhia:
Que da carga cheirosa enchendo a fralda,*
Dos dons da bella Flora ornava o seio,
Sôbre ouro pondo, de jasmins grinalda:
Sentindo n' alma um amoroso enleio,
Sacrificou á dama os seus cuidados,
Da paga indinos, que do amor lhe veio.
Mas como a differença dos estados
No môço pensamentos não soffria,
Que fossem tam rasteiros e acanhados;
Tudo o que entre ambos disconforme havia,
Pôde igualar amor, que tudo iguala,
Que não consente alteza em companhia.
Os vestidos deixou de preço e gala
O sem ventura amante: que a ventura
Mais foge de quem mais merece achala!

guezes! Quando é que eu heide ouvir dizer que a mocidade lusitana faz capricho de saber bem a sua lingua? Em todas as linguas cultas é um grande desar, entre gente polida, dar a intendar a sua ignorancia acerca dos termos nativos de sua lingua. Sei todavia (e com bem desgôsto meu) que os Tarellos fazem gala d'isso, quando não comprendem o sentido d'algumas trovas minhas. Coitadinhos! la virá tempo, em que se envergonhem! E mais coitadinhos, se esse tempo lhes não chega nunca!...

* Regaço.

As armas pelos troncos dependura
Das plantas mais occultas, consagrando
Os seus tropheos ás nymphas da espessura.
E a trajos disfarçados ajunctando
Fôrças de amor, em que seu peito escora,
Do pae da môça se entregou ao mando.
A filha bella ao pae servindo, adora:
A elle entrega o corpo, a alma a ella,
Feito ja lavrador co' a lavradora.
Em companhia de Grisalda, e n'ella
Os trabalhos da vida temperando
Co' gôsto da presença amada e bella;
Viveu um tempo, as árvores ornando
Do nome de seu bem, que n'ellas ia
Da alma, onde o tinha scrito, trasladando.
A bella môça, que no amante via
Chammas de amor, que em tudo a busca e serve;
Com agua, porque ardesse, lhe fugia.
Quanto mais elle n'este incendio ferve,
Mais de neve se mostra; porque a braza
Entre éstas frias cinzas se conserve.
Se o peito seu o mesmo fogo abraza,
Podia-o ter mulher n' alma encuberto,
Fogo que altas montanhas queima e arraza?
Até que vendo o pae o môço esperto
No trabalho, que n'elle Amor o esforça,
Vendo-lhe o mesmo amor no peito aberto;
Quiz obrigá-lo, mas com pouca força,
A receber a filha por esposa,

Que a tanto o seu desejo ardente o força.
N'ésta vida cançada, mas ditosa
Na sua opinião, ledo vivia;
Do aprazivel verão colhendo a rosa.
O bem da casa de seu pae trazia
Da vista desterrado, e da lembrança;
Que se occupava so no bem que via.
Não tardou muito, que a fatal mudança
Seus bens com mão ligeira não trocasse;
Que para fazer mal, não faz tardança!
Quiz que este gôsto em mágoa se tornasse:
Porque não quiz que so com Saladino
Seu uso de mudar-se se mudasse.
Armado de aspereza o seu destino,
Que contra o seu socêgo então se armava,
Trouxe aqui n'este tempo um peregrino;
O qual no tempo que Grisalda estava
Sujeita ao pae, de que era o mais vizinho,
Sujeito a seu amor se lhe mostrava.
Sua alma tinha feito n'ella o ninho;
Té que de injusta occasião forçado,
Lhe fez amor fazer outro caminho.
Da dama se apartou com seu cuidado;
Que amor, que mal se emprega, a mais obriga,
Por d'elle se apartar, d'ella apartado.
E como mais que em tudo amor periga
Na ausencia, torna o peregrino agora;
Mui fóra, entrando em si, da sorte antiga.
Mas ella, que o não ve, qual d'antes fora,

De quem a ja despreza, feita escrava,
Despreza o que de si a fez senhora.
Branda ao livre, contra o amante brava,
(Do peito feminino certa usança)
Fugindo d'este, aquelle so buscava.
E mostrando uma subita mudança
No rosto seu, no coração trazia
Do seu antigo amor nova esperança.
Os olhos em que alegre amor se ria,
Do bello espôso seu vendo a presença,
Ja-gora se vêem tristes, quando a via.
Mas o môço, de quem a differença
Foi, do gôsto mudado, conhecida;
(Quem ha que amor com artificios vença !)
Por se desenganar foi homicida
De si : que emfim un desengano indino
Nunca a ninguem custou menos que a vida.
Mostrou-lhe á vista o seu cruel destino
Mão estranha colhêr seu fructo amado,
E pizar sua flor pe peregrino.
Que uma vez com a espôsa em tal estado
O peregrino achou, que bem podera
Nas redes de Vulcano ser tomado.
A chamma da alma ardente que devera
Ser com sangue do adultero apagada,
C'o sangue de seu peito se tempera.
Mas c'os assopros logo accrescentada
Dos suspiros ardentes que derrama,
Não acha o triste refrigerio em nada.

De uma parte affeição da bella dama,
Da outra vingança da inimiga ingrata,
Lhe traz o peito ardendo em vária chama.
Amor, do amante as mãos, rendidas, ata:
Do aggravado o furor pede vingança:
Mas o furor em agua amor desata. *
Reprendê-la tomou por segurança:
Mas n'isso aquillo fez, que faz na fragoa
Quem agua pouca em muito fogo lança.
Que ella mostrando então vergonha e magoa
Do amor de coração tam limpo e puro,
Deu, por satisfação, dos olhos agoa.
Que outra vez roto da vergonha o muro,
Imiga ja de tam amigo esposo,
Poz em effeito o pensamento impuro.
De seu tormento Saladino iroso,
Mil remedios buscando a seu tormento,
Escolheu o peior e o mais custoso.
A muitos ajunctou n'um fresco assento
Amigos e parentes de Grisalda,
O pae entrou e a mãe no ajunctamento.
Depois de junctos com tristeza igual da
Causa que tinha para a ter, de flores
Pondo sôbre a cabeça uma grinalda,

* *Desatar um furor em agua!* Estas alambicadas metaphoras é que enojam o leitor sisudo, e o forçam, muitas vezes, a pôr de parte obra, e a esquecer-se do auctor.

Assi per uma palma, das maiores
Que viu n'aquelle assento, foi trepando:
(Officio aqui tambem de lavradores)
Per uns degraus, que a natureza obrando
No tronco vai, subia passo a passo
Seguro, seu intento executando.
Depois que em riba esteve, abrindo o passo
Pelos olhos a lagrymas cançadas,
De que não foi o triste peito escasso:
Mágoas que dentro em si tinha encerradas,
A suspiros mortaes soltando o freio,
Soltou n'éstas palavras magoadas:
« Nem de espanto mostreis o peito cheio
Do triste caso que vereis diante,
Nem mágoa alguma vos occupe o seio:
Que em quem persegue o ceo firme e constante
Mágoas se empregam mal: pois no mofino*
De infortunios de amor ninguem se espante.
So de vós quero que este caso indino
Escripto fique aqui, porque notoria
Seja no mundo a fe de Saladino.
Aqui em longa e celebrada historia
Nos troncos d'éstas árvores escrita
De tam constante amor fique a memoria.
Porque se falta, a quem merece, a dita
No mundo vil, do mal pagado amante
A alma, comigo, se console afflita;

* Desgraçado.

E aviso seja ao triste navegante;
Porque voltando d'este passo a vella,
Não encontre sirena * que lhe cante.
Tu, por meu mal, Grisalda, ingrata e bella,
E fôras, senão fôras bella, ingrata,
(Belleza ingrata contra o ceo rebella)
Tu so causa da mágoa que me mata;
Mágoa, que não me tem tirado a vida,
Porque inda por maior damno a dilata:
Ja que quizeste ser d'ella homicida,
Conhece agora quanto lhe deveste,
E quanto foste tu desconhecida.
Minha voz derradeira manifeste,
Como do cysne quando a morte o chama,
Quam mal, tammanho amor, me agradeceste.
Depois que do meu peito ardente a chama
Te foi clara com mostras, de que agora
Dão testimunho as aguas que derrama;
O coração, de que te fiz senhora,
Te dei, d'outro qualquer cuidado isento,
E adorando as prisões que errado adora.
Tu pondo n'outra parte o pensamento,
D'ésta vontade pura desprezaste
A alma, que em si te deu eterno assento.
Com falso intento as leis do amor quebraste,
Buscando para o meu rubi prezado,

* Sereia.

Engastado em meu peito, estranho engaste.
A grave dor do peito magoado
Me constrange a tomar justa vingança
De quem na minha offensa stá culpado.
Mas tu, da grave dor que assi me alcança
Causa, que para o collo offereceste
D'este Iphis, d'esses raios de ouro a trança;
Intende que te fez seguro d'este
Furor, de ti com causa merecido,
Este amor a que tu tal prémio deste.
Que a ti sujeito, pôstoque offendido,
Desesperado, mas comtúdo amante,
Me traz comsigo em desigual partido.
Mas leve amor seu estandarte avante:
Atrás fique o furor que incita a offença:
Que póde mais em mi ver-te diante.
Amor que tudo vence, agora o vença:
Que quando contra ti me armara o peito,
As mãos sôltas me atára essa presença.
Mal podéra offender tam bello aspeito;
Menos podéra ser que eu aggravado
De ti em ti ficasse satisfeito.
Pois esse, que em meu damno alevantado
A sorte traz, não quiz tirar-lhe a vida,
So porque pôsto tens n'elle o cuidado;
Porque n'elle não fosses offendida
De mi, nem o teu peito magoasse,

Que tal é o conceitinho!...

Dada no seu, per minha mão, ferida.
  Que como do amador a alma se passe
Em quem ama, não quiz que se offendesse
Qualquer parte de ti, que n'elle achasse.
  E era bem que a vingança se fizesse
Do aggravo contra mi so commettido;
Em quem,* quem mais me aggrava, mais perdesse.
  Tendo-me logo tu tam offendido,
Tómo a vingança em mi, que sou, senhora,
Em quem tu perdes mais, e o mais perdido. »
  Isto dicto, das lagrymas que chora,
Um ribeiro** soltou, do qual o escasso
Tronco ficou tam liberal agora.
  E após ellas lançando o corpo lasso,
Desesperado, sôbre a terra dura,
Passou da vida logo o extremo passo.
  Aquella rica e bella vestidura,
Que uma alma em si tam namorada encerra,
Em mil pedaços fez fortuna escura.
  D'onde alli se ficou cubrindo a terra,
Que cubria fresquissima esmeralda,
De rubis que de amor esparze a guerra.***

* Verso duro.

** Nunca me agradaram éstas exageradas hyperboles.

*** Ésta subtileza nos conceitos, estes trocadilhos, estes esforços do poeta para não fallar naturalmente, são nodoas que ja começavam a empanar o lustre da boa poesia n'essa epocha.

As gottas que saltaram, de Grisalda,
Parece por tomar d'ella vingança,
Tingíram de vermelho ardente a fralda.
Ella, que a todos ja seu êrro alcança
Ser na morte do amigo manifesto,
Mais digna de quem fez no amor mudança;
Cubrindo-lhe c'um veo vergonha o gesto,
Tincto de fina gran, que antes da culpa,
Se triste o fez depois, fizera honesto;
Com palavras e lagrymas desculpa
(Natural êrro) o êrro que o culpado
Fazendo vai mais grave co' a desculpa.
E o povo todo, em lagrymas banhado,
O corpo á terra deu, cubrindo a urna
De vária pompa, que offerece o prado.
Na seguinte manhan, quando a nocturna
Sombra, fugindo da presença ao dia,
Foi, para se esconder, buscando a furna;
O chão, que do depósito se via
Enriquecido assi; porque mais n'elle
Brandura, que n'um peito humano, havia;
Brotou, mudado em ramo fresco, aquelle
Despôjo da alma tam illustre e clara,
Um tronco que tomou mil graças d'elle.
Planta que perdes a fragancia rara,
Sendo de feminina mão tocada,
Por quam cara te foi, sendo tam cara!
N'esse cheiro gentil, de que dotada
Por beneficio estás de tua estrella,

Vemos a tua fe representada.
As côres que a flor traz branca e amarella,
Da desesperação dá signal esta.
E mostras dá, do peito casto, aquella.
E se caíndo vai, quando a floresta
Com luz visita o sol, vergonha e magoa,
De amor mal empregado, manifesta.
Quando se estila em grãos de aljofre a agoa,
Que choram as estrellas saúdosas,
Que então lhe accende amor no peito a fragoa;
Na sombra escura, flôres amorosas,
O preço, que encerrais no seio abrindo,
Mais lindas vos mostrais, e mais fermosas.
Porque na terra o peito casto e lindo
Sua dor saúdosa manifeste,
Quando o ceo vem a sua descobrindo.
Então se veja que no campo agreste,
Quando o ceo semeiado está de flores,
Responde a flor terrena á flor celeste.
Sabe no caso mais que dos amores
Tambem, Ribeiro meu, do triste amante
Em quem mostrou amor tantos primores.
A bella palma, insignia triumphante,
Que então sem fructo a fronte alevantava,
Ficou de varios fructos abundante.
Era, entre bravas plantas, planta brava,
Que a seu senhor não dava mais tributo,
Que a rama cuja sombra a praia ornava.

Triste areial, de humor gostoso enxuto,
Terra de déstra mão não cultivada
A palmeira occupou, nua de fruto.
Mas depoisque das lagrymas regada
De Saladino foi com copia larga
De sua alma no tronco derivada;
Ja se ergue, para o ceo levando a carga,
Que vai pelo seu chôro de agua cheia,
Na casa que de humor salgado amarga.
O liquido crystal, que assi recreia
A quem o gosta, com doçura estranha,
Que a palma estila per secreta veia,
Tomou do mesmo chôro seu tammanha
Doçura; porque d'elle o tronco antigo
Nos poros seus o sal de todo apanha.
Mil fructos dando assi o ramo amigo
Ficou, que Saladino aqui primeiro
Á custa accrescentou de seu perigo.
Este o prémio de amor tam verdadeiro
Foi, com que a fe do misero mancebo
Pagou um peito ingrato e lisongeiro.

RIBEIRO.

Tal gôsto Arbello, de te ouvir recebo,
Que inda o não satisfazes, que d'ésta agoa
A sêde cresce mais, quanto mais bebo.
Da perversa Grisalda a pena e magoa
Do corpo, e d'alma faze-me notoria;
Porque se abrande de meu peito a fragoa.

ARBELLO.

Prosigo, pois assi o qués * a historia:
Mas vós, ó causadora da vingança,
Nemesis me trazei tudo á memoria.
A adultera Grisalda, em quem se alcança
Aquella culpa vil da fe mudada,
(Nem ha culpa mais vil, que em fe mudança!)
D'aquella multidão, com causa, irada,
Sem haver differença alguma entre ella,
Foi logo a duro incendio condemnada.
Ao ceo subindo a chamma justa e bella,
(Que por justa e por bella merecia
Ser no ceo, onde sobe agora, estrella.)
A pena deu igual, que se devia
Ao vicio bruto, a qual aqui por pena
Do adulterio ficou d'aquelle dia.
Mostrando o sol seguinte a luz serena,
Quando saia ja do ramo agreste
As aves, pelo ceo batendo a pena;
Outra transformação fez o celeste
Conselho; porque este aspero castigo
A todos por exemplo manifeste.
O peregrino adultero comsigo
Occasião de seu temor levando,
Quiz, fugindo, escapar a seu perigo.
Passava ja per onde o corpo infando,

* Queres.

Desfeito em cinza, de Grisalda estava
O seu, com justo incendio, convidando.
  Era o tempo, em que ainda a esphera oitava
Com infinitos olhos n'elle postos
Seus passos, dados mal, mui bem notava;
  E por seu mal lembrando-se dos gostos
Que alli teve do amor, fero homicida
Á honra, á alma, á vida hũmana oppostos;
  Á dama, ja em cinza convertida,
Se foi para colhê-la (cousa estranha!)
Dando á dor, que o matou, de novo a vida:
  Supitamente do ceo justo a sanha,
Converte a cinza em árvore pequena,
De que enchendo-se foi logo a montanha.
  Gostando o fructo, á morte se condena.
E achou assi no proprio gôsto a morte,
E na causa da culpa a propria pena.
  Que o triste tanto que o comeu, de sorte
Fóra de si ficou, como se á vida
Lhe dera o fado acerbo último corte.
  Da tunica mortal a alma despida
Parece que de todo a desempara,
Á região tartarea conduzida.
  Nem estar vivo ainda em mais declara,
Que em estar pelos olhos esgotando
A fonte que no peito lhe ficara.
  Os que então tinham da justiça o mando,
Que o vinham, por lhe dar de seu peccado

A sua igual satisfação, buscando;
Tanto que o vêem n'aquelle triste estado,
E o fogo ainda em um dos troncos vendo,
E cuberto da mata estranha o prado;
Na mata o fogo accendem: n'elle ardendo
Á leda chamma o triste corpo entregam,
Que em cinza o foi, e em fumo convertendo.
Este é o prémio dos que assi se cegam!
Que os bens da natureza e desventura,
No gôsto vão da vida humana empregam!
E aquelle o fim sinistro foi, que a dura
Sorte ordenou a tam sincero amante
Por galardão de fe tam limpa e pura!
Ésta a fineza do ânimo constante,
Digna que a fama no seu templo antigo
De bronze uma columna lhe levante.

RIBEIRO.

Arbello meu, cuidando estou comigo,
Que sempre o ceo por justa e igual balança
A bons o prémio deu, aos maus castigo.
De escapar-lhe ninguem tenha esperança;
Porque por mais que corra o delinquente,
A justiça divina logo o alcança.
Antes em qualquer parte star presente
Verás um seu alcaide, que castiga
O peccador, se em culpa alguma o sente.
O caso d'este peregrino o diga,
A quem desconta um breve gôsto e bruto,
Por um tormento eterno, a sorte imiga.

ARBELLO.

Sabes que êrro na terra estranho muto? *
Que usem muitos do fructo para o vicio,
De que ja foi castigo o proprio fruto.
Que ainda lhe ficou o mesmo officio
De tirar o juizo a quem o gosta,
Da vil Grisalda usado maleficio.
No chão sem sentimento ora se encosta,
Ora dorme velando, e outras horas
Do que antes riu, com lagrymas desgosta.
Effeitos varios são, que incantadoras,
Circes fazem nas almas, podêr raro
Dos idolos, que tu, ó mundo, adoras!
Podêr, contra quem busca em vão reparo,
A um sereno olhar rendido o amante,
A quem um gôsto seu custa tam caro:
A quem um riso alegre, um ar galante
Em chôro e grave dor converte o riso,
E muda em riso a dor no mesmo instante.
A quem da branda falla um falso aviso
Com fingido rigor destrue a vida,
Com brandura fingida tira o siso;
A quem a mostra so mal intendida.
De um bem imaginado, que em tormento
Lhe converte o prazer com que o convida;
Faz que voando, entrega ao ar, ao vento,
Do desejo ajudado, e da esperança,

* Muito.

As azas com que empenna o pensamento.
Quem pois tal damno e tal perigo alcança,
Que em si viu manifesto Saladino,
A que os fados falsaram a balança;
Quem o fim penetrou do caso indino,
Que tanto á sua custa exprimentaram
Grisalda triste, e o triste peregrino;
Fugindo os bens, que em infortunios param,
Dê de mão ao veneno deleitoso,
Que as mãos d'éstas Medeas temperaram.
Da bella vista evite o breve goso,
Que a seus desejos transformado o entrega,
Feito Acteon, de cães manjar gostoso.
Tape no mar sereno que navega,
As orelhas á voz sonora; e a vida
Escape assi da vista van, que o cega.
Ja Venus bella, no alto pólo erguida,
Guia no jugo as aves, que cantando,
A dor abrandam da mortal ferida.
O claro ceo a barca transtornando,
Ja o carro no mar banhando as rodas,
Convidam os mortaes ao somno brando.
Agora essas razões deixemos todas
Das semrazões de amor, que assi mistura
Com penas o prazer, c'o pranto as vodas.
Deixemos o frescor ja da espessura:
A práctica deixemos para outrora,
Que faz sempre, entre nós, amor, segura.
Em busca vamos do aposento agora·

Que ha muito espaço que ca fóra estamos.

RIBEIRO.

Do vespero te ouvíra até a aurora;
Comtudo, amigo, se assi queres, vamos:
Cerre-se á fonte, por emtanto, a veia.

ARBELLO.

Assás beberam da floresta os ramos.

RIBEIRO.

Vamos, que nos espera ha muito a ceia.

FERNÃO D'ALVARES DO ORIENTE,
Lusitania transformada.

ECLOGA XIV.*

BIEITO. ALEIXO. CORINO.

BIEITO.

Uma novilha dourada,
Que anda n'aquella floresta,
Com uma estrella na testa,
Silva branca, e remendada,

* *Lobo composa des églogues et des romans pastoraux entremêlés de vers. Les images de la vie champêtre, les mœurs des bergers, les écarts d'une passion malheureuse, les plaisirs de l'amour sont tracés avec autant de charme que de vérité. Sa prose est aussi fleurie que l'est en français celle de Fénélon.*

SANÉ.

Quanto não te dará gentil camena
Do Lobo cortezão e peregrino;
Que com mil flôres, que colheu nos prados,
Que os graciosos Lis e Lena banham,
Suas prosas bordou, bordou seus metros!

A. R. DOS SANTOS.

Viste Aleixo d'onde veio,
Que anda alli sem companhia?

ALEIXO.

Quiçá se derramaria;
Será d'algum gado alheio.
Para nós se vem chegando;
E se eu tenho inda o meu tino,
A novilha é de Corino,
E o pastor anda-a buscando.
É n'estes pastos estranha;
Veio ha pouco a seu curral;
Acha-se no campo mal,
E foge para a montanha.

BIEITO.

E d'onde houve aquella rez,
Que elle poucas vaccas cria?

ALEIXO.

Ganhou-a n'uma porfia,
Nas festas que Ergasto fez.
Houve então gran' desafio
Em lucta, canto e louvores;
Venceu todos os pastores
Da serra, e d'alêm do rio.

BIEITO.

Muito sabe, mui bem canta,
Muito faz quem se lhe atreve.
Como dança! como é leve!
Que voz tem! como a levanta!
Viu, correu muitas aldeias;

Viveu n'uma, e n'outra parte;
E com ser so na nossa arte,
Sabe muito das alheias.
E, segundo tenho ouvido,
Ja elle houve outro cuidado.
Bem longe de guardar gado
Com nosso traje e vestido.
Foi na villa dos melhores;
Mas uma dor bem sentida
Fez que deixasse essa vida,
E buscasse a dos pastores.
Mas inda quando se igualla
Com nosso modo aldeião
D'outra sorte canta e falla.

ALEIXO.

Digo-te que assi parece;
Que logo na arte e no geito,
Tem uma graça, um respeito,
Que aos pastores nos fallece.
Vêlo, assoma na ladeira!
Anda o bom pastor sem tino!
Chamo per elle: ah Corino!...

BIEITO.

Não responde com canceira.
Ca anda a tua estrellada;
Para nós vem, ja nos vê;
Façamos que um pouco estê
Comnosco n'ésta abrigada.
Que uma hora de seu fallar

E um lanço de seu saber
Nem é para se perder,
Nem é para se pagar.

CORINO.

Deus vos salve: venho morto.

ALEIXO.

Senta-te, descançarás.

CORINO.

Corri todo o valle atrás,
E inda agora tomei porto.

ALEIXO.

Tens a novilha segura,
Descança, e descuida d'ella.

CORINO.

Fólgo de acha-la; e perdella
Ja não tenho em má ventura;
Porque é tam grande interesse
O da vossa companhia,
Que de ganho ficaria,
Quando de todo a perdesse.
Ha muito que estais aqui?

BIEITO.

Ja sol fóra nos junctámos.
E até-gora não cantámos;
Foi dita esperar per ti.

CORINO.

Eu não sei negar-me, agora
Vêdes que venho cançado,
Que não me quero rogado;

Cantára se isto não fora.
Faz seu offício a idade;
Sou ja velho; a voz fallece;
Mas se a vontade merece,
Tendes bem certa a vontade.

BIEITO.

Toma alento, então nos dá
O que, sem te ouvir, não temos;
Que a vacca nós a traremos,
E t'a levaremos lá.
Faze-nos prazer que ouçamos
Aquelle cantar primeiro,
Que te ouvimos no ribeiro
Quando a caso te topamos.
Que é mui gabado e mui raro,
Para a cousa de que trata!

CORINO.

Canto emfim, que quem dilata,
(Dizem) que quer vender caro.
E poisque em al não mereço,
Quero colher d'isto o fruito.

BIEITO.

Tudo o que dizes val muito;
Mas isso so não tem preço.

CANTA CORINO.

« Aqui n'ésta montanha,
Onde este traje humilde e desprezado
Dos homens, não se estranha;
Onde so c' um cajado,

Vence a fortuna um pobre desarmado;
Onde não teem valia
As mais custosas pedras do Oriente;
E as riquezas que cria
O mar, que ousadamente
Commetteu cubiçosa e cega gente:
Aqui n'ésta rudeza,
So de humildes pastores escolhida,
Aonde a natureza,
Ja menos offendida,
Dá doce amparo á desejada vida;
Aqui meu desengano
Gózo contente, e minha liberdade,
Livre daquelle dano
Da cega vaidade,
Que corrompeu nos homens a vontade.
Aqui de burel grosso;
D'aquelle traje nosso
Tam vão, tão mal trazido,
Me vestirei contente e esquecido.
Qual entre a concha amada
A tartaruga tem quieto abrigo,
Não se teme de nada;
E no maior perigo,
Escondida entre si, vive comsigo:
Tal o meu pensamento
Não quero que á ventura o lugar deva:
Que não ha mor isento,
Nem que melhor se atreva,

Que, o que tudo que tem, comsigo leva.
Qual cobra na espessura
Que deixa entre os espinhos esquecida,
A velha vestidura,
E d'ella ja despida,
Como a guia no mar, renova a vida.
Assi quando me vejo
Que começo a viver n'ésta mudança,
Contento meu desejo;
Tróco minha esperança;
Não quero mais de enganos que a lembrança.
A cauta cotovia
Vendo o ligeiro imigo, o vôo nega;
N'elle não se confia,
Com a terra se apega;
Porque alli com as azas não lhe chega.
D'ésta arte se defende
O pastor desprezado da ventura;
Que ella sempre pretende
Descer da mor altura
Quem cuida que no alto se assegura.
Da lan d'este meu gado
Cuberto escaparei, terei socego;
Que n'ella disfarçado,
Em perigo mais cego,
Escapou do gigante o cauto grego.
E o meu desejo acceso,
Que encontrando a razão mal se empregava
Ponha em mãos do despreso

Bens que me procurava,
De liberdade minha, que era escrava.
Adeus doces enganos,
Ja parece razão que vos despida;
Viveis ha muitos anos,
Deixae-me agora a vida,
Que em quanto a vós tivestes, foi perdida. »

BIEITO.

Ah Corino, quem podera
Dizer agora o que sente,
Se so com te ver presente,
A voz não lhe emmudecera!
Confesso que stou culpado,
Mas não ja so de atrevido;
Mil vezes te tenho ouvido,
E so agora escutado.
Quem te trouxe entre pastores,
Onde ésta vida t'estranha?
Que póde dar-te a montanha
Senão rusticos louvores?
Quem não sabe conhecer-te,
Como saberá prezar-te?
Mas inda acertas-te em parte,
Pois vinhas para esconder-te.
Não fies da serra tanto;
Que al vai de vê-la a sentila;
Torna pastor para a vila
E serás na villa espanto.
Não apouques ao teu muito;

Não vivas n'éstas aldeias,
Onde entre as ramas alheias,
Se não conhece o teu fruito.

CORINO.

Louvores mal empregados,
Quando as partes são presentes,
Menos deixam de contentes,
Pastor, que de envergonhados.
Porêm te affirmo, Bieito,
Que n'éstas nossas montanhas,
Ás boas partes e manhas,
Se tem inda algum respeito.
Que eu ja na villa fratei
Muitos mezes, muitos anos,
Truxe d'ella os desenganos
Com que ós matos me tornei.
Aprendi muito, e bradavam
Os mestres para ensinar-me:
Ensinaram-me a queixar-me,
Porque todos se queixavam.
Depois de ter conhecido
Homens, c'o seu proceder,
Aprendi a me esquecer
De quanto tinha aprendido.
Ouvi gabar ésta vida,
Este traje, este cajado;
Busquei-a agora obrigado
Da que ja tinha perdida.
Que inda ca per ésta serra

Se ama o saber, se deseja;
La não lhe deixa a inveja
Logar, em que estê na terra.

Não se tecem ja coroas
Para as partes estimadas;
Entre nós, de envergonhadas,
Se encolhem as artes boas.

Saber, e conhecimento
Fazem ja desmerecer;
De sorte que o não saber
Serve de merecimento.*

* Rodrigues Lobo queixa-se aqui do mesmo mal de que se queixou depois o singelo Francisco Dias Gomes a páginas 143 e 144 de suas *Obras poeticas*. Eis os seus proprios termos:

« Sem vergonha o não digo; é tam desacreditado o conceito que as nações estrangeiras fazem de nossas luzes, que nos reputam quasi barbaros: eu não duvido que haja n'isto excesso; mas infelizmente vemos per casos de pública notoriedade, que a sua opinião não deixa de ter fundamento. Em primeiro lugar vemos, que os maiores homens, que mais honraram a nação com escriptos sublimes, não so não foram premiados, mas publicamente vexados. Camões, o maior poeta da Hespanha, o único, a quem o grande Tasso temia na Europa (como elle publicamente confessava); Camões, esse raro ingenho, de quem a lingua portugueza recebeu todas as graças, fôrça e harmonia de que tanto se abona; e que apezar da mediocridade

Assi que é melhor partido
Ao que busca o que convem,
Enterrar partes, se as tem,
E andar dos outros vestido.

BIEITO.

Afe que não dizes mal!
Quem m'o disse?... ora!... qual dia?
Que o bem ja perde a valia
Porque entre os homens não val.
Cresce a virtude louvada,
A planta favorecida,
A vontade agradecida,

dos talentos, dos que modernamente a tractam, não deixa de se mostrar visivelmente; Camões emfim, esse grande homem, sem o qual não haveria poesia portugueza, a que miserias se não viu reduzido em todo o tempo que viveu! Sendo elle um dos heroes mais valorosos, que passaram á India; o qual por descanço das armas compunha obras immortaes, nunca lhe foi possivel achar um asylo, onde repousasse: e se não fosse o auxílio de um pobre Indio, em quem a fôrça da mais pura amizade fez tanta impressão, que deixando as delícias da sua terra o acompanhou até á morte, terminaria certamente com mais brevidade uma vida, de que tanta glória resultou á sua patria; que tam insensivel foi ao merecimento do mais illustre de todos os seus filhos! Sabem todos que das esmolas, que aquelle amavel Indio grangeiava, quando não tinha trabalho honesto, em que ganhar, se sustentava o grande Camões; tam digno dos maiores applausos,

E a parreira alevantada.
Fui domingo a ver a luta,
E outros, com grande alvorôço;
Vim incantado d'um môço,

tam celebrado dos sabios da Europa, o grande Camões, emfim, acabou a sua tam misera e cançada vida na mais extrema, na mais infeliz miseria. Fernão Lopes de Castanheda, expressamente mandado á India para escrever a história das conquistas e acções memoraveis, que a nação portugueza alli executou, acabou seus dias sendo bedel em Coimbra. O orador Vieira, esse grande homem, que tanto serviu á patria com seus talentos e fadigas, esse genio sublime, que ensinou aos Portuguezes a escrever em prosa, a qual até o seu tempo tinha um andamento equívoco entre a fôrça e a frieza, a magestade e a baixeza, cuja indole elle soube fixar per meio de elegancia contínua, e harmonia propria de seu genero, que trabalhos, que perseguições não soffreu? D. Francisco Manuel de Mello, homem de tanto prestimo nas armas, e tam insigne nas lettras, passou muita parte de seus dias prêso na tôrre de Belem, d'onde são dactadas as mais de suas cartas, que correm impressas. O Garção, insigne restaurador da poesia portugueza nos nossos tempos, acabou a vida no fundo de uma prisão, motivada per causa, de si tam futil, que é vergonha expressa-la. *(E que direi de Francisco Manuel? Leia-se a sua vida impressa em París.)* Outros muitos exemplos poderia apontar, se a brevidade d'este escripto m'o permittisse. Eu julgo, que a nação portugueza padece enfermidade moral a este respeito; porque é

Que alli cantava em disputa.
Dos pastores mais gabados
Tinha ároda mais de mil,
Que ó som de seu arrabil

tam clara, e tam patente a frieza, com que acolhe qualquer homem sabio, que não so parece insensibilidade, mas desprêzo. Isto se mostra por muitas circunstancias: primeiramente teem tam pouco credito os doctos, que o commum da gente os tem por extravagantes, dando-lhes denominações irrisorias, segundo as faculdades que professam; e postoque a necessidade obrigue a tributar algum respeito ao medico, e ao jurisconsulto, não deixam comtudo de lhes testimunhar a sua indifferença, logoque cessa a dependencia. A palavra *mathematico* designa um homem vão, a de *philosopho* um sujeito desconcertado em tudo, a de *poeta* um delirante, um rematado louco, a quem a fortuna constantissimamente castiga com a mais excessiva miseria. É geral a opinião, que todo o saber, por mais agigantado que seja é cousa van, é cousa digna do maior desprêzo se não consegue haveres, e se não vive na opulencia. Jamais se ve um pae, que faça applicar seus filhos aos estudos, que não va com o sentido pôsto no interesse. O amor do saber, glória verdadeira das almas sublimes, eu nunca o vi na minha patria! sim, eu não fallo com rancor; a verdade é quem unicamente dirige a minha penna: ella da mão me caia para sempre, se o sancto influxo da verdade não anima n'ésta hora as minhas faculdades intellectuaes. Quam differente pensam as nações illuminadas n'ésta materia!

Estavam como enlevados.
   Perguntei, vendo occazião,
Onde, e que gado guardava
Entre nós? que eu n'isto dava
Primeira fe de affeição.
   Eis quando alli se murmura,
Que se ia d'éstas aldeias
A buscar terras alheias,
Ou buscar n'ellas ventura.
   Engeitou-lhe a natureza
O bem de seu natural;
Então sustenta-se mal
A arte, onde se despreza.

CORINO.

   As hervas, que os gados pascem
E as flôres que os olhos veem
Mais podêres do sol teem;
Que não da terra, onde nascem.
   O grão que na varzea crece,
Com humidade arrebenta;
O sol cria, o chão sustenta,
Levanta-se e reverdece.
   O enxerto ja crescido
Com sol e agua accomodada,
Se cai sôbre elle a geada,
Secca-se murcho, encolhido.
   O bom natural é parte
Que o desprêzo desanima;
Como a cousa não se estima

Não podes d'ella prezarte.
Vi eu d'isto uma pintura
Com arte e modo extremado;
E se inda stou bem lembrado,
Tinha ella ésta figura :
Um mancebo que encaminha
Voar com desejo acceso,
N'uma mão atado um peso,
Na outra umas azas tinha.
Uma livre, outra sujeita ;
E dizia a lettra assi :
Se ésta pesa contra mi,
Est' outra que me aproveita?
Quanto melhor parecera
Valer menos tudo o mais,
E que ás partes naturais
A mão e o favor se dera.
Em que se hão de conhecer
Os homens, se n'isto não?
Que em fórças vence o leão
E outro animal qualquer.
Nas partes que o mundo preza
Quantas feras vão diante,
No corpo, gesto e semblante,
Nas fôrças, na ligeireza ?
So no saber as vencemos;
Com elle as senhoreamos;
E quantos n'isto encontramos,
Que nos vençam, não soffremos.

D'isto em que o mundo se pos,
Nasce ja, que os animaes,
No que eram tam desiguaes,
Nos podem vencer a nos.
Não posso ter soffrimento
N'ésta queixa, e não me val;
Que acanhe um baixo metal
Um subido intendimento!
Os homens como pintura
Fallam so com o que apparece;
Cadaum monta, e merece
Polas mostras da figura.
Dizem que ja n'outra idade
Fallaram os animaes;
Eu creio que per signaes
Ind' hoje fallam verdade.
Ouvi contar como então
Se fez valente e temido,
Um vil jumento escondido
Nos despojos d' um leão.
Em quanto de longe o viam
Os outros, fugiam d'elle;
Eram milagres da pelle
Do rei a que elles temiam.
Quiz fallar, buscou seus danos;
Que os outros com raiva crua,
Fazem pagar pola sua
Da outra pelle os enganos.
Quantos ha na nossa aldeia

Leões e lobos fingidos,
Que houveram de andar despidos
Senão fôra a pelle alheia!
   Sem saber, sem consciencia!
Andam com ella entre nos;
Conhecen-os pela vos,
Honran-os pola apparencia,

BIEITO.

O bom tempo é ja perdido;
N'este de agora em que stamos,
Taes somos, quaes nos mostramos
Ou no tracto, ou no vestido.
   Vendem-se as mostras de fora;
Al era no tempo antigo:
Deus dê repouso a Rodrigo;
D'isso canta, e d'isto chora.
   Eram tempos desiguais;
Tractava a sorte melhor;
Se as partes davam louvor,
Não lhe negavam o mais.
   Se Franco cantava bem
Era por isso estimado;
E hoje quiçá é culpado
Por essa parte que tem!

CORINO.

   Muitos annos ha que dura
O queixume em toda parte,
De ver que não póde a arte
Vencer em tudo a ventura.

Mas se houve alguns queixosos
N'esses bons tempos passados,
Quantos houve levantados?
Quantos houve venturosos?
Com muitos provara o dito,
Mas calo-os; porque em respeito
Contar poucos, é defeito,
E todos, fôra infinito.
Não dêmos culpa á idade,
Comtudo, que é desacerto:
Temos a causa mais perto,
Porque é nossa infermidade.
Que este desprêzo que vemos
Do bom saber, da boa arte
Não se usa em toda parte
So na terra, onde nascemos!
Nas outras inda se preza
(E não sei se diga mais)
Nós, e os nossos naturais,
Somos de má natureza.
Queremos gran' mal ao bem,
(Se isto se póde dizer!)
Somente polo querer
Aquem o merece e tem.
Verás um pastor dotado
De mil graças excellentes,
Andar entre as nossas gentes
Assi como homiziado!
Descontente e mal vestido,

De encolhido não se atreve;
E assi como homem que deve,
Sempre so, sempre escondido!
É a causa que lhe sobeja,
Porque traz em companhia
Saber, que é mercadoria
Que deve muito á inveja.*
Coitado do passarinho
Que nasceu no valle escuso,
Onde nem canta per uso,
Nem ha quem lhe saiba o ninho!
Coitado do que nasceo
N'ésta nossa terra ingrata,
Que tam mal conhece e trata
Bens da sorte, e dões do ceo!
Que o mais honrado e mais dino
Polas partes naturais,
Não lhe serve de ser mais,
Senão de ser mais mofino!
Sempre cai, sempre periga
No que ama, no que procura;
Faz-lhe acintes a ventura,
Que é declarada inimiga.
De tudo lhe nega o fruito;
Se com pouco se sustenta,
É-lhe do pouco avarenta;

* Todas éstas quadras conteem amargas verdades, certo bem estranhas aos estrangeiros que as lerem!

E se de muito, é de muito.
Agua, fogo, terra e ar,
Sol, estrellas, astro e norte,
Tudo lhe negara a sorte
Se lh'o podera negar!
E os homens por condição,
Ao que devem mor coroa,
Se lhe vêem vir sorte boa,
Vão-lhe mil vezes á mão.
E qualquer que a causa seja
É bem baixo o fundamento,
Ou de fraco intendimento,
Ou de mui forçosa inveja.
Vão mil per este caminho
De erros, que eu contar não posso:
Pêza-nos do bem que é nosso
Quando o vemos n'um vizinho!
Ouvir qualquer estrangeiro
Fallar de seus naturaes,
Dá d'elles tam bons signaes,
Que o não teem por verdadeiro.
Fallem-vos n'um natural,
Dizeis faltas que não tem:
Mente o outro para bem,
Nós mentimos para mal!
Deixemos para outro dia
Os queixumes que é ja hora;
Que a meu pezar deixo agora
A elles, e a companhia.

ALEIXO.

Da tua é para sentir
A perda; mas bens não duram,
Porque os muitos que os procuram
Os teem afeito a fugir.
Comtigo iremos andando,
Que isto tambem foi partido;
E pois o valle é comprido,
Bem podemos ir cantando:
Que eu quero da minha parte
Mostrar que na voz me atrevo;
E senão pago o que devo,
Mostro que não sei pagarte.

CORINO.

Tu farás como eu presumo,
Que é como o melhor da aldeia.

ALEIXO.

Ante ti quem não receia?
Quanto mais eu que o costumo.
Vamos, qu'eu quero ir diante
Per este caminho estreito:
Torna a novilha, Bieito.

CORINO.

Chega manso, não s' espante.

CANTIGA.

— « Pois teu mal ja não tem cura
Não te queixes por custame.

— « Deixa-me, Gil, o queixume
Em vingança da ventura.
— « Os teus suspiros em vão;
Nas costas lhe vão ferindo;
Mas quem mente, e vai fugindo
Mal póde ouvir a razão.
— « E senão tens outra cura,
Deixa ora esse mau costume.
— « Não quero mais que o queixume;
Tudo o mais deixo á ventura.
— « E has de tirar algum fruito,
Se a razão te for ouvida?
— « Fazê-la ficar corrida,
De eu ter em pouco o seu muito.
— « Se todo o mundo procura
Seus bens, que faz teu queixume?
— « Desenganar ó costume,
E ós enganos da ventura.
— « Dirá que os bens que te nega,
Te fizeram magoado;
— « E eu por me ver vingado,
Dir-lhe-hei em que os emprega?
— « E em que cousa se assegura
Tua vida, e seu costume?
— « Em dizer-lhe o meu queixume,
E a mi a minha ventura.

Francisco Rodrigues Lobo.

ECLOGA XV.*

A GRATIDÃO.

TITYRO. AMINTAS.

Salve, cantor do Tejo, brando Amintas,
Que á sombra d'estes álamos frondosos,
Em quanto as trepadoras cabras pascem,
Pelas alpestres brenhas penduradas,
Do mato agreste as amargosas folhas,
Queixoso tócas a silvestre avena,
Fazendo resoar no fundò valle
O nome de Amaryllis bella e dura;
Deixa de amor os languidos queixumes,

* O influxo que Domingos dos Reis Quita teve para a poesia, principalmente pastoril, era tam cadente e copioso, que bem mostrava haver recebido os seus preceitos menos da arte, que da natureza. As suas *eclogas* e idyllios servirão eternamente de honorífico ornato no templo de Apollo: n'elles competem a elegancia e harmonia do metro com a novidade das ideias, e delicadeza dos conceitos.

PEDEGACHE, *Vida de Quita*.

Louco emprêgo da cega mocidade,
Que debaixo do louro, com que a fronte
As campestres camenas te cingiram,
Ja te alvejam, pastor, as cans primeiras;
Ja teu sisudo rosto, bemque liso,
A sazão mostra da madura idade.
C'os aromas da candida innocencia
Perfuma a doce frauta; brandos versos
Canta em louvor de Ceres e Pomona,
Dos campos divindades tutelares.
Sim, caro filho, que chamar-te filho
Bem póde o velho Tityro: tu sabes
Que eu fui quem te adestrou nos verdes annos
Os tenros dedos á delgada frauta.

AMINTAS.

Ah venerando velho! que alegria
Me banha o coração! vem a meus braços:
Ja longos tempos ha, que te não vejo.
Como os enfermos annos te encurvaram!
O corpo enfraquecido póde apenas
No cajado nodoso sustentar-se!
A sombra d'éstas árvores copadas
A suave repouso te convida.
Aqui te assenta sôbre a molle relva:
As leves azas zephyro banhando
Nas claras aguas da serena fonte
Refresca lisongeiro o verde prado,
Embalsamando os respirantes ares
C'os puros salutíferos perfumes

Do rosmaninho, e do cheiroso trevo.
Mas como cantarei, pastor antigo?
Pastor do feliz tempo da innocencia.
Como dos campos cantarei os deuses
Que parece, que ja da selva amena
Para a celeste habitação fugíram,
Do contagio dos vicios, temorosos?
Tu não ves as sazões desconcertadas
Os ja vingados fructos malograrem?
Mudada a primavera em frio hinverno
Os campos inundar? a voraz cheia
Do Tejo povoar as ricas margens
Co' as medonhas mortíferas serpentes,
Que desaloja das immundas covas?
Não ves dos aquilões o bafo ardente
Aos rebanhos roubar o tenro pasto,
Afugentando os humidos favonios
Da crestada campina sequiosa?
Ah, que os deuses o mundo desemparam!
Surdos a nossos rogos não escutam
Da humilde frauta os rusticos louvores!
Pastor, em quanto as candidas virtudes
Habitavam do bosque o sancto asylo,
Amalthea benéfica espalhava
O retorcido cofre pelos campos.
Sagrados hymnos e canções devotas
As pastoris camenas alternavam.

TITYRO.

Amintas, as fataes calamidades,

Que mandam sôbre a terra os justos deuses,
São como a fuzilante trovoada
No seio ardente do verão calmoso,
Que o raio destruidor bramindo lança,
E junctamente a saúdavel chuva,
Que o ar refresca, as plantas vivifíca.
Da fonte incorruptivel da virtude
Mil perennes regatos se derivam:
Per limosos caminhos uns correndo
Em lagôas immundas se confundem;
Mas outros, bemque poucos, sempre puros
Immaculados campos fertilizam.
Não julgues, que a fructífera semente,
Que derramam dos ceos as filhas caras
De todo se extinguiu na verde selva
Da zizania pestífera infestada.
Ólha a casta cabana do bom Silvio,
Asylo das virtudes, e das musas,
E verás, que propicios sempre os deuses
Da habitação do justo não se afastam.
Não ves como seus campos fructificam,
Apezar da geada e sêcca ardente?
Não ves como as lanígeras manadas
D'este sabio pastor os montes cobrem,
Sem que o lobo faminto, ou ar corrupto
Com lastimoso damno lh'as offenda?
Não ves soprar em vão a tempestade
Contra as amenas árvores frondosas,
A cuja sombra placido descança?

AMINTAS.

Caro Tityro, o nome do bom Silvio
No brando coração impresso trago :
D'esse cantor, a quem a doce boca
C'o mel hyblen as musas perfumaram :
As candidas virtudes resplandecem,
Como na escura noite a labareda,
Que em seccos ramos ateiada brilha.
O pastor Silvio d'estes campos glória,
Do pobre Alcino virtuoso amigo,
Será no patrio Tejo celèbrado
Em quanto os montes verde pasto derem :
Porque benigno acolhe as castas musas ;
Porque a virtude préza, bemque a veja
Mendiga errar da sorte perseguida.
Ves a planta fructífera e frondosa
Dar liberal os sazonados pomos,
E a fresca sombra ao lasso caminhante?
Assim costuma o generoso Silvio
Servir de abrigo a tristes desgraçados.
Aquelle novo plátano, que a fonte
C'os verdes ramos a cubrir começa,
Consagrou a seu nome o grande Alcino;
E parece que emtôrno á sacra planta
Gyra da gratidão a divindade,
Inspirando benigna um sancto mêdo.
Ja quando o sol tocando as brancas ondas
Com roixa luz os verdes cumes doura,
Alli cantar costuma o grato Alcino

D'este pastor benéfico os louvores.

TITYRO.

Eu ja cantar ouvi a bella história
Do piedoso Silvio com Alcino;
Mas conta-ma de novo, que os auspicios
Da generosa candida amisade
De um celeste prazer meu peito inflammam.

AMINTAS.

O pobre Alcino, cuja doce avena
É nas margens do Tejo celebrada,
Vive em miseria extrema; que a fortuna
Rebanho, nem cabana lhe consente.
Uma cavada brenha tenebrosa
É do infeliz pastor o triste abrigo.
Alli sôbre as agrestes sêccas ramas
Entregue ao somno brando, da fadiga
De seus duros cuidados descançava,
Quando mordaz serpente venenosa
Lhe fere o corpo com a boca infesta:
O veneno as entranhas contamina;
Mortaes dôres o misero devoram;
E ja da feia morte as tristes sombras
O placido semblante lhe cubriam.
Silvio então com benéfica piedade *

* Aqui o poeta, sob o nome de Alcino, allude á benignidade com que o doctor Balthezar Tara o acolheu, e curou de uma tisica, que o pos ás portas da morte.

Prompto soccorre o moribundo amigo;
Devoto se apresenta ao deus da selva,
E diz: « Ó sacro Pan! livra da morte
O miserando Alcino, que eu prometto
Sacrificar-te cinco gordas cabras,
E manchadas de branco, tres novilhas. »
Pan o voto sincero ouviu propício:
O misero pastor, que enfermo geme,
Subito respirou do risco salvo!
E Silvio, as curvas pontas enramando
Das consagradas victimas com flôres,
Sacrificou contente cinco cabras,
E manchadas de branco, tres novilhas.

TITYRO.

Amintas, as virtudes do bom Silvio
São dignas d'esse eterno monumento,
Que a gratidão de Alcino lhe consagra.
D'estes pastores a famosa história
Os olhos me arrasou de terno pranto.
Estes são os mortaes que os deuses amam,
E que apezar do tempo o mundo chora;
Mas fica em paz; adeus, Amintas caro,
Que eu tenho que passar além da serra;
E para os tardos passos da velhice
Qualquer caminho é longo e trabalhoso.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

ECLOGA XVI.

ERYMANTHO.

Era alta noite, e as aguas prateava
A taciturna irman de Phebo loiro;
O favonio no bosque sussurrava;
Guinchava o mocho com funesto agoiro:
Quando o afflicto Erymantho, a quem cercava
Triste o seu gado juncto ao claro Moiro,
Cheia de dor a alma, e os olhos d'agoa,
Assim desabafava a sua magoa:

Sai, casta Phebe, os campos allumia
D'esse estrellado e crystallino assento;
Emtanto, aqui cercado de agonia,
Em vão queixas espalho ao surdo vento.
Ide, ovelhas, pascei a relva fria;
Basta que eu soffra so o meu tormento.
E tu té-gora usado em ledo canto,
Acompanha, rabel, meu triste pranto.

Lydia se dá ao rustico Falcino;
Lydia mais bella que a manhan rosada!
Oh eleição e gôsto peregrino!
Como serás das nymphas invejada,

Lydia! scolhes pastor do que eu mais dino;
Ja tens a tua sorte melhorada.
A quem não causará a troca espanto?
Acómpanha, rabel, meu triste pranto.
Tu deixas por Falcino monstro horrendo
Meu doce verso e canto sonoroso?
Por Falcino (ah não creio o que stou vendo!)
Fero no trato, esqualido e nojoso!
Que crueis magas entre si fazendo
Incanto indissoluvel e forçoso,
Louca pastora, te hallucinam tanto?
Acompanha, rabel, meu triste pranto.
Ja sei quem é amor: deus inhumano
De um penedo no Caúcaso nascido,
De uma tigre feroz no monte hyrcano
Entre feras selvaticas nutrido;
D'elle so nasce, Lydia, o teu engano;
D'elle é o meu tormento procedido,
E não de inextricavel forte incanto.
Acompanha, rabel, meu triste pranto.
A quanto o impio amor, a quanto obriga
Uma alma de seus fogos abrazada!
Diga-o a mão, que o Cerbero sujiga,
Em feminis officios occupada
Do grande Alcides! Cytherea o diga
Buscando entre a lanígera manada,
Amorosa, um pastor do louro Xanto!
Acompanha, rabel, meu triste pranto.
A Falcino se dá Lydia formosa,

Ao mais torpe, mais çafaro cabreiro!
Que cousa se terá por fabulosa
Dos que vivem de amor no captiveiro!
Junctem-se o fero abutre co'a mimosa
Pomba, a ovelha c'o lobo carniceiro:
Ja do maior prodigio não me espanto.
Acompanha, rabel, meu triste pranto.

Agora vejo o quanto me enganavas
Quando, co'a tua mão á minha unida,
Polas claras estrellas me juravas
De me seres leal em toda a vida.
Teme, cruel, de quem então zombavas
A pena do perjurio merecida;
Se justiça la mora no ceo santo.
Acompanha, rabel, meu triste pranto.

Ah triste de quem põe sua ventura
Em peito feminino! mais mudavel
Que as folhas agitadas na espessura
Pelos sopros do zephyro incançavel;
Mais que o mar, inconstante por natura,
E mais que de Ixion a roda instavel
No reino do severo Rhadamanto.
Acompanha, rabel, meu triste pranto.

Verás colhêr, Serrano desditoso,
A rude mão de sordido avarento
Os fructos que regaste carinhoso
Com lagrymas de amor e casto intento?
E da esperança o teu jardim viçoso
Murchar dos zelos o empestado alento.

Com rosto enxuto soffrerás emtanto?
Acompanha, rabel, meu triste pranto.
Ah! não soffPramos, não; antes busquemos
Longe de Lydia a serra mais fragosa;
E um eterno adeus á patria demos.
Mas la assoma Venus luminosa
No alto pico da serra!... Caminhemos
Para o aprisco, manada lastimosa,
Antes que a aurora rompa o negro manto.
Deixa ja, meu rabel, o triste pranto.

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES.

Idyllios.

TIRCEA.*

Ja la sinto rugir das aveleiras
As boliçosas folhas; ja escuto
Um rumor leve de subtis pizadas;
Entre as confusas ramas ja diviso
Mover-se um vulto; se virá Tircea!
Por mais que affirmo a vista não distingo.
Ora la se encubriu agora a lua.
Mas, oh quanto o desejo vão me engana!
Uma ovelha é perdida da manada;
La vai balando pelo valle abaixo.
Mas eu deliro, ou sonho? Que pondero?
Oh quanto da saudade o golpe fero
Nos sentidos me opprime, e me confunde!

* O simples, o harmonico, o elegante Quita agourou os mais felizes progressos á poesia campestre. Os seus famosos *idyllios* respiram todo o espirito de Gesner.

J. M. da Costa e Silva.

Eu não julgava agora, que este valle
Era aquelle feliz e deleitoso,
Onde a minha pastora sempre spero?
Que ésta sonora fonte, que murmura
Entre cheirosas flôres e verdura,
Cuberta de sombrios arvoredos,
Era aquelle logar, aonde a calma
Costumamos passar da ardente sésta?
Quem viu ja phantasia mais confusa!
Oh poderoso amor, quanto me enleias!
Oh quem pizara agora os venturosos
Campos, que os resplendores luminosos
Dos olhos de Tircea estão gozando!
Quem víra agora o seu formoso rosto!
Oh quem sequer ao menos escutara
Os conhecidos ladros, os balidos
De suas ovelhinhas e rafeiro!
Oh duras penhas, oh sombrios valles,
Que meus saudosos ais estais ouvindo!
Se agora aquelles bellos olhos visseis,
Por quem meu coração tanto suspira!
Vericis derepente a roixa aurora
Verter o fresco orvalho sôbre as flôres;
Raiar o louro sol nos horisontes;
E enriquecer de luz os altos montes.
Parece-me, Tircea, que te vejo
Deixar na fonte o cantaro vasio,
E na mais alta penha d'essa praia
Subida estar os olhos estendendo,

Cheios de pranto para as altas serras,
Onde tam larga ausencia estou chorando.
Que saudosa d'alli estás chamando:
« Alcino, Alcino, quem de mim te aparta ? »
Parece-me que te ouço a voz magoada
Ja de ingrato accusar-me, de esquecido :
Que vais depois ao valle suspirando,
E que alli muitas vezes estás lendo
Os amorosos versos, que nos troncos
Eu escrevi na amarga despedida.
Oh pastora mais firme do que os montes !
Mais amante, mais terna do que as rôlas!
Mais perfeita, mais candida e formosa,
Que a pura neve, que avermelha rosa!
So por ti, eu o juro a éstas penhas,
So por ti hade amor dentro em meu peito
Cravar as settas, accender as chammas.
So por ti meus suspiros serão dados;
So por ti chorarão de amor meus olhos :
Meus olhos, que por esses tam formosos
Agora estão chorando tam saudosos.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

IDYLLIO II.

TRESEA.*

Do mais alto do ceo vinha descendo
Com profundo silencio a noite escura,
No horizonte altas nuves * involvendo:
Zunía pelos ramos da espessura,
Do vento o rijo sôpro, o mar bramia
Em vão batendo n'uma rocha dura,
De um denso nevoeiro se cubria
A lua, e fuzilar de quando em quando
O lume dos relampagos se via.

* Sem embargo da bella dissertação, sôbre o estylo pastoril, que Diniz recitou na Arcadia em 30 de setembro de 1757, quam longe está inda este poeta d'aquella amavel singeleza, d'aquella amenidade, e frescura de colorido, que constitue o principal merito das *eclogas* de Bernardes, Camões, e Quita!

** Antonio Ribeiro dos Santos, na sua versão das odes de Horacio, usou tambem de *nuve* sem *m*.

. . . . . . Que alfim venhas
Rogamos, agoureiro Apollo, ornado
De *nuve* os alvos hombros.

Das tristes aves o nocturno bando
Estava pelas selvas, a tristeza,
Com guinchos alternados, augmentando:
Quando sai de uma barca a um tronco preza
Amiclas pescador, que seu cuidado
Mais que descanço, mais que a vida, preza:
E subindo um penhasco alcantilado
Que sôbre o largo rio está pendente,
Depois de um breve espaço estar calado;
Um suspiro arrancando d'alma ardente,
Começou de Tresea a lamentar-se,
Como se ella estivera alli presente.

AMICLAS.

Ah Tresea cruel! onde encontrar-se
Poderá creatura mais tyrana,
Mais fera do que tu? onde hade achar-se?
Não es nascida, não, de gente humana;
Antes por mal tiveste alguma fera
Das que cria em seu seio a selva hyrcana.
Es mais dura que as penhas, es mais fera
Que os lobos d'esse mato, e mais furiosa
Que as ondas d'este mar, quando se altera.
Que monta, que em fazer-te tam formosa
Se esmerasse benigna a natureza,
Se te deu condição tam rigorosa?
O dia de bonança na belleza
Vences, nympha cruel, mas na piedade,
Do bravo pego excedes a braveza.

Tu ouves os suspiros sem piedade:
Mais surda do que o mar embravecido,
Do que o vento na horrenda tempestade:
Por teus olhos gentis ando perdido;
As redes deixo, deixo a pescaria,
Do que me importa mais, mais esquecido:
E tu deixas Amiclas, que algum dia,
Se credito mereces, aleivosa,
Era so teu prazer, tua alegria.
Quem Tresea, te fez tam rigorosa?
Quem tua liberdade, ingrata, prende,
Que te impede comigo ser piedosa?
Dize, amada pastora, em que te offende
Meu amor, mais constante que os rochedos,
Que debalde abalar o mar pretende?
Os teus olhos gentis não vi ja ledos
De meus males moverem-se piedosos?
Ah, se fallassem, nympha, estes penedos!
Quantas vezes os ventos revoltosos
Ouvindo teus suspiros se amansaram!
E os nomes que me davas tam mimosos!
Quantas vezes as aves se calaram
Somente por ouvir nossos amores!
E que doces ternuras que escutaram!
Quantas vezes do prado as várias flores
No candido regaço me trazias,
Doce prémio de meus doces amores!
Tu mesma com as conchas que colhias
Per entre a ruiva areia, não formavas

Capellas com que a fronte me cingias?
  E que vezes na praia me adjudavas
As redes a puxar cheias de peixes,
Que logo em lentos juncos enfiavas?
  E pôde ser que assim hoje me deixes!
Com que causa, infiel, com que motivo?
Que razão tens porque de mim te queixes?
  Não sou eu, como d'antes, teu captivo?
Não sou o mesmo a quem terna juraste
De amar sempre constante, ou morto ou vivo?
  Aqui mesmo, aqui mesmo m'o affirmaste;
E por signal de nunca ser alhea,
A minha mão com a tua me apertaste.
  Disseste: « Quando vires, que Tresea
Muda, querido Amiclas, de desejo,
Verás tornar atrás do Tejo a vea. »
  Inda atrás não volveu o claro Tejo;
Inda não busca as serras d'onde mana;
E a constante Tresea sem fe vejo.
  Ah pastora cruel, ah deshumana!
Assim guardas a fe, que prometteste?
Assim um puro e firme amor se engana?
  E como tam depressa te esqueceste
D'este teu pescador, d'aquelle extremo
Com que algum dia, ingrata, lhe quizeste?
  Ah Tresea, Tresea! e quanto temo
Castigue amor cruel tantos enganos!
Oh! que so em cuidá-lo, por ti tremo!
  Então talvez verás, em os teus danos

Que amor, em que tyranno, * de ira armado,
Tembem costuma castigar tyranos.
Se o cabello dos ventos erriçado,
As mãos das ondas crespas, e engelhadas,
E se o rosto do sol tenho queimado;
Se por isso de mim te desagradas,
Não fui eu sempre assim quando me amaste?
De mim não ves mil nymphas namoradas?
Pherusa, que tu mesma me gabaste,
E as tranças tem da cór do fino ouro,
Não me busca depois que me deixaste?
Capellas não me traz de murta e louro?
Não me pede que cante, e me assegura
Que estima mais meus versos, que um thesouro?
E eu por guardar a fe constante e pura
Que uma vez te jurei, as suas prendas
Não desprézo, com tanta formosura?
Não, amada Tresea, não me offendas;
Pois de rigor tam fero e desusado
Talvez que em vão um dia te arrependas.

* *Em que tyranno* vale o mesmo que *póstoque tyranno.*

Eu vivia de lagrymas isento
N'um engano tam doce e deleitoso,
Que, *em que* outro amante fôsse mais ditoso,
Não valiam mil glórias um tormento.
Camões, *Soneto VII.*

O poeta podia dizer — *bemque tyranno* — mas o *em que* parece ser mais chegado ao estylo que segue.

Se ando de anzoes e naças rodeado,
Tambem foi pescador Glauco, e agora
É do mar entre os numes venerado.
Ah! torna, bella nympha, aquem te adora,
A quem por ti perdeu o siso e o tento;
E da barca, e* de mim, serás senhora.
Temes talvez o mar, e o sôlto vento?
Mas tu não es a mesma, que gostavas
De ver um tempo em crespo movimento?
E nas manhans serenas não buscavas,
Quando mal bafejava o vento manso,
A minha barca, e n'ella te embarcavas?
As redes não lançavas no remanso
D'este pego, e depois voltando á terra
Contentes não tiravamos o lanso?
Pois quem d'ésta ribeira te desterra?
Que te aparta de mim? meu pobre estado?
Oh quanto n'isso a tua ambição erra!
Amor, Tresea, amor mais estimado
Deve ser do que todas as riquezas
Que a terra occulta em sí, e o mar salgado.
Lamor, a quem talvez tu hoje prezas,
É mais rico do que eu? tem mais amanho?
Assim cuido que o crês, pois me desprezas.

* A copulação das conjunções no principio e fim do verso, é um bello artificio admittido pelo poeta Ferreira na metrificação portugueza, tam seguido pelos homens de gôsto, como ignorado da metromania dos ignorantes.

Mas não ves, que se é dono de um rebanho,
Eu o sou de uma barca, e das melhores
Redes, com que em cardume o peixe apanho?
Se elle vence na lucta os mais pastores,
Eu excedo, nadando, a ligeireza
Dos delphins mais velozes nadadores.
Se a frauta e lyra tange com destreza,
E se suspende os passaros cantando,
Quem de cantar melhor do que eu se preza?
O peixe o diga d'este pego brando;
Pois se canto de ti enternecido,
Por me ouvir, fóra d'agua anda pulando.
Muitas vezes cantar me teem ouvido
Os pastores do Menalo afamados,
E entr' elles o meu nome é conhecido.
Deixa, Tresea, os bosques, deixa os prados,
Volve a ver éstas ondas, e ésta praia,
Que está por ti chamando em altos brados.
A linha aqui á sombra de uma faia
Na sésta deitarás, e em quanto dura,
No anzol esperarás que o peixe caia.
Aqui ao som do Tejo que murmura
Me ouvirás descantar a toda a hora
O meu amor e a tua formosura.
Torna, torna cruel a quem te adora,
Agora que o mar dorme socegado,
E os montes vem dourando a roixa aurora.
Um ramoso coral tenho guardado,
Eu nadando o ganhei, e a teu respeito

Por elle ricos dons hei desprezado.
  As curvas barcas vão com vento feito
Em branca escuma as ondas dividindo,
E cantando o arraes ao mar afeito;
  Com seus raios a aurora o mar ferindo,
Faz que as aguas pareçam prateiadas,
Que com surdo rumor se estão bolindo.
  As praias de conchinhas esmaltadas
Com a trémula luz estão brilhando,
Que sai d' entre as nuvens matizadas;
  Pelos ramos os passaros saltando,
Festejam com suavissima harmonia
A luz, que no horizonte vem raiando;
  Nunca amanhecer vi tam ledo dia!
Deixa, Tresea, os gados, e a espessura,
Vem comigo gostar tanta alegria.
  D'ésta praia a gozar vem a frescura,
Da aurora em quanto o humido rocio
D'éstas rochas nos verdes musgos dura.
  Deixa o bosque, e terás o senhorio
De minha barca e rede, e quanto occulta
Em seu dourado centro o claro rio.
  Sai pastora, sai ja da mata inculta;
Repara que costuma entre a verdura
A cobra venenosa estar occulta.
  Ah desgraçado Amiclas! que loucura
Te priva da razão, tanto te enlea,
Que o tempo perdes, perdes a ventura!
  O vento á popa está, a maré chea,

Alicuto e Lycotas esperando,
E tu inda não deixas a Tresea?
Ve que a cruel de ti anda zombando:
Vamos deitar as redes no alto pêgo,
Que o trabalho ao amor irá gastando,
E a cobrar volverás o teu socêgo.

DINIZ.

Tambem o admiro, e inda direi que o amo,
Quando assim nos conserva a singeleza
Dos costumes dourados da era antiga,
E soprâ a avena, que soprou Virgilio.
Então me é grata a vida campesina,
Então gados, lavouras me são gratas;
Creio-me entre pastoras, pelos bosques
Dançando á argentea luz da clara Phebe;
Vejo os rios ir mansos passeiando
Per entre verdes florescentes margens:
Aqui louras espigas encurvadas
C'o pêso do pardal, que as depenica;
Alli frondentes faias sombreando
Ora o zagal saudoso, enamorado,
Ora os rebanhos da calmosa ovelha.
Tu que pintas assim, es vate, Elpino!

FRANCISCO MANUEL.

IDYLLIO III.

TRITÃO.*

Á foz do Tejo, em bronca penedia,
Minada pelas ondas salitrosas,
Prisioneiro de amor, Tritão gemia.
Luziam-lhe as espadoas escamosas,
Sustentava o maritimo instrumento,
O buzio atroador, nas mãos callosas:

* Bocage teria sido o principe de nossos poetas bucolicos, se quizesse imitar a delicadeza e natural simplicidade, a que abríra exemplo o feiticeiro Quita. Porém subjugado, talvez, pela opinião, modelou-se pelos quinhentistas, e veio a ficar no segundo lugar quem devia senhorear-se do primeiro. Em vez de copiar a natureza, copiou, e até direi, aperfeiçoou Camões, Bernardes e Fernão Alvares; que elles mesmos tinham copiado Sannazaro e Buscan. Eu não o accusara de se elevar em demasia, se *Tritão* fosse o actor de todos seus *idyllios*; antes com todas as pessoas de gôsto, ólho o que tem este titulo com uma de suas melhores producções.

J. M. da Costa e Silva.

Conchas da côr do líquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Igual na ligeireza ao proprio vento :
Da barba salsas gottas lhe caiam,
E nos olhos, que amor afogueava,
Em borbotões as lagrymas ferviam.
Lilia que um bosque proximo habitava,
Lilia a napeya desdenhosa e bella,
Amorosos clamores lhe arrancava;
Um dia a viu na praia, e so de vella
Seu coração feroz enfeitiçado,
Voou, gemendo, para os olhos d'ella.
Das entranhas do pelago salgado,
Louco de amores, louco de saudades,
O queixoso amador tinha saltado.
Do pae, que abafa as negras tempestades,
Ja seu voraz tormento era sabido,
E das outras equoreas divindades.
De aereas esperanças illudido,
Gran' tempo seu espirito saudoso,
Rastejando a cruel, vagou perdido :
Gran' tempo glórias vans sonhou teimoso,
Antes que désse fructuosa entrada
Ao acre desengano o peito ancioso.
Ja pela transparente immensa estrada
No coche rutilante o sol corria
Apos a aurora candida e rosada:
Quando involto nas sombras da agonia

Ao vento derramava o deus amante
Taes queixas, que eu não longe occulto ouvia:
Lilia! Lilia! ah cruel! ver um instante
Teus olhos garços, tuas louras tranças
Para meu lenitivo era bastante.
Ardo, chóro, e não vens, e não te amanças?
Oh ceos! talvez nos braços cabelludos
De vil bicorneo satyro descanças!
Fera, peior que os jacarés sanhudos,
Rirás, talvez, com elle, em quanto abalo
Com meus suspiros os penhascos mudos!
Ah! de zelos freneticos estalo,
E doces illusões desvanecendo,
Na desesperação o inferno igualo.
Quantas serpes contem seu bojo horrendo
Véem cravar-me o lethal maligno dente
Pelas entranhas que me estão fervendo.
Como te soffre o ceo, como consente,
Que ultrajem teus desdens a prole augusta
Do numen que maneja azul tridente!
Não ponderas quem sou, barbara injusta!
Se o meu rendido amor te não commove,
Nem meu grande podêr sequer te assusta!
No mar á minha voz tudo se move:
Eu aos deuses undívagos intimo
Altos decretos do ceruleo Jove.
De Eólo as furias em tam pouco estimo,
Que até na horrivel sinuosa gruta
Com cem cadeias os tufões lhe opprimo.

Muge o mar, treme a terra, o ceo se enluta
Apenas tempestade apregoando,
Este meu buzio concavo, se escuta.
Tambem, se quero, os duros sons lhe abrando;
E os magos versos do cantor de Thracia
Vou no rijo instrumento arremedando.
E desprezas-me ainda, e tens a audacia
De regeitares com suberbo enfado
O filho de Neptuno, e de Salacia?
Em que, nympha cruel, te desagrado?
Que te afugenta? as lucidas escamas,
As verdes conchas de que estou forrado?
Pois isto, que, por feio, em mim desamas,
E que te obriga a nunca me escutares,
Gera em mais docil peito ardentes chamas.
Oh quantas vezes sai dos vitreos lares
So para ver-me Arginia, que em se rindo,
Enfreia os ventos, agrilhoa os mares!
A Doris, á benigna mãe fugindo,
Brando affago me traz no lacteo rôsto:
O teu, vaidosa, o teu não é mais lindo!*
Mas a esses doces mimos sempre oppôsto;
Acha meu coração, que foge d'ella,
E vem sacrificar o amor ao gôsto.
Debalde a triste nympha se desvella
Em finezas e em lagrymas, que tudo
Engeito por amar-te, ó dura! ó bella!

* Que bellissimo verso!

C'um semblante enrugado e carrancudo,
Lhe atalho os ternos ais, e, se porfia,
Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.
Oh pasmo! Nem Proteu pensar devia,
Que eu por uma campestre semidea
A prole de Nereu desprezaria!
Mas ah! ja sinto amor, que me refrea
A petulante voz. Não mais, perdoa
Á desesperação, gentil napea.
Para meus braços amorosos voa,
Voa, e verás então, que alegres hinos
Meu rude buzio, respirando, entoa.
Depois de ouvires os meus sons divinos,
Mergulhando comigo, iras sem medo,
Aos magestosos paços neptuninos:
La no seio de um concavo rochedo
Jaz de meu pae a esplendida morada,
D'onde, para te ver, saí tam cedo:
De ouro, e saphyras altamente obrada,
E de lustrosas conchas de mil cores
Com mimoso artificio variada,
Attrairá teus olhos, e os amores,
Que te acompanham, lograrão, pasmados,
Mais prazer entre as aguas, que entre as flores.
Alli sôbre diaphanos estrados
Oh Lilia! a par de Thetis e Amphytrite
Repousarão teus membros delicados.
Em honra tua festival convite
Farei aos patrios deuses: o meu gôsto

Nos mesmos immortaes inveja excite :
Meu venerando pae, no solio pôsto,
Com grave riso e placida alegria
A senil ruga alizará no rôsto !
Rubros coraes, fulgente pedraria
Te offrecerá nos candidos regaços
A chusma das nereidas á porfia :
Aquella mesma, que em gostosos laços
Pertende unir-me a si, teus olhos vendo,
Confio, que te aperte entre seus braços :
Tanto podêr terás ! Ah! vem correndo,
Que ja seus raios de ouro o sol dardeja
Do ethereo carro, o mundo esclarecendo :
Punge os ethontes, como que * deseja
A quéda anticipar nas aguas, onde
De perto, nympha, tuas graças veja.
Vem, pois, incanto meu, vem, corresponde
Ao fervoroso amor, em que me inflamo ;
Sai d'entre a basta selva, que te esconde.
Mas ai, que em vão te rogo, em vão te chamo!
Nem fazes caso de meu ser divino,
Nem das lagrymas tristes, que derramo!
Peito insensibil, peito diamantino,
As maviosas preces da ternura
Não amaciam teu rigor ferino!

* Ésta locução sempre foi muito mimosa de Bocage, porque d'ella usa a miudo : não me lembro de a ter lido em auctor classico.

Ah! basta de cegueira e de loucura,
Basta de suspirar, paixão funesta:
Quem hade n'uma penha achar brandura?
Vibora, que jazeis n'essa floresta,
Vingai-me, envenenae c'o tenue dente
A ingrata que me foge, e me detesta:
Sinta rabidas ancias, como sente
Meu triste coração de amor ferido,
Atassalhado de peior serpente....
Mas não: furias do inferno, eu vos convido;
Sois mais dignas de mim: de vós se vale*
Um deus irado, um deus escarnecido:
Rebentae de vulcão que o mundo abale,
E a peste, que exhalais do peito horrendo,
O ferreo coração de Lilia rale.
Calou-se; e do alto escolho á pressa erguendo
O formidavel corpo, inda mais alto,
E as negras mãos frenetico mordendo,
Per entre as ondas se abysmou de um salto.

BOCAGE.

* *Tritão*, deidade maritima, deve pedir, e não mandar ás furias que o vinguem; por isso o verbo *valer* me parece proprio. Juno, em Virgilio, implorando Eólo, fortifica o meu parecer.

IDYLLIO IV.

A SAUDADE MATERNA.*

Não longe da louçan da flórea margem
Per onde ameno se esperguiça o Tejo,
E abrilhanta os crystaes em sóes estivos;
Dos jardíns ulysseus** não mui distante,
(Qual de elysios vergeis vizinho o Averno***)
Sítio jaz, que parece em negras sombras
Sumír-se á natureza, ou não ser d'ella.

* Foi ja na borda da sepultura que Bocage nos fez ouvir a voz de Gesner n'um idyllio. A *Saudade materna* será lida com admiração, e com prazer em quanto dure a lingua portugueza, e o aprêço da verdadeira poesia. Nunca o sentimento se expremiu com tammanha doçura; nunca a dor teve tanto prestigio; nunca Bocage foi tam grande poeta como ao termo de sua existencia. É assim que a antiguidade nos fingia mais suave o canto do cysne com a vizinhança da morte.

J. M. DA C. E SILVA.

** De Lisboa, fundada per Ulysses, segundo a opinião vulgar.

*** Os pagãos suppunham os campos elysios não longe do Averno.

Alli jamais os lepidos prazeres,
(Meigos socios de amor quando é ditoso)
Ousaram de exercer mimosos brincos.
Ó myrthos, ó rosaes! ó paphios bosques!
Alli não floresceis, alli não voam
Perfumes vossos a incantar, o olfato;
Nem teus quebros per la, nem teus gergeios,
Cantor da primavera, e dos amores,
Geram ternura, melodia exhalam.
Ao medonho lugar negreja emroda
Selva de esguios funeraes cyprestes,
Que a profunda raiz no chão da morte
(Fieis ás cinzas) espontaneos ferram.
Em círculo forrando o escuro alvergue
Da tristeza, e do horror, susteem na rama
Aves de pranto, de pavor, de agouro,
Que o dia aborrecendo, amando a noite,
Vivem nas travas, e nas trevas morrem.
Que sítio para a dor! para o queixume
D'aquelles a que a vida é pêso, é jugo!
Alli, carpindo, suspirando, errante,
Sosinha ao desemparo, a triste Analia,
De olhos fictos nos ceos, aos ceos pedia
Em lagrymas, em ais vanmente anciosa,
Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.
« Numes que a possuís*, que m'a invejastes,

* Quantas vezes Francisco Manuel, ouvindo ler este ternissimo monologo, exclamou: *Oh Bocage, eras poeta!*

Era digna de vós, eu d'ella indigna!
(Soluçando, a miserrima exclamava,)
Mas valham prantos meus o que eu não valho:
Ó fado! ó ceo! restituí, clementes;
A suspirada filha á mãe saudosa.
Os Genios divinaes que em vós adejam,
(Candida imagem da innocencia d'ella)
Travem d'alma gentil, que entre elles brilha;
Sôbre as plumas de neve ao mundo a tornem;
E com ella, e comsigo á morte as sombras,
Aos sepulcros o mêdo esmaltem, dourem:
No despojo mortal formoso e caro,
Soltando almo calor, bafejo ethereo,
Acordem graças, insinuem vida!
Não carêces, ó ceo, de seus incantos
E dos incantos seus carece o mundo!
Por ella a triste mãe não so pranteia;
Por ella está carpindo a natureza,
Que o dia ornava nos surrisos d'ella!
Os campos da existencia, em cujo seio
Foi momentanea flor, n'ausencia murcham
Da linda producção, que os enfeitava!
Espinhos lhe deixais, levais-lhe as flôres!
Ó fado! ó ceo! restituí clementes,
Ao saudoso universo, á mãe saudosa
As delícias de amor, de amor sagrado.
Mas um milagre vos mereçam prantos:
Se lagrymas de sangue obte-lo podem,
Por lagrymas de sangue o quero, ó numes!

No coração materno extremos fervem
Capazes d'isto (ó ceos!) de mais, de tudo...
Mas ai triste, eu deliro! ai triste, eu sonho!
Da morte a ferrea lei não se derroga!
Nas páginas fataes é tudo eterno!
O que se escreve alli jamais se risca!
Mãe chorosa, infeliz, sem fructo gemes,
Penas sem fructo: em lagrymas te mirras,
Em ais te esfalfas, e o Destino é surdo!
Pesada escuridão me enlute a vida;
(Vida tam negra que arremede a morte)
Noites bem noites, os meus dias sejam,
Em quanto eternos sóes la são teus dias,
De um puro e doce amor, ó doce prenda,
Espirito sereno, alma querida,
Que no mundo em ti mesma o ceo gozavas!
Ah! tu folgas sem mim, sem ti eu gemo,
Como a viuva solitaria rôla
Em sons carpidos apiedando as selvas!...
Não roce os labios meus nem mais um riso; *
Meu terno coração rallae saudades... »
Aqui desprende um ai, que aos astros voa;
Em subito desmaio os olhos cerra,
(Os olhos, a que amor victorias deve!)
E cai sem voz, sem côr, sem luz, sem alma.
Emtôrno a terra lhe gemeu, piedosa;
As plantas sepulcraes com dor vergaram;

* Isto, isto é que eu chamo poesia!

E vós, aves do lucto, aves da morte,
Em menos agro som, porêm mais triste,
Como que as leis embrandecer tentastes,
As leis terriveis, de inviolavel firma!
  Tudo penou, tremeu, fez tudo extremos
No mal de Analia... e que faria Elmano,
Ouvindo á voz da fama o caso acerbo?
  Sagrou com debil mão, no leito infausto,
Á cinza amada luctuosos versos:
E quasi reviveu para chorá-la.

Bocage.

IDYLLIO V.

A INGRATIDÃO.

Lyra chorosa, que em suaves dias
No lindo collo de Fenicia bela
A meus ternos suspiros
A tua voz unias;
Agora n'estes funebres retiros,
N'ésta hora em que vela
O mocho piador na serra inculta,
Males choremos, que o meu peito occulta.
Noite, que em outro tempo tam propicia
No teu caliginoso espesso manto,
Meu amor occultavas:
Que mil ais de Fenicia,
C'os meus ais misturados escutavas;
Attende agora o quanto
Se mostra amor comigo contrafeito.
Choremos, lyra, o mal que occulta o peito.
Montes, árvores, rochas escalvadas,
Mil vezes escutastes a perjura:
« Primeiro o sol dourado

Entre as vagas salgadas
Verei (jurava a perfida) eclipsado
Sem findar noite escura,
Que sentir da inconstancia o vil effeito. »
Choremos, lyra, o mal que occulta o peito.
Ja de outros braços mais felices preza,
(Ah, que à exasperação me rouba o alento!)
Não se lembra de Elmiro:
Oh, com quanta presteza
Findaste, meu amor, teu feliz giro
Nas azas de um momento!
Tyranno amor a lagrymas afeito!
Choremos, lyra, o mal que occulta o peito.
Ah, Fenicia, a meus ais inda mais dura,
Que a dura pedra, ou rigido penhasco!
Por quem despedaçaste
Os laços da ternura,
Que nas aras de Amor por mim formaste!
Por quem, ah! por Velasco?
Esse pastor por magico suspeito?
Choremos, lyra, o mal, que occulta o peito.
Que o rustico Velasco me prefira,
Por mandar mais rebanhos seu cajado!
Que ao negro peito abrasse,
Um peito, que attraira
O proprio Jove, se dos ceos baixasse!
Velasco, ha tal gozado?
Venceu Velasco tam difficil peito.

Venceu-me à caso alguma vez na luta,
Ou n'outra prenda, (perfida!) Velasco?
Quiz a caso na lira
Ter comigo disputa?
Um monstro, a cuja vista Charon rira,
Mais agro que o carrasco;
Este o objecto, que tua alma enleia?
Choremos, lyra, o mal que o peito enfreia.

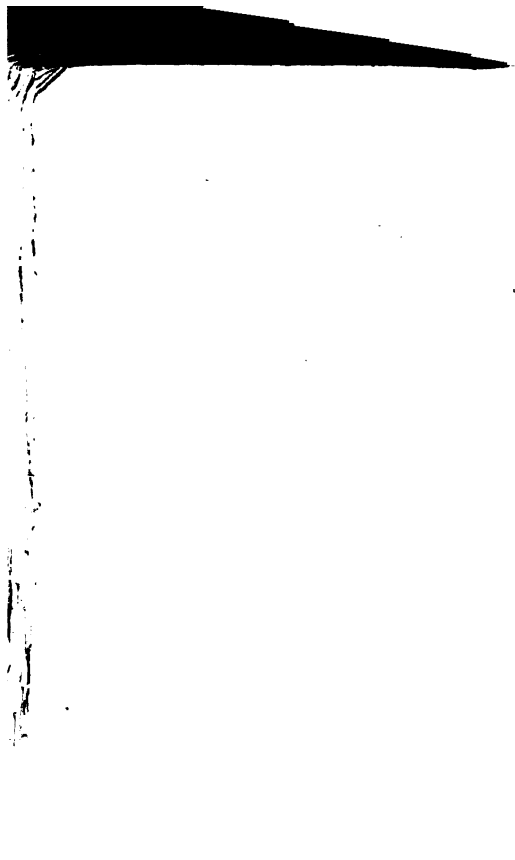
Oh triste condição da formosura,
Sujeita ao negro mal da variedade!
Não fosses tu nascida
Na mádida espessura,
Que revolvendo-se em perpétua lida,
Te produziu, deidade,
Mae d'esse deus, por quem vivo sujeito!
Choremos, lyra, o mal que occulta o peito.

Perdi-te emfim, pastora, mais vistosa
Que a destoucada Aurora no Levante,
Mais linda, mais corada,
Que odorífera rosa
De espinhos a milhares rodeiada;
Porêm mais inconstante,
Que o raminho, que zephyro meneia.
Choremos, lyra, o mal que o peito enfreia.

Mas ai! que Aurora ja no carro d'ouro
Com seus raios as trevas afugenta:
Precuremos a gruta,
Que a luz é triste agouro,
A quem com dôres e pezares luta:

A quem n' alma alimenta
A peior furia, que no Averno gyra.
E tu não chores mais, ó minha lyra!

M. Mathias.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

INDEX

DO TOMO II.

DESCRIPTIVOS, etc.

METAMORPHOSES.

DINIZ.

BOCAGE.

SEMEDO.

HEROICOMICOS.

ANONYMO.